



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Renata Prado Alves Silva

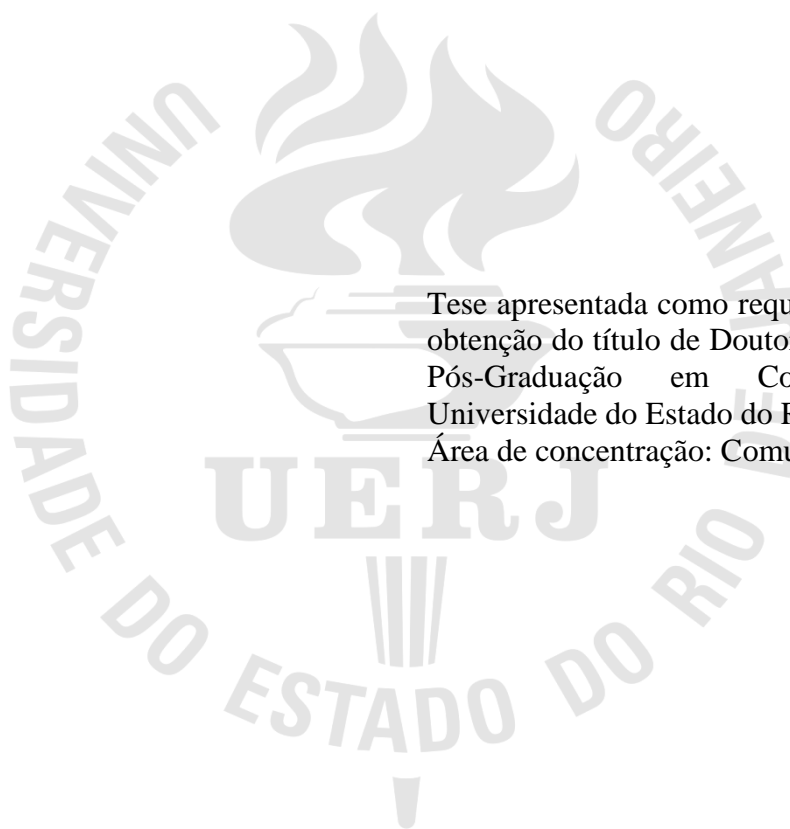
**Livros e leitores nas redes de sociabilidade do YouTube**

Rio de Janeiro

2018

Renata Prado Alves Silva

**Livros e leitores nas redes de sociabilidade do YouTube**



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro  
2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Renata Prado Alves  
Livros e leitores nas redes de sociabilidade do youtube / Renata Prado Alves Silva. - 2018.  
302 f.

Orientador: Márcio Souza Gonçalves.  
Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação de massa - Teses. 2. Rede sociais on-line - Teses.  
3. Livros e leitura - Teses. 4. Afeto (Psicologia) - Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título

al CDU 659.3:004.738

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Renata Prado Alves Silva

**Livros e leitores nas redes de sociabilidade do YouTube**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em 06 de dezembro de 2018.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Isabel Travancas  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

---

Prof. Dr. Carlos Pernisa Júnior  
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

---

Prof. Dr. Ricardo Benevides  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

---

Prof. Dr. Italo Moriconi Jr  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rio de Janeiro  
2018

## DEDICATÓRIA

A Márcio Luiz Prado Silva (*in memoriam*)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro pela oportunidade e privilégio. Agradeço à equipe da secretaria pela ajuda sempre rápida e eficiente. A todos os funcionários, professores e colegas de turma, pelo acolhimento. A meu orientador, Márcio Gonçalves, pela gentileza de sempre, e por ter orientado este trabalho com alegria. Os últimos anos foram marcados pela hospitalidade e pelo ambiente privilegiado de estudos que pude vivenciar em seu grupo de pesquisa Livros e Cultura Letrada.

Gostaria também de agradecer à Estácio pelo incentivo à minha formação através da bolsa de estudos da qual pude usufruir nos últimos anos, e pelo apoio à participação em congressos.

Agradeço a meu pai, José Luiz, por ter me abrigado e guiado nas muitas idas e vindas ao Rio. E pelos encontros na rodoviária para matar a saudade acumulada. A minha mãe, Rita, pela motivação e otimismo. A Raquel, pela amizade e incentivo. Aos meus adoráveis Lily e Boo, pela companhia. A meu marido, Douglas, por toda força, amor, paciência, companheirismo e encorajamento sem os quais esta tese não se concretizaria.

*“Além do conteúdo, edição, encadernação, diagramação,  
tipografia, ilustração, ou papel, o livro exerce sobre mim  
uma atração física”.*

*José Mindlin – Uma vida entre livros*

## RESUMO

SILVA, Renata Prado Alves. *Livros e leitores nas redes de sociabilidade do YouTube*. 2018. 302 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Esta tese analisa como os canais literários no *YouTube*, conhecidos como *booktube*, comunicam modos de leitura e afetos para com o livro. Tomou-se como objeto de pesquisa a produção de sentidos na comunidade *booktube*, considerada a partir de duas dimensões. A primeira delas é a dos sentidos na leitura, através de práticas compartilhadas por seus participantes. A segunda, a da relação afetiva entre leitores e a materialidade dos objetos textuais. Afirma-se como hipótese central da presente tese que a produção de sentidos e as práticas de coleção de livros na comunidade *booktube* são marcadas pela materialidade do código impresso, bem como por seus aspectos estéticos, sociais e culturais. Uma vez que a pesquisa esteve a todo tempo focada naquilo que é transmitido através da amostra de vídeos investigados, optou-se pela análise de conteúdo como principal método de pesquisa. Após um mapeamento das principais formas através das quais leitores têm usado mídias sociais para comunicar modos de leitura e informações sobre livros, apresenta-se uma tipologia de vídeos mais comuns à comunidade *booktube*, bem como vídeos menos frequentes, como os *bookshop crawls*, que são exemplos da heterogeneidade e do potencial do *booktube* em fazer não apenas a curadoria de livros, mas de tudo que se apresenta como potencialmente literário. Foram realizados, ainda por meio dos relatos em vídeo, estudos sobre as motivações para a participação na comunidade, e sobre as formas de compartilhar experiências de leitura e opiniões sobre os livros lidos. A relação afetiva entre leitores e a materialidade dos objetos textuais é analisada principalmente a partir de vídeos de *unboxing*, *book haul* e *bookshelf tour*, nos quais leitores respectivamente desembalam livros comprados ou recebidos de editoras e inscritos; mostram obras recém-adquiridas; e apresentam detalhadamente suas estantes de livros. Emerge, desta pesquisa, o livro impresso como objeto de desejo e coleção no contemporâneo, em um contexto de profusão de conteúdos digitais, inclusive por um público jovem cuja participação se destaca no *booktube*.

Palavras-chave: *Booktube*. *YouTube*. Livro. Leitura. Sentido. Afeto.



## ABSTRACT

SILVA, Renata Prado Alves. *Books and Readers on YouTube's Sociability Networks*. 2018. 302 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This thesis aims to analyze how literary *YouTube* channels known as *booktube* communicate reading experiences and affections towards books. The production of meaning in the *booktube* community, considered from two dimensions, was taken as a research object. The first of these dimensions is that of the senses in reading, through practices shared by its participants. The second is that of the affective relationship between readers and the materiality of textual objects. It is asserted as a central hypothesis of the present thesis that the production of meaning and practices of book collection in the *booktube* community are marked by the materiality of the printed codex as well as by its aesthetic, social and cultural aspects. Since the research was at all times focused on what is transmitted through the sample of videos investigated, we opted for content-based analysis as the main research method. After a mapping of the main ways in which readers have used social media to communicate reading modes and information about books, a typology of videos that are more usual to the *booktube* community is presented, as well as less frequent videos, such as *bookshop crawls*, which are examples of heterogeneity and the potential of *booktube* to do not only curating books, but everything that presents itself as potentially literary. Studies on motivations for community participation and on ways to share reading experiences and opinions on books were also carried out through the video reports. The affective relationship between readers and the materiality of textual objects is analyzed mainly from videos of unboxing, book haul and bookshelf tour, in which readers respectively unpack books bought or received from publishers and subscribers; show newly acquired titles; and present their bookshelves in detail. From this research the printed book emerges as object of desire and collection in the contemporary, in a context of profusion of digital contents experienced by a young audience whose participation stands out in the *booktube* community.

Keywords: *Booktube*. *YouTube*. Book. Reading. Meaning. Affection.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O circuito de comunicação proposto por Danton.....	72
Figura 2 – Adams e Barker dão ênfase ao livro em si e à conjuntura socioeconômica .....	73
Figura 3 – Quatro modelos simples de desenvolvimento do livro .....	74
Figura 4 – Proposta de circuito de comunicação do livro no século XXI.....	78
Figura 5 – Exemplo de <i>timeline</i> de usuário do <i>Goodreads</i> .....	89
Figura 6 – Perfil <i>Bluestocking Bookshelf</i> no <i>Instagram</i> .....	91
Figura 7 – Exemplo de foto e descrição postada pelo perfil <i>Bluestocking Bookshelf</i> .....	92
Figura 8 – Postagem da <i>Foxed Quartely</i> no <i>Instagram</i> .....	93
Figura 9 – Página oficial do autor Philip Pullman no <i>Facebook</i> .....	94
Figura 10 – Montagem comparando postagens no <i>Instagram</i> , <i>Facebook</i> e <i>Twitter</i> respectivamente .....	95
Figura 11 – Sasha Alsberg, em seu canal A Book Utopia mostra suas estantes .....	98
Figura 12 – Sparky Sweets explica a cena em que Daisy atropela Myrtle. “BAM! She dead.” .....	109
Figura 13 – Montagem da primeira parte do episódio sobre O Grande Gatsby em Crash Course.....	110
Figura 14 – <i>O Grande Gatsby</i> contado em 10 minutos com bonecos <i>Playmobil</i> .....	111
Figura 15 – “O órfão faminto que pede mais um prato de sopa. A solteira definha seu vestido de casamento esfarrapado. O avarento de coração de pedra é atormentado pelo fantasma do Natal passado” .....	112
Figura 16 – O canal Ilustradamente fala sobre o livro <i>O Princípio 80/20</i> .....	113
Figura 17 – Vídeo enviado canal Tolkien Talk .....	114
Figura 18 – <i>Book haul</i> do canal <i>MorganLuvsBooks</i> .....	119
Figura 19 – O <i>booktube</i> para além dos adolescentes e jovens adultos .....	120
Figura 20 – Vídeo fala sobre a prática de fazer anotações em livros .....	125
Figura 21 – Mapa de livrarias independentes em Londres .....	133
Figura 22 – Mapa criado com os registros do <i>bookshop crawl</i> do canal <i>Rose Reads</i> .....	135
Figura 23 – Julia decide comprar mais uma cópia, pois preferiu sua capa .....	135
Figura 24 – <i>Bookshop crawl</i> na Persephone Books .....	136
Figura 25 – Mapa criado com os registros do <i>bookshop crawl</i> do canal <i>Holly Dunn Design</i>	137
Figura 26 – Frame do <i>bookshop crawl</i> do canal Ariel Bissett .....	138

Figura 27 – Dentro de uma das livrarias visitadas.....	138
Figura 28 – Mapa criado com os registros do <i>bookshop crawl</i> do canal <i>Ariel Bissett</i> .....	139
Figura 29 – Rendas, penteado, acessórios remetem aos anos 1920 .....	154
Figura 30 – Carly Lewis fala sobre sua experiência de leitura.....	157
Figura 31 – Olivia Marie mostra detalhes da edição da Barnes and Noble.....	171
Figura 32 – Resenha de <i>Orgulho e Preconceito</i> .....	175
Figura 33 – Jesse George desembala caixa enviada pela <i>Disney Book Group</i> .....	183
Figura 34 – Jesse mostra as edições com capas antigas e as novas que acabou de receber ...	183
Figura 35 – O vídeo de <i>unboxing</i> de Gintare não traz livros, mas objetos temáticos .....	186
Figura 36 – Para Katie o design da capa indica que o livro pertence ao gênero YA .....	188
Figura 37 – Sandy desempacota <i>hardcovers</i> que comprou em uma promoção .....	190
Figura 38 – <i>Unboxing</i> de <i>Chocolate and Book</i> .....	191
Figura 39 – Nuvem de palavras do vídeo <i>Chocolate and Book Unboxing</i> .....	192
Figura 40 – Captura de tela do site do serviço de assinatura de caixas literárias <i>The Book(ish) Box</i> .....	194
Figura 41 – Exemplos de vídeos de <i>unboxing</i> que divulgam os livros da TAG.....	196
Figura 42 – Pam Gonçalves fala sobre a beleza das edições da <i>Darkside</i> .....	206
Figura 43 – Frames dos dez vídeos analisados e suas estantes de livros.....	213
Figura 44 – Coleção de cópias do livro <i>Night Circus</i> .....	219

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro de comparação geral dos canais de <i>booktube</i> investigados .....	122
Tabela 2 – Tipologia do <i>booktube</i> .....	122
Tabela 3 – Quadro comparativo das obras mais mencionadas nos <i>booktubes</i> analisados .....	124
Tabela 4 – Vídeos de <i>bookshop crawl</i> analisados .....	134
Tabela 5 – Vídeos do tipo <i>BookTube Newbie Tag</i> analisados.....	146
Tabela 6 – Status e número de inscritos dos canais analisados um ano depois.....	147
Tabela 7 – Coleta de vídeos sobre <i>The Great Gatsby</i> .....	152
Tabela 8 – Análise de comentários nos vídeos.....	161
Tabela 9 – Coleta de vídeos sobre <i>Pride and Prejudice</i> .....	165
Tabela 10 – Análise de comentários nos vídeos.....	176
Tabela 11 – Vídeos de <i>unboxing</i> analisados.....	182
Tabela 12 – Cinco palavras mais frequentes em cada canal.....	192
Tabela 13 – Cinco vídeos de <i>book haul</i> mais visualizados no <i>YouTube</i> .....	198
Tabela 14 – Dez vídeos de <i>book haul</i> mais visualizados no <i>booktube</i> brasileiro.....	203
Tabela 15 – Livros apresentados por Pam Gonçalves em seu <i>book haul</i> .....	204
Tabela 16 – Vídeos de <i>bookshelf tour</i> analisados .....	210

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 LIVROS E LEITORES: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS</b> .....	16
<b>1.1 O livro e sua materialidade</b> .....	17
1.1.1 <u>Breve história do livro</u> .....	17
1.1.2 <u>Do leitor ao navegador: a produção de sentidos</u> .....	23
1.1.3 <u>O livro contemporâneo</u> .....	29
<b>1.2 Bases teóricas</b> .....	39
1.2.1 <u>Bibliografia, Sociologia dos Textos e História do Livro</u> .....	40
1.2.2 <u>Oralidade, escrita e impressão: uma perspectiva comunicacional</u> .....	44
<b>1.3 O negócio do livro</b> .....	47
1.3.1 <u>O mercado editorial</u> .....	49
1.3.2 <u>O leitor e seus livros</u> .....	53
<b>2 FALANDO DE LIVROS NO YOUTUBE</b> .....	60
<b>2.1 Novos arranjos de produção e consumo</b> .....	61
2.1.1 <u>O cotidiano e as mídias sociais</u> .....	62
2.1.2 <u>O circuito de comunicação do livro no século XXI</u> .....	71
<b>2.2 Falando de livros nas redes</b> .....	79
2.2.1 <u>Comunidades de leitura: configurações e reconfigurações</u> .....	80
2.2.2 <u>Livros e leitores nas plataformas de conectividade online</u> .....	85
2.2.3 <u>Os influenciadores e a curadoria informacional</u> .....	96
<b>2.3 YouTube</b> .....	101
2.3.1 <u>A plataforma</u> .....	102
2.3.2 <u>A linguagem dos vlogs</u> .....	105
2.3.3 <u>Livros e literatura no YouTube</u> .....	107
<b>3 BOOKTUBE: DAS PRÁTICAS DE LEITURA ÀS COLEÇÕES DE LIVROS</b> .....	116
<b>3.1 Booktube: modos de fazer</b> .....	118
3.1.1 <u>Tipologia do booktube</u> .....	121
3.1.2 <u>Livros e lugares no booktube: da biblioteca pessoal aos bookshop crawls</u> .....	126
3.1.3 <u>Uma análise da Booktube Newbie Tag</u> .....	140
<b>3.2 Da produção de sentidos na leitura</b> .....	148
3.2.1 <u>The Great Gatsby (1925)</u> .....	152

3.2.2 <i>Pride and Prejudice</i> (1813).....	165
<b>3.3 Da materialidade dos livros e sua coleção</b> .....	177
3.3.1 <i>Unboxing</i> : desencaixotando livros.....	180
3.3.2 <i>Book haul</i> : novos, usados, adquiridos ou recebidos .....	196
3.3.3 <i>Bookshelf tour</i> : os leitores e suas estantes .....	207
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	221
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	233
<b>ANEXO I</b> – Transcrições .....	246

## INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado tem como tema geral a utilização de redes de sociabilidade na internet para compartilhamento de informações sobre livros e leitura entre leitores. A produção de sentidos na comunidade *booktube*, no *YouTube*, é o objeto de pesquisa. Esta produção de sentidos será aqui qualificada a partir de duas dimensões. A primeira delas é a dos sentidos na leitura por *booktubers* e por membros da comunidade, bem como suas práticas e percepções sobre livros. No segundo nível da produção de sentidos analisa-se a relação afetiva entre leitores e a materialidade dos objetos textuais. Pretende-se investigar os modos de apresentação de livros em um conjunto de vídeos e comentários que constituem o corpus principal da análise. Ao fim, buscar-se-á responder à seguinte questão: como os canais literários no *YouTube* comunicam modos de leitura e afetos para com o livro, notadamente envolvendo o ato de colecionar? A hipótese central apresentada é que a produção de sentidos e as práticas de coleção de livros na comunidade *booktube* são marcadas pela materialidade do código, bem como por seus aspectos estéticos, sociais e culturais.

O interesse pelo tema surge de uma ligação profissional com a Editoração Eletrônica e o Design Editorial, e de um interesse pessoal por práticas de coleção e leitura de livros. Essas duas motivações foram assumindo a forma de pesquisa acadêmica através de um aprofundamento gradual nos temas propostos, e da abertura de um novo arcabouço teórico e metodológico.

Nosso primeiro trabalho desenvolvido nesta área estava focado em uma tentativa de compreender práticas de leitura entre um grupo de universitários nascidos após a década de 90. Esta primeira pesquisa, ainda que exploratória, utilizou métodos quantitativos, e resultou em algumas pistas interessantes que inevitavelmente influenciaram os rumos da tese que será apresentada adiante. Uma destas pistas foi a preferência pelo livro impresso por jovens que cresceram utilizando a internet e diferentes equipamentos para leitura em tela. Os dispositivos digitais, como era de se esperar, estavam totalmente inseridos na rotina dos participantes do estudo, especialmente para a leitura de notícias, o que não se confirmou em relação à leitura de livros. O código, para a maioria dos jovens, foi apontado como formato preferido para a leitura, e o uso de arquivos digitais, em diferentes suportes, se mostrou mais fruto da circunstância que do gosto (SILVA, 2014 e 2015b). Em um segundo momento, os esforços de pesquisa se voltaram para o uso de mídias sociais por leitores de livros, mas o estudo desenvolvido esteve mais focado nas plataformas do que em seus usos. Apesar de reconhecer

que a maioria das mídias sociais são utilizadas para trocar informações sobre diferentes interesses (inclusive sobre livros), buscou-se uma compreensão mais aprofundada das mídias sociais denominadas Sites de Catalogação Social da Leitura. Exemplos destes sites são o *Goodreads*, o mais utilizado no mundo, e o brasileiro *Skoob*. Estes sistemas, além de possibilitarem a construção de estantes virtuais, possuem diferentes recursos para incentivar a troca de informações entre leitores. O foco da pesquisa era compreender os aspectos sociais destes sites. Constatou-se que, apesar de eles se enquadrarem na definição vigente de Sites de Redes Sociais (SRS), os sites de catalogação social se mostraram muito econômicos em termos de construção de relacionamentos pessoais, e muito mais arraigados à identificação de perfis de leitores com gostos semelhantes e capazes de compartilhar informações e recomendações de leitura (SILVA, 2015a).

Os dois trabalhos supramencionados ilustram os primórdios da investigação proposta na presente tese, e são aqui citados devido à sua influência nos rumos da pesquisa desenvolvida, e corência em relação aos resultados que serão relatados ao fim do trabalho.

Em linhas gerais, a discussão de três fatores que permeiam essa tese indica sua relevância: a importância da internet para acesso à informação e à cultura; a necessidade de se investigar os hábitos de leitura de livros e como estes se relacionam a usos e apropriações de plataformas de comunicação digital pelos leitores; e a compreensão do código como meio de comunicação impresso presente também em ambientes digitais, em especial no conteúdo publicado em plataformas de CGU<sup>1</sup> que caíram no gosto popular.

Busca-se aprofundar a investigação sobre os usos e as apropriações de mídias digitais, tendo como foco a produção de sentidos na leitura de livros manifesta através de conteúdo audiovisual publicado por comunidades de leitores no *YouTube*. Estas comunidades, denominadas *booktube*, se organizam em comum interesse por meio das ferramentas disponíveis, trocando informações e opiniões sobre livros.

Em um cenário contemporâneo no qual globalmente se questiona o lugar da leitura de livros no cotidiano, práticas de leitura parecem perpassar os espaços de sociabilidade online, encontrando morada em diversas mídias sociais. Questões importantes, para as quais a História do Livro busca respostas olhando para registros do passado, podem ser transpostas ao presente em uma tentativa de compreensão dos processos que fazem parte do circuito de comunicação do livro no contemporâneo. Algumas destas questões dizem respeito, por exemplo, a quem, quando, como, onde e por quê são lidos os livros.

---

<sup>1</sup> Conteúdo gerado por usuário.



Entende-se que muitos leitores que publicam vídeos sobre livros na internet potencialmente passam a atuar como influenciadores digitais, tornando-se figuras de autoridade e prestígio capazes de influenciar os hábitos de leitura de pessoas que, possivelmente, não têm muitas referências de leitores em sua rede social fora da web. Esta influência pode ser marcada tanto na escolha de obras quanto na apresentação dos códices que comportam seu conteúdo.

Considera-se relevante situar o livro como uma mídia que, desde sua criação, coexiste junto a diversos outros meios de transmissão do escrito. Tal discussão se expande à questão do formato, dizendo respeito, por exemplo, à oralidade sempre presente na cultura impressa. Ultrapassando a questão da sobrevivência do códice, suscitada nos últimos anos pelas novas possibilidades dos dispositivos digitais, é importante, para além de uma tentativa infrutífera de tentar prever seu lugar no futuro, entender a presença de sua materialidade como meio de comunicação hoje, para uma nova geração de leitores.

A investigação proposta é dividida em três etapas principais, que constituem os capítulos desta tese, nos quais são usados como métodos a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo.

O primeiro capítulo tem como objetivo interpretar as relações estabelecidas entre práticas de leitura de livros e sua materialidade à luz de correntes teóricas que considerem o livro como mediador na produção de sentidos. A pesquisa apresentada neste capítulo define algumas das principais bases teóricas sobre as quais esta tese se estabelece. Discute-se o códice, desde seu surgimento até sua popularização, bem como as práticas de leitura engendradas por diferentes suportes textuais. A Bibliografia, a Sociologia dos textos e a História do Livro são apresentadas como referenciais teóricos centrais do trabalho. Por fim, busca-se desvendar os caminhos do livro contemporâneo, examinando o negócio do livro e, principalmente as mais recentes transformações no mercado editorial e, conseqüentemente, no circuito de comunicação do livro. Nesta etapa são abordadas questões relacionadas a transformações no design do livro, especialmente a partir do século XX, de forma a embasar discussões relacionadas a um possível renascimento do livro impresso e sua coleção por jovens leitores.

No segundo capítulo serão caracterizados os padrões de comunicação comuns aos participantes da comunidade *booktube*. Os modos de fazer e comunicar conteúdo literário compartilhados pela comunidade, com a formação de um vernáculo reforçado pelos participantes, sendo eles os *booktubers* (*vloggers*) ou pessoas que apenas assistem os vídeos. A comunidade *booktube* nacional será posicionada em relação às práticas de uma comunidade

internacional, de forma a identificar semelhanças e particularidades, e garantir uma compreensão contextualizada dos casos analisados no capítulo seguinte. Assim, discute-se inicialmente novos arranjos de produção e consumo, com transformações que vem sendo atribuídas ao advento e popularização das mídias digitais no cotidiano. Busca-se, neste capítulo, atualizar o circuito de comunicação do livro proposto por Darnton considerando as principais transformações relacionadas à revolução da tecnologia da informação e comunicação. Por fim, o capítulo introduz a questão das comunidades de leitores e os processos de configuração e reconfiguração dos clubes do livro. É feito um levantamento nas principais plataformas de conectividade online para buscar compreender de que forma se dá a presença do código nesses ambientes, principalmente por meio de influenciadores digitais ou curadores da informação. Desta forma, o capítulo se encerra com uma pesquisa realizada no *YouTube*, tendo como objetivo central compreender a linguagem dos *vlogs* e as possibilidades de compartilhamento de informação literária.

No terceiro capítulo buscar-se-á analisar as práticas de leitura, produção de sentidos e coleção de livros, em um exame mais minucioso da comunidade *booktube*. Pretende-se compreender os modos de participação na comunidade, e de que forma os vídeos do *booktube*, enquanto manifestação da cultura oral e visual no *YouTube*, estabelecem práticas replicadas por milhares de membros.

A primeira etapa da pesquisa fez uso da análise de conteúdo, com a varredura nos metadados de todos os vídeos dos seis canais de *booktube* com maior número de inscritos. A partir destas informações foi apresentada uma tipologia de vídeos, com a descrição de seus conteúdos mais frequentes e modos de fazer (SILVA, 2016).

Buscando uma abordagem que dê conta também de tipos de vídeos que fujam aos modelos mais replicados, foi feito um estudo com um conjunto de vídeos de *bookshop crawl*, nos quais os *booktubers* gravam um guia de visitação a livrarias de suas cidades. A análise de conteúdo resultou na criação de alguns mapas, que mostram como a influência e práticas de curadoria se estendem a todo tipo de interesse ligado a livros.

Em seguida, a partir de vídeos denominados *Booktube Newbie Tag*, tenta-se compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas envolvidas na gravação dos vídeos, bem como suas motivações, a partir do relato gravado por *booktubers* iniciantes. A pesquisa retorna aos canais selecionados um ano depois da primeira análise, de forma a confrontar as alegações dos participantes com os rumos de seus canais e suas práticas de gravação de vídeos.

A segunda parte do terceiro capítulo tem como foco a produção de sentidos da leitura. Após discussão teórica sobre o tema, é realizada uma análise em vídeos de resenha de duas obras literárias: *O Grande Gatsby* e *Orgulho e Preconceito*. A investigação teve como objetivos comparar as formas de resenhar livros, bem como ilustrar como diferentes indivíduos interpretam obras lidas e falam a respeito delas.

Por fim, apresenta-se a investigação da materialidade dos livros e sua coleção através de três tipos de vídeo extremamente populares na comunidade *booktube*. Os vídeos de *unboxing*, assim como os *book hauls*, derivam de formatos já consagrados em outros nichos no *YouTube*. Enquanto o primeiro consiste na abertura de caixas de livro diante da câmera, revelando, a quem assiste, seu conteúdo, o segundo nada mais é que a apresentação de livros comprados em uma “farra de compras” ou, em alguns casos, de livros enviados como presente por inscritos no canal, ou por editoras.

O terceiro e último tipo de vídeo analisado é o *bookshelf tour*. Este, como o nome indica, consiste em um *tour* pelas estantes de livros dos *booktubers*, nos quais estes mostram, livro a livro, toda sua coleção. Os *bookshelf tours* são um modelo de conteúdo emblemático para a comunidade, símbolo de como no *booktube* leitores convidam uns aos outros a entrarem em seus espaços privados para conhecerem seus livros, suas preferências de leitura e suas estantes.

Todas estas investigações, apesar de pontuais, têm como objetivo analisar as percepções compartilhadas pelos *booktubers* sobre a materialidade dos livros e sua influência na produção de sentidos da leitura, bem como verificar o quão relevante o código é para estas comunidades literárias formadas no *YouTube*.

A todo percurso, tenta-se cumprir uma lista de objetivos que parece, à primeira vista, longa, mas cujos tópicos são complementares. Foram eles: caracterizar os padrões de comunicação comuns aos participantes da comunidade *booktube*; verificar como estes canais se transformaram em mediadores de conteúdo literário, influenciadores digitais e, em certo sentido, curadores; descrever e examinar as práticas de exibição de coleção de livros impressos no *booktube* através do conteúdo dos vídeos, avaliando o que tais práticas indicam em relação a hábitos de leitura e coleção de livros pelos membros desta comunidade; traçar um panorama das transformações e possibilidades do livro em seus suportes materiais; identificar como a materialidade do livro é apresentada nos vídeos da comunidade; examinar como os participantes do *booktube* se inserem no circuito de comunicação do livro; e, por fim, tecer, quando possível, comparações entre práticas do *booktube* brasileiro e a comunidade em língua inglesa.

## 1 LIVROS E LEITORES: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Este capítulo tem como objetivo desvelar o panorama das transformações e possibilidades do livro em seus suportes materiais, de forma a introduzir questões relacionadas à produção e circulação destes objetos textuais que, nos capítulos seguintes, são discutidas no escopo das mídias sociais e, mais especificamente, da comunidade *booktube*, no *YouTube*. Dos primeiros suportes do escrito até a tecnologia digital, a história do livro aqui apresentada parte do pressuposto de que o livro impresso se estabelece na sociedade ocidental como um objeto cuja materialidade importa às muitas esferas atuantes na produção de sentidos na leitura.

A discussão é iniciada com a apresentação de três questões relacionadas à materialidade do livro. Pretende-se, inicialmente, delimitar o que doravante será considerado como livro, através da história desta mídia e seus formatos, bem como sua influência na produção de sentidos na leitura.

Após tais definições, são apresentadas algumas considerações sobre os leitores e as práticas de leitura como “artes de fazer”, ou seja, práticas do cotidiano. Após a delimitação a respeito dos fatores em jogo na “produção de sentidos na leitura”, pretende-se também investigar algumas transformações pontuais no formato e design do livro impresso contemporâneo, em especial no mercado editorial em língua inglesa, importantes à pesquisa sobre livros e leitores em mídias sociais tratada em capítulos posteriores.

Em seguida, traça-se um conciso panorama teórico sobre a História do Livro inserida na História da Comunicação. Para tanto, são visitadas questões cruciais para a Bibliografia e, especialmente, para a Sociologia dos Textos. Parte-se, então, para a apresentação do Circuito de Comunicação proposto por Darnton, com o objetivo de congregar as múltiplas noções sobre como os textos se difundem na sociedade para, posteriormente, confrontar estes processos ao contexto contemporâneo do mercado editorial, especialmente no que se refere a práticas de sociabilidade e difusão de informações pelas mídias sociais.

O capítulo é encerrado com um aprofundamento sobre o mercado editorial do livro impresso, com uma abordagem que se vale de pesquisas contemporâneas, de forma a localizar o livro como objeto de coleção. O Circuito de Comunicação é colocado em discussão, assim como a cadeia editorial praticada pelas editoras, especialmente para ser complementado com algumas das práticas contemporâneas das quais este trabalho se ocupará nos capítulos seguintes.

## 1.1 O livro e sua materialidade

Falar da história do livro é falar da história de uma mídia milenar cuja definição é difícil devido a seu caráter instável. Ao mesmo tempo que a palavra *livro* pode se referir apenas ao conteúdo de uma obra, manifesta também a materialidade na qual este conteúdo toma forma.

Esta ambivalência é indicada até mesmo no verbete *livro*, dicionarizado. Na acepção mais comum, no Houaiss (2009, p.1190), trata-se de uma “coleção de folhas de papel, impressas ou não, reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos”, ou “obra de cunho literário, artístico, científico, etc que constitui um volume”, e também o “livro em qualquer suporte (p.ex., papiro, disquete etc)”, sendo esta última definição a que mais sugere a instabilidade de sua apresentação material, a qual se reflete em uma instabilidade nas definições possíveis para o que vem a ser um livro.

Como aponta Barbier (2008, p. 19), “a definição do objeto não está absolutamente resolvida”. Ora pende para uma acepção mais material, considerando os suportes, ora para uma acepção mais intelectual. Esta ambiguidade, diferente do que se possa pensar, não nasce com a tecnologia digital. Nem mesmo com os dispositivos analógicos que permitiam, por exemplo, os áudio-livros gravados em discos de vinil ou fitas cassete. Ela potencialmente está presente desde as origens da transmissão dos textos e tem relação com os objetos textuais que o suportam.

Logo, entende-se aqui que “cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta-lhe profundamente os possíveis usos, as possíveis interpretações” (CHARTIER, 1994, p.193). Inicialmente, busca-se, neste capítulo, possíveis definições para o que venha a ser um livro. Os tópicos subsequentes visam investigar estas relações entre os livros em diferentes suportes e as práticas de leitura implicadas por eles. A primeira metade desta análise busca na História o lugar do livro em diferentes contextos, enquanto a segunda busca iniciar uma discussão a respeito da relação entre práticas de leitura e o livro contemporâneo, especialmente o impresso.

### 1.1.1 Breve história do livro

O termo livro, etimologicamente, “designa um objeto constituído por um conjunto de folhas portando ou não um texto e reunidas por uma encadernação ou brochura” (BARBIER,

2008, p. 17), mas não há consenso no que diz respeito a definições. Para a UNESCO, por exemplo, “trata-se de uma publicação impressa, não-periódica, de cinquenta páginas ao menos” (BARBIER, 2008, p. 19).

Atualmente pode-se compreender como livro tanto seu conteúdo, físico ou digital, como os objetos textuais que o armazenam. Pode-se ler o livro tradicional, impresso em papel. Pode-se ler seu conteúdo em dispositivos eletrônicos, ou até mesmo escutar o texto narrado em áudio-livros. Logo, doravante considera-se livro qualquer conteúdo textual, com ou sem imagens, cuja transmissão se dê através de um suporte de leitura e que seja identificado por seus criadores como um livro.

Essa diversidade não é exclusiva do contemporâneo. A história do livro – e, antes, a da escrita – é marcada por diferentes suportes e práticas de leitura influenciadas por eles. Sabe-se, por exemplo, que antes dos códices impressos e manuscritos, o *volumen*, rolo fabricado a partir de papiro na Antiguidade Clássica, era uma forma importante de materialização dos textos que necessitava de ambas as mãos para o manuseio. Tratava-se de uma leitura contínua que, ao mobilizar o corpo inteiro, dificultava que o leitor lesse e escrevesse simultaneamente (CHARTIER, 2002).

É na Baixa Idade Média que aparece a forma material do livro como códice, ou códex. Trata-se do livro dobrado e encadernado, que passa a utilizar como suporte o pergaminho (BARBIER, 2008). Como Chartier (2002) explica, este formato permitiu gestos inéditos. O leitor passou a poder folhear, citar trechos, criar índices, criar glosas. Além disso, o códice “favoreceu uma leitura fragmentada mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade” (CHARTIER, 2002, p. 30). Se a leitura do rolo mobilizava o leitor em uma leitura oralizada, muitas vezes realizada diante de grupos, o códice ajudou a criar condições para que a leitura silenciosa se tornasse uma prática mais comum, e que fosse realizada também em espaços privados, de forma individual.

A popularização deste formato é atribuída a uma diversidade de fatores difíceis de serem mapeados em sua completude, mas pode-se dizer que o livro impresso, que usamos ainda hoje, possui algumas vantagens que podem ter influenciado sua disseminação. Vantagens tais quais a possibilidade do papel (ou pergaminho) ser usado dos dois lados, de ser consultado tomando notas e de poder ser produzido com menor custo, por exemplo.

Nos séculos III e IV já se pode falar em uma generalização do códice. Mas é apenas no século X que o livro começa a sair do confinamento do mundo religioso. Neste momento a Europa ocidental ultrapassava o colapso demográfico. Intimamente ligados a este processo devem ser mencionados três eventos importantes. A fundação das primeiras universidades é

um deles. A chegada da burguesia urbana, juristas e administradores às esferas de poder configura-se como um segundo fator. É neste momento em que mudam as relações com o escrito. Tem-se enfim a criação de estruturas escolares para difusão da alfabetização e o livro começa a ser visto como literatura de distração. Por fim, nos séculos XII e XIII bibliotecas começam a ser constituídas por príncipes e figuras proeminentes, que encomendavam obras das oficinas (BARBIER, 2008).

No final da Idade Média pode-se destacar o surgimento do livro unitário. Ou seja, um único livro manuscrito, composto pela obra, em língua vulgar, de um mesmo autor (CHARTIER, 2002).

O século XV é marcado pela chamada Primeira Revolução do Livro, com Gutenberg e a prensa. Esta transformou radicalmente os modos de produção do livro, mas não suas estruturas básicas (CHARTIER, 1994; FEBVRE e MARTIN, 1976), o que não minimizou seu impacto nos séculos seguintes. Com a impressão, teve-se a baixa do preço, acarretando a relativa popularização dos livros. Posteriormente, ao diminuir de formato, o impresso mais uma vez transformou as condições de leitura. “Pode-se ler em todo o lugar, fora de casa, em uma viagem, em um cômodo qualquer, um livro que se tem no bolso” (BARBIER, 2008, p.157).

Se no começo da Idade Média havia escassez de livros, o oposto ocorre no século XVI, com sua multiplicação, resultando na necessidade de se ampliar as bibliotecas e de se organizar as obras em catálogos. “Era um oceano no qual os leitores tinham de navegar, ou uma enchente de material impresso em que era difícil não se afogar” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 27).

No século XVII o impresso, em países como França, Itália, Holanda e Inglaterra, torna-se parte da cultura popular (BRIGGS e BURKE, 2006). Mollier (2009) associa a história do livro com a da edição. Seu nascimento se dá no fim do século XVIII e início do XIX, quando ocorre a reforma educacional em partes da Europa, especialmente na França, tendo como uma de suas repercussões o advento da leitura em massa.

Por volta de 1860, quando enfim a composição manual, herança da prensa de Gutenberg, é trocada pela adoção do monotipo e do linotipo, ocorre a chamada Segunda Revolução Industrial do Livro (CHARTIER, 1999), resultando em uma crise de superprodução. Mas, mais uma vez, permanece, com algumas alterações em seu fabrico, o livro tal como conhecemos.

Algumas inovações se destacaram em um cenário no qual, em diferentes velocidades, o livro impresso se disseminou no mundo ocidental. Um exemplo de popularização dos livros

comumente mencionado é a *Bibliothèque Bleue*, brochuras de qualidade inferior, com textos populares, que se espalharam pela França e bem cedo, no século XVIII, se tornaram item de coleção recebendo, de seus proprietários, encadernações personalizadas, e algumas até mesmo luxuosas (CHARTIER, 1999).

Se o aparecimento da escrita, por volta de 3.300 a.C., e a impressão, no século XV, são apontadas, juntamente com o advento do códice, como transformações fundamentais na tecnologia da informação, Darnton (2010a) destaca como terceira mudança fundamental o aparecimento da comunicação eletrônica. Muito ainda se debate a respeito de seus possíveis impactos sobre o livro. Para Chartier (1994, p. 187), trata-se de uma revolução que vai além da prensa de Gutenberg por modificar mais do que a técnica de reprodução do texto, “mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores”. De acordo com o autor,

A revolução iniciada é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e das formas que transmitem o escrito. Nesse ponto, ela tem apenas um precedente no mundo ocidental: a substituição do volume pelo códice, do livro em forma de rolo, nos primeiros séculos da era cristã, pelo livro composto de cadernos juntados (CHARTIER, 1994, p.190).

Se o livro impresso contemporâneo herdou as estruturas originadas ainda nos livros manuscritos, o computador, enquanto plataforma de leitura digital, especialmente de hipertextos, prometia uma mudança radical que em certa medida se consolidou na leitura de diversos tipos de texto, por exemplo na navegação entre conteúdos multimídia de um site, mas não necessariamente nos livros. De fato, a representação eletrônica dos textos abriu novas possibilidades que poderiam transformar as estruturas fundamentais do livro. Entretanto, à exceção de algumas experimentações de linguagem e de formato, o livro e sua estrutura tradicional não apenas predominam, mas servem de modelo para os dispositivos de leitura digital disponíveis aos leitores.

Os áudio-livros, gravados e distribuídos desde a popularização dos discos de vinil, com o advento da internet ganham novas possibilidades de distribuição, mas continuam sendo um formato com pouca representatividade. Já os livros digitais, ou *ebooks*, ganharam relevância e apresentaram um crescimento na participação de mercado principalmente nos Estados Unidos até 2014 (PRESTON, 2017), mas devido a diversos fatores atualmente não representam ameaça ao livro impresso, ao menos em volume de vendas. Essa história começou a se delinear nas décadas de 1980 e 90, quando cresceu o temor em relação aos impactos da revolução da tecnologia da informação – com o desenvolvimento dos



computadores pessoais e da internet – sobre o universo do livro. Muitas editoras começaram a investir em publicações eletrônicas. Como Thompson (2013, p. 342) indica,

a convicção de que a indústria editorial estava à beira de uma mudança fundamental se fortaleceu com relatórios de empresas de consultoria administrativa no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, muitos dos quais previam que e-books rapidamente se tornariam uma parte crescente e substancial do mercado.

A história dos e-books é cheia de altos e baixos. O lançamento apenas em formato digital do romance *Riding the Bullet*, de Stephen King, em 2000, obteve números impressionantes de venda, gerando grande expectativa em relação ao futuro dos livros. Mas, na prática, no começo dos anos 2000 o consumo de *ebooks* era muito mais baixo do que se havia projetado. O ceticismo aumentou com o estouro da bolha da internet, e o verdadeiro potencial (ou ameaça) do livro eletrônico permaneceu uma incógnita (THOMPSON, 2013).

As transformações na indústria da música continuavam sendo um alerta incômodo sobre as possibilidades de mudanças mercadológicas repentinas, mas apenas em 2007, quando o *Kindle* foi lançado pela *Amazon*, o mercado de livros eletrônicos começou a criar bases sólidas. “O lançamento do Kindle foi imediatamente seguido de uma explosão nas vendas de e-books. [...] Foi uma mudança súbita e radical” (THOMPSON, 2013, p. 347). Àquela época a fatia de mercado dos livros digitais ainda era muito pequena, mas os números cresciam rapidamente, assim como surgiam mais leitores digitais tentando competir com o produto da *Amazon*. Enquanto alguns esperavam que a “revolução do livro digital” fosse concretizada por homens de negócios carregando várias obras sobre esse tema em seus dispositivos portáteis, a grande transformação se deu inicialmente na “área de ficção comercial, sobretudo em ficção de gênero, como, por exemplo, histórias de amor, ficção científica, mistério e thriller” (THOMPSON, 2013, p. 350).

Até 2013, principalmente no mercado de publicações em língua inglesa, as vendas de *ebooks* cresceram especialmente em função de estratégias relacionadas à baixa de preço implementadas pela *Amazon*, as quais colocaram grandes editoras em estado de alerta. Para alavancar as vendas do *Kindle*, a *Amazon* vendia títulos por US\$9.99. Em 2010, numa tentativa de enfrentar esse domínio e aumentar seus ganhos, a *Apple* e grandes editoras como *Hachette*, *HarperCollins*, *Macmillan*, *Penguin* e *Simon & Schuster* se juntaram numa tentativa de fixar os preços dos livros digitais. Em 2012, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos moveu uma ação antitruste (MUI e TSUKAYAMA, 2012). Enquanto as editoras resolveram o caso através de acordo judicial, a *Apple* seguiu na disputa, mas no final do processo foi obrigada a pagar uma indenização de US\$450 milhões. Enquanto isso, a

*Amazon* fechava novos acordos para acomodar as demandas de preço das editoras. Em 2015 ela mesma seria alvo de ação antitruste, desta vez movida pela União Europeia, sendo forçada a rever seus contratos (VINCENT, 2017).

A questão das disputas de preço dos *ebooks* é vital para compreender os desdobramentos posteriores, especialmente após 2013, quando as vendas iniciaram uma tendência de queda confirmada nos anos seguintes. Pode-se afirmar que, justamente quando os livros digitais começavam a ganhar força, interferências mercadológicas acabaram freando o crescimento de suas vendas. Como aponta Coccozza (2017), há poucos anos “o *Kindle* estava sendo culpado pela morte do livro tradicional. Mas os números mais recentes mostram uma reversão dramática de fortunas, com as vendas de *ebooks* despencando”<sup>2</sup>.

Estas informações, que são de caráter mercadológico, elucidam alguns dos fatores pelos quais, nos últimos anos, o livro digital não tem sido mais visto como ameaça ao impresso, ao menos no curto prazo. São questões relacionadas ao negócio do livro que certamente impactam sua venda e distribuição, por exemplo. Em linhas gerais, quando se fala em crise no mercado editorial, ela aparentemente não se deve a um formato em detrimento do outro, mas a um decréscimo da leitura de livros em alguns países, enquanto outros ainda tentam formar um público leitor. No que diz respeito às plataformas de leitura digitais, não cabe neste trabalho o aprofundamento da discussão sobre uma pretensa ruptura da conexão entre textos e objetos que os suportam, discurso e sua forma material. Entretanto não se pode ignorar a importância destas questões ao se pensar a influência da materialidade do livro nas práticas de leitura no contemporâneo. São questões que voltam à tona quando se afirma que os leitores redescobriram seu amor pelos livros físicos, que ganham capas cada vez mais atraentes e estilizadas (COCOZZA, 2017), como será discutido no terceiro capítulo.

Portanto, a pesquisa proposta nesta tese não privilegia aleatoriamente o livro impresso em detrimento de outros formatos. Sua prevalência emerge da observação dos grupos de leitores e do corpus empírico da análise pretendida. Cabe ressaltar, entretanto, que o livro impresso, cuja materialidade e influência na produção de sentidos da leitura será examinada, não diz respeito apenas ao objeto material, mas também à obra em suas dimensões intelectuais e estéticas (CHARTIER, 2002).

---

<sup>2</sup> Livre tradução de: “Just a few years ago, the Kindle was being blamed for the death of the traditional book. But the latest figures show a dramatic reversal of fortunes, with sales of ebooks plunging”.

### 1.1.2 Do leitor ao navegador: a produção de sentidos

O estudo dos livros, considerando sua forma e conteúdo, assim como o da leitura e dos leitores, faz parte de uma dinâmica que deve ser posicionada e relativizada em diferentes contextos históricos. O panorama de sua análise deve ir além de abordagens macroscópicas para tentar reconhecer quais paradigmas de leitura são válidos para comunidades de leitores em momentos e lugares específicos (CHARTIER, 1990).

Abordando os estudos produzidos por pesquisadores da história da leitura, Briggs e Burke (2006), por exemplo, descrevem diferentes práticas e visões sobre a leitura que permearam diversas épocas. A leitura crítica surge “graças ao aumento das oportunidades de se compararem opiniões diversas em livros diferentes sobre o mesmo assunto” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 67), ainda que haja grande reverência aos livros no começo da Era Moderna. Os autores descrevem também a “leitura perigosa”, ligada a uma preocupação relacionada à leitura privada, especialmente ao ser praticada por mulheres e “gente comum”.

Após 1520, o declínio de imagens da Virgem Maria lendo, relativamente comuns no fim da Idade Média, parece ter sido uma resposta prematura do que se pode chamar de demonização da leitura pela Igreja Católica. Em Veneza, no fim do século XVI, por exemplo, um trabalhador do ramo de seda foi denunciado à Inquisição porque “lê o tempo todo”, e um ferreiro de espadas, porque “fica acordado a noite inteira lendo” (BRIGGS; BURKE, 2006, p.68).

A “leitura criativa”, por sua vez, estaria relacionada ao significado dos textos, que foi tópico de debates na década de 1990 pelos estudos literários, e à preocupação de analisar intenções do autor e interpretações do leitor.

A “leitura extensiva” começa a se tornar prática comum a partir de 1750, período marcado pela proliferação e dessacralização dos livros, não sendo mais os impressos tratados como sagrados (BRIGGS; BURKE, 2006).

... o fim do século XVIII testemunhou “uma revolução da leitura”, no sentido de uma mudança nas práticas de folhear, dar uma olhada e ver os capítulos durante a consulta para procurar informações sobre um tópico específico (BRIGGS; BURKE, 2006, p.70).

Este exemplo de prática de leitura ilustra os processos complexos de relação dos indivíduos com os textos que se sobrepuseram desde o surgimento da escrita e, mais especificamente, dos livros. O mesmo vale para a função da leitura. Por exemplo, no início da Era Moderna a leitura atendia a diferentes usos, mas informação e instrução moral configuravam-se como principais categorias. Os chamados “livros de referência” são

abundantes entre 1450 e 1800, e a quantidade de sermões impressos, assim como os tratados sobre virtudes, são indício da importância da instrução moral. Ainda que impressos desde o século XV, os livros de entretenimento traziam sempre elementos moralizantes. “A longo prazo, e especialmente no século XVIII, a literatura de entretenimento dispensou seu lado moral para se tornar parte da comercialização do lazer” (BRIGGS; BURKE, 2006, p.73).

Outrora subjugada pela Igreja em um processo de hierarquização no qual instituíam-se uma ruptura social entre clérigos e fiéis, a leitura, no caso da Bíblia, era supostamente mantida independente dos leitores. A instituição definia o que se deveria ler na Escritura e seu enfraquecimento revela, entre o texto e seus leitores, o aparecimento da “reciprocidade que ela escondia, como se, em se retirando, ela permitisse ver a pluralidade indefinida das ‘escrituras’ produzidas por diversas leituras” (CERTEAU, 2014, p. 243).

Frequentemente relaciona-se a leitura privada – tendência de longo prazo, do século XIV ao XX – como prática resultante do crescimento do individualismo. Ela é comumente retratada em imagens do século XVIII: “uma pessoa sozinha (homem ou mulher) lendo um livro, sentada em uma cadeira ou esparramada no chão e ausente do mundo à sua volta” (BRIGGS; BURKE, 2006, p.71). Mas a história da leitura não deve ser reduzida à transição de atividade pública para privada, ou de leitura intensiva para extensiva, já que diferentes práticas persistem em diferentes épocas e grupos sociais.

As maneiras de ler não se reduzem, portanto, aos dois grandes modelos propostos e sua coleta deve ser empreendida cruzando-se, de um lado, os protocolos de leitura adequados aos diferentes grupos de leitores e, de outro, os traços e representações de suas práticas (CHARTIER, 2011, p.89).

Certeau (2014) destaca que três grandes discursos sobre a leitura foram dominantes. O discurso escolar, operado pelos professores, o discurso da Igreja, pelos padres, e o da biblioteca, pelos bibliotecários, ditavam, cada um de acordo com suas concepções, o que deveria ser lido. O que ocorre, para Certeau (2014), é uma perda desta hierarquização social. “Os três discursos de autoridade desagregaram-se, talvez porque o mundo social tenha se distanciado das instituições que os enunciam” (CHARTIER, 1999, p.113). Para o autor, haveria ocorrido uma emancipação das práticas de leitura em relação às normas.

A leitura é sempre produção de sentidos. Independente do tipo – popular, erudita ou letrada – jamais é ingênua ou isenta de referências externas a ela mesma. Para Goulemot (2011) o ato de ler é, portanto, a constituição de um sentido pelo leitor e pela a situação de leitura, ambos chamados por ele de “fora-do-texto”.

Neste processo de produção de sentidos, que é a leitura, Gonçalves, Monteiro e Rocha (2013) destacam quatro elementos que devem ser levados em conta: as motivações e expectativas de leitura pelo leitor; o tipo de texto lido; os modos de apresentação dos textos, bem como as especificidades de sua conformação material; e a psicologia do leitor. Neste último elemento, entram em jogo os aspectos que remetem aos grupos sociais nos quais o leitor se insere, bem como sua singularidade, sendo ambos indissociáveis na produção de sentidos na leitura. Portanto, falar de produção de sentidos é, também, falar da apropriação dos textos por seus leitores.

Para Chartier (1999), se de um lado há uma série de condições que entram em jogo – como as formas através das quais o texto é apresentado ao olhar, leitura ou audição, ou o contexto ao qual pertence –, de outro o leitor, espectador ou ouvinte se apropria do conteúdo que recebe, de acordo com suas competências e práticas. “Aí temos que seguir Michel de Certeau, quando diz que o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção” (CHARTIER, 1999, p.19).

Certeau (2014), ao falar das práticas cotidianas da cultura contemporânea, sendo uma delas a leitura, as associa ao consumo. Para o autor, “a leitura é apenas um aspecto parcial do consumo, mas fundamental” (CERTEAU, 2014, p.239). Neste binômio produção-consumo, ao qual ele equipara “escrita-leitura”, Certeau descreve a leitura como uma hipertrofia do olhar que entra em jogo, por exemplo, na televisão, no jornal ou na publicidade. Apesar de afirmar que “nossa sociedade canceriza a visão, mede toda realidade por sua capacidade de mostrar ou se mostrar e transforma todas as comunicações em viagens do olhar” (CERTEAU, 2014, p. 47-48), o consumidor, ou leitor dos textos e das imagens, não seria um mero *voyeur*. Tampouco a leitura seria passividade. Diferente da ideia que talvez para alguns persista de que o público é moldado pelo escrito, “deixa-se imprimir pelo texto e como o texto que lhe é imposto” (CERTEAU, 2014, p. 238), Certeau vê a leitura como atividade criadora, em um processo contínuo de reapropriação no qual o texto só teria sentido graças aos leitores e em sua relação com eles.

A fina película do escrito se torna um removedor de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor. Essa mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. [...] Os locatários efetuam uma mudança semelhante no apartamento que mobíliam com seus gestos e recordações; os locutores, na língua em que fazem deslizar as mensagens de sua língua materna e, pelo sotaque, por ‘rodeios’ (ou giros) próprios etc., a sua própria história; os pedestres, nas ruas por onde fazem caminhar as florestas de seus desejos e interesses. Da mesma forma, usuários dos códigos sociais os transformam em metáforas e elipses de suas caçadas (CERTEAU, 2014, p. 48).

Deve-se, portanto, contextualizar o leitor contemporâneo e suas práticas de leitura. Certeau (2014), ao falar de uma “atividade leitora” reservada ao crítico literário, questiona a noção de que toda obra possui um sentido a ser descoberto. Tal visão, para o autor, desconsidera a leitura como prática criativa, e a submete à relação de forças, obliterando-a. Nesta relação, que opõe mestres e alunos, produtores e consumidores, a leitura é apenas instrumento, sendo o leitor incapaz de produzir sentidos sem uma figura intermediária. Nesta visão equivocada, “a utilização do livro por pessoas privilegiadas o estabelece como um segredo do qual somente eles são os ‘verdadeiros’ intérpretes” (CERTEAU, 2014, p. 243).

A situação atual do leitor, inserido no contexto de transformações relacionadas ao advento da tecnologia da informação baseada na tecnologia digital, é de forma mais intensificada, potencialmente, o de crítico. Fora das academias, das instituições, do olhar especializado, já que todos podem se tornar críticos. Nas palavras de Chartier (1999, p.17), “pode-se dizer que a produção dos juízos pessoais e a atividade crítica se colocam ao alcance de todo mundo”.

Cada leitor, espectador ou ouvinte produz uma apropriação inventiva dos textos, mas não se deve desprezar o fato de que este leitor está inserido em uma série de condicionamentos relacionados à forma como o texto se apresenta, às convenções, aos códigos de determinadas comunidades, a seu contexto (CHARTIER, 1999).

Tais considerações são essenciais para se estudar tanto as práticas de leitura do passado quanto as do presente. Pawley (2002) explica que grande parte dos pesquisadores concorda com a noção de que ler é a interação entre texto e leitor. Entretanto, mais atenção estava sendo dada ao texto do que ao leitor neste processo. De acordo com a autora, cada vez mais as pesquisas em História do Livro têm privilegiado os leitores para compreender melhor as práticas de leitura.

Para se entender o leitor, ou como o leitor lê, considerando os processos de apropriação descritos por Chartier, seria preciso situar este leitor historicamente e geograficamente. Apenas desta forma seria possível aos pesquisadores conectar textos “reais” e leitores “reais”. Pawley (2002) destaca, por exemplo, que a imagem do leitor solitário ainda se faz muito presente ao se pensar as práticas de leitura, mesmo que se reconheça que o ato de ler é, antes de mais nada, um ato social. O objetivo da autora é mostrar que o caminho para compreender quem foram os leitores, ou como determinados textos eram lidos, é considerá-los parte de uma comunidade. Duas possibilidades são sugeridas: pensar o leitor como indivíduo, um a um, ou agrupá-lo.

Uma solução para a questão de como os pesquisadores imaginam os leitores e como eles podem conectar leitores reais aos textos reais é estudar os leitores individuais e os textos que eles leem. Estudos de caso aprofundados podem fornecer detalhes fascinantes sobre como os indivíduos construíram o ato de ler, tanto das escolhas que fizeram quanto do lugar da leitura em suas vidas. Pesquisadores interessados na história de leitores específicos podem recorrer a gêneros arquivísticos individuais, incluindo diários, cartas e outras fontes de material biográfico que podem conter detalhes sobre suas práticas de leitura. Este método é especialmente apropriado para os membros das elites culturais – homens e mulheres cujo acesso privilegiado à educação e outros recursos culturais foi facilitado por fatores como sua raça, classe, localização geográfica e religião. Depois de descobrir detalhes da vida do indivíduo, o pesquisador pode conjecturar a partir do que se sabe sobre esse lugar e período, as circunstâncias sociais e institucionais que juntos ajudaram a constituir a comunidade de leitura da qual o indivíduo fazia parte. E então o pesquisador pode recorrer aos textos identificados nos diários, cartas, autobiografias e assim por diante, e pôr em jogo os métodos de crítica textual tão amplamente desenvolvidos ao longo das últimas décadas<sup>3</sup> (PAWLEY, 2002, p. 145).

No entanto, como estudar individualmente os milhões de leitores comuns e anônimos, de cujas vidas raramente se tem registro? Neste caso, faz mais sentido estudá-los em grupos, o que apresenta limitações que não devem ser desconsideradas. Ainda que se possa reconstituir comunidades com base em suas experiências ao ler, por exemplo, jornais ou romances, pouco se pode dizer sobre estes leitores para além do que pode ser encontrado nos textos lidos por eles (PAWLEY, 2002).

Pode-se, no entanto, definir como ponto de partida as circunstâncias sociais – interações informais, relacionamentos interpessoais e comunidades de leitura – e circunstâncias institucionais – organizações, estruturas de relacionamento baseadas em regras e com registros oficiais, como escolas, igrejas e bibliotecas – nas quais as pessoas liam, como caminho para reconstituir estes leitores como parte de uma comunidade (PAWLEY, 2002).

Dando como exemplo o potencial de, através de ferramentas tecnológicas, mapear, agrupar, quantificar demograficamente e estatisticamente através de registros de bibliotecas, quem lê o que, Pawley (2002) indica como as ciências sociais têm usado estas técnicas. Para a

---

<sup>3</sup> Livre tradução de: “One solution to both the question of how researchers imagine readers and how they can connect real readers to real texts is to study individual, known readers and the known texts that they read. In-depth case studies can provide fascinating details of how individuals constructed the act of reading, both of the choices they made and of the place of reading in their lives. Researchers interested in the history of named readers can turn to individual archival genres, including diaries, letters, and other sources of biographical material that may have included details about the subject’s reading practices. This method is especially appropriate for the members of cultural elites—men and women whose privileged access to education and other cultural resources was facilitated by such factors as their race, class, geographical location, and religion. After uncovering details of the individual’s life, the researcher may conjecture from what is known about that place and period the social and institutional circumstances that together helped to constitute the reading community of which the individual was a part. And then the researcher can turn to the named texts identified in the diaries, letters, autobiographies, and so on, and bring into play those methods of textual criticism so extensively developed over the past several decades”.

autora, definir agrupamentos de pessoas como uma massa seria uma forma de posicioná-las tanto como consumidores de bens produzidos em massa, quanto produzidos pela própria mídia de massa. Comunidades imaginárias foram construídas como comunidades de consumidores. Por exemplo, os *baby boomers*, ou os *yuppies*. De maneira geral as pessoas em países industrializados teriam se acostumado a se definirem dentro destas características, que nada mais são que características mercadológicas e relacionadas diretamente a hábitos de consumo.

A questão principal trabalhada por Pawley (2002) é: o quão útil, para a história da leitura, seria adotar estratégias semelhantes? Um importante fator a ser considerado por pesquisadores é o tempo e o espaço, o contexto particular destes leitores. Para a autora, ao se estudar leitores do passado, é preciso imaginar a visão deles sobre si mesmos e sua identidade para além de grandes generalizações. Por exemplo, dever-se-ia levar em consideração a identificação com fontes de autoridade cultural para além do grupo familiar. Grupos formais, ou informais, que passam a funcionar como fonte confiável de influência nos gostos e valores de seus participantes.

A adesão destes grupos forneceu as circunstâncias sociais, e às vezes institucionais, nas quais as pessoas interagiam com os materiais impressos. Em outras palavras, tais grupos formaram a base de comunidades de leitura vividas, em vez de imaginadas<sup>4</sup> (PAWLEY, 2002, p. 150).

Pawley (2002) aponta as abordagens qualitativas das ciências sociais como resposta às indagações por ela levantadas, uma vez que variáveis demográficas, ainda que sejam importantes para a análise, não podem ser isoladas das circunstâncias sociais e institucionais dos leitores. A pesquisa etnográfica, através dos estudos de práticas de grupos de leitores contemporâneos, é apontada como método eficaz, ainda que geralmente não possa ser usado por historiadores. Entretanto, estes estariam começando a explorar métodos que permitam a reconstituição das interações das comunidades do passado.

Quando se imagina um leitor praticando a leitura silenciosa, imagina-se o leitor em um ambiente privado, e o ato de leitura em si mesmo tende a ser descrito como os olhos do indivíduo percorrendo o texto. Entretanto, deve-se questionar, como faz Pawley (2002), quando começa de fato o ato da leitura.

---

<sup>4</sup> Livre tradução de: “Membership of these groups provided the social, and sometimes institutional, circumstances in which people interacted with printed materials. In other words, such groups formed the basis of lived, rather than imagined, reading communities”.



... quando o leitor pega o livro da prateleira e o abre? Ou antes, quando o leitor toma a decisão de ler este livro em vez de outro? Ou antes ainda, quando um amigo recomenda o livro? E quanto tempo um tal período de “leitura” tem que durar? O ato acaba quando o livro é deixado em favor de outra atividade ou quando é trocado por outro livro?<sup>5</sup> (PAWLEY, 2002, p. 157).

Dada a complexidade demonstrada sobre a compreensão sobre o que é a leitura, seria um engano pensar ou propor um sentido universal a ela. O que se sabe é que a leitura, ou ato de ler, varia tanto no tempo quanto no espaço, tanto nas circunstâncias institucionais do leitor, quando nas sociais (PAWLEY, 2002). E isso não deve ser deixado de lado, no âmbito da presente pesquisa, ao se analisar como diferentes práticas se relacionam a diferentes suportes de leitura.

Assim, foram aqui abordadas questões relacionadas à leitura partindo-se da premissa de que diferentes práticas coexistem em diferentes contextos históricos, em processos que são de sobreposição, e não substituição. Emancipada dos regimes normativos da escola, da biblioteca e da igreja, a leitura é tanto consumo quanto produção cultural que envolve criação e apropriação inventiva daquilo que se lê. No entanto, não se pode esquecer, ao se pensar estes processos de produção de sentido, o contexto no qual se insere o leitor, e os códigos compartilhados por determinadas comunidades. No caso da impossibilidade de se estudar individualmente cada leitor, pode-se, como aponta Pawley (2002), investigar suas leituras compartilhadas, suas circunstâncias sociais e suas práticas.

### 1.1.3 O livro contemporâneo

Os livros por bastante tempo foram artigos de luxo com poucos clientes e vendas acontecendo de forma lenta. A questão financeira foi sempre um elemento muito importante a ser considerado ao se estudar, por exemplo, a atuação dos primeiros impressores na Europa (FEVBRE; MARTIN, 1976). Como discutido anteriormente, entre os séculos XV e XVIII multiplicaram-se as prensas e o número de livros produzidos. Mas a preocupação central dos editores era estabelecer uma rede comercial para vender rapidamente estas obras.

Não se pretende aqui traçar toda a longa história do livro, ou mesmo a da edição. Mas pode-se dizer que um dos aspectos que esta narrativa revelaria é que, desde os primórdios, a

---

<sup>5</sup> Livre tradução de: “... when the reader takes the book from the shelf and opens it? Or further back, when the reader makes the decision to read this book rather than that? Or further back still, when a friend recommends the book? And how long does such a period of “reading” have to be? Is the act over when the book is set down in favor of another activity or when it is set aside in favor of another book?”.

impressão de livros é um negócio que funciona como qualquer outro. Como afirmam Fevbre e Martin (1976), o livro foi um produto criado, antes de mais nada, para que seus fabricantes pudessem tirar deste ofício seu sustento, mesmo quando estes indivíduos eram acadêmicos e humanistas. Logo, a preocupação em agradar a clientela, atendendo às suas demandas, está presente desde o início, assim como a competição com outros impressores e a preocupação com os preços.

O ponto fundamental aqui tratado é o livro impresso e como sua materialidade vai se transformando em função do desenvolvimento de um mercado de livros e de seu público. É essencial a esta tese essa visão do livro como um produto que passa por mutações influenciadas, também no que diz respeito a seus aspectos visuais e estéticos, pelo gosto do leitor, por suas práticas e pelo mercado. Pretende-se, a seguir, mencionar algumas situações que ilustram esta tendência.

Analisando os livros publicados do século XV ao XVIII, pode-se apreender diversas transformações. Por exemplo, quando a clientela era reduzida, até o século XVI, as capas eram decoradas, inclusive as dos livros mais baratos. Com o subsequente aumento da produção e do público leitor, era preciso empregar técnicas que permitissem finalizar a decoração mais rapidamente, e não tardou para que as edições mais comerciais deixassem de ser decoradas. Ainda eram fabricados os livros de luxo. Tais edições tiveram um *boom* em meados do século XVI e também no XVIII. Entretanto os livros comerciais ficaram cada vez mais simples. A forma de armazenamento dos livros, de pé, nas prateleiras, lado a lado, fez com que mais atenção fosse dada às lombadas, facilitando a identificação, vez ou outra trazendo adornos (FEVBRE; MARTIN, 1976).

Inovações como a imprensa a vapor, e as máquinas de fabricação de papel, já no século XIX, possibilitaram o barateamento da produção. Os livros *paperback*<sup>6</sup>, que surgem ainda no século XV, tornam-se mais comuns no século XVIII e extremamente populares em 1935, na Inglaterra, capital do livro desde 1800. E o formato passa a ser imitado.

Com a imprensa de vapor e máquinas de fabricação de papel do século XIX, os livros foram impressos mais baratos e rapidamente em edições maiores, e a encadernação foi muitas vezes abandonada em favor de uma capa simples costurada. Em uma palavra, com o crescimento da produção de livros e o aumento do público

---

<sup>6</sup> Opta-se por não traduzir *paperback* como “livro de bolso”, pois considera-se que esta tradução é inadequada, já que nem todo *paperback* é necessariamente um livro de bolso, e vice-versa. Doravante *paperpack* será traduzido como brochura.

leitor, a encadernação comum gradualmente perde em primeiro lugar sua beleza e depois sua solidez<sup>7</sup> (FEBVRE; MARTIN, 1976, p. 108).

O que não se pode perder de vista, destes breves tópicos sobre a história do capitalismo editorial do século XV ao começo do XIX, é que o livro é desde sempre um produto. E que impressores e vendedores têm trabalhado, acima de tudo, por lucro (FEBVRE; MARTIN, 1976). Tais preocupações impactaram e continuam a impactar os aspectos materiais dos livros.

Para Drew e Sternberger (2005), o livro impresso manifesta não apenas as ideias do autor, mas também os ideais culturais e estéticos de um momento histórico específico. Para os autores, as chances de o livro impresso sobreviver às alternativas digitais estariam intimamente ligadas justamente à sua materialidade.

Em uma pesquisa focada nas mudanças e desenvolvimento do design de capas de livros nos Estados Unidos, Drew e Stenberger (2005) realizaram um levantamento que aqui serve de referência sobre como o livro impresso, entendido como produto, e todas as suas partes, participa da produção de sentidos na leitura.

Antes de mais nada, cabe descrever que partes são essas. O livro impresso pode ser dividido em duas partes principais: miolo e capa. Esta divisão é refletida nos processos de impressão e acabamento, inclusive nos métodos contemporâneos. Muitas vezes, também durante a etapa de design, já que é comum que o “design do livro” propriamente dito seja realizado por um profissional e, a criação de sua capa, por outro. Aqui, considera-se “design do livro” o que acontece dentro dele, e “design da capa”, sua parte exterior. Tanto uma atividade quanto a outra são fortemente arraigadas na tradição, mas o design do livro se apoia em regras muito antigas e em uma série de convenções que raramente são desrespeitadas (HENDEL, 2003). Isso se deve a uma consciência de que não é somente o conteúdo do livro, o que foi escrito por seu autor, que vai ser implicado na produção de sentidos da leitura. “Sua forma física, assim como sua tipografia, também o definem. Cada escolha feita por um designer causa algum efeito sobre o leitor” (HENDEL, 2003, p.11). Esta questão é essencial ao se considerar, nos próximos capítulos, as relações estabelecidas entre leitores e suas coleções de livros, bem como seus relatos relacionados a escolhas e motivações para aquisição de obras.

---

<sup>7</sup> Livre tradução de: “With the steam press and papermaking machinery of the 19th century, books were printed more cheaply and quickly in larger editions, and binding was often abandoned in favor of a simple stitched cover. In a word, with the growth in production of books and the increase in the reading public, the average binding gradually shed first its beauty and then its solidity”.

Uma afirmação importante e polêmica que se menciona aqui, para que possa ser refutada, é levantada por Hendel em relação ao impacto do design de um livro.

Peguem os *best-sellers* nas livrarias e examinem seus designs. É tão raro achar um bom que chega a desanimar. Os livros que mais vendem são, na maioria das vezes, aqueles cujas páginas são destituídas de margens e carregadas de uma tipologia repulsiva. [...] Não existe qualquer relação entre a aparência dos livros e sua venda. Ao que parece, o design não faz muita diferença [...]. O design incomoda a maioria das pessoas somente quando ele é tão execrável que se torna difícil a leitura do texto (HENDEL, 2003, p. 25).

Talvez as qualidades estéticas valorizadas por Hendel (2003) não sejam as mesmas valorizadas pelos leitores, mas parece muito extrema a afirmação de que não exista relação entre a aparência dos livros e sua venda. Para melhor desenvolver essa contra argumentação, tomamos como exemplo a evolução da sobrecapa, conhecida no mercado editorial de língua inglesa como *dust jacket*.

De objeto utilitário, a sobrecapa passou a ser um meio de comunicação importante para o mercado editorial e, como será abordado no terceiro capítulo, de extrema relevância nos relatos de participantes da comunidade *booktube*. As primeiras sobrecapas surgiram por volta de 1820 e, até o fim do século XVIII, eram usadas para embalar os livros, protegendo suas capas da sujeira durante o transporte até as lojas, ou da poeira. As sobrecapas dessa época aparentam pouca ou nenhuma preocupação com o design, algumas vezes sem qualquer adorno, outras trazendo anúncios. É apenas a partir de 1890 que se começa a perceber, nas sobrecapas, um potencial para atrair compradores. No começo do século XX, seu design fica cada vez mais atrativo e com objetivo mais promocional. Nessa mesma época, os designers, especialmente nos Estados Unidos, começavam a ser fortemente influenciados pelo modernismo. No caso dos livros, essa influência ocorreu através da obra de Jan Tschichold, *Die Neue Typographie*, publicado em 1928 (DREW, STERNBERGER, 2005). Ainda neste período, muitos designers passaram a defender o *total book design*, que nada mais é que a criação integrada do leiaute do miolo e da capa, de forma que ambos dialogassem e comunicassem ao leitor uma mensagem coerente (DREW, STERNBERGER, 2005).

Entre os anos de 1930 e 40, as editoras já percebem o poder de atração das capas e sua importância nas vendas. A capa já poderia ser comparada à embalagem de um produto, e deveria ser atrativa o suficiente para motivar a compra. Muitos designers compreendem que seu papel na criação das capas seria sempre mediado pela necessidade dos editores em venderem um objeto, claramente uma *commodity*. Apesar dos belos projetos de livros criados nesses anos e nos anos subsequentes nos Estados Unidos, usando princípios modernistas e,

mais tarde, especialmente após a década de 80, pós-modernistas, fica cada vez mais clara a interferência mercadológica nos processos de aprovação das capas pelas editoras (DREW, STERNBERGER, 2005, p. 33).

Os processos editoriais foram fortemente impactados pela tecnologia digital, e estes impactos se refletem em diversos aspectos do design do livro e design das capas. O espaço para experimentação de linguagens, em publicações mais populares, é reduzido. Na década de 90, apesar das novas tecnologias terem possibilitado uma nova forma de explorar designs inovadores para os livros e, especialmente, para as capas, o ambiente corporativo das editoras deixou pouco espaço para estas iniciativas. Entretanto, os melhores trabalhos em capas de livros contemporâneos parecem ser aqueles em que o comprador do livro, o leitor, é encarado como participante na construção de sentido, e as capas como parte importante deste processo (DREW, STERNBERGER, 2005).

Quando os livros não possuem sobrecapa, é a capa que recebe um design diferenciado. Em países como Estados Unidos e Inglaterra, o formato em capa dura, ou *hardcover*, usualmente recebe esta sobrecapa. A este formato mais caro, e geralmente de qualidade superior, o mercado rapidamente desenvolveu um padrão alternativo: a brochura, que é um livro mais barato, encadernado com uma capa flexível e sem orelhas.

Livros encadernados e encapados com papel de embrulho, guardadas algumas diferenças, surgiram ainda no século XV, mas se tornaram comuns apenas no XVIII (CARTER e BAKER, 2006). Entretanto, como dito anteriormente, os livros brochura como conhecemos hoje começaram a ser publicados no começo do século XX. O primeiro grande fenômeno editorial deste formato foi a coleção de clássicos publicada pela *Penguin Books*, na Inglaterra, a partir de 1935. Estes pequenos livros ocasionaram uma revolução no mercado editorial em língua inglesa (MCLEERY, 2002).

McCleery (2002) desfaz alguns mitos sobre a origem da *Penguin*, e afirma que o mercado no qual ela se lançou não era de forma alguma desprovido de competidores e de tentativas de alcançar o “novo público leitor”. Uma delas foi feita pela *Collins*, em 1934, que encontrou a hostilidade dos vendedores de livros, os quais viram sua margem de lucro reduzida pelas edições mais baratas. Outra precursora da *Penguin*, a *Albatross Books*, em 1932 se estabeleceu reimprimindo material contemporâneo em formato brochura. Albatross Verlag, seu fundador, e Allen Lane, que futuramente fundaria a *Penguin*, estabeleceram diálogos sobre o que viria a ser a “*Modern Library*”. Nestas trocas registradas em memorandos, Albatross orienta Lane em relação à operação deste empreendimento, que apenas não foi adiante por complicações relacionadas a *copyright*, já que a *Albatross Books*

tinha licenças para publicar obras apenas na Europa continental, e não no Reino Unido e Estados Unidos.

Pouco tempo depois, Allen Lane comprometeu suas finanças pessoais e a de seus dois irmãos na *Penguin Books*. Muito cedo, Lane percebeu que as estratégias principais deveriam ser a distribuição dos livros e o estabelecimento de uma marca facilmente identificável pelo público, com um logotipo e um design de capa consistente e simples. Como conta Alberto Manguel, a novidade popularizada pela *Penguin* não agradou a todos.

George Orwell resumiu sua reação, como leitor e como autor, a essa novidade: “Na qualidade de leitor, aplaudo os Penguin Books; na qualidade de escritor, excomungo-os. [...] O resultado poderá ser uma inundação de reimpressões baratas que irão prejudicar as bibliotecas circulantes (a madrastra do romancista) e restringir a publicação de novos romances. Isso seria uma coisa excelente para a literatura, mas péssima para o negócio”. Orwell estava errado. [...] a grande realização da Penguin foi simbólica: saber que uma coleção imensa de literatura podia ser comprada por quase todas as pessoas em quase todos os lugares [...] deu aos leitores um símbolo de sua própria ubiquidade (MANGUEL, 1997, p.170-71).

No primeiro ano da Penguin, 3 milhões de livros foram vendidos. Para McCleery (2002), o segredo por detrás da “revolução da brochura” era a economia de escala, e não o tipo de encadernação ou capa. Outras iniciativas semelhantes podem ser mencionadas, por exemplo, nos Estados Unidos.

Nos calcanhares da *Penguin Books* de Alan Lane, na Inglaterra, o editor Robert de Graff, apoiado por Simon e Schuster, introduziu uma linha de brochuras americanas chamadas *Pocket Books*, em 1938, e tinha dez títulos em impressão no ano seguinte. A um preço de capa de vinte e cinco centavos cada, os livros custavam uma fração dos de capa dura e poderiam competir com as taxas de aluguel de bibliotecas de empréstimos comerciais. Pesadamente comercializados como publicações baratas mas respeitáveis, a *Pocket Books* definiu o cenário para o desenvolvimento da brochura como um meio de massa que nas próximas décadas iria atrair a crescente atenção das editoras. Em um mercado que se expandiu dramaticamente com uma demanda geral por materiais de leitura para os soldados e, em seguida, pela explosão do consumismo pós-guerra, a brochura tornou-se um produto básico em livrarias e bancas de jornais e em todas as farmácias americanas, das maiores às menores cidades<sup>8</sup> (DREW, STERNBERGER, 2005, p. 38).

---

<sup>8</sup> Livre tradução de: “Close on the heels of Alan Lane’s Penguin Books in England, publisher Robert de Graff, backed by Simon and Schuster, introduced a line of American paperbacks called Pocket Books in 1938 and had ten titles in print by the following year. At a cover price of twenty-five cents each, the books cost a fraction of hard covers of the day and could compete with the rental fees of commercial lending libraries. Heavily marketed as cheap but respectable publications, Pocket Books set the stage for the development of the paperback as a mass medium that in the decades to come would attract the increasing attention of publishing houses. In a market that expanded dramatically with a wartime demand for soldiers’ reading material and then with a burst of postwar consumerism, the paperback became a staple product in book shops and newsstands, and also in every American drugstore, be it in the largest city or in the smallest town”.

O importante significado cultural da brochura reside no fato de que os livros se tornaram mais baratos e acessíveis nos mercados em que o formato se disseminou, ou nos que conseguiram imitar o modelo de distribuição e estratégias de mercado da *Penguin* e outras que vieram depois dela, enxergando o público destes produtos não apenas como consumidores, mas como consumidores de literatura. Para Drew e Sternberger (2005) há um segundo impacto a ser considerado, o qual diz respeito ao design dos livros.

Ao contrário da sobrecapa, a capa da brochura era parte integrante do próprio livro. Enquanto a brochura nunca foi concebida para ter a longevidade da capa dura, sua capa, eventualmente, ajudou a incentivar os designers a pensarem no projeto da capa como algo mais do que um dispositivo de proteção e marketing. Embora 300 milhões de livros de capa flexível tenham sido vendidos em 1958 nos Estados Unidos, o design de capa em brochura foi visto como carente do mesmo tipo de refinamento que Salter havia proposto uma década antes. Desde o início, as capas dos *Pocket Books* eram simples e sutilmente ilustrativas, mas seu legado foram as capas corajosas e sensacionais de *pulp fiction* dos anos de 1940 e 1950<sup>9</sup> (DREW, STERNBERGER, 2005, p. 40).

Tschichold traz uma visão purista sobre a missão do designer de livros. “Aqueles que pensam em termos puramente visuais são inúteis como designers de livros. Rotineiramente não veem que suas criações artificiosas são sinais de desrespeito à própria literatura a que devem servir” (TSCHICHOLD, 2007, p. 33). Para ele, os designers de livros “não são os mestres da palavra escrita, mas seus humildes servidores” (TSCHICHOLD, 2007, p. 34).

Na *Penguin*, onde foi diretor de Tipografia em 1947, permanecendo no cargo durante dois anos, Tschichold irá aplicar este modelo de design, com o objetivo de reformular as edições da *Penguin Books*. Lá, “educou o gosto de leitores da grã-bretanha, e de além-mar, e revolucionou a prática de uma geração de impressores e tipógrafos” (BRINGHURST, 2007, p. 17). O livro de bolso é um exemplo de prática editorial que aproximou – especialmente de clássicos, como no caso da *Penguin* –, um público muitas vezes pouco familiarizado com esse tipo de leitura.

Estas considerações sobre a origem e o desenvolvimento dos formatos que se consagraram no mercado editorial em língua inglesa são essenciais a esta pesquisa, uma vez que são eles que aparecem, de forma predominante, nos conteúdos relacionados a livros nas

---

<sup>9</sup> Livre tradução de: “Unlike the dust jacket, the paperback book cover was an integral part of the book itself. While the paperback was never intended to have the longevity of the hard cover, its integral cover did eventually help encourage designers to think of the cover design as something more than a crass protective and marketing device. Although 300 million soft cover books were sold in 1958 in the United States, paperback cover design was seen as in need of the same sort of refinement Salter had proposed a decade earlier. From the beginning, Pocket Books covers were straightforward and blandly illustrational, but their legacy was the bawdy and sensational pulp fiction covers of the 1940s and 1950s”.

mídias sociais analisadas, em especial no *booktube*, no *YouTube*, nos quais leitores tecem comentários sobre as características de suas coleções.

Se no século XVIII leitores e livreiros consideravam importantes as qualidades materiais do livro, partilhando, inclusive, “uma consciência tipográfica” (DARNTON, 2010b, p. 187), cabe questionar o quão afastados os leitores de hoje estariam destas preocupações estéticas que consideram, além do conteúdo dos livros, sua forma. Ou se não estariam de forma alguma afastados, o que explicaria uma mudança importante ocorrida, por exemplo em suas capas, em especial nas *hardcovers* norte-americanas. Se antes as sobrecapas eram simplesmente uma proteção composta por anúncios publicitários e descartadas após a compra (TSCHICHOLD, 2007), hoje elas se tornaram a embalagem chamativa de um produto nas prateleiras, e esse produto é o livro.

Assim, os livros em capa dura e brochura se estabelecem como formatos predominantes nos mercados de língua inglesa. Mas esta distinção não se aplica da mesma forma em muitos outros mercados como, por exemplo, o brasileiro, que foi mais influenciado pelo formato do livro francês.

Assim, ao se pensar o livro impresso em função de suas características estéticas e materiais, cabe destacar outros formatos e classificações para além desta categorização básica entre *hardcover* e *paperback*. Para melhor definir, no escopo deste trabalho, tipos de livro em função de seu projeto gráfico e aspecto material, adota-se a delimitação destes objetos oferecida por Linden (2011), que considera inclusive livros que unem textos e imagens, e que muitas vezes são relegados a um segundo plano nas pesquisas sobre livros e leitura. Para Linden (2011), estes objetos requerem uma leitura crítica à altura, já que o livro ilustrado,

... desde suas primeiras publicações, trabalha no sentido de afirmar o espaço e o status da imagem. Hoje, me parece que a imagem se afirmou a ponto de ‘contaminar’ o conjunto das mensagens e fazer do livro ilustrado um objeto visual a priori (LINDEN, 2011, p.21).

Sabe-se que o ato de ler vai além da leitura dos textos. Inclui também a leitura das imagens, já que “ler um livro ilustrado é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre a capa e guardas com seu conteúdo” (LINDEN, 2011, p. 9).

A origem destes livros com imagens está diretamente ligada à origem do livro infantil. Entretanto, “dos primeiros [livros ilustrados] aos contemporâneos, o lugar, o status e a função da imagem passaram por inúmeras evoluções” (LINDEN, 2011, p.9). As primeiras publicações para crianças e jovens possuíam poucas imagens, e ainda no século XIX as obras



destinadas a este público tinham muito mais texto do que ilustrações, estando estas dispostas em páginas isoladas, e com pouca relevância.

Apenas em 1919, com *Macao et Cosmage*, de Edy-Legrand, seria feita uma inversão da predominância do texto sobre a imagem neste tipo de publicação, tendência que se confirmaria na década de 20, com o amadurecimento do livro ilustrado moderno. Já no pós-guerra, o livro ilustrado seguiria um rumo diferente, mas a mudança desta vez estaria relacionada não à predominância de texto ou imagem, mas à relativa perda do caráter pedagógico das imagens e, principalmente, ao desenvolvimento de diversos projetos de experimentação. Nas décadas de 70 e 80, destacam-se o uso de fotografias, os livros com estruturas não-narrativas e com diferentes estilos pictóricos tentando entrelaçar texto e imagem. “Os anos 1990 assistem ao surgimento de iniciativas editoriais inovadoras que concedem ao livro ilustrado contemporâneo toda a sua amplitude” (LINDEN, 2011, p. 19). Linden cita projetos que destacam a importância do trabalho desenvolvido, neste campo, por pequenas editoras, nos quais diferentes temas são abordados e dispostos nos livros ilustrados em função de sua materialidade, de seu suporte.

O livro com ilustração seria o primeiro tipo, podendo ser descrito como livros tradicionais, com conteúdo textual predominante, que não depende das imagens para a produção de sentido, mas é acompanhado de algumas ilustrações capazes de enriquecer a experiência de leitura.

O livro de primeiras leituras, voltado para leitores em processo de aprendizagem, pode ser posicionado entre o romance e o livro ilustrado propriamente dito, com capítulos curtos e pequenas imagens complementares.

Os livros ilustrados, por sua vez, são obras cujo conteúdo imagético prepondera em relação ao texto. E, quando o texto é ausente, são denominados, no Brasil, de livro-imagem.

Linden (2011) descreve também as Histórias em Quadrinhos, ou HQs, como livros cuja forma de expressão é a articulação de imagem e texto, assim como a presença de imagens solitárias. Já os livros imaginativos, ou *imagiers*,

... a um só tempo, apresentam organização material e funcionalidade específica indissociáveis. Essas obras visam à aquisição da linguagem por meio do reconhecimento de imagens referenciais (LINDEN, 2011, p.25).

Por fim, três tipos de livro dependem profundamente, em sua razão de ser, da sua apresentação material, evocando, muitas vezes, a tridimensionalidade. São eles os livros *pop-up*, com abas, encaixes e elementos móveis; os livros-brinquedo, “objetos híbridos, situados

frequentemente entre o livro e o brinquedo” (LINDEN, 2011, p.25); e os livros interativos, que possibilitam diversas atividades, como pintura, recorte e colagens.

Estendendo esta classificação, cabe comentar que alguns destes formatos de livros impressos são transportados para o formato eletrônico, tanto pelos livros digitais que adaptam seu conteúdo, mas principalmente por aqueles que se valem das possibilidades destes dispositivos para criarem diferentes experiências para os leitores. Argumenta-se aqui que as experiências de leitura nestes suportes são diferentes, o que justifica o foco deste trabalho no impresso.

Por fim, uma última consideração nesta breve trajetória da materialidade do livro contemporâneo diz respeito ao contato do leitor com as obras antes de sua compra, constatação destacada por Powers (2008, p.135) em seu estudo sobre capas de livros infantis, de sua origem às publicações contemporâneas.

Agora que os livros, velhos e novos, são cada vez mais vendidos pela internet, o mais próximo que o candidato a comprador pode chegar de um objeto tangível é a imagem eletrônica da capa. Aquele que manuseia o exemplar em uma loja pode obter uma percepção mais completa de um livro, tanto em termos de conteúdo como de apresentação física.

No entanto, é possível que esta limitação seja, ao menos parcialmente, minimizada pelas formas de compartilhar informações sobre livros em mídias sociais, questão abordada de forma mais aprofundada adiante. Aos leitores impossibilitados de manusear livros em livrarias, tocar suas páginas ou sentir seu cheiro, são apresentadas imagens detalhadas e, no caso da comunidade *booktube*, vídeos. Em um contexto no qual muitos deixam de ser frequentadores de livrarias, o contato com estas obras se faz através de conteúdo publicado por leitores na internet tentando, muitas vezes, suprir a necessidade de manusear e de obter, como descreve Powers (2008), essa percepção ligada à experiência material do livro impresso.

Uma última consideração diz respeito aos formatos contemporâneos de livros no Brasil, e a como eles dialogam com as classificações anteriormente apresentadas. Este breve adendo é relevante já que, em relação a algumas questões pontuais, serve de base a análises posteriores. Como aponta Hallewell (2012), a história do livro no Brasil tem natureza peculiar, já que “poucos países levaram tanto tempo para desenvolver uma indústria editorial nacional” (HALLEWELL, 2012, p. 32). Em seu começo, anos após a vinda da Família Real, o chamado “livro popular”, ou “livro para o povo”, que começa a circular no país mais intensamente, é influenciado pelo comércio de livros praticado em Portugal, que por sua vez

foi impactado pelos livreiros da França, assim como pelo contexto português de necessidade e preocupação com a vulgarização da leitura, de certa forma iniciada pelo próprio Estado. Esta influência pode ser percebida, por exemplo, no design do livro brasileiro, que difere do modelo de publicação norte-americano (dominado pelos *paperbacks* e *hardcovers*), e se assemelha mais ao Europeu, com brochuras de tamanhos variados e capa cartonada, algumas delas com orelhas. No entanto, no que diz respeito às obras publicadas, é notável a presença, na literatura comercial, de traduções do inglês, a maior parte delas, dos Estados Unidos.

Ao se analisar a comunidade *booktube*, especificamente em língua inglesa, quando possível fazendo um contraponto com a comunidade em língua portuguesa, buscar-se-á identificar, nos relatos de leitura e processos de produção de sentido, as menções e descrições sobre a materialidade dos livros, os aspectos sensoriais e estéticos que, juntamente com seu conteúdo, impulsionam sua coleção.

Após essa breve contextualização sobre o livro contemporâneo, cabem duas últimas afirmações muito caras às análises propostas neste trabalho. Primeiro, que o mercado mundial contemporâneo de livros é nitidamente impactado pelo mercado de língua inglesa. E, segundo, que o impresso continua sendo o principal suporte material do livro, mesmo tendo sua morte decretada na história diversas vezes, como em Benjamin (2010, p.27), ao declarar: “Agora tudo indica que o livro, nessa forma tradicional, vai ao encontro de seu fim”. No entanto, permanece, em meio a uma cultura midiática multifacetada, em seu lugar de destaque em diferentes formatos e em muitas estantes, algumas delas retratadas em detalhes em vídeos da comunidade *booktube*.

## 1.2 Bases teóricas

Partindo da Bibliografia, passando pela Sociologia dos Textos e pela História do Livro e da Comunicação, pretende-se aqui demonstrar como os estudos sobre livros se desenvolveram. De uma preocupação inicial da Bibliografia em estabelecer cópias ideais, por exemplo, para uma abordagem mais sociológica que vê a história do livro e – por que não – a história da comunicação como um conjunto de processos fluidos e sobrepostos no lugar de rupturas bruscas, busca-se, através de uma visão geral dos principais autores da área, indagar como a história do livro pode ser vista como parte da história da comunicação humana. Isso importa na medida que devemos poder situar os livros contemporaneamente, articulando-os às mídias digitais e ao *booktube*, em um contexto temporal mais amplo.

Sob uma perspectiva comunicacional, tenta-se analisar uma pretensa passagem da cultura oral à da escrita e a da impressão, questionando tais etapas supostamente rígidas como entrelaçamentos, sem a compreensão das quais torna-se ainda mais difícil desvendar os percursos do livro na nossa sociedade.

### 1.2.1 Bibliografia, Sociologia dos Textos e História do Livro

Estudar os livros não se resume a avaliá-los como simples objetos, e sim como artefatos culturais inseridos em diferentes contextos, tornando-se parte da cultura e da sociedade.

Pode-se dizer que, no último século, cresceu o interesse, de diversas áreas, em relação ao livro e, principalmente, sua história. Neste caso, o novo campo de estudo que se formou, como resultado, é chamado de História do Livro. Ele se relaciona diretamente a outras áreas, tais quais os Estudos Literários, a Bibliografia e a História Econômica e Social. Entretanto, desde que os textos se tornaram parte da cultura e do comércio, os livros são estudados como objetos de arte, símbolos culturais, ou resultado de processos de produção específicos. Seja como objetos dotados de beleza estética, seja como portadores de conhecimento, é inegável o interesse dos indivíduos, em diferentes épocas, pelos livros. Isto pode ser atestado através das imensas coleções formadas através dos séculos (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005).

O interesse acadêmico pelos livros, especificamente no século XX, está relacionado, por exemplo, à necessidade de compreender suas origens. Não apenas as origens do objeto em si mesmo, na sociedade, mas de obras e edições específicas. Algumas destas preocupações saem dos círculos acadêmicos e passam a fazer parte de um conjunto de perguntas que dizem respeito, também, aos leitores mais interessados. No começo do século XX cresce o interesse sobre os processos de produção dos primeiros impressos e em formas de identificar textos autênticos em relação a cópias corrompidas ou adaptadas, por exemplo de obras de Shakespeare. A resposta a questões como essa começa a ser delineada por métodos propostos pela chamada *New Bibliography School*, com o exame minucioso da materialidade dos textos e livros como objetos físicos com diferenças no papel, na tipografia, processo de impressão, dentre outros (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005).

Para Greg (1913) é senso comum na área considerar que a Bibliografia emergiu como campo de estudo que se desenvolveu da arte para a ciência, sem o rigor dessas denominações. A Bibliografia, da qual o próprio Greg é um dos grandes expoentes, é fruto do trabalho de

pioneiros amantes dos livros, os quais, por iniciativa própria e gosto pelo assunto, acabaram influenciando o desenvolvimento de uma área de estudos cujas aplicações práticas eles sequer imaginavam serem possíveis.

Não muito tempo atrás, a ocupação típica dos bibliógrafos era a escrita de ensaios elegantes sobre pontos individuais de interesse arqueológico ou artístico, mais ou menos próximos ou mais ou menos acidentalmente ligados aos livros. Não é reprovável, para uma geração de amantes do livro, muitos dos quais felizmente ainda estão atuantes em nosso meio, isso ter sido assim. Se a bibliografia é hoje uma ciência pela qual coordenamos fatos e traçamos o funcionamento de causas constantes, se estamos gradualmente desenvolvendo um método rigoroso para a investigação e interpretação de novas evidências, se pudermos, dentro da esfera de nosso trabalho, de maneira adequada reconstruir o passado fora das indicações do presente, é em grande parte devido à paciente acumulação e registro de fatos alcançados por esses pioneiros bibliógrafos<sup>10</sup> (GREG, 1913, p. 39).

A Bibliografia poderia ser definida como a uma ciência que se ocupa da transmissão material de textos literários (GREG, 1913). W. W. Greg, R. McKerrow e Fredson Bowers são considerados pesquisadores que, com uma abordagem metodológica específica, por volta de 1950 estabeleceram as bases do que seria conhecido como *New Bibliography*, ou Nova Bibliografia (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005). Esta área se presta à árdua tarefa de estudar textos e livros como artefatos materiais, pesquisando diferenças nos caracteres, fonte tipográficas, tipos de papel, acabamento, encadernação, método de impressão, marcas-d'água e alterações diversas entre edições, por exemplo. Um de seus objetivos seria distinguir obras autênticas de obras corrompidas, e principalmente determinar, em certa medida, a cópia ideal de um texto. Mas o que seria essa “cópia ideal” – ou texto-cópia, se traduzido literalmente o termo *copy-text*? Essa cópia nada mais é que a melhor versão de uma obra que será publicada por um editor. Ou seja, a mais completa e em perfeito estado (BOWERS, 1959).

Uma das grandes ressalvas à Nova Bibliografia é que ela considerava os processos de produção e composição das obras pelos impressores como racionais, constantes, fixos, com padrões consistentes cujo impacto seria pouco significativo, exceto quando encontrados pequenos erros cometidos por estes impressores, corrompendo as intenções originais dos autores (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005). E que, para atingir seus objetivos de pesquisa,

---

<sup>10</sup> Livre tradução de: “There was a time not so long ago when the typical occupation of bibliographers was the writing of elegant essays on individual points of archaeological or artistic interest, more or less closely, or more or less accidentally, connected with books. It is no reproach to a generation of book-lovers, many of whom are fortunately still active in our midst, that this should have been so. If bibliography is to-day a science by which we co-ordinate facts and trace the operation of constant causes, if we are gradually evolving a rigorous method for the investigation and interpretation of fresh evidence, if we are able, within the sphere of our work, in any way adequately to reconstruct the past out of the indications of the present, it is in a large measure due to the patient accumulation and recording of facts achieved by those bibliographical pioneers”.

analisavam exclusivamente as marcas arbitrárias deixadas no papel, não sendo seu sentido objeto de estudo da área (MCKENZIE, 1999). Esta questão exemplifica porque a Nova Bibliografia foi, por muito tempo, vista com uma série de ressalvas.

A partir de 1960, os trabalhos de D. McKenzie vão demonstrar que existe uma relação entre a produção material dos livros e o conjunto de condições em que se dá essa produção. Para o autor, as definições da Nova Bibliografia não mais seriam adequadas para definir a área, ou descrever seus objetivos, pois qualquer forma afeta o conteúdo, e os pesquisadores da área deveriam se preocupar em identificar como isso acontece. Portanto, em sua visão, a Bibliografia não poderia ignorar as relações entre sentido, forma e função, se detendo pura e simplesmente nas marcas deixadas no papel (MCKENZIE, 1999).

Para o autor, o princípio básico seria considerar a Bibliografia como a disciplina que estuda tanto os registros dos textos quanto os processos relacionados à sua distribuição. Importante notar que, para ele, estes processos incluiriam tanto a produção quanto a recepção dos textos. Não se trataria apenas de estudar os processos técnicos, mas os processos sociais de sua transmissão. É a essa abordagem diferenciada da Bibliografia, que já estaria sendo praticada antes mesmo que fosse por ele apontada, que McKenzie (1999) denomina Sociologia dos Textos. Ele justifica a escolha do termo. Por “Sociologia” ele compreende a amplitude das realidades sociais às quais o impresso deve atender, sem perder de vista em momento algum a agência humana e a das instituições, que afetam as formas do discurso social tanto em sua produção quanto em sua transmissão e consumo. Já “texto”, na visão do autor, englobaria informação verbal, visual, oral e numérica.

O mais importante que se tira disso é que o estudo dos textos pode ser também o estudo dos mapas, das fotos, dos vídeos, dos áudios, etc. O autor lembra que a amplitude da acepção da palavra “texto” poderia ser encontrada até mesmo em sua origem, do latim *texere*, ou “tecer”, não se referindo ou se restringindo a uma forma material específica (MCKENZIE, 1999).

Em sua noção de Bibliografia como Sociologia dos Textos, McKenzie une historiadores, livreiros, colecionadores, editores, leitores e todos os interessados nos textos e seus registros materiais, bem como suas formas de produção e transmissão. Ele também critica as pesquisas que ignoram o sentido dos textos para além deles mesmos, ou, em outras palavras, que consideram que os textos em si encerram todo seu sentido, ignorando o contexto de sua produção, ou muitas vezes considerando o sentido do texto como produto exclusivo da intenção de um autor. O que ele propõe, em resumo, é: “Um estudo de textos como produtos

mediados em que se poderia encontrar vestígios de significado econômico, social, estético e literário”<sup>11</sup> (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p.10).

Afetada pela Sociologia dos Textos apresentada por McKenzie (1999) – segundo a qual qualquer pesquisa em história do livro não poderia desconsiderar fatores essenciais como, por exemplo, seu contexto político, econômico e social, bem como as intenções do autor e do editor, as formas como eram lidos, como eram transmitidos ou simplesmente esquecidos – começa a ser delineada, nos anos 1980 e 1990, um novo estilo de História do Livro que, capitaneado por autores como Robert Darnton e Roger Chartier, começaria a dar mais importância à materialidade do livro, seus leitores e seus sentidos (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005). Passariam a estudar tanto a produção quanto a difusão de livros sempre em consonância com múltiplos aspectos de seu contexto, se conectando mais à sociologia ao indagar “quem lê o quê, em quais condições, em qual momento e com qual efeito” (DARNTON, 2010a, p. 217).

Como explicam Finkelstein e McCleery (2005), a denominação História do Livro, para muitos, acaba excluindo diferentes interesses de pesquisa. Como alternativa, o termo Cultura Impressa foi empregado sob influência de autores como Henri-Jean Martin, Lucien Febvre e, posteriormente, Elizabeth Eisenstein. Ainda assim, ficaram mais uma vez de fora os interessados em estudar cultura oral, assim como os manuscritos.

Greenspan e Rose (1998) apontam a mesma limitação ao afirmarem que História do Livro não seria um nome satisfatório para a área em questão por duas razões: ela não se limita à história do livro apenas, ou aos historiadores. No lugar disso, o campo proposto descrito por eles englobaria toda a história da comunicação escrita em qualquer mídia. Na introdução ao primeiro volume da *Book History*, considerando a importância de diversas áreas para o crescimento das pesquisas em história do livro nos vinte anos anteriores, os editores destacam que a publicação, que se mostraria de grande influência na área, abriria espaço para:

... a história social, cultural e econômica da autoria, da publicação, da impressão, das artes do livro, dos direitos autorais, da censura, da venda e distribuição de livros, das bibliotecas, da alfabetização, da crítica literária, dos hábitos de leitura e da resposta do leitor. E, ao fazê-lo, vamos livremente desconsiderar as fronteiras disciplinares e profissionais<sup>12</sup> (GREENSPAN; ROSE, 1998, p. IX).

---

<sup>11</sup> Livre tradução de: “a study of texts as mediated products within which one could find traces of economic, social, aesthetic and literary meaning”.

<sup>12</sup> Livre tradução de: “We will explore the social, cultural, and economic history of authorship, publishing, printing, the book arts, copyright, censorship, bookselling and distribution, libraries, literacy, literary criticism,

Esta definição de História do Livro e seu objeto de estudo, por sua natureza abrangente, passa a ser considerada como a mais adequada por estudiosos da área (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005).

### 1.2.2 Oralidade, escrita e impressão: uma perspectiva comunicacional

O objeto de estudo desta tese assenta-se sobre uma confluência interessante entre processos comunicacionais que passam pela oralidade presente nos vídeos da comunidade *booktube*, pela comunicação escrita que se dá nas descrições e interações vinculadas a estes vídeos, e propriamente os livros, que são o tema central da formação das comunidades de interesse que serão analisadas de forma mais aprofundada nos capítulos seguintes. Finkelstein e McCleery (2005) apontam que novas práticas midiáticas têm desafiado a visão de fixidez entre formas de comunicação visual, oral e textual. A discussão que se segue tem como objetivo pontuar, antes que sejam abordadas questões relacionadas às mídias digitais, que supostas passagens de um modelo comunicacional a outro seriam na verdade processos de entrelaçamento.

Cabe aqui destacar como a História do Livro pode ser posicionada em relação à História da Comunicação. A princípio, pode-se afirmar que autores como Walter Ong, Jack Goody e Marshall McLuhan apontam para um modelo simplista para o desenvolvimento da história do livro no ocidente, dividindo-a em três fases que, para eles, são revolucionárias: a primeira seria a mudança da cultura oral para a escrita; a segunda, o desenvolvimento da impressão; e, por fim, o advento do computador e as potenciais mudanças desta tecnologia sobre a cultura impressa (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005).

Eisenstein (1979), influenciada pelas ideias de Marshall McLuhan e Walter Ong, vai analisar a prensa como agente de mudança, buscando compreender os efeitos mais imediatos, assim como os efeitos culturais mais amplos resultantes do surgimento dessa nova técnica na Europa, da Bíblia de Gutenberg à Enciclopédia de Diderot, destacando, em linhas gerais, como resultado, a padronização e preservação do conhecimento, e a possibilidade de publicação de visões diferentes sobre um mesmo assunto.



Antagonizando a lógica proposta por Eisenstein (1979), Johns (1998) vai observar a complexidade dos caminhos que levaram à cultura impressa, destacando, por exemplo, a instabilidade textual e o fato de que a prensa não tem importância em si mesma, mas sim em seus usos e maquinações coletivas. Ele vai pensar os usos ao analisar estes grupos ligados à produção dos impressos, destacando o papel das instituições.

Eisenstein (1979) traça uma linha divisória entre cultura escrita e cultura impressa, posicionando-a na metade do século XVI. Entretanto, escritores e leitores, já no século XVIII continuam usando o manuscrito para produção e circulação de textos, inclusive profissionais, até aproximadamente 1750 (KING, 2014).

Ao analisar a obra da escritora escocesa Elisabeth Grant (1797 – 1885), que compõe seu *memoir* por volta de 1850 e deliberadamente escolhe publicá-lo em forma de manuscrito, King (2014) busca compreender as transformações ocorridas no sistema postal britânico no século XIX e sua relação com os conceitos de publicação impressa (masculinidade, profissionalismo, publicidade) e manuscrita (amadorismo, feminilidade, privacidade). O *memoir* de Grant nos permite reconsiderar o status do manuscrito, naquele contexto, como intimamente relacionado à sociabilidade, já que

... uma ampla gama de escritores e leitores – não só a aristocracia ou mulheres – preferiam a publicação manuscrita pela capacidade de gerenciar comunidades de leitores e oferecer textos que eram continuamente alteráveis e adaptáveis (KING, 2014, p. 300).

Desde o século XVIII a autoria se torna um status profissional, sendo a impressão a norma reconhecida para os textos literários, e no século XIX a produção manuscrita seria separada das obras impressas nas bibliotecas, obscurecendo sua relação com essa mídia (KING, 2014). A circulação dos manuscritos configurava-se como forma de criação de vínculos sociais. Os textos eram mais flexíveis, já que o ato de copiar gerava alterações e mudanças, e o texto manuscrito servia de fuga da censura religiosa, moral e política (BRIGGS; BURKE, 2006).

No início da era moderna, assim como em outros lugares e períodos, muitas vezes a mudança cultural foi mais aditiva do que substitutiva, especialmente nos primeiros estágios de inovação. [...] a velha mídia de comunicação oral e por manuscritos coexistiram e interagiram com a nova mídia impressa, assim como esta, hoje uma mídia antiga, convive com a televisão e a Internet desde o princípio do século XX (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 74).

Portanto, ao investigar essas mudanças da cultura oral para a escrita na comunicação social, por exemplo, entende-se que estas demarcações são, na verdade, extremamente fluidas e, muitas vezes, sobrepostas (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p. 42).

No começo da década de 1980 aqueles que estudavam a história do livro se deparavam com uma desorientadora quantidade de propostas e métodos de pesquisa que, muitas vezes, competiam entre si (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005). Entretanto, como aponta Darnton (2010b, p. 149),

Os livros, quando tratados como objetos de estudo, também se recusam a ficar confinados dentro dos limites de uma única disciplina. Nenhuma delas – a história, a literatura, a economia, a sociologia, a bibliografia – é capaz de fazer justiça a todos os aspectos da vida de um livro.

Diante desta dificuldade de integrar as áreas e auxiliar uma compreensão compartilhada, Robert Darnton propõe, como solução, um modelo geral. Seu Circuito de Comunicação, semelhante a modelos provenientes dos estudos em Comunicação, tinha o objetivo de analisar como os livros se difundiam na sociedade, considerando a natureza multifacetada da produção de textos, bem como suas condições intelectuais, sociais, políticas e econômicas (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005). O Circuito de Comunicação descreve o ciclo de vida que é mais ou menos comum a todos os livros, e a história do livro se interessa tanto pelo circuito completo quanto por cada fase e processo relacionado a ele. Para Darnton (2010b, p. 125-126), trata-se de um ciclo que, a cada etapa, sofre influências intelectuais, de publicidade, da conjuntura econômica e social, além de sanções políticas e legais. Ele

... vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos [...]. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante.

Darnton (2010b) defende uma visão dos livros, de forma holística, como meios de comunicação, devendo ser estudados em relação a outros. Para Finkelstein e McCleery (2005), apesar de imperfeito em diversos aspectos, o Circuito de Comunicação por ele proposto, desde sua formulação, passa a influenciar os estudos de história do livro, cada vez mais atentos ao impacto dos livros na sociedade, ou seja, à “socialização dos textos”.

Considerando a ampla interpretação do que trataria a História do Livro, assim como o Circuito de Comunicação de Darnton, o conceito de mediação aparece nos trabalhos dos historiadores do livro como crucial para destacar como o objeto impresso, ou o livro, é mais do que a forma física das palavras escritas pelo autor. De uma ênfase inicial em se recuperar o sentido do texto, passa-se a uma busca por inserir estes textos no contexto da sociedade.

### 1.3 O negócio do livro

Qualquer discussão que examine as questões mais essenciais relacionadas à disseminação dos livros na sociedade contemporânea – sendo a comunidade *booktube*, no *YouTube*, justamente uma delas – carece de uma melhor compreensão sobre as dinâmicas que influenciaram a configuração atual deste mercado. No entanto, em muitos sentidos analisar os caminhos do livro e o estabelecimento de um negócio livreiro passa também pela compreensão das práticas dos leitores e de sua relação com os livros. Desta forma, os tópicos tratados a seguir dedicam-se a apresentar algumas questões fundamentais sobre o mercado editorial e sobre a história da leitura. Parte-se da premissa de que práticas editoriais e práticas de leitura caminham paralelamente e se influenciam mutuamente na história do livro. Analisar estas práticas implica em buscar um melhor entendimento das relações entre os leitores e seus livros, que para alguns, mais do que suporte material dos textos, tornam-se objeto de desejo e coleção.

Deve-se ao menos retornar, ainda que brevemente, à propalada Revolução do Livro no século XVIII. Os altos preços dos livros foram um obstáculo à expansão acelerada de um público leitor. Como Wittmann (1999) exemplifica, àquela época, pelo preço de um romance, uma família, na Alemanha ou na Inglaterra, poderia se alimentar por duas semanas. Dessa forma, muitos usavam as bibliotecas de empréstimo e as sociedades de leitura. É nesse momento que as mudanças nas práticas culturais de leitura impactaram e foram impactadas por um negócio do livro modernizado tanto em suas formas de produção, quando nas de se comunicar com um emergente público leitor. Passa-se então, de forma gradual, da economia de troca para a monetária, realinhando o mercado de acordo com princípios capitalistas. O livro, a partir da segunda metade do século XVIII, é cada vez mais uma mercadoria cultural, sendo sua produção cada vez mais orientada ao mercado, com novas demandas e formas de divulgar livros, aumento no número de vendedores e uma nova geração de editores que

encaram o Iluminismo como um negócio. Este mercado passa a ter que lidar com os gostos de um público cada vez maior e heterogêneo (WITTMANN, 1999).

No século XIX já é possível falar de um público de massa no mundo ocidental, especificamente na Europa. Trata-se da Era de Ouro do Livro. Este é, curiosamente, o último momento antes que o livro passe a ser desafiado pelos meios de comunicação que emergem no século XX, como o rádio e as outras mídias eletrônicas (LYONS, 1999).

O romance, nas primeiras décadas do século XIX, tem seu status assegurado, sendo considerado expressão máxima da sociedade burguesa. As mudanças e o crescimento do mercado podem ser exemplificados em números. Se no começo do século a tiragem de romances recém-lançados dificilmente ultrapassava as 1500 unidades, por volta de 1870 as obras de Júlio Verne tinham 30 mil cópias e o autor começava, por exemplo, a atingir um grande público e a se tornar um fenômeno editorial da época. Pode-se dizer que as obras mais populares de ficção acabavam por integrar um público leitor que começava a se homogeneizar (LYONS, 1999).

Os editores, agora profissionais mais especializados, como aponta Lyons (1999), não perderam as oportunidades de negócio. Eles percebem, por exemplo, que a ficção publicada de forma serializada poderia gerar mais lucro do que os grandes volumes encadernados. Com a diminuição da discrepância nos níveis de educação entre as mulheres, estas passaram a constituir uma grande parcela do novo público. Estas leitoras “tinham gostos mais seculares, e novas formas de literatura foram projetadas para seu consumo. Entre os gêneros destinados a este novo mercado de leitores estavam livros de culinária, revistas e, sobretudo, a novela popular barata”<sup>13</sup> (LYONS, 1999, p. 317).

Nesta mesma época começava a surgir mais um público consumidor de livros: as crianças. Nos países protestantes, era comum que a alfabetização ocorresse com a ajuda da leitura da Bíblia, mas era crescente a demanda por uma literatura mais secular que fosse também pedagógica, demanda esta que os editores não tardaram a atender com as *Fábulas de La Fontaine*, na França, e *Robinson Crusóé*, um fenômeno global, adaptado em diferentes versões de acordo com faixas etárias (LYONS, 1999).

Se as mulheres e as crianças passam a fazer parte do novo público de literatura, o mesmo se dá com as camadas mais populares. A classe trabalhadora, por exemplo, passava a

---

<sup>13</sup> Livre tradução de: “...more secular tastes, and new forms of literature were designed for their consumption. Among the genres destined for this new market of readers were cookery books, magazines and, above all, the cheap popular novel”.

fazer grande uso das bibliotecas de empréstimo que se espalharam em diversas cidades, e de forma considerável na Inglaterra (LYONS, 1999).

No século XX, os livros são parte integrante da indústria cultural contemporânea. Para Finkelstein e McCleery (2005), eles estão diretamente ligados ao capitalismo e ao consumo, e a uma remodelação da cultura impressa para incorporar as formações da cultura visual que predomina principalmente a partir do século XX, com o cinema, a TV e a Internet. Cabe, então, compreender que configurações são essas do mercado editorial, cujas transformações iniciadas no século XX culminam no contexto atual do negócio do livro.

### 1.3.1 O mercado editorial

Se Darnton estabelece seu Circuito de Comunicação para descrever um ciclo de vida comum e útil para as pesquisas em História do Livro, Thompson (2013), ao estudar o mercado editorial de língua inglesa contemporâneo, destaca que, para se compreender o mundo das publicações comerciais, termo usado por ele para descrever uma categoria de livros mais populares, é essencial conhecer a cadeia editorial. Trata-se de “uma cadeia de atividades em que diferentes agentes ou organizações desempenham diferentes papéis, voltados para um objetivo comum – ou seja, produção, venda e distribuição dessa mercadoria especial, o livro” (THOMPSON, 2013, p. 20).

Uma vez que estabelece uma série de processos que levam o livro às mãos do usuário final, ou seja, o leitor, a cadeia editorial é uma cadeia de suprimento. Ao gerar algum tipo de valor nestes processos, cada elo agregando atributos ao produto final, pode-se dizer que a cadeia editorial é também uma cadeia de valor (THOMPSON, 2013). Ambos esquemas são bem simples, mas auxiliam a compreender as etapas pelas quais a maior parte dos livros passa, da mente do autor às mãos dos leitores, em um processo de retroalimentação.

Para compreender o negócio do livro contemporâneo, é indispensável que se atente para algumas questões muito representativas no que diz respeito às principais mudanças ocorridas a partir da segunda metade do século XX, como aponta Thompson (2013) em sua pesquisa sobre o campo de edições comerciais em língua inglesa. A primeira delas diz respeito ao crescimento das redes varejistas. Mais duas transformações são importantes: o surgimento do agente literário, uma figura de grande relevância para o campo das publicações comerciais; e a emergência, por meio de fusões e aquisições a partir de 1960, das grandes corporações editoriais.

Na primeira metade do século XX as livrarias vendiam para um público mais letrado e as farmácias, lojas de departamento e outros estabelecimentos não focados em livros, atingiam um público mais amplo. Se os anos 1970 foram marcados pelas livrarias em *shopping centers*, na década de 1980 elas sofreram cada vez mais com o surgimento de *megastores* de cadeias como a *Barnes & Noble* e a *Borders*, uma tendência que se confirmou na década seguinte. Com a falência da *Borders*, em 2011, a *Barnes & Noble* permaneceu sozinha em um cenário de grandes transformações no mercado varejista, com a forte concorrência de empresas de *e-commerce* como a *Amazon* (THOMPSON, 2013).

Diretamente atrelada à questão do varejo, está a chamada “revolução da capa dura”, que começa mais ou menos na mesma época em que as livrarias de *shopping centers* começam a se transformar em *megastores* nos Estados Unidos.

A aplicação de estratégias de lançamento de livros de capa dura para o mercado popular combinava muito bem com os métodos não tradicionais de comercialização das redes [...] e o fato de que essas redes estavam abrindo *megastores* em todo o país e desenvolvendo sistemas mais eficientes para suprir suas lojas significava que o volume de livros que poderiam ser lançados no mercado era muito maior do que jamais havia sido. No início dos anos 1970, um livro que vendesse 500 mil exemplares em capa dura teria sido um enorme sucesso, praticamente algo inédito na indústria. Trinta anos mais tarde, um sucesso equivalente seria entre 8 e 10 milhões de exemplares – isto é, quase vinte vezes mais. No início da década de 2000, a venda de livros de capa dura que excedesse 1 milhão de exemplares não era algo incomum (THOMPSON, 2013, p. 45).

Se nos anos 50 e 60 o mercado editorial de publicações populares dependia das vendas dos lançamentos em brochura, a partir de 1980 a base financeira da indústria migrava para os lançamentos em capa dura. Tal fato tem relação direta com a formação de conglomerados, uma vez que editoras de brochura começavam a ver a necessidade de adquirir editoras de capa dura para se tornarem mais competitivas (THOMPSON, 2013).

Se antes da revolução de capa dura a lógica do marketing de massa se aplicava ao mercado de brochuras e era desprezada pelas editoras de capa dura, essas práticas tornaram-se mais comuns em toda a indústria. Por fim, deve-se mencionar uma última transformação importante, que foi o declínio da brochura para o mercado de massa, já que a política de descontos dos varejistas reduziu muito a diferença de preço entre a edição de capa dura e a brochura. Nos anos 70 a brochura chegava a custar um décimo da edição em capa dura. A partir dos anos 90, cerca de um terço.

Além disso, à medida que a geração *baby boomer*, que havia conduzido a revolução da brochura nos anos 1960 e 1970, envelhecia, eles ficaram mais abastados, e suas necessidades começaram a mudar. A diferença entre 5 e 15 dólares por um livro novo importava menos para eles (THOMPSON, 2013, p. 48).

Começa então a ser mais usado o modelo de brochura comercial, maior e com mais qualidade que a brochura de massa<sup>14</sup>, e cada vez mais livros de capa dura eram publicados como brochura comercial após seu lançamento. Buscou-se, nesse contexto, a produção em larga escala global, de forma centralizada, de livros de capa dura para certos gêneros, como os livros de arte da Taschen e os guias de viagem.

Nos anos 90 outra transformação importante começava ao ocorrer, e dizia respeito a uma profunda reestruturação do panorama do varejo: a venda de livros pela internet. Em 1998 a *Amazon* já ocupava o terceiro lugar no ranking de vendas de livros nos Estados Unidos, apenas três anos depois de começar a existir comercialmente. Tem início a era dos varejistas online. Eles competiam tanto com as lojas físicas quanto entre si. Todas estas transformações nos EUA ocorreram de forma semelhante no Reino Unido, com um mesmo padrão, guardadas as peculiaridades de seu contexto e de seus principais personagens, com um domínio do mercado, após a década de 90, pela *Waterstone's*.

Sobre a emergência das corporações editoriais em seu modelo de organização contemporâneo, cabe destacar que essa é, para muitos, uma das mudanças mais notáveis no mercado editorial nas últimas décadas quando se pensa em transformações cujos impactos atingiram simultaneamente diversos países, e uma tendência que se consolidou em toda a indústria da informação e da comunicação. No mercado editorial, especificamente no que diz respeito ao que Thompson (2013) chama de publicações comerciais, percebe-se que um pequeno número de corporações controla uma parcela significativa do mercado, com uma polarização da área que vale tanto nos EUA e Reino Unido quanto em ambos os lados do Atlântico.

Essas fusões e aquisições geraram também um desafio para estas corporações, com um grande volume de títulos para gerenciar, o que resultou na impossibilidade de focar esforços de venda em todos eles. Para sanar esta dificuldade, as grandes corporações aumentaram o ciclo de vendas e adotaram um sistema de priorização de títulos em cada um deles, ainda que, exceto no caso de escritores consagrados, seja impossível prever quais títulos farão mais ou menos sucesso (THOMPSON, 2013).

Thompson (2013) desmistifica a noção de que livros importantes são best-sellers, justamente por essa impossibilidade de prever se os lançamentos serão sucesso de vendas. Se é inerente à *frontlist* – ou seja, aos títulos de lançamento –, um elemento de risco e

---

<sup>14</sup> A brochura comercial é chamada de *trade paperback*, e a brochura de massa é conhecida como *mass market paperback*.

indeterminação, a *backlist*, especialmente com obras de autores renomados, revela-se uma fonte de receita confiável, principalmente em se tratando de títulos de ficção. Entretanto, algumas transformações no varejo de livros apontam para uma desvalorização da *backlist*, ainda que sejam de grande relevância para as editoras, e para um grande incentivo em se investir em lançamentos.

Algumas editoras comerciais, como a Hyperion, de propriedade da corporação Disney, são majoritariamente voltadas para a *frontlist*; ela tem relativamente poucos títulos na *backlist*, totalizando aproximadamente 20% de suas vendas, e depende muito de sua capacidade de lançar uma variedade de *best-sellers* da *frontlist* todo ano para atingir as metas de vendas. [...] As grandes editoras corporativas encontram-se em um ponto intermediário. Para aquelas corporações com grandes *backlists*, como a Penguin e a Random House, as vendas de títulos da *backlist*, normalmente, respondem por 30% a 40% da receita total; para aquelas com *backlists* menores, como a Simon & Shuster, a proporção está mais entre 25% e 30%. Isso significa que, para as grandes corporações, algo entre 60% e 75% da receita gerada a cada ano deve vir de novos lançamentos (THOMPSON, 2013, p. 240-241).

A onda de fusões não passou despercebida no cenário brasileiro. Em 2015 ocorreu a integração entre a *Companhia das Letras* e a *Objetiva* (MEIRELES, 2015), que era controlada pela gigante *Penguin Random House* desde 2014 (OBJETIVA, 2014). Este é apenas um exemplo de que o mercado nacional não está alheio às mudanças, inclusive no varejo. Por exemplo, a *Amazon* chegou no país em 2015, praticando descontos de até 90% em diversos títulos em datas especiais, como na *Black Friday* brasileira (RODRIGUES, 2016). O mercado editorial nacional, muito menor e menos significativo do que o mercado editorial de língua inglesa, analisado por Thompson (2013), sofreu os impactos das transformações ocorridas naquele cenário, replicando-as à sua maneira e contexto, e com muita velocidade vem trazendo para o país a publicação traduzida de vários *best-sellers*.

Em linhas gerais, nos próximos itens pretende-se analisar a produção de sentidos na leitura de livros através de vídeos da comunidade *booktube*. Esta breve exploração sobre o mercado editorial de língua inglesa, portanto, supre a necessidade de melhor compreendê-lo, já que a comunidade *booktube*, ainda que tenha se configurado em diferentes línguas, é notadamente concentrada em canais em língua inglesa. Outro ponto que confirma esta escolha é o fato de que muitos dos títulos mencionados nos vídeos são originalmente escritos em inglês, mesmo nos canais em outras línguas, como ocorre nos canais de *booktube* brasileiros.

Não seria possível analisar, nesta tese, toda a comunidade *booktube*. Ainda que ela apresente diversos fatores em comum, principalmente as práticas e modos de publicar e de participar destes canais, o foco desta pesquisa é a comunidade *booktube* que assiste e publica



vídeos em língua inglesa, buscando alguns contrapontos na comunidade brasileira. Mas, antes, há outras considerações a serem feitas sobre os leitores e seus livros.

### 1.3.2 O leitor e seus livros

A história da leitura começa no momento em que um escriba deixa, sobre materiais como argila, pedra ou madeira, marcas que podem ser decifradas por outra pessoa, permanecendo, neste período, como forma primitiva de decodificação muito restrita a um pequeno grupo. A passagem da leitura de uma atividade comunal para individualizada tem relação com o aumento das coleções privadas e das bibliotecas, que mais tarde atenderiam àqueles que não tivessem condições de adquirir as obras. Essa história remonta, por exemplo, à Roma Antiga. A primeira biblioteca pública em Roma é aberta em 36 a.C. No século II a cidade teria sete delas, e a existência de cópias tanto nestas bibliotecas públicas quanto nas privadas auxiliaram sua preservação mesmo após o fim da hegemonia de Roma no ocidente (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005).

Na Idade Média, no entanto, a Igreja praticamente detém o monopólio sobre a produção de livros. Passam a existir bibliotecas eclesiásticas, em muitas das quais os livros são presos por cadeados às estantes ou mesas de leitura. Quando começam a ser fundadas as primeiras universidades, no começo do século XIII, na Europa, a forma de ensino se baseia nas *Lectures*, leituras em voz alta de textos, encorajando a transcrição pelos próprios alunos. “Assim cada estudante começaria a construir sua parca, mas pessoal, coleção de livros”<sup>15</sup> (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p. 106). Juntamente com uma crescente classe mercantil, estes estudantes formados pelas universidades são um exemplo da secularização da leitura que começa a ocorrer nas sociedades urbanas.

A nobreza, uma vez libertada dos deveres marciais e de uma seleção darwiniana baseada em habilidades marciais, começou também a desenvolver um interesse na coleção de livros e na busca da leitura, enquanto as esposas e filhas da nobreza começaram a ir além do Livro das Horas e outras obras de piedade a textos claramente mais seculares<sup>16</sup> (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p. 106).

---

<sup>15</sup> Livre tradução de: “So each student would begin to build up his own meager but personal collection of books”.

<sup>16</sup> Livre tradução de: “The nobility, once freed from martial duties and a Darwinian selection based on martial skills, began too to develop an interest in the collection of books and the pursuit of reading, while the wives and daughters of the nobility started to move beyond Book of Hours and other works of piety to more clearly secular texts”.

Nesta época os livros continuavam sendo caros, muitas vezes constando em testamentos como herança. É apenas no final do século XVII e século XVIII que cresce o número de leitores, e que se desenvolvem novas formas de publicação para atender seus gostos. Na França, por exemplo, a leitura popular é encorajada pela publicação da Biblioteca Azul, exemplares de baixo custo com conteúdo editado especificamente para seu público.

Como apontado anteriormente, no mesmo período surge o gênero Romance, relacionado ao aparecimento de uma burguesia crescente, com a popularidade de obras tais quais *Robinson Crusoe* e *Don Quixote* na Europa e América do Norte. Finkelstein e McCleery (2005) apontam como indício desta popularidade o número de reclamações e críticas sobre a prática de leitura como algo trivial.

Um índice dessa popularidade é o número de queixas sobre o efeito corruptor de tanta ficção, em um eco de Platão que pode ser ouvido até hoje, ou o desperdício de tempo envolvido em uma ocupação tão trivial. Ler na cama, com a iluminação melhorada de uma lâmpada a óleo, era agora mais comum, mas atraía mais críticas. A leitura tornou-se definitivamente individual e introspectiva<sup>17</sup> (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p. 112).

Um dos pontos destacados neste capítulo é que, do século XVII ao XVIII, há uma maior coexistência da leitura intensiva com a extensiva, com leitores vorazes lendo, o máximo que conseguiam, de tudo um pouco. Cada vez mais se tem a produção de livros a baixos preços e focados em atender aos gostos de um número crescente de pessoas capacitadas à leitura. As radicais mudanças no século XIX, então, atingiram o universo do livro. Barreiras fiscais foram retiradas em muitos países. Surge também a possibilidade de participar de listas de espera para empréstimo de obras em bibliotecas e clubes, e o livro se transforma na atividade preferida daqueles que usam transportes cada vez mais populares, como os trens. É apenas com o advento de novas mídias como cinema e rádio, e posteriormente a televisão, no século XX, que o livro perde seu status de mídia de massa, mas preserva sua importância (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005). Entretanto, essa mudança não impediu que a globalização da mídia afetasse a recente história do livro, em especial em três áreas que podem impactar seu futuro:

A propriedade predominante transnacional do setor de publicação de livros da mídia;  
O aumento do fluxo transnacional de livros, não como objetos materiais, mas como

---

<sup>17</sup> Livre tradução de: “One index of that popularity is the number of complaints about either the corrupting effect of so much fiction, in an echo of Plato that can be heard even today, or the waste of time involved in such a trivial pursuit. Reading in bed, with the improved illumination from an oil lamp, was now more common but drew greatest criticism. Reading had become definitively individual and introspective”.

a fonte de textos que podem ser traduzidos para outras línguas e para outros meios de comunicação; E a alegada semelhança de uma cultura transnacional<sup>18</sup> (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p. 121-22).

O livro como produto de conglomerados de mídia encontra um mercado internacional antes só alcançado por livros como a Bíblia. Finkelstein e McCleery (2005) descrevem o sucesso de *Harry Potter* e suas traduções para diversas línguas, bem como adaptações para filmes. Seu sucesso, para eles,

... tem sido reforçado por vendas cruzadas entre os mercados para crianças e para adultos incentivados pelos editores do livro, por exemplo, na oferta de sobrecapas ou miolos diferentes para cada público; e foi otimizado pela manipulação das agendas de publicação de *hardbacks* e *paperbacks* para garantir a compra máxima do formato mais caro antes que o mais barato seja lançado em uma nova onda de publicidade e expectativa<sup>19</sup> (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p. 125).

Este alcance internacional de obras publicadas por grandes conglomerados, que são adaptadas para o cinema, podem constituir uma homogeneização da cultura internacional, mas não tiram a importância das trocas sociais que ocorrem ao redor do livro. Considerando as produções de sentido associadas à leitura destas obras, tem-se uma realidade na qual o fato de vários leitores lerem o mesmo texto não resulta necessariamente em um grande número de interpretações, até porque valores compartilhados limitam isso, e sentidos comuns aos textos indicam a possibilidade de participação em comunidades interpretativas, grupos de indivíduos entre os quais experiências, referências culturais e valores são compartilhados, tornando a leitura não apenas um ato de interpretação pessoal, mas também atividade de distinção social, ambos aspectos se intersectando e se fundindo (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005).

No contexto atual, mesmo com pesquisas revelando a queda de índices de leitura de livros, para muitos o livro continua sendo um objeto de desejo e coleção, o que pode ser observado na comunidade *booktube*. Assim, a seguir destaca-se alguns pontos importantes para a compreensão de relações entre livros e leitores, já que alguns tornam-se também, em certa medida, colecionadores.

---

<sup>18</sup> Livre tradução de: “the predominant transnational ownership of the book-publishing sector of the media; the increased transnational flow of books, not as material objects but as the source of texts that can be translated both into other languages and into other media; and the alleged commonality of transnational culture”.

<sup>19</sup> Livre tradução de: “it has been strengthened by crossover sales between the children’s and adult markets encouraged by the book’s publishers, for example, in the provision of separate jackets or covers for each; and it has been optimized by the manipulation of hardback and paperback publishing schedules to ensure maximum purchase of the more expensive format before the cheaper is issued on a fresh wave of publicity and expectation”.

As práticas de coleção não são fenômenos novos. O livro desde seus primórdios passa a ser guardado como objeto precioso, em coleções tanto públicas quanto privadas. Tais práticas se desenvolvem juntamente com a popularização dos livros, e com acesso facilitado a obras que caem no gosto popular. Entretanto, a prática de coleção pode ser diferenciada de acordo com diferentes momentos históricos e contextos.

Em diversas partes do mundo os denominados bibliófilos se ocupam em encontrar, adquirir e colecionar obras raras, e a raridade destas obras pode estar associada à ocasião de sua publicação, autoria, ou algum atributo que lhe confira singularidade. Tais colecionadores representam uma minoria, já que tais obras possuem alto valor devido à sua baixa disponibilidade. Entretanto, a palavra “bibliofilia”, em si mesma, diz respeito apenas ao amor por livros, de maneira geral, enquanto “bibliomania” denotaria uma exacerbação deste sentimento em forma de aquisição desenfreada de obras com motivações variadas.

Existem várias espécies de bibliófilos; há muitas espécies de bibliomaníacos. Alguns admiram os livros pelo que eles contêm; outros por sua bela tipografia, papel feito à mão, ilustrações artísticas, amplas margens, bordas não cortadas, etc.; e há outros que atribuem mais importância ao número limitado de cópias emitidas do que ao conteúdo ou mão-de-obra<sup>20</sup> (HARPER, 1904, p. 15-16).

Em 1809 Thomas Dibdin (1950) definiu bibliomania como “loucura dos livros”, satirizando a história e as práticas dos colecionadores aficionados, os sintomas da “doença” e as formas de cura. Em um dos trechos o autor tece um catálogo de vítimas da bibliomania, passando por reis e figuras eruditas, sempre do sexo masculino, das classes mais abastadas ou média, tendo o camponês ou artífice, de acordo com ele, escapado incólume:

O primeiro personagem eminente que parece ter sido infectado com esta doença foi RICHARD DE BURY, um dos tutores de Eduardo III, e mais tarde Bispo de Durham; Um homem que foi louvado uniformemente pela variedade de sua erudição e pela intensidade de seu ardor na coleta de livros. Não descubro nenhum outro exemplo notório da fatalidade da BIBLIOMANIA até a época de Henrique VII; Quando o próprio monarca pode ser considerado como tendo acrescentado ao número. Embora nosso venerável tipógrafo, Caxton, louva e magnifica, com igual sinceridade, toda a linha de reis britânicos, de Edward IV a Henry VII<sup>21</sup> (DIBDIN; HEBER, 1809, p. 16-17).

---

<sup>20</sup> Livre tradução de: “There are several species of bibliophiles; there are many species of bibliomaniacs. Some admire books for what they contain; others for their beautiful type, hand-made paper, artistic illustrations, ample margins, untrimmed edges, etc.; and there are others who attach more importance to the limited number of copies issued than to either the contents or workmanship”.

<sup>21</sup> Livre tradução de: “The first eminent character who appears to have been infected with this disease was RICHARD DE BURY, one of the tutors of Edward III., and afterwards Bishop of Durham; a man who has been uniformly praised for the variety of his erudition, and the intenseness of his ardour in book-collecting. I do not

Pode-se perceber, nos levantamentos sobre tais práticas, certos juízos de valor em relação ao ato de colecionar livros. Se em reflexões como a de Roberts (1985) não há correlação direta entre a erudição de um indivíduo e o tamanho de sua biblioteca, o autor não poupa críticas ao que ele chama de “muitas variedades de colecionadores ignorantes”:

Diferindo em muitos pontos, e muitas vezes materiais, assim como um colecionador de livros difere de outro, pode-se dizer que a paixão por colecionar se concentra em dois hábitos bem definidos. Um homem ou coleciona livros para seu próprio benefício intelectual, ou por pura vaidade ostentosa. [...] O segundo tipo de entusiasta do livro tem dois dos fatores mais poderosos em sua carreira aparentemente imprudente - seu próprio livro - a ganância, e o livreiro que fornece e lucra por ele<sup>22</sup> (ROBERTS, 1895, p. XVI-XVII).

Ferris (2009) se ocupa mais detalhadamente de indivíduos que, principalmente no século XIX, durante o Período Regencial, no Reino Unido, são identificados por práticas de bibliomania. De acordo com a pesquisadora, é apenas atualmente que a bibliomania vem recebendo uma atenção mais crítica e séria, tendo sido ridicularizada em seu próprio tempo, e ignorada tanto em estudos literários quanto históricos.

No período que Ferris (2009) analisa, bibliomania diz respeito às práticas de coleção de livros que se tornaram uma febre durante a Regência, e se concentravam especialmente em colecionar primeiras impressões, ocasionando uma superinflação destas obras. Para a autora, tais práticas são um sintoma de uma reconfiguração da cultura livresca e da própria literatura. Revisitando as relações entremeadas, no começo do século XIX, de uma cultura do livro e uma cultura literária, Ferris (2009) traz à tona a figura do *book-man* – controversa devido à sua atração pela forma material dos livros, deveras frívola, fruto de uma subcultura masculina devotada à impressão – e seus clubes de leitura. Clubes como o *Roxburghe*, fundado em 1812 e conhecido atualmente como a associação de bibliófilos mais antiga, voltada para a impressão de documentos não publicados e republicação de obras. Possui sempre quarenta membros e sua criação foi inspirada por seu membro fundador, Thomas Dubdin (ROXBURGHE CLUB, 2016).

---

discover no other notorious example of the fatality of the BIBLIOMANIA until the time of Henry VII.; when the monarch himself may be considered as having added to the number. Although our venerable typographer, Caxton, lauds and magnifies, with equal sincerity, the whole line of British Kings, from Edward IV to Henry VII”.

<sup>22</sup> Livre tradução de: “Differing in many, and often material, points as one book-collector does from another, the entire passion for collecting may be said to focus itself into two well-defined grooves. A man either collects books for his own intellectual profit, or out of pure ostentatious vanity. [...] The second type of book-enthusiast has two of the most powerful factors in his apparently reckless career—his own book-greed, and the bookseller who supplies and profits by him”.

Ferris (2009) fala também sobre o fenômeno de estetização de objetos utilitários do cotidiano, como comida, roupas e livros, subvertendo a atribuição do valor de tais objetos. Ela identifica como problemática a transformação de palavras e livros em coisas, no lugar de enxergá-los apenas como meio de transmissão de conhecimento. Para a autora, essa cultura livresca parece não refletir sobre seu desperdício, exagero e natureza supérflua.

A cultura literária do século XIX teria sido forjada com uma intensificada atenção à forma material do livro, gerando também uma reação a esta prática, permanecendo a disputa entre o objeto livro e seu conteúdo uma questão paradoxal para a literatura.

O gosto por literatura e o gosto por livros não necessariamente andam de mãos dadas. Uma figura de época como o *book-man* abre-se para ver uma disjunção muitas vezes oculta, que definiu a disputa entre livro por fora e por dentro, e que tornou o livro impresso em si mesmo um importante, senão paradoxal, problema da literatura<sup>23</sup> (FERRIS, 2009, p. 52).

Ferris (2009), no contexto que analisa, enxerga um antagonismo aparentemente irreconciliável entre a paixão pelas belas encadernações – a forma material do livro –, e o gosto por seu conteúdo. Essa discussão é aqui apresentada porque ilustra de forma pontual uma visão que propõe a estetização do livro como fenômeno problemático.

Nem sempre coleções de livros são construídas com uma preocupação essencialmente estética, como era o caso dos *book-man* na Inglaterra. Diferentes são as motivações de cada leitor para colecionar livros, mas as próprias coleções são capazes de, em certa medida, representar seus donos e sua relação com a leitura. Para Manguel (2006), as coleções organizadas em bibliotecas são autobiográficas e por isso mesmo um reflexo do proprietário. Ao utilizar a organização de sua biblioteca pessoal como desculpa para tratar sobre o tema, o autor tece reflexões que, ainda que não utilizem a palavra “bibliofilia”, parecem descrever uma prática mais moderna dela, não necessariamente centrada na raridade dos livros, mas em conexões pessoais e afetivas que são estabelecidas com as obras, das mais luxuosas às mais populares. Para o autor, a biblioteca particular é um “reino privado” que se multiplica e está fadado à falta de espaço, com a quantidade de livros sempre ultrapassando a quantidade de espaço disponível. Ter ou não lido toda as obras não seria motivo de ansiedade, assim como a coleção e aquisição de livros lhe parecem atos livres de culpa.

---

<sup>23</sup> Livre tradução de: “Literariness and bookishness did not necessarily go hand-in-hand. A period figure like the book-man opens up to view an often occluded disjunction, one that defined the contest between outward and inward book, and which rendered the printed book itself in an important if paradoxical sense literature’s problem.”.

Não tenho nenhum sentimento de culpa diante dos livros que não li e talvez jamais lerei; sei que meus livros têm uma paciência ilimitada. Vão esperar por mim até o fim de meus dias. Não exigem que eu finja conhecê-los todos, nem insistem para que eu me torne um daqueles ‘profissionais do livro’ imaginados por Flann O’Brien, que colecionam livros com afã mas não os lêem, e que poderiam (diz O’Brien) ganhar a vida ‘lidando’ com os livros a uma taxa modesta, fazendo que estes pareçam lidos, forjando inscrições e comentários nas margens, até mesmo inserindo programas de teatro e outros papéis efêmeros entre as páginas virgens (MANGUEL, 2006, p. 210-11).

De forma semelhante, Eco (2014) não apenas defende legitimidade da formação de amplas coleções de livros, mas também analisa as relações entre os indivíduos e os livros impressos, destacando a possibilidade do colecionismo, mesmo para leitores que não são necessariamente abastados. Além disso, para ele, algumas vezes o colecionador pode também ser um bibliófilo, e vice-versa.

Entende-se aqui que as fronteiras entre bibliomania, bibliofilia e colecionismo são deveras tênues, ao menos no que diz respeito ao possível uso destas denominações para os amantes de livros e suas estantes. Elas têm em comum um gosto pelo impresso como principal suporte textual. Este objeto, como discutido no começo deste subcapítulo, é um produto criado para atender os gostos do leitor, que com a emergência das mídias sociais, como veremos adiante, passou a se apropriar de diversas formas de sua sua imagem e de seu conteúdo.

## 2 FALANDO DE LIVROS NO YOUTUBE

Este capítulo tem como objetivo examinar novos arranjos de produção e consumo relacionados ao advento das mídias digitais e da internet sobre o universo dos livros e da leitura, especificamente no que diz respeito às formas através das quais tem-se falado sobre livros nas mídias digitais. Busca-se analisar como as transformações relacionadas à popularização destas tecnologias vêm transformando o negócio do livro, seja nos seus processos internos, seja na circulação de informações sobre obras literárias entre leitores.

Parte-se da premissa de que falar sobre livros, colecioná-los e buscar informações sobre leitura são “modos de fazer”, retomando aqui a análise de Certeau (2014) ao apresentar o ato de ler como uma das táticas engendradas no cotidiano. Em especial, considera-se a noção de Certeau (2014) de que a leitura, enquanto consumo, é também um ato criativo que envolve a apropriação, ainda que momentânea, dos textos pelos seus leitores.

O ato de falar sobre livros ou buscar informações sobre os mesmos seriam táticas empregadas pelos leitores para atingirem resultados específicos. Entretanto, no contexto atual em que tudo é passível de se transformar em mercadoria ou oportunidade de promoção e vendas, argumenta-se que o próprio negócio do livro, com suas estratégias, se apropriou de muitas destas práticas para promover seus produtos, como mostraremos neste capítulo.

Se em certa medida estas estratégias utilizam os processos de curadoria informatizada de obras, sugeridas aos leitores em suas caixas de e-mail ou em ferramentas de busca, o século XXI viu emergir uma nova forma de se fazer publicidade na internet através de figuras que, a princípio anônimas, ganham notoriedade na web. Os influenciadores digitais, como vêm sendo chamados, são estes indivíduos que, ao criarem conteúdo na web, tornaram-se (e vem se tornando) autoridade e referências em suas respectivas áreas para determinados públicos.

Não tardou para que o fenômeno alcançasse o universo da literatura. Estes leitores, que se transformaram efetivamente em criadores de conteúdo, publicam suas opiniões e ideias em *blogs*, *vlogs* e mídias sociais diversas, ganhando – em maior ou menor escala – fiéis seguidores dispostos não apenas a ouvi-los, mas principalmente a serem influenciados por eles. No caso analisado nesta pesquisa, essa influência se dá potencialmente em três esferas: na compra de livros, na escolha de obras para leitura e na produção de sentidos sobre as mesmas.



Por fim, mapeadas as principais formas de se acessar, criar e compartilhar informações sobre livros na web, passa-se ao exame do *YouTube* como plataforma de circulação de conteúdos em vídeo sobre livros. Para além do modelo confessional dos *vlogs*, popularizado através desta plataforma, serão analisadas outras formas de difusão conteúdo de literário no *YouTube*, principalmente com vídeos que mediam diferentes obras usando as mais variadas táticas para envolver o espectador.

## 2.1 Novos arranjos de produção e consumo

O desafio de falar de produção e consumo no século XXI reside na tênue distinção que se pode tecer entre estas esferas as quais, por muito tempo, separaram atividades diferentes. Naturalmente, desde sempre produtores ou criadores foram, em certa medida, também consumidores. Não se pode ignorar, tomando como exemplo o universo dos livros, que aqueles que os criam e os publicam têm como alvo um determinado leitor, e que sua mera existência já é fator de grande influência na articulação destas obras. O que se argumenta aqui é que as mídias tradicionais vêm há muito utilizando um modelo de comunicação predominantemente vertical, em que profissionais da área definem o que chegará ou não ao público. O que será ou não publicado. Nesta situação, pode-se enxergar melhor a velha barreira entre quem produz e quem consome. Quem publica e quem compra. Quem escreve e quem lê livros.

Ao contrário do que muitos entusiastas das tecnologias afirmam, a ascensão das mídias digitais não jogou por terra estas estruturas. Elas continuam existindo, mas dividem espaço com arranjos de produção e consumo nos quais a comunicação “muitos para muitos”, ainda que com certas limitações, se aproxima dos ideais de comunicação livre e ubíqua que estão no seio da cultura da internet. É preciso pontuar que a possibilidade de criar conteúdos e distribuí-los sem as mesmas tradicionais figuras atuando como filtros não é uma exclusividade das mídias digitais. Essa ideia de “novo” deve, portanto, ser relativizada. Por exemplo, o estudo de King (2014) sobre os manuscritos de Elisabeth Grant, escritos por volta de 1850, demonstra como seu *memoir*, feito à mão em dois volumes, foi distribuído em redes de comunicação usando o sistema postal na Escócia. O estudo mostra que, mesmo em tempos de impressão, o manuscrito continuava a existir como conteúdo circulando fora da esfera privada. De forma semelhante, os novos arranjos de produção e consumo de conteúdo literário tratados a seguir não se inserem numa ótica de mudanças midiáticas repentinas e

sequenciais. Novas práticas vêm coexistindo com as anteriores e muitas vezes se misturando a elas. Ainda assim, não se deve perder de vista que o alcance hoje possibilitado pelas conexões em rede conferem uma nova dimensão ao ato criativo e à sua disseminação em escala global. Em um contexto em que todo tipo de informação pode ser encontrado na internet, é possível usar esse conhecimento para criar seus próprios conteúdos, em um processo aparentemente infinito de retroalimentação em que muitos consumidores assumem também o papel de produtores, fazendo com que, em muitas situações, o sentido desta distinção desapareça.

Feitas estas considerações, os tópicos a seguir buscam discutir a leitura como consumo cultural inserido em um novo conjunto de formas de participar. O ato de ler é apresentado como uma ação que começa antes e continua mesmo depois do fim da leitura, em um contexto no qual circula todo tipo de informação.

O computador pessoal e a internet possibilitaram aos leitores a formação de comunidades online de comum interesse, assim como a criação e compartilhamento de conteúdos sobre livros tanto em blogs quanto em mídias sociais de diversos tipos. As transformações no circuito de comunicação do livro também foram notáveis. Enquanto os formatos digitais no começo da década de 2000 geraram questionamentos sobre o futuro do livro, uma revolução mais silenciosa acontecia gradualmente em todos os processos de sua produção, distribuição e venda.

### 2.1.1 O cotidiano e as mídias sociais

Ler livros, colecionar livros, assistir a vídeos sobre livros. Estas e outras práticas diretamente relacionadas a esta tese são exemplos de modos de consumo cultural. Tratam-se de práticas cotidianas e de ocupação do tempo livre para a comunidade de leitores a qual se deseja investigar e, para compreendê-las, tomamos Certeau (2014) como ponto de partida.

Em *A Invenção do Cotidiano*, Certeau (2014) propõe um exame dos modos de fazer, sugerindo formas de pensar práticas cotidianas na quais consumo e recepção seriam maneiras de praticar dos consumidores. O consumo dos produtos, para o autor, não seria um ato passivo, mas atividade criadora.

Ao examinar o que chama de “modos de fazer” sem propor um regresso ao indivíduo, Certeau (2014) escapa do atomismo social, postulado histórico que considera o indivíduo como unidade elementar da sociedade. Ele investiga as “operações dos usuários”, ou

“consumidores”, supostamente passivos e dominados, fornecendo outras perspectivas possíveis.

De um lado, a análise mostra que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. De outro lado, e sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo (CERTEAU, 2014, p. 37).

A questão dos usos e do consumo é delimitada pelo autor, para o qual a circulação de uma representação não implica no que ela significa para seus usuários. Apenas após uma análise de como ela é manipulada é que se pode “apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 2014, p. 39). A título de exemplo, o autor usa a linguística: o ato falar não se reduz ao conhecimento da língua. O ato enunciativo é apresentado contendo quatro características, presentes também em outras práticas. No exemplo dado, o ato de falar...

... *opera* no campo de um sistema linguístico; coloca em jogo uma *apropriação*, ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um *presente* relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um *contrato com o outro* (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações (CERTEAU, 2014, p. 40).

Certeau apresenta e desenvolve dois conceitos que serão essenciais para o exame dos modos de fazer propostos em sua obra: o de estratégia e o de tática. Estratégia é definida como “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’” (CERTEAU, 2014, p. 45). De maneira oposta, a tática só teria por lugar o do outro, jogando com acontecimentos para transformá-los em “ocasiões”. Consistem em tática muitas das práticas cotidianas, tais quais ler, falar, cozinhar, e grande parte das “maneiras de fazer”.

... as táticas apresentam continuidades e permanências. Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfrelamento das estabilidades locais como não estando mais fixadas por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem os consumidores a imigrantes em um sistema demasiadamente vasto para ser o deles e com as malhas demasiadamente apertadas para que pudessem escapar-lhe. [...] Essas táticas manifestam-se igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição (CERTEAU, 2014, p. 46-47).

Certeau defende a leitura como prática criadora ou, como ele descreve, uma dança efêmera, cheia de improvisos na qual quem lê “não se garante contra o gasto do tempo [...] a não ser pela compra do objeto (livro, imagem) que é apenas o *ersatz* (o resíduo ou promessa de instantes ‘perdidos’ na leitura)” (CERTEAU, 2014, p. 48).

Certeau aqui se faz central como referencial teórico primeiramente ao apresentar uma visão liberta da lógica produtivista, segundo a qual os consumidores são desprovidos de criatividade, passivos e sem papel histórico. Ele, por exemplo, considera os processos de apropriação e reapropriação impossíveis de dissociar do ato da leitura, considerando-a um modo de fazer que não é passividade, mas atividade criadora “que [como já citado] torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado” (CERTEAU, 2014, p. 48). Sua visão rompe com a noção de que o público é moldado pelo escrito, deixando-se “*imprimir* pelo texto e como o texto que lhe é imposto” (CERTEAU, 2014, p. 238).

Em segundo lugar, destaca-se o fato de sua pesquisa dedicar-se principalmente ao que chama de “práticas dos espaços”, formas de frequentar lugares, modos de viver situações “reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres” (CERTEAU, 2014, p. 49).

Cabe, portanto, tentar pensar esta noção de estratégias e táticas de Certeau no contexto da nova cena midiática. Esta, para Manovich (2009), não é simplesmente uma versão ampliada da cultura midiática do século XX. O autor desenvolve este argumento ao descrever o surgimento das mídias sociais. De uma internet dos anos 90, majoritariamente um meio de publicação, para os anos 2000, na qual se torna cada vez mais um meio de comunicação, uma tendência que permanece válida hoje. Naturalmente, “... estas tendências não significam que cada usuário se tornou um produtor ou que cada usuário consome principalmente material amador”<sup>24</sup> (MANOVICH, 2009, p. 320).

Manovich (2009) faz uma tentativa de compreender as estratégias e táticas de Michel de Certeau em um contexto no qual circulam, na internet, conteúdos gerados por usuários. Para ele, a criação e troca destes conteúdos foram muito celebradas, especialmente pelas possibilidades de usos pela juventude e por ativistas. No entanto, estes grupos, que passariam a dispor de ferramentas para suas causas, não representariam as centenas de milhões de usuários de internet que também a acessariam para compartilhar conteúdo. O que Manovich

---

<sup>24</sup> Livre tradução de: “... these trends do not mean that every user has become a producer or that every user consumes mostly amateur material”.

destaca é uma certa ausência, à época da publicação deste artigo, de questionamentos críticos como, por exemplo:

... em que medida o fenômeno do conteúdo gerado por usuário é impulsionado pela indústria de eletrônicos [...] ou em que medida o fenômeno do conteúdo gerado por usuário é também impulsionado pelas próprias empresas de mídia social [...]? Tendo em conta que uma porcentagem significativa de conteúdo gerado pelo usuário segue modelos e convenções estabelecidos pelos conteúdos produzidos, isso significa que as identidades e imaginação das pessoas estão agora ainda mais firmemente colonizados pela mídia comercial do que eram no século XX?<sup>25</sup> (MANOVICH, 2009, p. 321).

Usando a reflexão de Manovich sobre os entrelaçamentos entre táticas e estratégias, o mesmo tipo de indagação pode ser feito ao se pensar os conteúdos sobre livros criados e compartilhados por usuários na web. Em que medida estes conteúdos são espontâneos, e em que medida são impulsionados pelas editoras e varejistas do livro?

Como aponta Certeau, nas sociedades modernas a maioria dos objetos que as pessoas usam em suas vidas diárias são bens produzidos em massa; esses bens são as expressões das estratégias dos designers, produtores e comerciantes. As pessoas constroem seus mundos e identidades fora destes objetos prontamente disponíveis usando diferentes táticas: bricolagem, montagem, personalização, e – para usar um termo que não fazia parte do vocabulário de Certeau, mas que se tornou importante hoje – Remix<sup>26</sup> (MANOVICH, 2009, p. 322).

Para Manovich (2009), ainda que as ideias de Certeau sejam um excelente paradigma intelectual para se pensar práticas culturais, na cultura do consumidor algumas transformações foram substanciais e merecem nota. Para o autor, especialmente no que diz respeito a softwares, jogos eletrônicos e indústrias digitais como um todo, estratégias e táticas estariam ligadas em um relacionamento interativo. Ele explica que desde a época de publicação de *A Invenção do Cotidiano* (CERTEAU, 2014), empresas estariam tentando imitar táticas dos consumidores, mas que agora a lógica de ambas, táticas e estratégias, teriam se misturado em uma nova e dramática configuração.

---

<sup>25</sup> Livre tradução de: “... to what extent is the phenomenon of user-generated content driven by the consumer electronics industry [...] or to what extent is the phenomenon of user-generated content also driven by social media companies themselves [...]? Given that a significant percentage of user-generated content either follows the templates and conventions set up by the produced content, does this mean that people's identities and imaginations are now even more firmly colonized by commercial media than they were in the twentieth century?”.

<sup>26</sup> Livre tradução de: “As de Certeau points out, in modern societies most of the objects that people use in their everyday lives are mass-produced goods; these goods are the expressions of strategies of designers, producers, and marketers. People build their worlds and identities out of these readily available objects by using different tactics: bricolage, assembly, customization, and –to use a term that was not a part of de Certeau's vocabulary but that has become important today – remix”.

Na década de 80, as empresas tentavam transformar movimentos de subcultura em produtos. Logo, “para opor-se ao *mainstream*, tem-se agora uma abundância de estilos de vida – acompanhados por todos os aspectos subculturais, de estilos musicais e visuais a roupas e gírias – disponíveis para compra”<sup>27</sup> (MANOVICH, 2009, p. 324).

Nos anos 2000, essa transformação teria tomado outros rumos. Para acomodar a explosão de conteúdos em formato digital gerados por usuários, companhias de web 2.0 desenvolveram diversas ferramentas e, como resultado, detalhes sobre as vidas de centenas de milhares de pessoas tornaram-se públicos. Assim,

O que era efêmero, transitório, impossível de mapear e invisível, tornou-se permanente, mapeável e visível. Plataformas de mídia social dão aos usuários espaço ilimitado para o armazenamento e uma abundância de ferramentas para organizar, promover e transmitir seus pensamentos, opiniões, comportamentos e mídias<sup>28</sup> (MANOVICH, 2009, p. 324).

Enquanto que para Certeau as estratégias trabalhariam no sentido de impor ordem, estrutura e sistematização, incapazes de se reagruparem rapidamente e com facilidade, hoje percebe-se, com o exemplo das empresas desenvolvedoras das mídias sociais, flexibilidade e mudança como constâncias. Muitas vezes, especialmente para estas empresas e seus usuários (ou consumidores), táticas se parecem com estratégias e vice-versa. Manovich (2009) não quer com isso dizer que, de modo geral, estratégias e táticas teriam invertido completamente suas posições. O processo de criação de conteúdo ainda poderia ser definido como criatividade tática, mesmo que inserido neste ambiente complexo em que tática e estratégia se misturam (MANOVICH, 2009).

A comunidade que a seguir começa a entrar em pauta neste trabalho deve, então, ser observada com algumas cautelas. Enquanto expressão de um potencial de comunicação sem fronteiras capaz de disseminar a cultura do livro, promover a leitura dos mesmos e registrar sua profusão de sentidos, também trabalha, direta ou indiretamente, para outras forças e objetivos. Essa natureza multifacetada não é exclusiva das comunidades literárias no *YouTube*. Ela é inerente à internet desde sua popularização, e começa a se destacar a partir do momento em que novas tecnologias possibilitaram àqueles que, em geral, apenas consumiam conteúdo, também o produzir.

---

<sup>27</sup> Livre tradução de: “To oppose the mainstream, you now have plenty of lifestyles – accompanied by every subcultural aspect, from music and visual styles to clothes and slang – available to purchase”.

<sup>28</sup> Livre tradução de: “What was ephemeral, transient, unmappable, and invisible became permanent, mappable, viewable. Social media platforms give users unlimited space for storage and plenty of tools to organize, promote and broadcast their thoughts, opinions, behavior, and media”.

Apesar de Castells (2003) estabelecer uma distinção entre produtores/usuários e consumidores/usuários que hoje se revela limitada para uma compreensão aprofundada das imbricações entre estes papéis, ela parece acertada quando define que a cultura da internet é a cultura de seus criadores. Por cultura, entende-se não ideologia, psicologia ou representações individuais. Trata-se, para o autor, de valores e crenças geradores de padrões de comportamento e costumes, de “uma construção coletiva que transcende valores individuais” (CASTELLS, 2003, p. 34).

Ao descrever essa cultura da internet, Castells (2003) apresenta quatro elementos ou camadas hierarquicamente dispostas que envolvem o que ele chama de produtores/usuários na criação e configuração da internet: as tecnolites, a cultura hacker, as comunidades virtuais e os empresários. Aqui, entende-se que elas explicam muitos dos desenvolvimentos desse meio de comunicação nos anos subsequentes à sua criação. Na combinação destas camadas estaria a origem de uma propalada ideologia de liberdade comumente relacionada à internet, especialmente nos primeiros anos de sua popularização. O autor enxerga um vínculo direto entre estas camadas, como expressões culturais, e o desenvolvimento tecnológico analisado. Para Castells (2003) a criação da internet tem no topo de seu construto cultural a cultura tecnomeritocrática, relacionada à excelência científico-tecnológica enraizada numa visão de dominação do mundo pelo conhecimento, ainda que conservando sua autonomia e utilizando a comunidade de pares como legitimação. Já a cultura hacker especifica a meritocracia, fortalece a comunidade dos iniciados em tecnologia, e a desvincula dos poderes vigentes. As comunidades virtuais, por sua vez, se formam pela apropriação da capacidade de comunicação, ampliada pela interconexão dos computadores, adotando valores tecnológicos da meritocracia, e os valores da liberdade herdados dos *hackers*. Na dinâmica descrita pelo autor, os empresários da internet, em meio a este contexto de oportunidades, irão utilizar essas tecnologias em busca de poder, o qual, para esta cultura empresarial, significa dinheiro. As implicações dessa lógica na plataforma do *YouTube*, descrita ainda neste capítulo, é de extrema relevância.

É importante destacar que desde a emergência e popularização da internet, diversos autores vêm tentando explicar sua constituição, usos e transformações. Alguns deles esbarram em discussões que articulam as ideias de Certeau sobre modos de fazer e práticas do cotidiano, as de Manovich sobre a linguagem da nova mídia, e as de Castells sobre as dinâmicas relacionadas à cultura da internet. O trabalho de Dijck (2006 e 2013), por exemplo, aqui serve de base para diversas definições sobre sociabilidade na internet, tema que é absolutamente inescapável a esta pesquisa. A autora se baseia na Economia Política da

Comunicação, com Castells e outros, para atualizar e aprofundar os estudos sobre o que ela chama de Cultura da Conectividade. Dijck toma como ponto de partida para sua análise a antiga ideia de sociabilidade comunitária, que floresceu até meados de 2006, e analisa as transformações das plataformas de mídias sociais, e como o crescimento de suas bases de usuários fez com que o investimento para sua manutenção também crescesse, tendo como consequência a transformação de seu foco, em um contexto em que muitas destas plataformas foram adquiridas por grandes corporações. Dijck (2013) busca analisar os significados incutidos nos objetivos e funções destas plataformas por seus desenvolvedores. Para ela, eles se valem da utopia da web 2.0 em benefício de suas missões corporativas. O ponto chave de sua argumentação é que a noção do que vem a ser “social” nestas plataformas tende a ser transformada com seu crescimento e popularização. Ela enxerga as mídias sociais como sistemas automatizados que manipulam conexões, em um exemplo claro dos processos de mistura entre táticas e estratégias neste novo cenário comunicacional. Para identificar os desejos e gostos dos usuários, estas plataformas rastreiam seus desejos e codificam relacionamentos em algoritmos. Portanto, o significado de “social”, para Djick, deve incorporar tanto as conexões humanas quanto a conectividade automatizada. Só assim é possível compreender mais profundamente como estes sistemas potencialmente influenciam as preferências de seus usuários: reconhecendo os atores humanos e não humanos que fazem parte do processo interativo, dando forma a ele.

As questões levantadas por Djick (2013) são importantes para o escopo desta pesquisa pois, ao se estudar o *YouTube*, algumas perguntas passam a emergir quando se compreende essa plataforma de conectividade também como uma plataforma comercial: “que imagens ou vídeos são populares entre quais grupos? Quem são os principais formadores de opinião dessas comunidades?”<sup>29</sup> (DIJCK, 2013, p. 13).

A discussão apresentada por Djick dá continuidade a questões levantadas por Boyd e Ellison (2007), quando estas iniciaram as primeiras pesquisas que buscaram definições para as mídias sociais. Enquanto a primeira se dedica a estudar como as pessoas negociam ambientes mediados para fins de sociabilidade, a segunda pesquisa identidade e relacionamentos na internet. O trabalho produzido por ambas em 2007 tornou-se referência para as pesquisas de mídias sociais por pioneiramente apresentar uma definição compatível com aquele momento.

---

<sup>29</sup> Livre tradução de: “What images or videos are popular among which groups? Who are the leading tastemakers in these communities??”



Nós definimos sites de redes sociais como serviços baseados na web que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, e (3) visualizar e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site<sup>30</sup> (BOYD; ELLISON, 2007).

Anos mais tarde, considerando as transformações ocorridas no cenário das mídias sociais, Boyd e Ellison atualizam sua pesquisa, destacando que dois tipos de Sites de Redes Sociais (SRS) eram predominantes em 2007. O primeiro tipo era focado em perfis de usuário, como o *MySpace* e o *LinkedIn*. O segundo, em conteúdo gerado por usuário, como o *Flickr* e o *YouTube*. A principal contribuição deste trabalho foi identificar que:

Na medida em que os sites de redes sociais amadureceram como gênero, os perfis simultaneamente perderam sua centralidade e também se tornaram um produto de mídia agregada, atualizações pessoais e conteúdo gerado pelo sistema baseado na atividade do usuário<sup>31</sup> (BOYD, ELLISON; 2013, p. 153).

Desta forma, a definição de 2007 ganhou uma atualização:

Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede em que os participantes: 1) têm perfis únicos e identificáveis que consistem em conteúdo fornecido pelo usuário, conteúdo fornecido por outros usuários, e/ou dados de sistema; 2) pode articular publicamente conexões, que podem ser vistas e transpassadas por outras; e 3) pode consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado pelo usuário fornecidos por suas conexões no site<sup>32</sup> (BOYD, ELLISON; 2013, p. 158).

Ainda que a definição acima permita categorizar o *YouTube* como SRS, outros autores tendem a adotar uma nomenclatura mais específica, considerando as especificidades da plataforma em relação a suas características intrínsecas e também aos usos dados por seus participantes. Dijck (2013) define quatro diferentes tipos de mídias sociais, destacando limites tênues entre eles: 1) *Social Networking Sites* (SNS), ou SRS: promovem prioritariamente o

---

<sup>30</sup> Livre tradução de: “We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site”.

<sup>31</sup> Livre tradução de: “As social network sites matured as a genre, profiles simultaneously lost their centrality and also became the product of aggregated media, personal updates, and system-generated content-based on user activity”.

<sup>32</sup> Livre tradução de: “A social network site is a networked communication platform in which participants 1) have uniquely identifiable profiles that consist of user-supplied content, content provided by other users, and/or system-level data; 2) can publicly articulate connections that can be viewed and traversed by others; and 3) can consume, produce, and/or interact with streams of user-generated content provided by their connections on the site”.

contato interpessoal e encorajam laços fracos. Exemplos destes tipos de mídia social são *Facebook* e *Twitter*; 2) *Sites for User-Generated Content* (UGC) ou sites de Conteúdo Gerado por Usuário (CGU): encorajam a troca de conteúdo amador ou profissional, como *YouTube*, *Flickr* e *Wikipedia*. 3) *Trading and Marketing Sites* (TMS), ou sites de comércio eletrônico: troca ou venda de produtos como foco, como *Amazon* e *Ebay*; e 4) *Play and Game Sites* (PGS) ou sites de jogos eletrônicos: jogos online como *Farmville*, *Angry Birds* e *Sim City*. Para a autora, os SRS e os CGU são “os principais motivos pelos quais sociabilidade online e criatividade se desenvolveram”<sup>33</sup> (DIJCK, 2013, p.8). Os usos e apropriações destas plataformas pelo negócio do livro e, principalmente, por leitores que se transformam também em produtores de conteúdo, serão abordados em tópicos seguintes.

A partir dos trabalhos dos autores mencionados neste tópico, algumas questões importantes a esta tese devem ser destacadas, já que estão intrinsecamente relacionadas às investigações aqui propostas. A primeira delas diz respeito à noção de que o ato de ler é uma prática do cotidiano e uma atividade criadora distante da noção de passividade. A segunda é que leitores, ao lerem e falarem sobre livros, fazem uso do que Certeau (2014) chama de criavidade tática. Entretanto, num cenário permeado pelo crescente uso mídias digitais, nos quais a atividade de produção e consumo de todo tipo de conteúdo se misturam, estas táticas são apropriadas por estratégias, como destaca Manovich (2009) ao revisitar as ideias de Certeau (2014). Já Castells, tentando compreender as transformações entre os papéis de produtores e usuários no contexto da emergência e popularização da internet, busca nas bases de sua criação algumas tendências que influenciariam todo seu desenvolvimento, vinculando muitas das práticas relacionadas ao seu uso a práticas inauguradas por seus criadores. Mais uma vez, ainda que a terminologia não seja usada por Castells, trata-se de uma discussão sobre táticas e estratégias. A partir destas ideias, Dijck (2013) apresenta as mídias sociais como plataformas de conectividade. Sua conceituação sobre as mídias sociais como plataformas de conectividade é cara a este trabalho por evidenciar que a sociabilidade na internet – que aqui será discutida mais especificamente no que diz respeito à formação de comunidades online que compartilham interesse por livros e leitura – deve ser enxergada não apenas a partir das conexões estabelecidas entre indivíduos (através de suas táticas). Estas conexões são efetivadas através de estratégias de desenvolvedores destas plataformas por meio de suas tecnologias, mais especificamente algoritmos, que influenciam não apenas o estabelecimento destas conexões, mas também os conteúdos que recebem mais ou menos

---

<sup>33</sup> Livre tradução de: “the main grounds on which online sociality and creativity have developed”.

destaque. Aqui consideramos também estratégias o uso destas tecnologias por atores do negócio do livro como ferramenta de comunicação com leitores, e uma das principais formas de disseminação de informações sobre livros. Parte desta discussão é estabelecida a seguir, numa tentativa inserir estas questões no circuito de comunicação do livro contemporâneo.

### 2.1.2 O circuito de comunicação do livro no século XXI

Uma vez pontuadas as principais questões relacionadas aos novos arranjos de produção e consumo que operam no século XXI, retorna-se aqui à história do livro para analisar as tentativas dos historiadores em buscar de um modelo geral da produção de livros e seu consumo em determinados períodos. Para tanto, estes historiadores do livro

... analisaram o conteúdo de bibliotecas particulares e mapearam correntes ideológicas através de gêneros pouco lembrados, como a *bibliothèque bleue* (brochuras primitivas). Não se interessavam por livros raros e edições de luxo; pelo contrário, concentraram-se no tipo mais comum de livros, porque queriam descobrir a experiência literária dos leitores comuns (DARNTON, 2010b, p.123-124).

Considerando que todos os livros passam por um ciclo de vida semelhante, Darnton (2010b), como mencionado no capítulo anterior, propõe um modelo geral, um circuito de comunicação para analisar a forma dos livros surgirem e se difundirem na sociedade. Inspirado em modelos dos estudos de comunicação, ele descreve os caminhos dos livros, do autor ao leitor, em um processo que prevê inclusive as possíveis influências dos leitores na produção dos textos, ou dos livreiros em decisões editoriais (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005).

Desde a formulação do “circuito de comunicação” de Darnton como meio de analisar o papel dos textos na sociedade, a história do livro começou cada vez mais a se concentrar no que McGann descreveu como a “socialização dos textos”. Ou seja, o impacto dos livros como artefatos viajando de espaços privados para espaços públicos<sup>34</sup> (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2005, p.13).

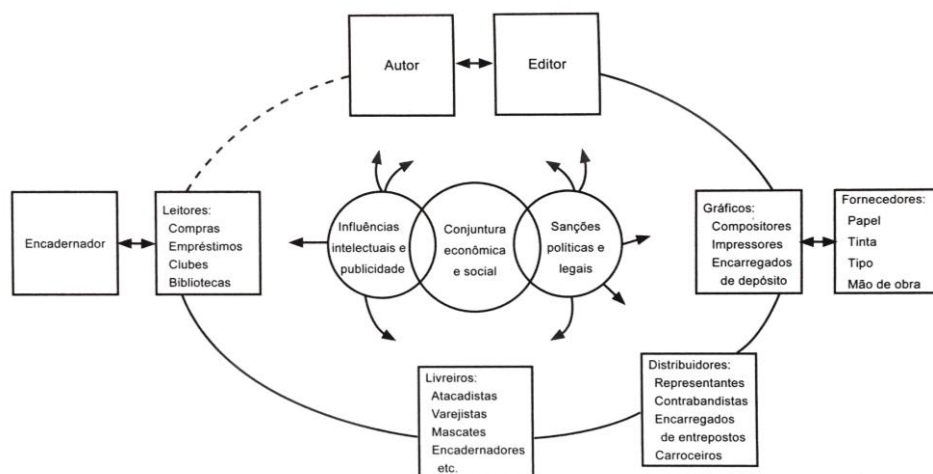
---

<sup>34</sup> Livre tradução de: “Since Darnton’s formulation of the “communication circuit” as a means of examining the role of texts in society, book history has begun increasingly to focus on what McGann has described as the “socialization of texts”, that is, the impact of books as artifacts traveling from private to public spaces”.

Como o próprio Darnton (2010, p. 128) alerta, “os modelos têm uma tendência a congelar os seres humanos fora da história”. No entanto, é possível aplicá-los a exemplos reais em diferentes épocas, de forma que ganhem vida. Deste circuito da comunicação (figura 01) participam autores, editores, impressores, expedidores, livreiros e leitores. Este modelo seria aplicável, com as devidas adaptações, a todos os períodos da história do livro impresso. O que se propõe aqui é um exame destes papéis na atualidade.

Todas as etapas do circuito de comunicação de Darnton estariam ligadas a três categorias gerais, posicionadas no centro do diagrama: a conjuntura econômica e social, sanções políticas e legais, e influências intelectuais e publicidade. O ciclo, aparentemente linear, é iniciado com as relações de mão dupla entre autor e editor. Em seguida passa-se às esferas de fabricação do livro, com o trabalho de compositores, impressores e encarregados de depósito, etapa diretamente ligada ao fornecimento de matéria prima como papel, tinta e tipos, além da mão de obra. A etapa seguinte diz respeito aos distribuidores que, principalmente no momento histórico estudado por Darnton, o século XVIII, envolve representantes, contrabandistas, encarregados e carroceiros, passando finalmente aos livreiros: atacadistas, varejistas, mascates e encadernadores. Na etapa final deste processo está o leitor e as práticas associadas a ele, tais quais compras, empréstimos, formação de clubes e bibliotecas.

Figura 1 – O circuito de comunicação proposto por Darnton

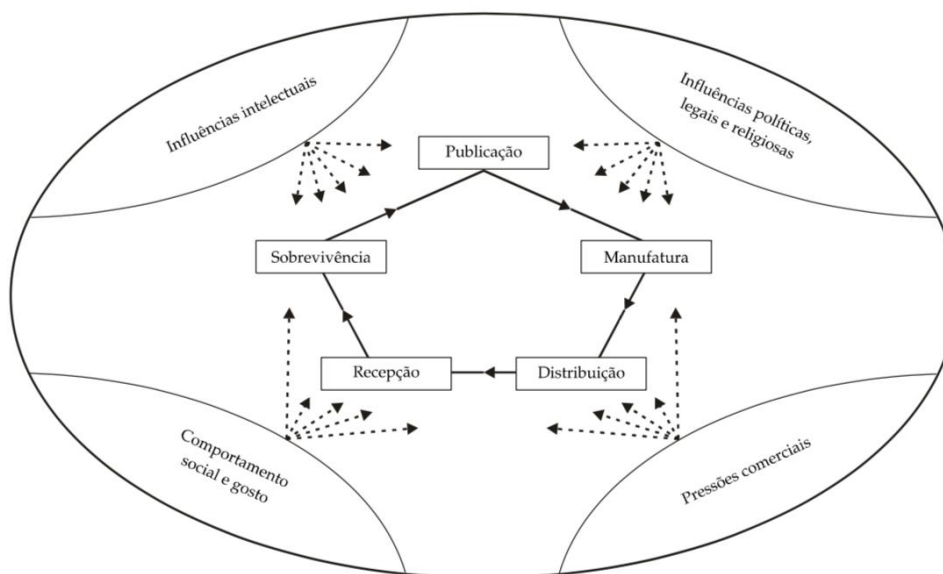


Fonte: DARNTON, 2010b, p. 127.

Este modelo, publicado em 1982, tinha como objetivo auxiliar os estudos em história do livro, à época muito fragmentados em pequenas áreas que pouco dialogavam entre si, e mesmo podendo ser adaptado para períodos posteriores, descreve o comércio e publicação de

livros especialmente entre 1500 e 1800. Após sua publicação, outros historiadores do livro buscaram recriá-lo ou aperfeiçoá-lo. Em 2007 Darnton (2008) revisita seu artigo e explica que o circuito que havia apresentado não tinha como ambição ser conclusivo, mas registrar em um modelo as etapas do circuito do livro que emergiram como resultado de pesquisas em arquivos históricos que havia realizado na década de 60. Dentre os diagramas que posteriormente buscaram substituir o seu, Darnton (2008) destaca o de Adams e Baker (figura 2), que, segundo Darnton, desviam a atenção “das pessoas que faziam, distribuíaam e liam os livros, para o livro em si e os processos pelos quais passava em diferentes estágios de seu ciclo de vida” (DARNTON, 2008, p. 165), enquanto que o seu modelo, como reflexo de sua abordagem geral, tinha como ênfase as pessoas.

Figura 2 – Adams e Barker dão ênfase ao livro em si e à conjuntura socioeconômica



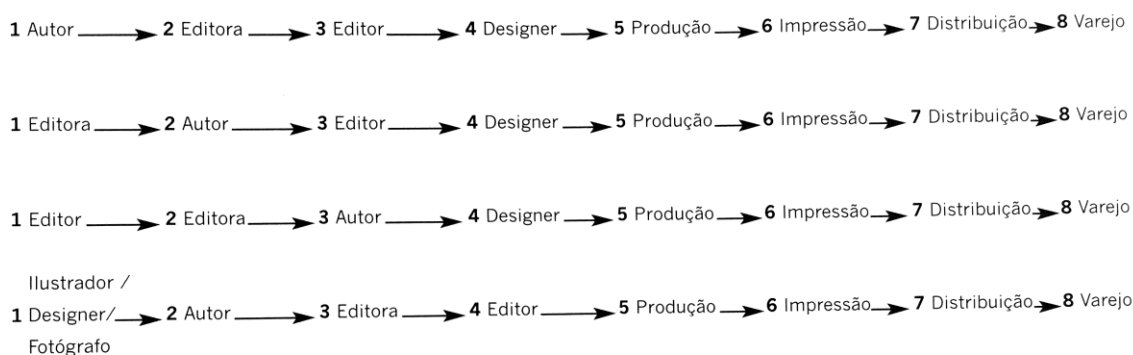
Fonte: Adams e Barker, 1993.

A principal diferença entre os dois diagramas é que no de Darnton tem-se uma divisão em seis estágios de um processo concreto e focado em uma única edição, enquanto que o de Adams e Barker é dividido em cinco eventos principais: publicação, manufatura, distribuição, recepção e sobrevivência. Para Darnton (2008) o principal mérito deste modelo é identificar este último estágio, que dá conta, por exemplo, das revisões pelas quais passam os textos, e das transformações no contexto em que se inserem.

A indústria editorial do século XXI, no entanto, possui uma série de atores que não estão descritos em ambas as figuras. Busca-se, então, apresentar o que poderia ser um circuito que seja mais completo, que dê conta das comunidades de leitores na internet e sua influência no circuito do livro e que preveja relações que, se não foram transformadas completamente, estão ao menos mais multifacetadas e dinâmicas. Assim como os modelos apresentados anteriormente, o que se formula aqui não tem a pretensão de ser completo ou conclusivo, mas busca atender à agenda da presente pesquisa de forma a contemplar melhor o fenômeno observado: o circuito do livro diante da emergência das mídias digitais.

As principais funções dentro da indústria editorial, bem como os caminhos que percorre o livro, do autor ao leitor, devem ser mencionados, já que compõem o que se pretende apresentar nesta tese como o circuito de comunicação do livro no século XXI. Haslam (2007) apresenta quatro modelos básicos de desenvolvimento dos livros na atualidade que já dão pistas sobre a complexidade das relações entre os principais atores deste processo nos últimos anos.

Figura 3 – Quatro modelos simples de desenvolvimento do livro



Fonte: HASLAM, 2007, p. 22.

A principal diferença entre os modelos da figura 03 aparece nas três primeiras etapas, nas quais se alternam autor, editora, editor e designer (ou ilustrador ou fotógrafo) no início da cadeia, como iniciadores do processo.

Pode-se dizer que hoje as principais funções na indústria editorial são: autor; agentes literários e, no caso de ilustradores e fotógrafos, bancos de imagem; editor ou *publisher*; escritório de produção editorial, no caso de editoras que contratam serviços externos; editor de aquisições, responsável pela seleção dos livros que serão produzidos; editor de textos; revisor de provas; consultor técnico; revisor técnico; diretor de arte; designer; pesquisador de imagens; gerente de licenciamento; ilustradores, fotógrafos e cartógrafos; gerente de direitos

autorais; gerente de marketing; gerente de produção editorial; impressor; empresas de acabamento gráfico; encadernadora; gerente de distribuição; divulgadores; e varejistas (HASLAM, 2007). Uma figura importante que deve ser acrescentada a esta lista é a do tradutor.

Cabe aqui, portanto, mencionar uma outra alteração que diz respeito ao status do autor. A publicação sem passar pelas etapas de desenvolvimento do livro mencionadas anteriormente sempre foi uma possibilidade, mas as opções de *self-publishing* disponíveis aos autores atualmente permitem que estes tenham controle sobre todas as etapas, direitos autorais e preço, e que, ainda assim, tenham a possibilidade de disponibilizar suas obras a um grande número de leitores.

Outro ponto que merece destaque é que os divulgadores, nesta lista de Haslam (2007), ainda são indivíduos contratados pelas grandes editoras para efetuarem contatos com canais de distribuição, através de comissão, e que, na descrição que faz destes processos, o autor não trata as mudanças condicionadas pela internet no varejo de livro.

Ao descrever este contexto de transformações, Thompson (2013) fala de uma revolução oculta no negócio do livro, diretamente relacionada ao advento de tecnologias digitais, divididas em quatro instâncias. A primeira delas seriam os sistemas operacionais e fluxos de informação, com a informatização alcançando as editoras progressivamente a partir da década de 1980 e apoiando processos editoriais e gerenciais. Foram afetados não só os fluxos de trabalho das editoras, mas também todos os processos logísticos do varejo de livros.

A segunda instância descrita por Thompson (2013) é o gerenciamento de conteúdo e fluxo de trabalho digital. Se no caso dos fluxos da informação as mudanças são comuns às que ocorreram em diversos outros setores, quando se fala dos impactos do gerenciamento de conteúdo é importante que se tenha em mente que “a reconstituição do livro como arquivo digital” é uma quebra de paradigma bastante simbólica no velho mundo dos impressos. Na década de 1980 as antigas máquinas de linotipo foram substituídas por máquinas da IBM na qual se podia digitar o texto, e a década de 90 marcou o advento da editoração eletrônica. A transformação que veio em seguida foi a alternativa à impressão offset, com a impressão digital.

A terceira instância das transformações que Thompson (2013, p.361) descreve como parte de uma revolução oculta se deu na área de vendas e marketing: “O surpreendente crescimento da *Amazon* é somente o aspecto mais óbvio de como a internet transformou o ambiente de varejo de livros”. No cerne da mudança está na disponibilidade das obras de forma virtual, e não física como acontecia nas livrarias. Ainda que parte do acervo da

*Amazon*, por exemplo, esteja disponível em estoque, muitos livros são comprados virtualmente para que sejam encomendados de fornecedores em seguida. Além disso, hoje é possível se ter grande precisão e transparência em relação ao número de vendas. “Não é mais possível esconder, dissimular, fazer de conta que os livros anteriores de um autor foram um tremendo sucesso quando, na verdade, eles não foram” (THOMPSON, 2013, p. 362). Um outro aspecto da mudança nas vendas é a possibilidade da amostragem digital, permitindo que, em muitos casos, se tenha acesso a trechos de livros digitais antes da compra.

Cabe adicionar a esta terceira instância algumas mudanças no marketing de livros, especialmente aquelas que competem a esta pesquisa: as formas alternativas de comunicação com leitores, e entre leitores. Essas possibilidades serão melhor detalhadas adiante, mas aqui cabe ressaltar como editoras passaram a adotar estratégias de comunicação em mídias sociais para alcançarem um número maior de leitores em potencial. Neste mesmo contexto, sites e *blogs*, além de perfis de influenciadores digitais em diferentes plataformas, emergem para atender à demanda de leitores, que passam a ter acesso a mais informações sobre livros, tema escasso nas publicações tradicionais, especialmente quando se trata de livros populares. Os conteúdos publicados por estes leitores acabam tencionando os limites entre a criatividade tática e as estratégias descritas por Certeau (2014), especialmente por se configurarem como exemplo claro de interesses mercadológicos do negócio do livro, imbricados nos conteúdos feitos de leitores para leitores.

Por fim, a última instância de transformação aqui destacada é a liberação de conteúdo. Thompson (2013) sugere que nela potencialmente se sintam os impactos mais profundos de todas estas mudanças já que, assim como no caso de outros produtos da indústria criativa, como filmes e música, o conteúdo do livro pode ser separado de sua forma original.

Em essência, a digitalização de conteúdo dissocia conteúdo de forma. Capta-se o conteúdo de uma maneira que o separa da forma específica em que ele está, o da forma como é normalmente executado; também se capta o conteúdo de modo suficientemente flexível para permitir que o livro seja executado, pelo menos em princípio, de diversas outras formas. [...] A digitalização do conteúdo simplesmente realça uma característica que sempre fez parte do livro, mas que ficou obscurecida pela equilibrada união de conteúdo e forma em um objeto físico específico. Ela acentua mais claramente o fato de que o verdadeiro valor do livro está no conteúdo, mais do que na sua forma física – daí o sempre repetido slogan associado à revolução digital: “o conteúdo é rei” (THOMPSON, 2013, p. 364).

É interessante a afirmação de que conteúdo é claramente mais importante que a forma na qual este conteúdo é apresentado. Esta questão será retomada adiante, através de um

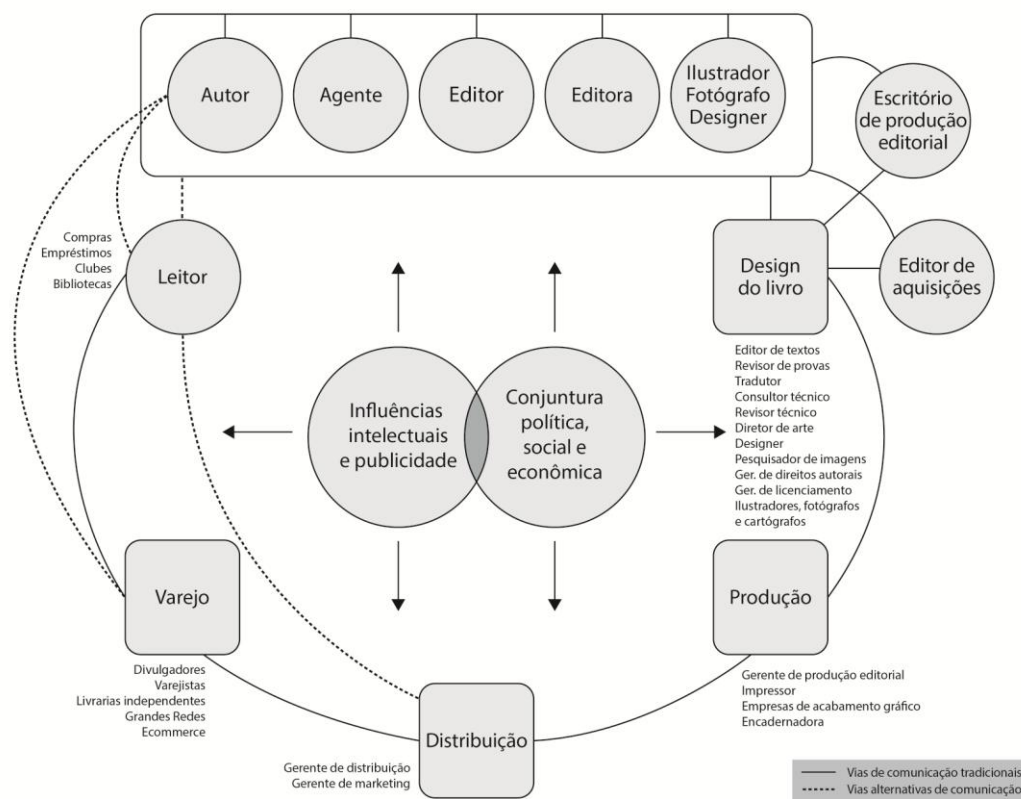


mapeamento relacionado ao livro nas mídias digitais, e de como sua apresentação material, especialmente no impresso, tem sido cada vez mais destacada.

A partir do modelo oriundo da pesquisa histórica, de Darnton (2010b), das descrições de Haslam (2007), que são de natureza prática e preocupadas em explicar o papel do design –, e de observação de novos modelos de negócio que surgiram e estão sendo testados nos últimos anos, muitos deles descritos em Thompson (2013), é aqui apresentada uma proposta de circuito do livro contemporâneo (figura 04) que tenta dar conta dos novos canais de comunicação e complexidades características deste negócio.

No centro do circuito são posicionadas as influências intelectuais, a publicidade e a conjuntura política, social e econômica, capazes de afetar e serem afetadas pelos papéis e processos destacados. Em linhas gerais, o circuito conta com diferentes agentes iniciadores, passando ao design, produção, distribuição e varejo até que o livro chegue às mãos do leitor. O agente literário está devidamente posicionado entre o autor e editor, mas como pode-se observar no diagrama, qualquer esfera pode se comunicar com a outra. Ou seja, em alguns casos a comunicação entre autor e editor se faz de maneira direta, sem depender da mediação do agente. Em outros, a editora encomenda obras de autores, por sua iniciativa. O conjunto de papéis agrupados na parte superior do diagrama tenta dar conta destas possibilidades de comunicação que, na maior parte das vezes, são a primeira etapa no processo de surgimento de um livro.

Figura 4 – Proposta de circuito de comunicação do livro no século XXI



Fonte: A autora, 2018.

As linhas pontilhadas indicam etapas diferenciadas que, se não são novas, foram intensificadas pelas novas possibilidades de comunicação entre autores, editoras e leitores. Em alguns casos, especialmente nos de *self-publishing*, o papel do editor, editora e alguns outros são a princípio descartados, possibilitando ao autor comercializar a obra, vendendo-a diretamente ao leitor, ou através do varejo, em lojas físicas ou online. Em alguns casos, como o dos clubes de assinaturas, as obras são distribuídas diretamente para os leitores, sem passar por outros intermediários.

O corpus de análise desta tese – vídeos da comunidade *booktube*, no *YouTube* – encontra-se ao centro do diagrama, enquanto esfera de influência intelectual, mas também como publicidade, se as sobreposições entre táticas e estratégias forem consideradas. A seu lado estão todas as plataformas de conectividade que podem ser apropriadas em prol do compartilhamento de informações sobre livros e leitura.

Em linhas gerais, o modelo proposto tenta rerepresentar de forma mais detalhada as complexidades do circuito do livro, mas é ainda incompleto, principalmente no que diz respeito a modelos de negócio diferenciados, como o da ficção serializada. Neste caso

específico, os leitores aguardam pela continuação dos livros digitais, que são publicados em partes, geralmente capítulo a capítulo, e lidos em *smartphones*. Por exemplo, na literatura chinesa há um grande destaque para a experiência interativa, já que “a maior parte de seu conteúdo é serializado, o que significa que os autores publicarão suas obras capítulo a capítulo, algumas vezes alterando o *plot* com base em sugestões de usuários<sup>35</sup> (HONG, 2017). Enquanto o leitor digital da *Amazon*, o *Kindle*, apresenta queda nas vendas em alguns contextos (MILLIOT, 2016), a leitura em *smartphones* ganha uma grande parcela do mercado asiático, fazendo frente a gigantes como a *Amazon*, por exemplo através da *China Literature*, a maior companhia chinesa de publicação online, que alega possuir mais livros digitais que a *Kindle Store* (HONG, 2017).

No ocidente, o modelo de leitura serializada, muito popular no passado, hoje é pouco representativo, mas aplicativos para *smartphone* como o *Radish* já começam a trazer essa opção para leitores, com um modelo interessante para os autores, que podem publicar seus livros em capítulos e sem abrir mão de direitos autorais (SHOOT, 2017). Este é apenas um dentre muitos exemplos de como um circuito de comunicação do livro no século XXI jamais poderá ser estanque ou definitivo, uma vez que, tão logo se mapeiem atores e processos, novos caminhos para o livro vão emergindo.

Afirma-se, então, a velocidade do surgimento de novas possibilidades para leitores, seja na leitura dos livros, seja na forma de se obter informações sobre os mesmos. Principalmente, na troca de experiência entre leitores e até mesmo autores. Enquanto alguns processos permanecem inalterados, o circuito de comunicação do livro no século XXI deve levar em conta as práticas intrínsecas à cultura da internet e também as potencialidades logísticas condicionadas pelo desenvolvimento tecnológico.

## 2.2 Falando de livros nas redes

Três grandes temas emergem quando se fala sobre livros e leitores na internet: as comunidades de leitura ou clubes do livro, de sua manifestação tradicional – com encontros presenciais –, passando pelas reuniões mediadas – em emissoras de rádio ou TV –, até os clubes do livro que se organizam predominantemente online, liderados por membros da

---

<sup>35</sup> Livre tradução de: “The interactive experience of China Literature is another main differentiator – most of its content is serialized, which means writers will often publish work chapter by chapter, sometimes altering plotlines based on suggestions from users”.

comunidade ou até mesmo por celebridades; a presença de leitores na internet, tanto buscando informações quanto compartilhando todo tipo de conteúdo sobre livros em diferentes plataformas de conectividade; e, por fim, os influenciadores digitais: indivíduos que, através de sua atuação nestas plataformas, emergem como figuras de referência em diferentes nichos, inclusive no mercado de livros.

Primeiramente, faz-se necessário investigar como os grupos e comunidades de leitura online são em certa medida uma ressignificação dos clubes do livro, muito comuns em países como Estados Unidos e Inglaterra.

Passa-se, então, a um mapeamento das aparições de conteúdo sobre livros de diferentes formas na internet, dos primeiros blogs a sites de redes sociais como *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*. Discute-se de forma mais aprofundada as características e funcionalidades dos sites de catalogação social da leitura, bem como sua profunda relação com sites de *e-commerce* como a *Amazon*.

Por fim, problematiza-se a aparição de indivíduos hoje denominados influenciadores digitais: pessoas “comuns” que, devido à sua participação, através da criação de diversos tipos de conteúdo em mídias sociais, transformaram-se em figuras de referência em seus nichos de interesse e atuação.

Todas estas discussões delineiam as bases sobre as quais a investigação proposta sobre a comunidade literária no *YouTube*, denominada *booktube*, se assenta, uma vez que esta faz parte de um fenômeno muito mais amplo, e é apenas uma das muitas formas de se falar sobre livros na internet, em especial em mídias sociais, como será demonstrado a seguir.

### 2.2.1 Comunidades de leitura: configurações e reconfigurações

Peplow (2016) define grupo de leitura como “um coletivo que se reúne regularmente para discutir um livro que todos os membros leram (ou deveriam ter lido)”<sup>36</sup>. Para o autor, o fato de leitores discutirem suas leituras em espaços públicos seria um indício de que o ato de ler como participante de grupos de leitura se diferencia, de diversas formas, da atividade privada que é tipicamente associada à leitura, já que nestes contextos esta se torna uma atividade altamente social. Os participantes destes grupos produzem interpretações coletivas para os textos que leem e compartilham suas percepções e experiências.

---

<sup>36</sup> Livre tradução de: “a collective who meet regularly to discuss a book that all members (should) have read”.

Para pesquisadores contemporâneos das práticas de leitura, tais quais Sedo (2011a e 2011b), Pearson (1999), Peplow (2016) e Hartley (2001), a ideia do indivíduo leitor, isolado, deve ser questionada, dando a devida atenção à influência que as interações sociais têm na relação do leitor com os livros que lê. Ao traçar um quadro de referência do fenômeno dos grupos de leitura, Sedo e outros (2011a) concluem, por exemplo, que a leitura em si é tanto um ato social quanto uma formação social. Estas pesquisas investigam desde os salões literários até as práticas contemporâneas nas quais entra em jogo, no universo do livro, a convergência midiática. A conclusão é que “não se pode chegar a uma compreensão completa das práticas privadas de leitura sem, ao mesmo tempo, considerar o papel das relações e instituições sociais”<sup>37</sup> (SEDO, 2011a, p.2).

O ato de falar sobre livros possivelmente é tão antigo quanto a prática de leitura, mas é a partir do século XVIII que leitores comuns, leigos, fora das instituições, começam a se reunir para falarem sobre suas leituras nas primeiras bibliotecas públicas e nos clubes (PEARSON, 1999).

Ainda hoje, no Reino Unido, no Canadá e nos Estados Unidos, por exemplo, os clubes de leitura são numerosos e relevantes para se entender as práticas de leitura no Ocidente (PEPLOW, 2016). Nos últimos anos, pesquisas vem sendo realizadas para melhor compreender sua formação, influência e modos de funcionamento. Hartley (2001), por exemplo, investiga o fenômeno contemporâneo com uma pesquisa envolvendo 350 grupos do Reino Unido, buscando entender onde eles acontecem, quem participa, como os livros são escolhidos, quais são os protocolos sociais e modos de participação. Algumas informações interessantes emergem da pesquisa. Hartley (2001) percebe que a maior parte dos participantes são mulheres, e que tais grupos são formas de trocar informação, construindo novas interpretações das leituras, além de serem espaços de criação de novos laços sociais.

Peplow (2016) aponta um relativo aumento da popularidade de grupos de leitura nos últimos 30 anos, relacionando-o a uma maior atenção da mídia a estas práticas compartilhadas.

Nos Estados Unidos, o *Oprah's Book Club* engajou muitos milhares de leitores, enquanto no Reino Unido o *Richard & Judy Book Club* tem funcionado desde 2004 e, semelhante ao *Oprah's Book Club*, encoraja a discussão pública de textos literários. O *TV Book Club* no *Channel 4* e o clube do livro da *BBC Radio 4* também se mostraram incrivelmente populares na TV e rádio do Reino Unido; Na mídia impressa do Reino Unido muitos dos jornais possuem clubes de livros bem

---

<sup>37</sup> Livre tradução de: “we cannot arrive at a full understanding of private reading practices without at the same time considering the role of social relationships and institutions”.

sucedidos. Esta riqueza de atenção midiática que os grupos de livros recebem nos EUA e no Reino Unido pode não explicar a popularidade subjacente desses grupos, mas reflete um sentido compartilhado por muitos que a leitura literária leva naturalmente à discussão e que vale a pena falar de livros (bons ou ruins)<sup>38</sup> (PEPLOW, 2016).

Kiernan (2011) analisa o crescimento dos grupos de leitura como uma atividade de lazer feminino, partindo da premissa de que quanto mais popular é um dado texto, menores as chances de que ele seja visto como possuidor de valor cultural. Mesmo que muitas das obras lidas nos clubes do livro sejam de ficção literária, a autora aponta que elas são vistas como obras de pouca relevância. Para Kiernan (2011, p.124) “certos hábitos e preferências de leitura ‘femininos’ recebem pouca atenção de alguns críticos devido à sua associação com meios de comunicação de massa e cultura popular”<sup>39</sup>.

Os clubes do livro televisivos estariam, de acordo com Kiernan (2011), entre os fatores que, nos últimos anos, contribuíram consideravelmente para o potencial de crescimento do mercado editorial. A autora atribui o sucesso deste tipo de clube do livro a seu formato, que emula uma situação casual em que um grupo se encontra em um ambiente íntimo e ao mesmo tempo informal, tendo o diferencial de algumas vezes contar com a presença de autores e figuras conhecidas, além do apresentador.

Ao criar uma intimidade aparentemente aconchegante entre o anfitrião e o público dessa maneira, o show ensaia uma situação com a qual muitos espectadores se sentem confortáveis. Assim, a divisão binária usual entre formas masculinas de alta cultura na esfera pública e formas femininas de baixa cultura na esfera privada é reconstituída, de modo que a experiência de ler e discutir textos dentro de um ambiente privado é valorizada publicamente<sup>40</sup> (KIERNAN, 2011, p. 124).

Para além dos clubes dos livros veiculados na TV, rádio e impressos, os encontros presenciais continuam a existir nas casas, bibliotecas e livrarias. Fuller, Sedo e Squires (2011)

---

<sup>38</sup> Livre tradução de: “In the USA, Oprah’s Book Club has engaged many thousands of readers, while in the UK, the Richard & Judy Book Club has run since 2004 and, similar to Oprah’s Book Club, encourages the public discussion of literary texts. The TV Book Club on Channel 4 and BBC Radio 4’s Bookclub have also proved incredibly popular in UK broadcast media; while in UK print media, many of the broadsheet newspapers run highly successful book clubs. This wealth of media attention that book groups receive in the USA and the UK may not explain the underlying popularity of these groups, but it does reflect a sense shared by many that literary reading naturally leads to discussion, and that books (good and bad) are worth talking about”.

<sup>39</sup> Livre tradução de: “certain ‘feminine’ reading habits and preferences are given short shrift by some critics because of their association with mass media and ‘low-brow’ culture”.

<sup>40</sup> Livre tradução de: “By creating a seemingly cozy intimacy between the host and the audience in this way, the show rehearse a situation that many viewers are comfortable with. Thus, the usual binary split between masculine forms of high culture in the public sphere and feminine forms of low culture in the private sphere is reconstituted, so that the experience of reading and discussing texts within a private setting is publicly valorized”.

pesquisam esse tema nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. As autoras tentam avaliar de forma crítica com tem se dado o relacionamento entre os clubes do livro e as editoras, pensando a leitura nestas circunstâncias como prática social potencialmente *comoditificada*. Isso seria resultado direto das mudanças no negócio do livro, especialmente nos três países supracitados, mudanças estas que já vem sendo relatadas por historiadores e pesquisadores em comunicação, apresentadas anteriormente nesta tese através de Thompson (2013). Algumas delas são:

O desaparecimento de pequenas editoras ou suas fusões em conglomerados de mídia multinacionais; as resultantes mudanças nas operações comerciais e recursos humanos; considerações sobre a evolução do público/leitor; e as mudanças sociais e tecnológicas, tanto na indústria como na sociedade, mais amplamente<sup>41</sup> (FULLER; SEDO; SQUIRES, 2011, p. 181).

As mudanças citadas pelas autoras são muito reconhecidas. No entanto, como elas apontam, é preciso considerar como estas mudanças afetam os clubes do livro e os leitores. Nos países estudados por elas, os clubes do livro são numerosos, o que os tornam extremamente atrativos por serem um mercado potencialmente lucrativo para livreiros e editoras. Fuller, Sedo e Squires (2011) questionam se os participantes destes grupos não seriam apenas marionetes nas mãos das editoras, em um cenário em que os mercados mudam, assim como as formas de se fazer marketing. Os clubes do livro seriam uma atualização das sociedades literárias de séculos anteriores, e agora, com as novas possibilidades das mídias digitais, as editoras e os participantes do negócio do livro teriam todas as condições necessárias para compreender, interagir e influenciar essas comunidades de leitores, que são estruturas sociais cujo funcionamento possui características ideais para a circulação da informação.

Toda essa discussão impreterivelmente conduz à busca pela compreensão dos papéis exercidos por diferentes indivíduos dentro de comunidades de leitura, para que se possa tentar entender, principalmente, como se dá a escolha dos livros que serão lidos pelos grupos, e como táticas de leitores e estratégias das editoras são articuladas no negócio do livro.

Sedo (2011b), ao investigar os modos de funcionamento de um clube do livro online, focado em literatura para jovens adultos, buscou compreender como são estabelecidas as

---

<sup>41</sup> Livre tradução de: “The demise of small publishing houses or their amalgamations into multi-national media conglomerates; the resulting changes in business operations and staffing practices; evolving audience/reader considerations; and social and technological changes both within the industry, and in society more widely”.

figuras de autoridade e diferentes expectativas em relação a elas neste grupo. Ela descreve as mudanças ocorridas no status do leitor, nos Estados Unidos, desde a década de 80.

Em uma pequena cidade dos EUA, falar sobre livros no início dos anos de 1980 definitivamente não era uma coisa “legal” de se fazer. As representações dos leitores limitavam-se a pessoas como Mary e Laura lendo para “Ma” e “Pa”, e vice-versa, em *Little House on the Prairie*, a série televisiva baseada nos livros de Laura Ingalls Wilder. Os leitores eram praticamente inexistentes nos filmes. Se você fosse um leitor, você tinha que procurar outras pessoas de mentalidade semelhante. Isso significava que escolher livros e falar sobre eles era limitado a amigos leitores cuidadosamente selecionados, ou à escola ou bibliotecas públicas. Se você tivesse sorte, você poderia encontrar um professor entusiasmado para conversar sobre livros<sup>42</sup> (SEDO, 2011b, p. 101).

Traçando algumas transformações no status do leitor e suas práticas no século XXI, Sedo (2011b) se interessa em investigar como os jovens leitores contemporâneos escolhem seus livros. Quem são as figuras influenciadoras nessas escolhas, e como elas atuam nas suas experiências de leitura e interpretação dos textos? A autora descreve os clubes do livro online como espaços atrativos para jovens leitores com menos educação formal, mas perfil socioeconômico muito diverso. A grande vantagem destes clubes online em relação aos encontros “face a face” seria a possibilidade de segmentação em relação a gêneros literários que recebem pouca atenção dos grupos presenciais, como por exemplo livros de mistério, romance ou ficção científica. Longe de serem espaços utópicos para leitores, os clubes do livro online “ilustram a complexidade das comunidades de leitura contemporâneas onde as práticas de leitura vernáculas são negociadas e normalizadas pela associação”<sup>43</sup> (SEDO, 2011b, p. 106).

Como resultado da pesquisa de Sedo (2011b) emerge o fato de que estes clubes online se transformaram em grandes influenciadores, com alguns de seus membros alcançando status de autoridade, passando a serem vistos por muitos participantes como “especialistas”.

Quando perguntei no questionário como os leitores escolhiam seus livros, um menino canadense de 14 anos escreveu: “Eu costumava ler qualquer coisa que me chamava a atenção, mas ultimamente escolho principalmente o que outras pessoas me recomendam (principalmente recomendações de membros do TYABC [*The*

---

<sup>42</sup> Livre tradução de: “In a small town USA, talking about books in the early 1980 was definitely not a ‘cool’ thing to do. Representations of readers were limited to the likes of Mary and Laura reading to Ma and Pa for vice versa in Laura Ingalls Wilder’s *Little House on the Prairie* on television, and readers were virtually nonexistent in the movies. If you were a reader, you had to seek out other like-minded people. This meant that choosing books, and talking about them, was limited to carefully selected reader friends, or the school or public librarian. If you were lucky, you could find the enthusiastic ear of a trusted teacher”.

<sup>43</sup> Livre tradução de: “illustrate the complexities of contemporary reading communities where vernacular reading practices are negotiated and normalized by the membership”.



*Young Adult Book Club*]) ou livros que ganharam prêmios... Confio nas opiniões dos especialistas e eles raramente estão errados”<sup>44</sup> (SEDO, 2011, p. 108).

Sedo (2011) preocupa-se, portanto, em identificar as figuras responsáveis pelas escolhas de leituras, destacando que são um pequeno grupo de autoridade que precisa ser investigado, já que há implicações econômicas para a promoção de autoridades culturais nestes grupos, os quais têm grande potencial de influenciar tanto a leitura quanto a aquisição de livros.

Saindo do universo dos clubes do livro presenciais, midiáticos ou online, passa-se então a uma investigação focada em comunidades de leitura na internet, que serão apresentadas na forma de um mapeamento comprometido com uma visão mais geral de como leitores comuns acessam e compartilham informações na web.

### 2.2.2 Livros e leitores nas plataformas de conectividade online

No final da década de 90 surgiram os primeiros *blogs* e estes, nos anos 2000, estiveram entre as primeiras manifestações da propalada web 2.0. Vinte anos depois, os *blogs* são uma ferramenta de publicação de conteúdo consolidada que passou por diversas mutações. Enquanto novos *blogs* são criados e abandonados todos os dias, outros persistem e ganham grande visibilidade. Dos primeiros diários pessoais de usuários, os *blogs* foram incorporados aos sites de notícia, aos sites de empresas e fazem parte do conjunto de estratégias de comunicação de qualquer organização, grande ou pequena, que queira interagir de forma eficaz e constante com seus clientes. Enquanto alguns *blogs* permanecem fiéis às características que fizeram esta ferramenta se popularizar, outros foram se aperfeiçoando e se personalizando, ficando cada vez mais parecidos com websites profissionais.

Existem *blogs* sobre livros assim como existem *blogs* sobre todos os tipos de assunto. Criados por leitores comuns para compartilharem suas leituras e opiniões, esse modelo de publicação também foi adotado por editoras e por profissionais do negócio do livro.

A internet apresenta-se hoje como mais relevante fonte de informações sobre livros e leitura, em um contexto no qual as opiniões de muitos leitores comuns podem ter mais impacto e repercussão que o trabalho da crítica especializada. Duas premissas podem ser

---

<sup>44</sup> Livre tradução de: “When I asked in the questionnaire how readers choose books, a 14-year-old Canadian boy wrote: ‘I used to read anything that caught my eye, but lately I have adhered mostly to what other people recommended to me, (mainly recommendations I received from members of TYABC) or books that have won awards ... I trust the opinions of the experts, and they are rarely wrong’”.

usadas para explicar este fenômeno. A primeira delas está relacionada aos diferentes tipos de conteúdo tratados nas publicações ditas profissionais e nas produções amadoras – destacando-se a fragilidade de se traçar essa separação hoje. Enquanto aquelas geralmente possuem foco em obras de ficção literária, estas trazem, para a comunidade de usuários de internet interessados em livros, diversos conteúdos focados em obras mais populares. A segunda premissa diz respeito à forma através da qual os diferentes conteúdos são apresentados e disseminados. Enquanto a crítica literária se apresenta primando majoritariamente pela erudição do texto, o conteúdo “amador” se reconfigura em formatos tão diversos quando as necessidades e anseios do público que se forma a seu redor, usando como plataformas de difusão sites de redes sociais, *podcasts*, *blogs* e *vlogs*, por exemplo, com um conteúdo que se expande para além do texto.

Para citar um exemplo, apresenta-se o *Book Riot*, maior site independente de conteúdo editorial sobre livros da América do Norte. Além das postagens em forma de *blog*, o *Book Riot* faz uso da mídia sonora para apresentar a seu público diversos tipos de informação sobre livros e leitura. Há conteúdo sobre livros, com notícias sobre o mercado editorial, resenhas, comentários e recomendações de leitura em três formatos principais: texto, áudio e vídeo. Os *podcasts* podem ser assinados via *rss*, baixados tanto no *iTunes* quanto no *Google Play*, ou pelo aplicativo *Stitcher*, dedicado a programas de rádio gravados, estações de rádio ao vivo e *podcasts*. Todos os programas são patrocinados ou por empresas e produtos diversos, ou por editoras e autores. Por exemplo, o episódio número 162 do *The Podcast* é patrocinado pelo *Audible* (serviço de venda de audiolivros) e pelo livro *The Girls*, da autora Emma Cline. De maneira geral o site funciona como canal de informações sobre lançamentos semanais de livros e audiolivros, central de promoções de descontos, venda de itens de merchandising do *Book Riot*, notícias sobre livros e leituras, divulgação de novos produtos, informações sobre eventos literários, além de diversas postagens diárias de textos de blogueiros colaboradores, que abordam os mais variados temas através de posts que incentivam o debate e a reflexão sobre obras literárias e universo dos livros. Os co-fundadores do site anteriormente publicavam seus conteúdos em diferentes *blogs*, e decidiram se reunir para construir um negócio do qual pudessem tirar seu sustento fazendo o que desejavam: falar sobre livros na internet. Surgem então o site *Book Riot* e a empresa *Riot New Media*. O *Book Riot* recebe em torno de um milhão de visitantes únicos por mês. Seus *podcasts* atingem cerca de 200 mil pessoas mensalmente (BOOKRIOT, 2016).

Outro ponto que merece destaque, e que fica evidente neste exemplo, são as parcerias entre editoras e os criadores destes *blogs* sobre livros. O modelo de parceria varia, indo desde

o simples envio do livro, como cortesia, até a obrigatoriedade, por parte de quem o recebe, da postagem de determinados tipos de conteúdo sobre a obra. Essa prática ocorre entre editoras e *blogs*, dos menores aos maiores. Alguns exemplos brasileiros ilustram bem os diferentes modelos e critérios adotados por editoras e produtores de conteúdo literário na internet. Em 2016 a *Intrínseca* divulgou seu programa de seleção de parceria para páginas relacionadas a literatura, incluindo *blogs*, *vlogs*, *Instagram* ou *Facebook*. Os candidatos, mediante preenchimento de formulário, seriam avaliados de acordo com a qualidade de suas resenhas, frequência de criação de conteúdos, número de seguidores, dentre outros itens divulgados pela editora (INTRÍNSECA, 2016). Uma outra editora, a Global, possui uma página na qual descreve detalhadamente sua política de parceria com blogueiros, com critérios para o estabelecimento da parceria. Enquanto sua responsabilidade seria a de enviar um kit com catálogo, marcadores de página, caneta e um livro de cortesia, além de disponibilizar informações sobre lançamentos, divulgar o blog do parceiro e realizar ações promocionais, caberia ao blogueiro:

Seguir a Global Editora em todas as suas redes sociais; Divulgar o site / Blog da Global em seu blog; Publicar as resenhas dos livros enviados pela editora no blog e nas redes sociais; Apoiar a editora na divulgação de seus concursos culturais e promoções (GLOBAL, 2018).

Além dos *blogs*, há outros espaços de sociabilidade nos quais o conteúdo sobre livros é divulgado. Há páginas do *Facebook* dedicadas exclusivamente ao tema e criadas com este intuito. Há também páginas de editoras, autores, livros, dentre outros. A tendência de convergência midiática resultou no desenvolvimento de múltiplos canais de comunicação. Por exemplo, um *blog* literário pode ter também sua página no *Facebook*, seu perfil no *Twitter* e no *Instagram*, e até mesmo um canal no *YouTube*. Busca-se, com isso, alcançar o público potencial de cada uma destas plataformas, abrindo diferentes frentes de divulgação de seus conteúdos. Estes podem ser simplesmente replicados nestes múltiplos espaços, ou personalizados com um conteúdo específico que leva em consideração os diferentes padrões de comunicação mais eficazes em cada um deles.

O mesmo acontece com as editoras. Enquanto algumas desenvolvem conteúdo próprio, outras fazem contratos com influenciadores digitais que ganharam notoriedade na internet para que eles criem conteúdo divulgando lançamentos e novidades.

Todos estes processos são muito dinâmicos, com novas práticas e modos de fazer emergindo a todo tempo. Em cada plataforma são engendrados diferentes modelos de comunicação e diferentes níveis de segmentação. O que parece ser comum a todos eles é seu

potencial de influenciar as escolhas dos leitores, seja na leitura e produção de sentidos, seja na aquisição de livros.

No entanto, enquanto *blogs* e mídias sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* são usados para publicação de conteúdo sobre livros usando os mesmos princípios percebidos na publicação de conteúdos sobre outros temas, tendo como diferenciação apenas algumas particularidades desta área, os sites de catalogação social da leitura são ferramentas totalmente focadas nos livros e no público leitor.

Plataformas de catalogação social da leitura são sites de redes sociais focados em livros (SPITERI, 2009) que se encaixam na definição tradicional de sites de redes sociais, os quais propiciam a conexão entre indivíduos, mantendo redes sociais já existentes ou a construção de novos laços sociais fracos baseados em interesses em comum (BOYD, ELISION; 2013). Eles se encaixam na definição de Boyd e Ellison (2007) de sites de redes sociais temáticos, segmentados ou de nicho.

Em Silva (2015) buscou-se mapear essas plataformas e suas características para melhor entender as expectativas e modos de participação dos leitores que as utilizam, assim como seu papel na descoberta e escolha de livros por seus usuários, além de sua relação com a indústria editorial como um todo. Trata-se de uma história interessante. A primeira plataforma de catalogação social a emergir na *web* foi o *LibraryThing*, criado em 2005. Logo em 2006 a *AbeBooks*, site de venda de livros novos, usados e raros, adquire 40% do site, e a própria *AbeBooks* é posteriormente adquirida pela *Amazon.com* (ABEBOOKS, 2017).

A aquisição e controle das plataformas de catalogação por organizações ligadas ao negócio do livro seria uma tendência nos anos seguintes, mas o *LibraryThing* continua disponível a seus antigos usuários sem novidades ou mudanças de interface, e aparentemente sem a interferência da *Amazon*, que posteriormente adquiriu o *Shelfary*, lançado em 2006, e o *Goodreads*, lançado em 2007. Ao comprar este último, a *Amazon* incorporou recursos do site às ferramentas disponíveis no *Kindle*, seu leitor digital, tornando a experiência de leitura mais interativa, uma vez que permite, através de um recurso lançado em 2016, que leitores compartilhem com outros os trechos que grifaram nos livros durante a leitura dos *ebooks*.

Além de possuírem as ferramentas tradicionais de sites de redes sociais, os sites de catalogação social apresentam recursos específicos cuja disponibilidade varia de plataforma para plataforma, com exceção do *Goodreads*, que oferece todas elas: criação de estantes virtuais de livros; comparação de estantes ente contatos; recomendação de livros entre usuários; registro de livros lidos, a serem lidos, e andamento de leitura com marcação de página e comentários; avaliação e resenha; recomendação de livros pelo site, com base nas

preferências registradas pelos usuários; contagem de número de páginas e livros lidos; desafios de leitura; promoção de eventos literários; criação de grupos temáticos e clubes do livro; listas públicas criadas pelos usuários; trocas de livros; links para comprar livros; *widgets*<sup>45</sup> para outros sites do usuário; e estatísticas de leitura do usuário.

Atualmente o *Goodreads* (figura 5) é a plataforma de catalogação mais usada em todo o mundo, partindo da “premissa de que pessoas prefeririam se basear na estante de amigos para procurar leituras do que nas listas de *Best Sellers* divulgadas nas publicações tradicionais” (SILVA, 2015, p. 71).

Figura 5 – Exemplo de *timeline* de usuário do *Goodreads*

The screenshot displays a user's Goodreads profile timeline. On the left, there are sections for 'CURRENTLY READING' (featuring 'Little House on the Prairie' and 'Macunaíma: O Herói Sem Nenhum Caráter'), '2017 READING CHALLENGE' (59 books completed), 'WANT TO READ' (with book covers like 'The Amber Spyglass'), and 'BOOKSHELVES' (434 Read, 2 Currently Reading, 304 Want to Read, 5 abandoned, 0 abril-ibr, 7 booktube-a-thon-2017). The main timeline shows a review of 'The Amber Spyglass (His Dark Materials, #3)' by Philip Pullman, a 'Goodreads Gift Guide' banner, and a 'GOODREADS CHOICE AWARDS' announcement for 'BEST BOOKS of 2017!'. Recommendations include 'Blood Eye (Raven #1)' by Giles Kristian. The interface includes navigation tabs (Home, My Books, Browse, Community), a search bar, and social interaction elements like 'Like', 'Comment', and 'Want to Read' buttons.

Fonte: A autora, 2018.

Os dados de utilização do site saltam aos olhos. São 65 milhões de membros, 2 bilhões de livros em seu catálogo, de 68 milhões de resenhas de livros criadas por usuários (GOODREADS, 2017). Trata-se de um exemplo claro de como as práticas de leitura como atos sociais também se concretizam através de plataformas de conectividade na internet.

<sup>45</sup> Componente de uma interface gráfica do usuário. Permite, deste caso, que o usuário incorpore, por exemplo em um blog, informações oriundas do Goodreads, como os livros que está lendo no momento.

... estes sistemas estariam migrando cada vez mais para um modelo em que se sobressairiam os recursos de sociabilidade, resultando na construção, pelos usuários, de uma identidade como leitor e formador de opinião, uma nova espécie de crítico literário (SILVA, 2015, p. 70).

Já o *Instagram*, que é uma plataforma social de compartilhamento de imagens, também conta com uma comunidade ativa interessada em trocar informações sobre livros e leitura. Os perfis de *Instagram* dedicados a essa temática têm sido cada vez mais notados por editoras, e novos modelos de parceria estão emergindo.

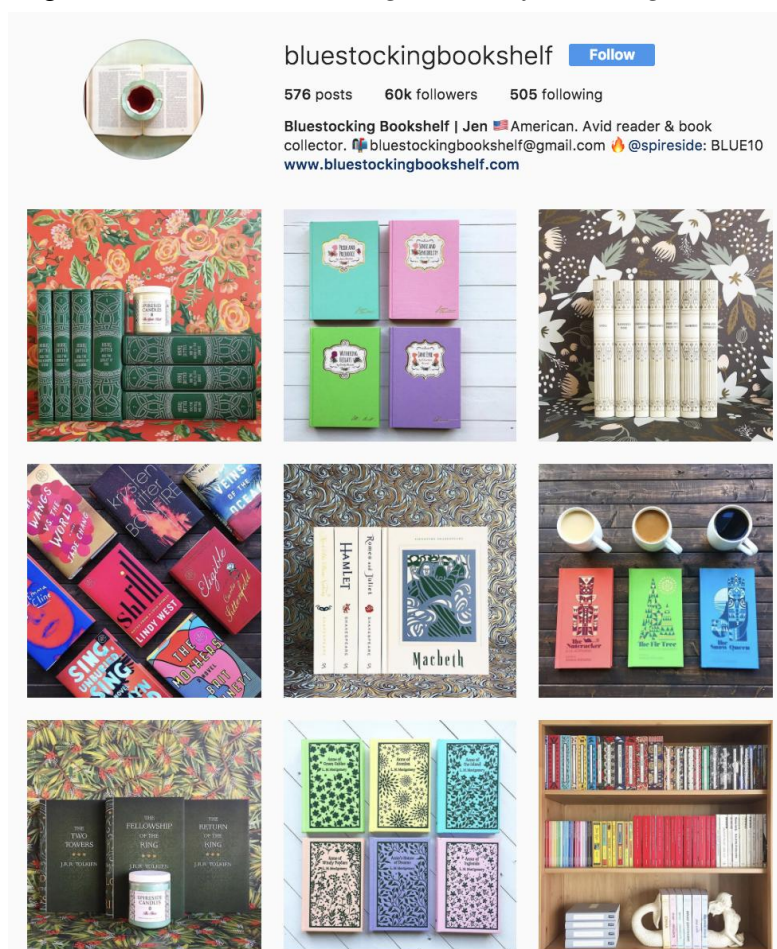
A *hashtag*<sup>46</sup> *bookstagram*, usada pelos usuários que compartilham essas fotos, é apenas mais um dentre os muitos exemplos de como a cultura livresca está sendo reapropriada de diferentes formas na internet, desta vez claramente privilegiando as características visuais dos livros. Dos menos aos mais populares perfis, percebe-se o apelo visual nas fotografias em que os livros são o principal destaque.

A título de ilustração, apresenta-se, a seguir, o *Bluestocking Bookshelf* no Instagram (figura 6). Este é descrito, em seu perfil, com o primeiro nome de sua autora, Jen, sua nacionalidade, sua declaração como ávida leitora e colecionadora, um e-mail para contato, um cupom promocional para compra de velas e o endereço do site, que na verdade é um *blog* no qual a autora fala sobre livros.

---

<sup>46</sup> Palavras-chave usadas para indexação. Nas mídias sociais as *hashtags*, ou simplesmente *tags*, são uma forma prática de organizar as conversações relacionadas a determinados tópicos.

Figura 6 – Perfil *Bluestocking Bookshelf* no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/bluestockingbookshelf/>

Belas capas e encadernações são destacadas por fotos cuidadosamente produzidas e compartilhadas, algumas vezes apenas com livros, outras vezes com adereços e enfeites que enriquecem a composição das imagens. As descrições criadas por Jen também merecem destaque, pois complementam e fornecem detalhes sobre as fotos. Na figura 7, publicada neste mesmo perfil em 4 de novembro de 2017, Jen pergunta aos seguidores do *Bluestocking Bookshelf* qual foi a última vez que eles foram influenciados a comprar um livro devido a alguma imagem vista no *bookstagram*. Ela relata que viu o livro que aparece na foto em um perfil que ela segue, e uma semana depois ela o comprou e não se arrepende, uma vez que o livro é ainda mais bonito ao vivo. A descrição é seguida por uma longa lista de *hashtags*.



Figura 7 – Exemplo de foto e descrição postada pelo perfil *Bluestocking Bookshelf*



Fonte: <http://www.instagram.com/p/BbFKjZwFhUZ/?taken-by=bluestockingbookshelf>

O perfil *Bluestocking Bookshelf* é apenas um dentre milhares no *Instagram* que compartilham um mesmo modelo de comunicação visual sobre livros. O que diferencia estes perfis é a qualidade das imagens, a beleza dos livros, o grau de exposição do dono ou dona do canal em seus momentos de leitura, e até mesmo o uso de algumas ferramentas promocionais, como o sorteio dos livros. Se indivíduos comuns ganham notoriedade (ainda que no *Instagram* muitos não apareçam, permanecendo anônimos), suas táticas são reapropriadas pelo negócio do livro quando suas imagens são recompartilhadas por editoras ou sites de *ecommerce* em seus próprios perfis, ou quando eles mesmos criam conteúdo semelhante.

A figura 8 traz uma postagem da editora independente *Slightly Foxed*<sup>47</sup> no *Instagram*. Trata-se de uma imagem com elementos muito comuns *bookstagram*: chá (ou café), livros, cama, cobertor. O texto dá boa tarde aos leitores, dizendo não poder fazer nada em relação ao dia cinzento, mas trazendo um pouco de alegria através de livros. O *post* divulga um sorteio ao mesmo tempo em que anuncia o ganhador do anterior.

<sup>47</sup> Trata-se de uma revista literária britânica que também publica em tiragem relativamente pequena livros de capa dura e encadernação em tecido fabricados à mão, geralmente clássicos da literatura e *memoirs*.



Figura 8 – Postagem da *Foxed Quartely* no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BgoB1LzACGO/?taken-by=foxedquarterly>

Enquanto no *Instagram* o conteúdo literário parece ter sido apropriado de forma bastante específica, outras mídias sociais trazem informações sobre livros em modelos de postagem mais variados e generalistas, como ocorre no *Facebook*, abordado a seguir.

O *Facebook* continua a ser o site de rede social mais utilizado em todo o mundo. Nos Estados Unidos, 79% dos usuários de internet (68% de todos os adultos dos EUA) usam o *Facebook*, 32% utilizam o *Instagram*, e 24% utilizam o *Twitter*. Outro dado interessante é que três quartos dos usuários do *Facebook* e metade dos usuários do *Instagram* acessam estas plataformas diariamente. Além disso, o percentual de usuários de um site que também utilizam outro é alta (PEWINTERNET, 2017).

No que diz respeito aos conteúdos sobre livros, o mesmo pode ser observado. Editoras e autores tendem a estar presentes nas diferentes plataformas sociais disponíveis. Seja para o lançamento e divulgação de livros – como na figura 9, que destaca a página de Philip Pullman no *Facebook*, na qual são divulgadas, durante meses, diversas informações sobre seu mais recente livro, *The Book of Dust* –, seja para manter o diálogo constante com os leitores, a comunicação sobre livros na internet tem características multiplataforma.

Figura 9 – Página oficial do autor Philip Pullman no Facebook



Fonte: <http://www.facebook.com/PhilipPullman/>

Percebe-se que, neste ambiente de publicação, o conteúdo é mais multimídia, com vídeos de longa duração, imagens e links para postagens em texto em sites e blogs. Enquanto algumas postagens parecem seguir algum tipo de padrão, como é o caso do *Instagram*, no *Facebook* e no *Twitter* elas se apresentam de formas mais variadas e menos dependente de imagens. Por mais que algumas vezes o conteúdo seja replicado em cada uma destas plataformas, como na figura 9, há diferenças que, ainda que sutis, denotam atenção aos padrões de comunicação inerentes a cada uma delas.

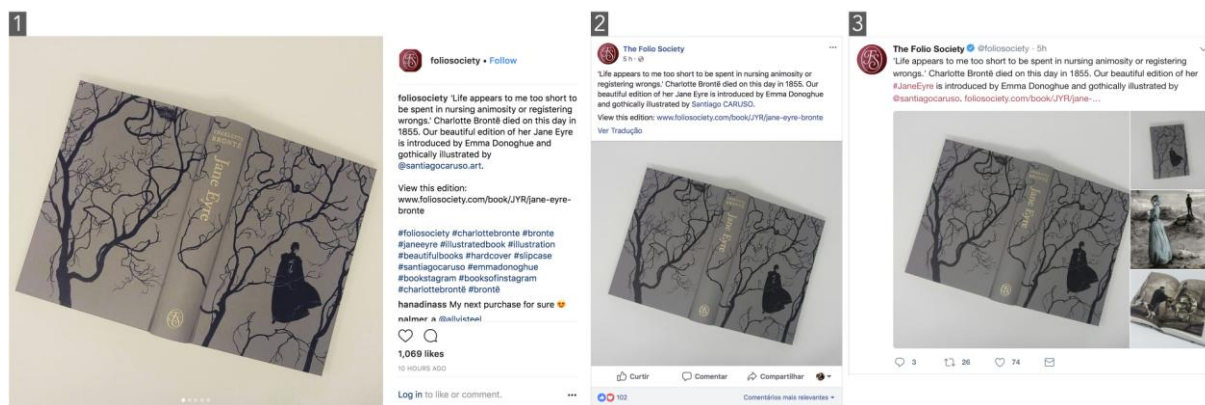
A montagem a seguir (figura 10) mostra como a *Folio Society* – editora independente britânica *low end fine press* que desde 1947 vem publicando edições de livros considerados atemporais – decidiu divulgar sua edição de *Jane Eyre* no aniversário de morte de Charlotte Bronte. No recorte 1 é apresentada a postagem publicada no *Instagram*. O segundo recorte é referente à postagem na *fanpage* da editora no *Facebook* e, o terceiro, em seu perfil no *Twitter*. É interessante notar que, por mais que o conteúdo em linhas gerais seja o mesmo, ele foi adaptado para as características e padrões de cada uma destas plataformas. Todos os textos são iniciados com a célebre frase do livro: “A vida me parece muito curta para ser gasta com animosidade ou recordando erros”<sup>48</sup>. Em seguida explica-se que Charlotte Bronte morreu neste mesmo dia, 31 de março, no ano de 1855, e que a edição mostrada na fotografia possui

<sup>48</sup> Livre tradução de: “Life appears to me too short to be spent in nursing animosity or registering wrongs”.

introdução de Emma Donoghue e ilustrações góticas do artista Santiago Caruso. A postagem do *Twitter* se diferencia das demais através do uso de “#JaneEyre”, enquanto a do *Instagram* traz uma longa lista de etiquetas descritivas. O post no *Facebook* menciona o ilustrador através de um link para sua *fanpage*, que nesta plataforma é mais popular que a da própria editora<sup>49</sup>. O post do *Instagram* traz link o perfil do artista no *Instagram*, e o mesmo acontece no *Twitter*, indicando o cuidado de identificar devidamente o artista em cada uma destas frentes de divulgação e interação com fãs.

Por fim, salta aos olhos, neste caso, a diferença de interação e resposta dos usuários em relação a uma mesma postagem em diferentes plataformas. Cabe destacar que as postagens foram capturadas simultaneamente. Enquanto o conteúdo veiculado no *Twitter* recebeu 75 *likes*, 3 comentários e 26 *retweets*, o post do *Facebook* foi curtido 102 vezes, com 8 comentários e 8 compartilhamentos. Já o conteúdo do *Instagram*, apesar de parecer ter sido publicado 5 horas antes, foi curtido, no momento da coleta dos dados, 1.069 vezes, e comentado 19 vezes, sendo um destes comentários de autoria do perfil do próprio artista argentino.

Figura 10 – Montagem comparando postagens no *Instagram*, *Facebook* e *Twitter* respectivamente



Fonte: A autora, 2018.

Saindo do escopo das organizações editoriais e de figuras que fazem parte dessa faceta mais profissional, por assim dizer, do negócio do livro, resta investigar aqueles que vêm sendo denominados influenciadores digitais. Interessa a esta pesquisa refletir sobre como e

<sup>49</sup> Em 31 de março de 2018 a *fanpage* do ilustrador possuía 85.047 curtidas e a da Folio Society possuía 57.256.

por que cada vez mais leitores, indivíduos comuns, estão se transformando em figuras de autoridade e influência.

### 2.2.3 Os influenciadores e a curadoria informacional

A presença dos livros nas mídias sociais em grande parte se dá através de seus leitores, que nestes espaços de sociabilidade de transformam em criadores de conteúdo e se tornam, em alguns casos, influenciadores digitais capazes de incentivar tanto a leitura de livros quanto sua aquisição e coleção. Trata-se de um exemplo claro de como muitas das transformações no mercado cultural contemporâneo estão diretamente relacionadas a um contexto no qual todo tipo de criatividade tem o potencial de se transformar em mercadoria. Portanto, ao serem examinadas as formas através das quais leitores trocam informações sobre livros nas plataformas sociais disponíveis, deve-se atentar para o fato de que estas práticas são também condicionadas por novas demandas socioculturais marcadas por formas diferentes de estar no mundo, como destaca Sibilía (2008). Segundo a autora, há laços “incestuosos” amarrando a comunicação mediada pelo computador ao onipresente mercado.

Laços que também as prendem a um projeto bem identificável: o do capitalismo atual, um regime histórico que precisa de certos tipos de sujeitos para alimentar suas engrenagens (e seus circuitos integrados, e suas prateleiras e vitrines, e suas redes de relacionamentos via web), enquanto repele ativamente outros corpos e subjetividades (SIBILIA, 2008, p. 25).

Sibilía (2008) fala sobre a capacidade de criação que sistematicamente é capturada pelos “tentáculos do mercado” na internet e, por que não, fora dela. Todos os dias surgem novas práticas, novos rituais como, por exemplo, os diários virtuais que, inspirados nos diários íntimos de outrora, se reconfiguram em formatos diferentes de publicação utilizando exclusivamente ou simultaneamente texto, foto e vídeo.

Como apontado anteriormente, os *blogs* estão na origem deste fenômeno. O mercado editorial não tardou a reconhecer seu potencial mercadológico. É o caso de

... alguns autores de blogs que são ‘descobertos’ pela mídia tradicional devido a sua notoriedade conquistada na internet, sendo contratados para publicar livros impressos – conhecidos como *blooks*, pela fusão de blog e *book* – ou colunas em revistas ou jornais (SIBILIA, 2008, p. 19).

Nas últimas duas décadas, é notório o fato de que pessoas comuns têm se apropriado das plataformas de conectividade disponíveis para falar sobre diversos assuntos, e

principalmente sobre si mesmas, muitas vezes, ou inevitavelmente, expondo sua intimidade. Sibilia (2008), ao analisar estas práticas confessionais, as interpreta como uma renovação do gênero autobiográfico. “O eu que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem” (SIBILIA, 2008, p. 31). Ela questiona principalmente se estas cenas da vida privada que ganham as redes, em diferentes formatos, configurações e motivações, seriam vidas ou obras de uma nova forma de arte. Um novo gênero de ficção ou documentário? Tais reflexões são essenciais ao analisarmos aquilo que se fala sobre os livros na *web*, já que a forma e o conteúdo desta comunicação, assim como todo discurso, “é dialógico e polifônico, inclusive os monólogos e os diários íntimos: sua natureza é sempre intersubjetiva. Todo relato se insere em um denso tecido intertextual, entremado com outros textos e impregnado de outras vozes” (SIBILIA, 2008, p. 32).

Desta forma, é importante considerar como estes discursos sobre o livro, sobre o ato de ler, sobre a literatura, são influenciados por essa condição especial do interlocutor muitas vezes estar consciente do fato de que está mostrando publicamente o que é privado, em um contexto que valoriza a visibilidade e aparência. Parece que estes relatos estão imersos em uma capacidade potencializada de construção de si e da própria vida, que se transforma em um filme, em uma narrativa que busca chamar a atenção do público. Como aponta Sibilia, “a não-ficção floresce e conquista um terreno antes ocupado de maneira quase exclusiva pelas histórias de ficção” (SIBILIA, 2008, p. 34).

Se antes as figuras ilustres, ou celebridades, eram detentoras da atenção do público, hoje indivíduos comuns são o foco do fenômeno na exibição da intimidade e da espetacularização da personalidade, ainda que o conteúdo que produzam e distribuam nas redes não seja necessariamente sobre si mesmos. Estes fenômenos, observados de perto, e também com um olhar no passado, revelam o quanto fronteiras entre o que se considera público e privado foram se desmanchando e se reconfigurando.

Observa-se “uma curiosidade crescente por aqueles âmbitos da existência que costumavam ser catalogados de maneira inequívoca como privados” (SIBILIA, 2008, p. 34). Os muros da sociedade industrial moderna, marca do modo de vida urbano burguês dos séculos XVIII ao XX, parecem estarem se dissolvendo no século XXI, principalmente. Ou, como aponta Sibilia (2008), se tornando translúcidos. Se antes eles permitiam aos indivíduos proteger sua intimidade de olhos alheios, “agora se deixam infiltrar por olhares tecnicamente mediados (ou mediatizados), que flexibilizam e alargam os limites do que se pode dizer e mostrar” (SIBILIA, 2008, p.78).

No século XIX a cisão entre público e privado era mais clara, e o lar era em geral um espaço no qual os indivíduos poderiam se distanciar do escrutínio das convenções e da opinião pública. O quarto, espaço individual, era mais uma camada de proteção na qual, mesmo no seio da intimidade familiar, era possível fugir das cobranças familiares e desfrutar da companhia de si mesmo. Não por acaso, estes ambientes privados foram também se configurando cada vez mais como espaços de introspecção, e não raro, de leitura individual e silenciosa.

Estas transformações estão diretamente relacionadas aos vídeos que serão analisados neste trabalho, gravados na casa dos leitores que falam sobre livros, sobre suas preferências de leitura, e também sobre si mesmos. A intimidade do lar é exibida, ainda que camuflada por ângulos específicos e por uma seleção do que e de como se deseja mostrar (figura 11). Pessoas desconhecidas são convidadas a “entrarem nas casas” e a conhecerem detalhes sobre vidas de pessoas também desconhecidas que se propõem a participar de um monólogo que é, também, uma conversa. O interlocutor é ao mesmo tempo ele mesmo e também sua persona. Trata-se de uma construção de si que quer comunicar algo, e que direta ou indiretamente expõe sua vida como relato.

Figura 11 – Sasha Alsberg, em seu canal A Book Utopia mostra suas estantes



BOOKSHELF TOUR 2017 | 700+ BOOKS

48,189 views

3K 87 SHARE ...



abookutopia  
Published on Dec 16, 2017

SUBSCRIBE 362K

Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=oDejm95hmAs>



É ainda mais interessante pensar que, mesmo com a marca forte da oralidade da conversa cotidiana, novas práticas de leitura ganham fôlego e se disseminam, ainda que capitalizadas pelo mercado. A leitura, especificamente, ultrapassa o monólogo interior, para ser exteriorizada publicamente. Trata-se de mais uma dentre as muitas evidências de que o espaço privado, a conversa e os conflitos íntimos transformaram-se em mercadoria cuja demanda está em alta para um público heterogêneo e interessando em todo tipo de assunto, inclusive livros.

Mas o papel dos influenciadores digitais, ou, de maneira geral, das pessoas comuns que se tornaram produtoras de conteúdo na internet, não deve ser reduzido apenas à questão da ditadura da intimidade e sua espetacularização. Em um cenário de relativa abundância da informação – nem sempre o caso do universo dos livros –, o cidadão comum busca em seu par as informações honestas que deseja sobre produtos e serviços, sobre marcas e organizações.

Para além da mensagem publicitária, da descrição comercial fornecida por empresas ou de forma anônima, a pretensa confiabilidade, ou melhor, da pessoalidade da informação boca a boca ganhou, em tempos de internet, proporções globais. Portanto, ao se investigar o fenômeno dos influenciadores digitais e suas relações com o mercado cultural, é preciso também compreender a natureza desta influência como um processo de curadoria da informação.

Resta aqui, portanto, brevemente estabelecer diferenças e semelhanças entre três figuras que em alguns momentos se opõem ou se sobrepõem: a do influenciador digital, a do curador informacional e a do crítico. Ambas se estabelecem no contexto da propalada revolução tecnológica que introduziu um “choque da inclusão de amadores como produtores” (SHIRKY, 2011, p. 50).

O termo “influenciador digital” gradualmente começa a substituir denominações já muito populares como “blogueiro” ou “vlogueiro”. Estes indivíduos, que antes ficavam mais restritos a nichos e cuja esfera de influência se aplicava de forma significativa apenas aos ambientes digitais, agora estão na TV e nas capas de revista, ou até mesmo são autores de livros *best sellers*.

Para Karhawi (2016), os influenciadores atingiram este status pela necessidade de filtragem do volume imenso de informação disponível na internet, e também por atributos capazes de conferirem a eles prestígio, reputação e credibilidade. É interessante notar que existe sempre algum nível de pessoalidade na comunicação. Afinal, “os influenciadores que associam sua imagem ao conteúdo que produzem são aqueles com maior visibilidade” (KARHAWI, 2016, p.48).

É um desafio tentar estabelecer categorias para os produtores de conteúdo na *web*, mas a princípio pode-se discutir seu papel para, a partir dele, tentar compreender sua relevância. Argumenta-se aqui que há duas funções mais aparentes que, inclusive, podem ser sobrepostas: a de influenciador digital e a de curador de informação.

Enquanto o valor do conteúdo do influenciador digital e sua relevância parecem estar associados à sua imagem, a curadoria nos ambientes digitais seria um processo de mediação que envolve a recomendação de conteúdos ou produtos, e a organização das informações. Se na etimologia do termo curadoria encontra-se o sentido de curar como o de zelar ou vigiar por algo, “com a evolução social o termo passa a relacionar-se com o campo das artes, dos museus e de seus respectivos acervos” (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 4). No contexto das mídias digitais, suas funções se voltam para a organização de dados. Cabe sempre lembrar que curadoria pode ser realizada por indivíduos, ou por sistemas de informação<sup>50</sup>.

Temos claro que nem todo curador (no sentido etimológico do termo) é um potencial comunicador no mundo digital; por outro lado, não deixamos de observar que a ação comunicacional em rede digital está cada vez mais ancorada em processos curatoriais que vão desde simples sistemas de recomendação à construção de complexos algoritmos, passando todos eles pela mediação inerente à atividade comunicacional (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p.11).

Karhawi (2017), ao aprofundar essa questão da curadoria de informação nos ambientes digitais, cita a *YouTuber* Tatiana Feltrin, principal *booktuber* brasileira. O caso ilustra bem o processo de “filtragem” da informação relacionado à curadoria, e o fato de que, de certa forma, algumas vezes a confiabilidade dessa seleção está relacionada ao status e à autoridade do influenciador digital.

Ao atuar como um “filtro”, Tatiana auxilia no processo de escolha de livros em meio à abundância de novos autores e livros lançados. As indicações de Tatiana só são levadas em consideração, no entanto, por conta de sua representatividade. Esta pode estar apoiada em sua formação em Letras ou mesmo na quantidade de leituras que é capaz de fazer em um curto espaço de tempo (KARHAWI, 2017, p.58-59).

O influenciador digital, que é também um curador de informação nas redes sociais na internet, também não escapa aos processos, discutidos no começo deste capítulo, de mercantilização da criatividade e de todo tipo de produção de conteúdo. Enquanto Tatiana Feltrin faz resenhas e comentários de livros em seus vídeos, os links na descrição de cada um

---

<sup>50</sup> Por exemplo, o algoritmo de recomendação de livros do Goodreads, que leva em consideração os livros que o usuário gosta para recomendar livros com características semelhantes.



deles apontam para o site da *Amazon*, e toda vez que um cliente compra um livro chegando ao site através do vídeo da *booktuber*, a *Amazon* paga uma pequena comissão a ela.

Como aponta Karhawi (2017), trata-se de uma complexa relação com múltiplas vantagens. Tatiana Feltrin se estabelece como influenciadora digital de um público interessado em certos tipos de livros. Seu status de influenciadora é baseado em uma reputação conquistada ao longo dos anos através do valor de seu conteúdo e das formas através das quais ela indica as obras, realizando também um papel de curadoria. Para a *Amazon* ela é uma ferramenta de propagação de informação e divulgação de produtos – livros. Em contrapartida, as comissões da *Amazon* são uma forma de recompensar o trabalho da *booktuber*. Este trabalho, devido à sua gratuidade, gera ganhos diretos (relacionados às visualizações e exibições de anúncios) e indiretos (relacionados às comissões de sites de venda e outros tipos de parceria). Para a comunidade de assinantes de Tatiana, suas indicações são relevantes e possivelmente se transformam em item da lista de leituras – ou de compras. É no equilíbrio entre seus gostos e essas parcerias que reside a confiabilidade dos produtores de conteúdo. Uma vez estabelecida a relação de confiança entre aquilo que divulgam e seu público, eles se transformam em fontes de informação e, potencialmente, vendas.

Portanto, sugere-se, a princípio, que no caso dos livros o influenciador digital é também um curador de informação, o qual exerce seu papel atendendo à demanda por recomendações de “pessoas comuns” que, através da criação de conteúdo, conquistaram sua reputação como especialistas no assunto.

### 2.3 *YouTube*

O *YouTube* é a quarta plataforma social mais utilizada no mundo, atrás apenas de *Facebook*, *Facebook Messenger* e *Whatsapp* (WEARESOCIAL, 2017). No *YouTube* qualquer pessoa pode assistir vídeos e comentá-los, e qualquer um pode criar e enviar seu próprio conteúdo, desde que tenha registrado seu perfil no sistema. Além dos vídeos dos usuários, há também conteúdos disponibilizados por empresas e grandes corporações midiáticas. Os tipos de vídeos são incrivelmente variados. Vão de programas de TV, documentários, *vlogs*, videoclipes, filmes, animações a gravações ao vivo, tutoriais e trailers de cinema, por exemplo.

### 2.3.1 A plataforma

A história na plataforma de compartilhamento de vídeos mais popular do mundo é muito parecida com a de outros negócios eletrônicos criados na primeira década de 2000 na Califórnia. Chad Hurley, Jawed Karim e Steve Chen à época eram empregados do *Paypal*, empresa de pagamentos online. Os três, que se tornaram co-fundadores, têm versões diferentes sobre como surgiu a ideia de criar a empresa, que começa como *startup* em fevereiro de 2005. O primeiro vídeo, *Me at the zoo*, gravado por Jawed Karim no zoológico de San Diego, foi enviado em abril de 2005. O lançamento oficial do *YouTube* aconteceu apenas em dezembro daquele ano. A partir daí o crescimento foi rápido, culminando com a aquisição do *YouTube* pelo *Google* por 1.65 bilhão de dólares em novembro de 2006.

Atualmente o *YouTube* tem mais de um bilhão de usuários, o que significa cerca de um terço de todas as pessoas no mundo que usam internet. Todos os dias, bilhões de horas de vídeos são assistidas, alcançando mais pessoas entre 18 e 49 anos que qualquer TV a cabo dos Estados Unidos. Há versões locais do *YouTube* em mais de 88 países e em 76 línguas, atingindo 95% de toda a população da internet (YOUTUBE, 2018c).

São quatro os principais valores divulgados pelo *YouTube*: liberdade de expressão, direito à informação, direito à oportunidade e liberdade para pertencer (YOUTUBE, 2018a). Estes valores se encaixam perfeitamente em todo o discurso que é encontrado desde as origens das primeiras empresas de internet. Trata-se do mesmo ideário que mistura o discurso libertário de acesso à informação à noção de que através da internet pessoas comuns podem montar seus negócios, obter sucesso, encontrar comunidades de interesses comuns, sem fronteiras e obstáculos. A missão do *YouTube*, segundo ele mesmo, “é dar a todos uma voz e revelar o mundo. Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio de nossas histórias” (YOUTUBE, 2018a).

De acordo com Burgess e Green (2009b, p.20), em meio às muitas transformações da plataforma ao longo dos anos, desde sua criação, as práticas de seus usuários foram e são um fator de grande influência. Para os autores,

... a escalada do *YouTube* ocorreu em meio a uma névoa de incerteza e contradição sobre para que aquilo realmente servia. A missão aparente ou declarada do *YouTube* foi repetidamente transformada tanto pelas práticas corporativas como por sua utilização pela audiência.

Em 2006 o *YouTube* havia começado a delinear o que seria seu modelo de anúncios. Modelo este que a cada ano passa por reformulações. Foi também em 2006 que começaram a colocar em funcionamento ferramentas desenvolvidas para detectar o uso indevido de conteúdos protegidos por direitos autorais, enquanto ações eram movidas contra a plataforma por diversas corporações de mídia.

Para os autores, o *YouTube* muda “de um recurso de armazenagem pessoal de conteúdos em vídeo para uma plataforma destinada à expressão pessoal” (BURGESS; GREEN, 2009b, p.21), o que pode ser constatado no slogan, que deixa de ser *Your Digital Video Repository* para *Broadcast Yourself*.

Se no começo o *YouTube* se destinava ao compartilhamento de vídeos pessoais e amadores, para Burgess e Green (2009b) grande parte do sucesso do site tem relação com a maneira através da qual a plataforma passou a distribuir também vídeos de grandes estúdios, emissoras de TV e mídia tradicional em geral.

Logo, nos últimos treze anos, pode-se dizer que o *YouTube* é uma plataforma de distribuição de vídeos amadores e vídeos profissionais originais, e que, seguindo uma tendência já antiga na internet, muitos amadores se profissionalizaram, tornando tênue a diferença entre estes conteúdos. Em 2007 o programa de parceria já permitia que criadores de conteúdo fossem pagos, transformando o que era apenas *hobbie* em um negócio extremamente lucrativo, já àquela época com *YouTubers* recebendo milhares de dólares mensalmente (SELTER, 2008). Além da viralização de vídeos, já era possível ganhar dinheiro no *YouTube* indiretamente, através de modelos já existentes na mídia tradicional, como parcerias e *product placement*. Quando o *Google* finalmente decide começar a ter ganhos com a plataforma, os primeiros anúncios começam a aparecer como *pop-ups* sobre os vídeos. Como destacam Snickars e Vonderau (2009, p.11), “estabelecendo uma cultura de clipe que ultrapassa o cinema e a televisão, a plataforma de distribuição de vídeo possui o repositório mais amplo da cultura de imagens em movimento até a presente data”<sup>51</sup>.

A breve história do *YouTube* possui números impressionantes. Os dez canais mais bem pagos de junho de 2016 a junho de 2017 receberam ao todo 127 milhões de dólares do *YouTube* e de outros contratos. Dentre eles está o canal *Ryan Toys Reviews*, com mais de 12 milhões de inscritos e um faturamento de 8 milhões de dólares. Nele, um garoto de 6 anos faz resenhas de brinquedos com sua família (FORBES, 2017).

---

<sup>51</sup> Livre tradução de: “Establishing a clip culture that outpaces cinema and television, the brand-named video-distribution platform holds the broadest repository of moving-image culture to date”.

Ao mesmo tempo, as políticas que tentam controlar conteúdo inadequado ou ilegal, principalmente para atender a questionamentos de anunciantes e da sociedade, acabam sendo alvo de críticas. Em janeiro de 2018, o *YouTube* anunciou que canais com menos de mil inscritos e menos de 4 mil horas de tempo de visualização nos últimos 12 meses seriam desmonetizados, aumentando em muito o critério para a participação em seu programa de parceria, que antes exigia apenas que o canal tivesse 10 mil visualizações desde sua criação. Conforme anunciado no espaço de comunicação do *YouTube* com seus criadores de conteúdo, o *YouTube Creators Blog*, as mudanças tiveram o objetivo de tentar responder a problemas antigos da plataforma, como a monetização indevida de conteúdo violento, extremista ou inapropriado.

... estamos fazendo mudanças para abordar os problemas que afetaram nossa comunidade em 2017 para que possamos evitar que atores ruins prejudiquem os criadores inspiradores e originais de todo o mundo que ganham a vida no *YouTube*. Uma grande parte desse esforço fortalecerá nossos requisitos de monetização para que os *spammers*, imitadores e outros atores ruins não possam prejudicar o nosso ecossistema ou tirar proveito de você, continuando a recompensar aqueles que fazem a nossa plataforma excelente<sup>52</sup> (*YOUTUBE*, 2018b).

Os problemas da comunidade em 2017, mencionados no trecho anterior, dizem respeito à “desmonetização” automática de vídeos que não apresentavam problema algum, fazendo com que um grande número de criadores visse suas receitas despencarem sem qualquer explicação por parte do *YouTube* (THEVERGE, 2017).

Como tentativa de melhorar suas políticas e controlar a monetização de conteúdo indevido, a mudança ocorrida no começo de 2018 acabou afetando canais pequenos, que não irão mais obter qualquer receita com vídeos até que atinjam os novos requisitos impostos pelo *YouTube*.

Burgess e Green (2009b) muito cedo já destacavam a natureza instável do *YouTube*. Para eles, as transformações são norteadas predominantemente por uma lógica *top-down*, segundo a qual os desenvolvedores impõem o sistema aos usuários. Estes, de forma massiva, através de suas práticas, produzem coletivamente valores sociais, culturais e econômicos.

... o *YouTube* ilustra as relações cada vez mais complexas entre produtores e consumidores na criação do significado, valor e atuação. Não há dúvidas de que se

---

<sup>52</sup> Livre tradução de: “we’re making changes to address the issues that affected our community in 2017 so we can prevent bad actors from harming the inspiring and original creators around the world who make their living on YouTube. A big part of that effort will be strengthening our requirements for monetization so spammers, impersonators, and other bad actors can’t hurt our ecosystem or take advantage of you, while continuing to reward those who make our platform great”.

trata de um site de ruptura cultural e econômica. Entretanto, esses momentos de transição de mídia não deveriam ser classificados como rompimentos históricos radicais, mas sim como períodos de turbulência crescente, que se tornam visíveis conforme as várias práticas, influências e ideias preestabelecidas competem com as emergentes como parte da longa história da cultura, mídia e sociedade. O *YouTube* não representa uma colisão e sim uma coevolução aliada a uma coexistência desconfortável entre “antigas” e “novas” aplicações, formas e práticas de mídia (BURGESS; GREEN, 2009b, p.33).

Burgess e Green ainda apontam para uma “complicação adicional” para as trocas que ocorrem no *YouTube*. Ao mesmo tempo que este pode ser usado como forma de distribuir e popularizar rapidamente produtos de mídia comercial, é também um site de CGU (Conteúdo Gerado por Usuário) que desafia os modos de fazer dos produtos de comunicação, que afinal podem acabar sendo assimilados e explorados pela mídia tradicional. Um dos exemplos citados são as práticas de *vlogging*.

### 2.3.2 A linguagem dos vlogs

Com o desenvolvimento das câmeras, temos o surgimento do cinema e, posteriormente, da televisão. A famosa série cronofotográfica de movimento de cavalos de Muybridge, de 1872, ficou conhecida como a primeira técnica empreendida com sucesso para registrar imagens que transmitiam um sentido de movimento. Um ano depois Edison coloca à venda a patente do kinetoscópio, pois achava que a projeção de imagens em tela não era viável financeiramente. Mas quando seus técnicos conseguiram fazer uma série de filmes de 20 minutos, Edison apresenta ao público, em 1895, o cinematógrafo (BRIGGS e BURKE, 2006). O que se tem depois faz parte da história do cinema, palavra esta que surge na idade de ouro para descrever as salas de exibição, das mais simples às mais luxuosas.

Como descrevem Briggs e Burke (2006), apenas no fim da década de 1920 foram colocados à venda os primeiros aparelhos de TV. Àquela época, quase nenhum país possuía canais de televisão. A tecnologia, cuja base é diferente da do cinema, não era vista como ameaça pelas produtoras de filme. Mas a partir 1950, período rotulado de “a idade da televisão”, o audiovisual entraria de vez dentro dos lares, se transformando no passatempo preferido de um grande número de pessoas em todo o mundo.

Esta breve linha do tempo se presta aqui a apenas pontuar as transformações das principais formas de apresentação do vídeo até sua popularização como entretenimento e fonte de informação. Com o desenvolvimento dos primeiros videotapes e, na década de 70, com os primeiros videocassetes, “davam-se os primeiros passos de um caminho

revolucionário em termos cognitivos e no processo de criação na arte, na comunicação, na ciência e na educação” (ENCICLOPÉDIA INTERCOM..., 2010, p. 1210).

Se em boa parte do século XX o vídeo teve sua distribuição centralizada e distribuída verticalmente, no século XXI o vídeo e os dispositivos de gravação se tornaram digitais, descentralizados, portáteis e relativamente acessíveis. O vídeo se transformou em uma mídia das pessoas comuns, e não mais de especialistas. E é neste contexto que surgem os *vlogs*.

Para Burgess e Green (2009b), *vlogging* é o ato de gravar vídeos de monólogo. Geralmente dirigidos a uma câmera, eles são posteriormente editados de forma simplificada e publicados na internet. É comum, nesta conversa informal e aparentemente espontânea com o espectador, o convite ao *feedback*, à crítica e à discussão.

Desde o começo desta prática de publicação de *vlogs*, os participantes os usavam para compartilhamento de informações pessoais e troca de conhecimentos. Tais práticas, centrais para a produção de envolvimento na plataforma, parecem se repetir independente do tema abordado. Enquanto alguns se profissionalizaram, contando com etapas de produção e pós-produção, a grande massa de *vlogs* grava vídeos com equipamentos populares, em casa, no carro, andando pela cidade, com uma edição simples e, não raro, nenhuma edição. No entanto, muitos dos *vlogs* mais populares não são puramente produções amadoras, mas se valem do formato tradicional dos *vlogs* para se comunicarem com seu público e atingirem seus objetivos, como revelam as pesquisas de Burgess e Green (2009a). A prática de *videoblogging* ou *vlogging* é uma forma de Conteúdo Gerado por Usuário fundamental para a construção do senso de comunidade na plataforma, sendo considerada predominante no *YouTube*.

*Vlogging* em si não é necessariamente novo ou exclusivo do *YouTube*, mas é uma forma emblemática da participação no *YouTube*. O formato tem antecedentes na cultura da *webcam*, de blogs pessoais e na mais difundida “cultura confessional” que caracteriza *talk shows* e *reality shows* televisivos voltados para a observação da vida cotidiana<sup>53</sup> (BURGESS; GREEN, 2009a, p. 94).

Ainda que os *vlogs* não necessariamente apresentem inovações estéticas ou as informações mais enriquecedoras, é interessante analisar as formas através das quais os *vlogs* mantêm o engajamento e a atenção de quem os assiste.

---

<sup>53</sup> Livre tradução de: “Vlogging itself is not necessarily new or unique to YouTube, but it is an emblematic form of YouTube participation. The form has antecedents in webcam culture, personal blogging and the more widespread “confessional culture” that characterizes television talk shows and reality television focused on the observation of everyday life”.

A antropóloga Patricia Lange (2007, 2008 e 2009), após realizar diversas investigações etnográficas sobre vídeos do *YouTube*, propõe o que ela chama de “vídeos de afiliação”. Estes, para a autora, demonstrariam como redes sociais podem ser estabelecidas por meio de vídeos.

Afiliação pode ser definida de várias maneiras. Ela pode incluir sentimentos de afiliação em uma rede social ou sentimentos de atração a pessoas, coisas ou ideias. Em um nível mais amplo, as pessoas podem ter afiliações a muitos tipos de coisas, tais como passatempos, instituições ou ideologias que formam o conteúdo aparente do assunto de um vídeo. O *YouTube* oferece muitas oportunidades para ficar em sintonia com temas favoritos<sup>54</sup> (LANGE, 2009, p. 71).

Para Lange (2009), os vídeos de afinidade, mesmo transmitindo algo gravado no passado, conseguem passar a quem os assistem o sentimento de estar compartilhando um momento com outra pessoa. Os atos de comer ou beber enquanto se conversa informalmente também promovem a sensação de experiência compartilhada. A autora destaca que tanto vídeos amadores quanto profissionais podem ser vídeos de afiliação, e que o grau de sinceridade, personalização e expectativas de interatividade variam nos dois formatos. O mais importante, para Lange (2009), é que este tipo de vídeo ajuda a manter conexões entre pessoas através de pequenas atualizações sobre o cotidiano.

### 2.3.3 Livros e literatura no *YouTube*

Os vídeos do tipo *Booktube* serão analisados em profundidade nesta tese de doutorado. Mas antes que se comece a falar deles, faz-se necessário mostrar como os livros e a literatura estão presentes no *YouTube* de inúmeras outras formas. Dentre os muitos nichos do *YouTube*, os vídeos sobre livros estão longe de serem os mais populares. No entanto, é possível encontrar alguns conteúdos com um grande volume de visualizações e interações.

O levantamento descrito a seguir começou da maneira mais óbvia: uma guia anônima para acessar o *YouTube* e uma busca simples, na plataforma, com a palavra “book” sem a utilização de nenhum filtro<sup>55</sup>. O primeiro resultado foi um áudio-livro de autoajuda publicado na íntegra há três meses contando, na data da pesquisa, com 369 mil visualizações

---

<sup>54</sup> Livre tradução de: “Affiliation might be defined in several ways. It can include feelings of membership in a social network, or feelings of attraction to people, things or ideas. On a broad level, people might have affiliations to many types of things such as hobbies, institutions or ideologies that form the overt content of a video’s subject matter. YouTube offers many opportunities to stay attuned to favorite topics”.

<sup>55</sup> Este levantamento foi realizado entre 8 e 10 fevereiro de 2018.

(YOUARECREATORS2, 2018). O segundo, um vídeo padrão de um canal de *booktube*, publicado há um mês, com 50 mil visualizações (BOOKSWITHEMILYFOX, 2017). O terceiro, publicado há 4 dias, e com 2.9 milhões de visualizações. Trata-se de um vídeo com um título simples, *Book Review*, mas foi publicado pelo maior canal do *YouTube*, *PewDiePie*, com mais de 60 milhões de inscritos (PEWDIEPIE, 2018). Mesmo o vídeo sendo uma exceção no canal, que é focado mais em *games* e em *vlogs*, Felix Kjellberg com um simples vídeo no qual fala sobre livros que leu no último mês consegue ser visto por milhões de pessoas, recebendo mais de 46 mil comentários.

Os exemplos que se seguem foram retirados deste levantamento, sendo que muitos deles já haviam sido conhecidos em buscas casuais e considerados relevantes para esta pesquisa, já que trazem a temática dos livros para o *YouTube*. Eles não são *vlogs*, e tampouco vídeos de afiliação propriamente tidos. Não trazem para o conteúdo a carga pessoal presente no *booktube*, já que o interlocutor nada mais é que apresentador e mediador do tema principal dos vídeos: os livros.

O canal *Wisecrack* (2018a), como informa sua descrição, é “um coletivo de comediantes, acadêmicos, cineastas e artistas que são super curiosos sobre o mundo que nos rodeia. Nosso canal explora tópicos legais de maneiras incomuns (e esperamos que super divertidas)”<sup>56</sup>.

O canal, com mais de 2 milhões de inscritos, possui vídeos sobre temas variados, com editorias bem definidas. Em *Earthling Cinema*, um apresentador interpretando um alienígena faz comentários sobre filmes. *8-Bit Philosophy* propõe ensinar filosofia através de videogames com uma mistura de animação em pixels, vídeos e imagens; *Wisecrack Edition* propõe uma busca pelos significados mais profundos de filmes, séries de televisão, jogos e música; finalmente, *Thug Notes* se propõe a examinar clássicos da literatura de uma forma inusitada. Uma entrada na *Wikipedia* informa que *Thug Notes* se trata de “uma série de web educacional americana que resume e analisa várias obras literárias de forma cômica”<sup>57</sup> (WIKIPEDIA, 2018b). O primeiro vídeo foi enviado ao *YouTube* em junho 2013, com o ator e comediante Greg Edwards interpretando Sparky Sweets PhD, um gangster PhD em literatura. O mote dos vídeos, que geralmente têm duração inferior a 5 minutos, é “*Classical*

---

<sup>56</sup> Livre tradução de: “a collective of comedians, academics, filmmakers, and artists who are super curious about the world around us. Our channel explores cool topics in unusual (and hopefully super entertaining) ways”.

<sup>57</sup> Livre tradução de: “is an American educational web series that summarizes and analyzes various literary works in a comedic manner”.

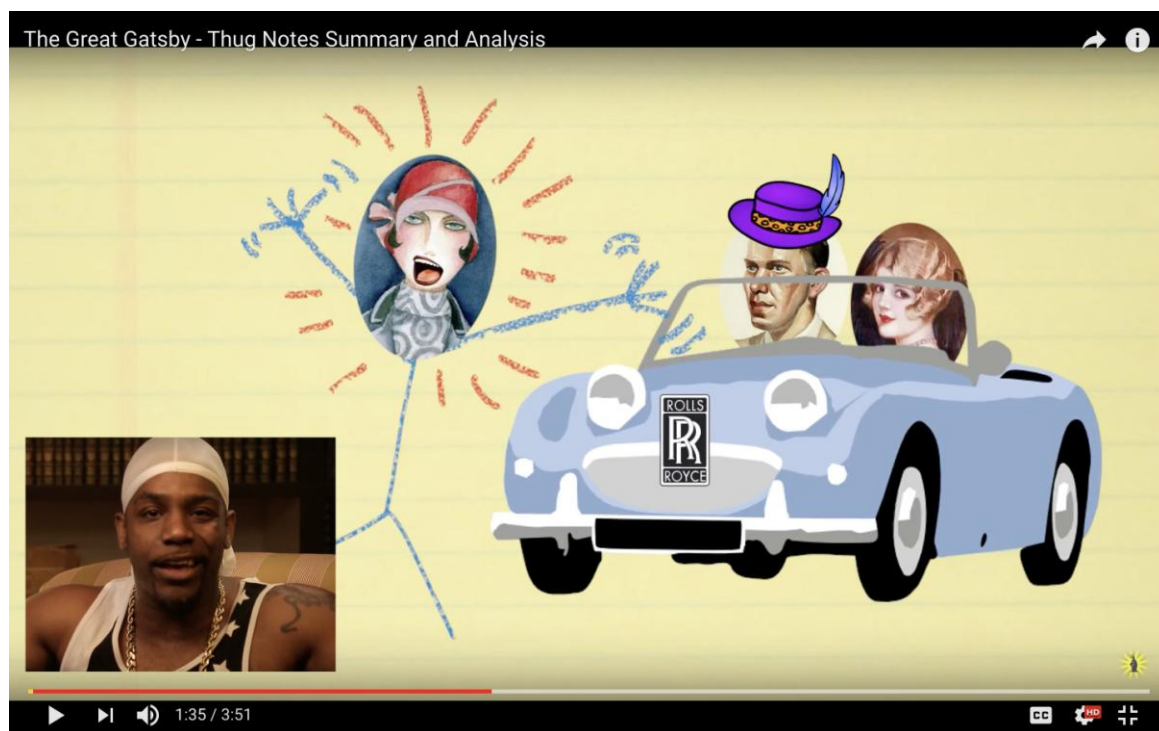


*Literature. Original Gangster*”. Sparky Sweets usa a linguagem dos guetos para explicar as obras.

O resumo de “Romeu e Julieta” feito pelo bom doutor pode estar cheio de gírias impúblicáveis, mas termina com uma discussão sobre o choque de opostos presente na obra, e se ela pode ser rotulada devidamente como uma tragédia. Ele pode descartar o cerne de “Moby-Dick” como “cerca de 500 páginas sobre Ishmael indo caçar baleias” (terminando essa frase com um palavrão), mas ele tem pensamentos dignos de teses sobre o simbolismo da baleia, da busca e do navio – o Rachel – que resgata Ishmael. ‘Continue flutuando, *homies*’, ele conclui, ‘porque em algum lugar lá fora, todos nós conseguimos nossa própria Rachel que está lá para nos salvar’.<sup>58</sup> (GENZLINGER, 2014).

Para Sparky Sweets, o personagem Queequeg, de *Moby-Dick*, é um arponeiro tatuado, e *Gatsby* é um playboy rico (Figura 12). Trata-se de uma interessante mistura de educação e comédia que torna mais acessíveis, por exemplo, obras muito estudadas nas escolas dos Estados Unidos.

Figura 12 – Sparky Sweets explica a cena em que Daisy atropela Myrtle. “BAM! She dead.”



Fonte: [https://www.YouTube.com/watch?v=2VEQRpm\\_HyA](https://www.YouTube.com/watch?v=2VEQRpm_HyA)

<sup>58</sup> Livre tradução de: “The good doctor’s summary of ‘Romeo and Juliet’ may be full of unpublishable slang, but it ends with a discussion of the clashes of opposites in the work and whether it can rightly be labeled a tragedy. He may dismiss the core of ‘Moby-Dick’ as ‘about 500 pages of Ishmael going off about whaling’ (finishing that phrase with an expletive), but he has thesis-worthy thoughts about the symbolism of the whale, of the quest and of the ship — the Rachel — that rescues Ishmael. ‘Keep floating, homies,’ he concludes, ‘cause somewhere out there, we all got our own Rachel that’s there to save us’”.

O canal *Crash Course*, criado pelos irmãos e *vloggers* Hank Green e John Green (autor do best-seller *A Culpa é das Estrelas*, de 2012, dentre outros) possui mais de 7 milhões de inscritos, com vídeos educacionais sobre variados temas, inclusive literatura, com uma estrutura semelhante a uma aula enriquecida por imagens e animações (figura 13).

Figura 13 – Montagem da primeira parte do episódio sobre O Grande Gatsby em Crash Course



Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=xw9Au9OoN88>

*Thug Notes* e *Crash Course* são exemplos de como obras de literatura, em especial de ficção, podem ser abordadas no *YouTube*. Outras possibilidades ainda mais criativas vêm surgindo.

O dramaturgo alemão Michael Sommer, no canal *Sommers Weltliteratur to go*, possui apenas 50 mil inscritos, mas oferece um conteúdo literário bastante inusitado. Ele cria resumos divertidos de diferentes obras da literatura mundial usando bonecos Playmobil (figura 14).

Figura 14 – *O Grande Gatsby* contado em 10 minutos com bonecos *Playmobil*

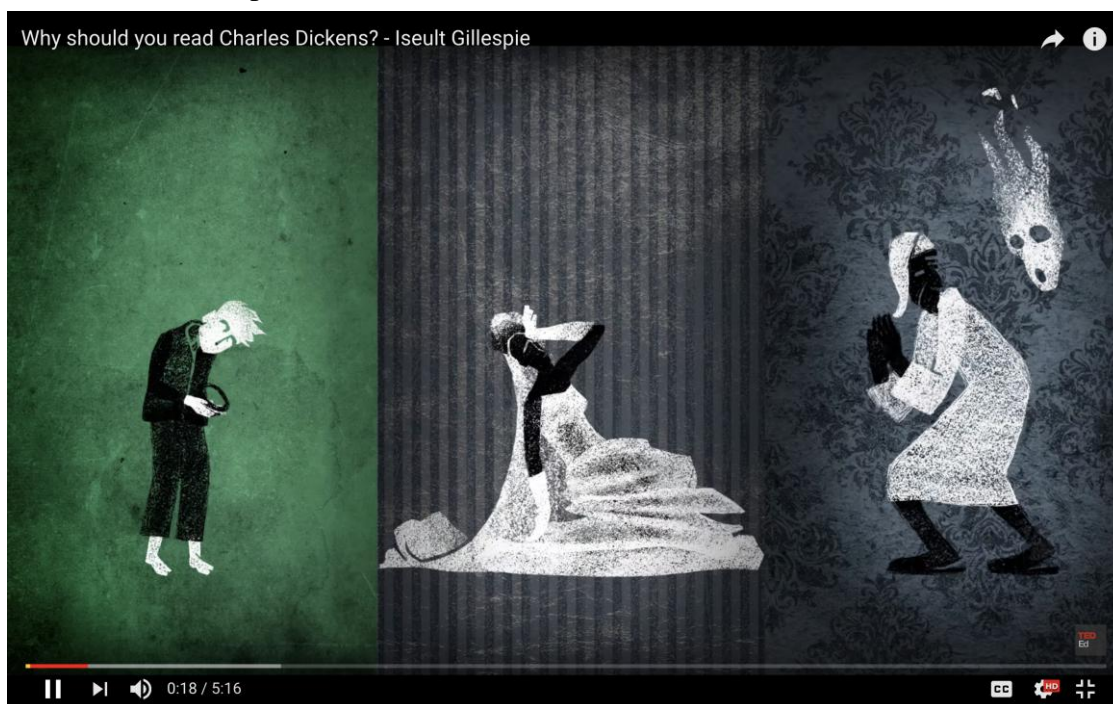


Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=vt7h-JOESVU>

Os vídeos duram em geral dez minutos, e trazem uma interpretação criativa da obra e seus pontos fundamentais. A principal marca destes vídeos é o estilo de narrativa, que brinca com diálogos inventados por Michael para sintetizar diversas cenas e interações entre os personagens. A descrição dos principais pontos do *plot* é detalhada e lúdica. O canal tem uma versão em inglês, criada posteriormente, mas o canal em alemão possui mais acessos, assinantes e novos conteúdos com mais frequência.

Nos três canais citados os conteúdos dos vídeos se prestam a sintetizar obras literárias de diferentes formas, com diferentes graus de profundidade. Mas a literatura está presente no *YouTube* de outras maneiras. O canal *TEDeD* no *YouTube*, uma ramificação do TED, tem o objetivo de criar lições curtas sobre temas diversos usando belas animações. A série de *Why you should read* apresenta, a cada vídeo um autor ou obra diferente, ressaltando sua relevância. O episódio *Why you should read Dickens* (figura 15), por exemplo, em pouco mais de 5 minutos conta os detalhes mais importantes sobre a vida e obra do autor.

Figura 15 – “O órfão faminto que pede mais um prato de sopa. A solteira definha seu vestido de casamento esfarrapado. O avarento de coração de pedra é atormentado pelo fantasma do Natal passado”



Fonte: [https://www.YouTube.com/watch?v=5czA\\_L\\_eOp4](https://www.YouTube.com/watch?v=5czA_L_eOp4)

Um exemplo brasileiro digno de menção é o canal *Ilustradamente*, que traz resumos de livros contados com recursos de animação (figura 16). Criado em agosto de 2016, já possui mais de 375 mil inscritos<sup>59</sup>. Os livros resumidos são, em sua maioria, de autoajuda ou desenvolvimento pessoal.

---

<sup>59</sup> Dados de 10 de fevereiro de 2018.



Figura 16 – O canal Ilustradamente fala sobre o livro *O Princípio 80/20*



Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=3VZDKi5W9fQ>

Além das narrativas recontadas, que são os casos mencionados até aqui, há também os vídeos em que se propõe a leitura das obras originais, especialmente de contos curtos e livros infantis.

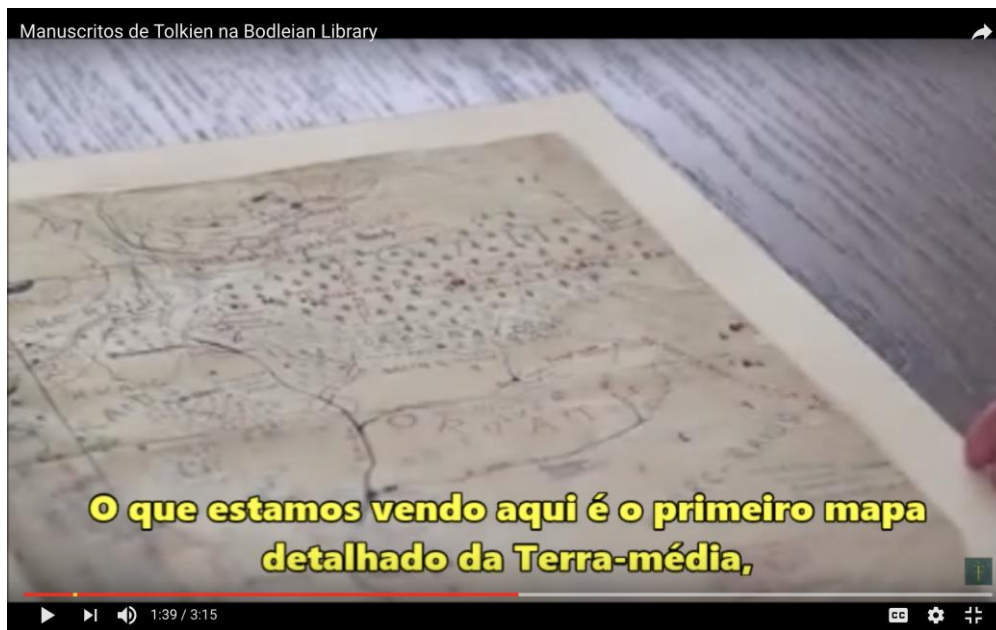
Os livros estão presentes no *YouTube* também através dos canais das editoras, que disponibilizam entrevistas com autores e ilustradores, além de trechos gravados de eventos literários. São canais que não possuem, em sua maioria, um número muito representativo de inscritos, ou número de visualizações, como se poderia esperar, já que são fontes oficiais de informação sobre obras, com conteúdos que vão desde *book trailers* a autores comentando seu trabalho.

Os escritores profissionais aparecem principalmente nestes canais oficiais, e há também uma legião de aspirantes ou iniciantes, os quais formam uma comunidade que se autodenomina *Authortube*, dedicada a trocar experiências sobre o ato de escrever.

Não se pode deixar de mencionar o potencial destes vídeos de esclarecer e de enriquecer as experiências de leitura de livros. Além dos canais que criam conteúdo, muitos outros se dedicam a disponibilizar vídeos raros, documentários antigos e fazem, de certa forma, uma curadoria de informações especializadas.

O canal brasileiro *Tolkien Talk* é um bom exemplo disso, com conteúdo original explicando a fundo a obra de Tolkien, mas também com o compartilhamento de diversos vídeos com Direitos Reservados difíceis de encontrar.

Figura 17 – Vídeo enviado canal Tolkien Talk



Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=hgtlYzuenRI>

A figura 17 mostra o vídeo sobre os manuscritos de Tolkien mantidos na *Bodleian Library*, na Universidade de Oxford, compartilhado com legendas em português no *Tolkien Talk*. Alguns destes manuscritos foram criados em trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial, e no vídeo são comentados pela arquivista de Tolkien, Catherina McIlwaine, que apresenta parte da coleção. Criado em fevereiro de 2016, o *Tolkien Talk* possui mais de 50 mil inscritos e se transformou no maior repositório de informações em vídeo sobre a obra de Tolkien em língua portuguesa.

Neste capítulo buscou-se um panorama das formas através das quais é possível acessar e compartilhar informações sobre livros em mídias sociais, e como essas práticas se inserem em um contexto no qual novos modos de produção e consumo de conteúdo emergiram com o advento e popularização da internet. A participação de leitores, seja como consumidores, seja como produtores, configura-se em diferentes formas de frequentar estes espaços de interação. Estas são reapropriadas pelo negócio do livro, que se faz presente nas mídias digitais, inclusive através dos leitores que emergem como influenciadores digitais, e fazem também uma espécie de curadoria de livros para sua comunidade de seguidores. A comunicação que

se dá nestas mídias sociais deve fazer parte de qualquer modelo que busque compreender os caminhos dos livros contemporâneos, dos autores aos leitores. Neste sentido, buscou-se complementar a circuito de comunicação do livro considerando estas práticas, bem como outras relacionadas às tecnologias digitais, que vem transformando diversos processos do mercado editorial.

Traçou-se um panorama geral sobre diferentes formas de organização de clubes do livro em ambientes digitais, de forma a analisar como os *blogs* e, posteriormente, os *vlogs*, tornaram-se ambientes informais nos quais é possível trocar informações sobre livros.

A cultura escrita, característica dos livros, marca de diversas formas sua presença na cultura audiovisual do *YouTube*, em vídeos dos mais variados tipos, como os exemplos analisados nesta pesquisa ilustram. Sua variedade de forma alguma é aqui contemplada, tendo em vista sua heterogeneidade e também a dimensão do *YouTube* como plataforma de pesquisa, o que dificulta imensamente suas possibilidades de mapeamento. Parte-se então desta abordagem macroscópica para, a seguir, introduzir o principal corpus de análise desta tese de doutorado com maior detalhamento.

### 3 *BOOKTUBE*: DAS PRÁTICAS DE LEITURA ÀS COLEÇÕES DE LIVROS

Levantamentos desta pesquisa, relatados no capítulo anterior, introduziram a questão da presença do livro impresso como principal objeto textual em diversas mídias sociais, e também, mais especificamente, em vídeos do *YouTube*. Neste capítulo pretende-se, enfim, investigar de forma específica como os canais literários da comunidade *booktube* comunicam práticas de leitura, produção de sentidos, aquisição e coleção de livros. Para tanto, faz-se uma reconstrução das origens da comunidade *booktube*. Estritamente ligadas a estas origens estão as práticas e linguagens que, nos últimos anos, foram adotadas por membros desta comunidade e hoje podem ser consideradas modos de fazer inerentes a ela, ainda que possam ser apontadas algumas particularidades da comunidade *booktube* internacional, em língua inglesa, e comunidades como a brasileira, em língua portuguesa.

Após essa contextualização, pretende-se retornar a Silva (2016), onde uma tipologia dos vídeos de *booktube* foi estabelecida através de pesquisa quali-quantitativa envolvendo a coleta de títulos e descrições, bem como a posterior varredura de dados em 2.397 vídeos de canais que estão entre os mais populares. Além dos tipos de vídeos, descritos de forma mais detalhada posteriormente, através de uma etapa qualitativa da pesquisa, aponta-se também quais são os temas principais abordados na comunidade *booktube*, quais são os livros mais mencionados e quais tipos de vídeos figura entre os mais populares.

Os vídeos da comunidade são em geral gravados de forma bastante semelhante: o leitor grava, em sua casa, diante de suas estantes de livros, seu conteúdo, mostrando seus livros, geralmente impressos, e falando sobre eles. Entretanto, alguns vídeos da comunidade fogem a esse formato, e mostram como estes leitores estão também inseridos no circuito de comunicação do livro de diferentes formas. Para que esta pesquisa dê conta de ao menos pontuar a heterogeneidade destes conteúdos, busca-se, num primeiro momento, fugir aos padrões mais gerais e repetitivos de vídeos. Estes são contemplados pela tipologia resultante da pesquisa de Silva (2016), que não dá conta de mapear todos os tipos de vídeos, mas apenas os mais recorrentes. Neste sentido, busca-se apresentar um tipo de conteúdo *sui generis* à comunidade, o *bookshop crawl*. Apesar de serem diferentes de grande parte dos conteúdos do *booktube*, estes vídeos mostram os leitores e suas experiências em diferentes livrarias, fazendo parte da produção de sentidos, tal como é apresentada neste trabalho.

Em tempos de comércio eletrônico e de gigantes do varejo online como a *Amazon*, questiona-se a sobrevivência das livrarias físicas. Não seria exagero pontuar que a discussão,



que costumava girar em torno da concorrência desproporcional entre grandes redes e estabelecimentos independentes, hoje se dá com um questionamento da sobrevivência de lojas físicas de forma geral. Os *bookshop crawls*, no entanto, ilustram o interesse de bibliófilos por lojas de livros, não apenas como ponto de venda, mas principalmente como experiência literária e de produção de sentidos. O *booktube*, mais conhecido por seus relatos literários, neste tipo de vídeo insere membros da comunidade de forma mais eficaz no tempo e no espaço, e na localidade de cidades específicas, com seus relatos de viagens que se misturam a relatos de visitação e curadoria de livrarias. De forma mais geral, os *bookshop crawls* inserem os leitores e seus espectadores em um circuito de comunicação do livro que é global, mas também dialoga com as localidades. Estes vídeos, que mediam visitas a lojas de livros, serão investigados neste capítulo através de um estudo de *bookshop crawls* realizados na cidade de Londres, com relatos de leitores desta vez transitando na cidade, descrevendo seus livros e suas livrarias, ilustrando como o *booktube* se insere no circuito de comunicação do livro de formas variadas.

Em seguida, passa-se a um estudo focado em compreender as motivações para a participação na comunidade *booktube*. Esta etapa, que poderia usar como método a etnografia, se vale mais uma vez de abordagens não intrusivas, considerando que a riqueza do *booktube* consiste justamente na coleção de relatos em vídeos sobre os leitores, suas práticas de leitura e sua relação com seus livros. Pesquisas exploratórias indicaram que uma porta de entrada na comunidade consistia na gravação de um conteúdo denominado *Booktube Newbie Tag*, sendo este tipo de vídeo escolhido como mais uma categoria de análise na presente tese.

Dando continuidade à exploração do *booktube* como grande repositório contemporâneo de informações sobre livros e leitura, passa-se a uma discussão relacionada à produção de sentidos, discussão esta que culmina em dois estudos sobre resenhas de livros. Optou-se por investigar os vídeos de *review*, tanto na comunidade em língua inglesa quanto na brasileira, das obras *O Grande Gastby* e *Orgulho e Preconceito*. A escolha se deve à oportunidade de ilustrar como o *booktube* não produz apenas conteúdo sobre literatura para jovens adultos, e ao mesmo tempo explorar – tanto nos vídeos quanto nos comentários – como diferentes leitores compartilham suas interpretações e sentidos para essas obras. Discute-se a leitura de determinadas obras como forma de legitimação, e da qual não se pode extrair um sentido único, já que fuga e indeterminação são inerentes aos processos de produção de sentidos. Argumenta-se que os vídeos da comunidade *booktube* são registros de ações temporais, concretas e materiais que são extremamente marcadas pela materialidade do livro impresso como objeto textual.

Passa-se, ao final do capítulo, para a última etapa de pesquisa, na qual aprofunda-se a questão da materialidade dos livros e afetos dos leitores, notadamente ligados ao colecionismo. Isso se dá através da investigação de três tipos de vídeo que estão entre os mais populares da comunidade *booktube*: os vídeos de *unboxing*, os *book hauls* e os *bookshelf tours*. Estes vídeos emergiram em Silva (2016) como categorias com maior número de visualizações, o que foi possível constatar também na observação de canais individuais. Pretende-se principalmente analisar a presença do livro impresso nestes conteúdos, que levam ao espectador, respectivamente, a experiência de desembalar caixas de livros, os relatos de compras de grandes volumes de títulos, e uma visita completa às estantes dos *booktubers*, que funcionam também como uma vitrine, ou um espelho de seus gostos literários.

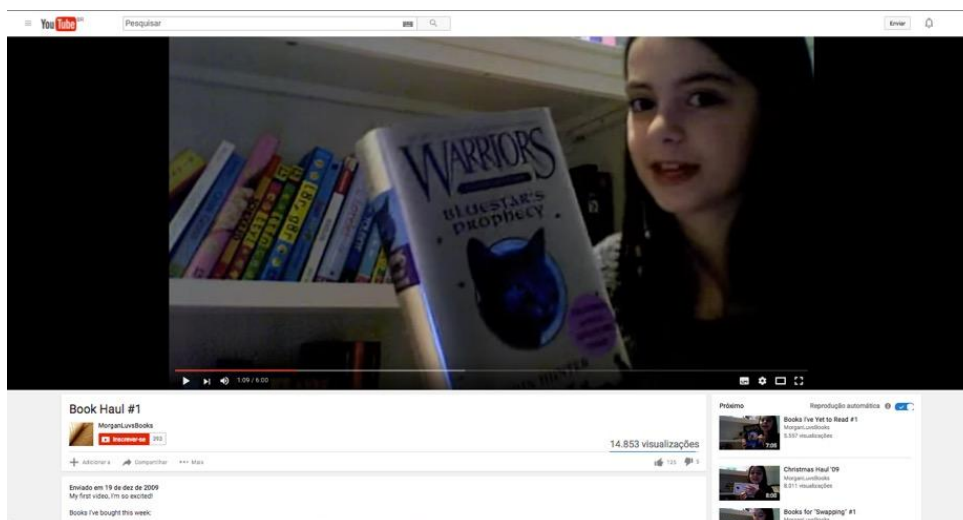
### 3.1 *Booktube*: modos de fazer

*Booktube* é um neologismo derivado das palavras *book* e *YouTube*. Entretanto, o verbete na *Wikipedia* indica que, mais do que livros no *YouTube*, *booktube* “refere-se ao grupo de criadores de conteúdo no *YouTube* que filmam vídeos com base em livros<sup>60</sup>” (Wikipedia, 2018a).

Logo, *booktube*, além de descrever tipos específicos de vídeos, em sua grande maioria *vlogs*, também descreve este nicho da comunidade do *YouTube*. Nos motores de busca de sites de pesquisa como *Google* é possível encontrar menções a esta palavra a partir de 2011, mas apenas em 2012 o termo se populariza, especialmente para denominar a comunidade de leitores assistindo e compartilhando vídeos no *YouTube* (SILVA, 2016). Há, no entanto, vídeos mais antigos que apresentam alguns padrões hoje considerados comuns à comunidade. Em destaque na figura 18, por exemplo, a jovem Morgan, em 19 de dezembro de 2009, mostra em seu canal os livros que comprou na semana anterior. Isso indica que, desde muito antes da comunidade se reconhecer como *booktube*, vídeos de *book haul* – no qual as pessoas mostram suas mais recentes aquisições de livros – já existiam, ainda que de forma mais espontânea e menos difundida.

---

<sup>60</sup> Livre tradução de: “BookTube refers to the group of content creators on YouTube that film videos based on books”.

Figura 18 – *Book haul* do canal *MorganLuvsBooks*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aT6spYKwCV8>

Atualmente o *booktube* é um dentre os muitos segmentos ou nichos que emergiram dentro do *YouTube*. Apesar de se tratar de uma comunidade bastante pulverizada – com grande parte dos canais sendo ínfimos em termos de inscritos e número de visualizações quando comparados a canais de outros segmentos mais populares, como os canais de beleza e de *games* – trata-se de uma comunidade com um vernáculo estabelecido e práticas bastante consolidadas entre seus membros.

Como afirmam Sorensen e Mara (2014, p. 88), o *booktube* “tem elementos identificáveis que incluem tipos de vídeo bastante previsíveis e elementos estruturados”<sup>61</sup>. Este compartilhamento de expectativas, convenções e vocabulário ajuda a reforçar o sentido de comunidade.

A partir de 2012 o *booktube* começa a se propagar utilizando esta denominação comum primeiramente com canais em língua inglesa e, posteriormente, com canais de *booktube* em diversas línguas. Ainda que questões relacionadas à falta de diversidade no *booktube* sejam cada vez mais discutidas por seus membros em vídeos dedicados a este tema, percebe-se que há efetivamente a participação de pessoas de outras etnias e nacionalidades, como argumenta o canal *mynameismarines* (2016) no vídeo *Why is booktube is so white* ao apresentar sua percepção sobre a prevalência de pessoas brancas nos canais de *booktube* mais populares. Uma busca mais criteriosa revela participantes com outros sotaques, como os da

<sup>61</sup> Livre tradução de: “... has identifiable elements that include fairly predictable video types and structured elements”.

Índia, de diversos países da Europa e também do Oriente Médio, que optaram por criar seus canais usando como língua principal o inglês. Mas há também as comunidades que se estabelecem em torno de outras línguas, principalmente o espanhol e o francês.

Um outro aspecto que merece ser mencionado diz respeito ao perfil dos leitores que se juntam à comunidade todos os dias, composto especialmente por jovens adultos, predominantemente mulheres. Entretanto, após uma exploração mais criteriosa é possível encontrar um grande número de canais – que naturalmente possuem um número menor de inscritos, mas certa periodicidade de envio de vídeos – de *booktubers* acima de 30 anos e cujo conteúdo não está focado em livros populares ou lançamentos. Como ilustra a figura 19, há *booktubers* mais velhos que trazem um conteúdo que se encaixa perfeitamente nos tipos de vídeos mais populares da comunidade, mas que acabam sendo mais atrativos para leitores que se identifiquem com seus gostos. Alguns dos exemplos são Britta Böhler, advogada, escritora e, até 2017, professora da Universidade de Amsterdã; Steve Donoghue, editor e colaborador de diversas publicações literárias; e Mark Richardson, bibliotecário e ex-livreiro.

Figura 19 – O *booktube* para além dos adolescentes e jovens adultos



Fonte: A autora, 2018.

Muitos países possuem suas comunidades *booktube* específicas. É o caso do Brasil. Um dos canais pioneiros no país, e que ainda participa ativamente publicando novos vídeos, é o já mencionado canal de Tatiana Feltrin, criado em setembro de 2007 (TATIANAGFELTRIN, 2018), quando a comunidade sequer engatinhava. Atualmente, com mais de 270 mil inscritos e 26 milhões de visualizações<sup>62</sup>, o canal tem números que competem

<sup>62</sup> Todos os números de inscritos e visualizações citados neste subcapítulo se referem a fevereiro de 2018.

com o pequeno grupo de maiores canais de *booktube* de todo o *YouTube*. Estes números saltam ainda mais aos olhos quando se considera que a *booktuber* Tatiana Feltrin não lê livros de literatura jovem adulto, e é mais velha do que a média dos *booktubers*.

A título de comparação, o maior canal de *booktube* no *YouTube*, o *PolandBananaBooks*, possui cerca de 380 mil inscritos, seguido por *Abookutopia*, com 350 mil. A lista de canais em língua inglesa (notoriamente a maior comunidade) com mais de 100 mil inscritos é pequena, com pouco mais de uma dúzia de canais, e todos eles pertencem a jovens de vinte e poucos anos falando sobre literatura para jovens adultos na maioria de seus vídeos. Tatiana Feltrin, além de ser mais velha, aborda clássicos da literatura nacional e mundial, além de livros de não-ficção e outros gêneros. O *booktube* brasileiro, aliás, possui uma série de casos interessantes que fogem do modelo mais massificado do *booktube* internacional, com canais de sucesso abordando outros gêneros, o que indica que possivelmente as comunidades nacionais são espaços mais segmentados, com participantes com diferentes preferências de leitura, mas capazes de gerar considerável volume de acesso. Entretanto, deve-se levar em consideração que o Brasil é um país que se destaca mundialmente no uso de mídias sociais, o que em parte explica a quantidade de canais de *booktube* com números de inscritos semelhantes aos maiores canais em língua inglesa, apesar dos índices de leitura e interesse por livros no Brasil serem muito mais baixos.

Certamente há muitas particularidades nos diferentes contextos do que se poderia chamar de uma comunidade *booktube* internacional. Mas antes que se possa pensar nas exceções, busca-se uma compreensão dos modos de fazer, das práticas ao redor das quais essa comunidade se estabelece.

### 3.1.1 Tipologia do *booktube*

Em Silva (2016) foi adotada uma abordagem quantitativa para construir uma tipologia do *booktube*. Aprofundando os conhecimentos sobre o vernáculo compartilhado pela comunidade, foi realizado um estudo das palavras-chaves associadas a títulos e a etiquetas informadas pelos *booktubers* em cada um de seus vídeos. Os métodos usados serviram de base para a continuidade da pesquisa pois apontaram possibilidades para uma compreensão mais aprofundada do *booktube* e suas práticas.

A análise de conteúdo foi o principal método utilizado para catalogar tipos de vídeos mais frequentes. Outro objetivo desta etapa da pesquisa foi identificar as obras literárias mais

citadas pelos seis canais de língua inglesa estudados, além dos formatos mais recorrentes de conteúdo. Para esta análise foram catalogados os metadados – coletados através de um *webcrawler* –, de 2.379 vídeos publicados até fevereiro de 2016. Os canais foram escolhidos usando o critério de popularidade, uma vez que eram os maiores em língua inglesa, a saber: *Polland Bananas Books*, *Peruse Project*, *Little Book Owl*, *Katytastic*, *Jesse The Reader* e *A Book Utopia*.

Tabela 1 – Quadro de comparação geral dos canais de *booktube* investigados

Canal	Booktuber	Nº de vídeos	Inscritos	Início	País
Polland Bananas Books	Christine Riccio	464	272.023	Jun 2010	EUA
A Book Utopia	Sasha Alsberg	391	255.285	Fev 2013	EUA
Katytastic	Kat O'Keeffe	405	202.803	Fev 2009	EUA
Little Book Owl	Catriona	447	150.829	Jun 2011	AU
Jesse the Reader	Jesse George	383	141.681	Fev 2012	EUA
Peruse Project	Regan Perusse	289	135.456	Ago 2013	EUA

Fonte: Adaptado de Silva (2016).

Ao fazer a varredura de dados nos 2.397 vídeos contatou-se que 200 etiquetas se destacavam dentre as mais utilizadas em todos eles, corroborando para a noção de que há padrões predominantes entre os canais, padrões estes que fazem parte do vernáculo da comunidade, com 21 tipos de vídeos catalogados: *book haul*, *review*, *tag*, *NaNoWriMo*, *book talk*, *TBR*, *wrap-up*, *book challenge*, *book discussion*, *bookshelf tour*, *booktube-a-thon*, *unboxing*, *releases*, *readathon*, *vidcon*, *hangout*, *giveaway*, *recommendation*, *liveshow*, *BEA* e *interview*. A tabela 2 descreve estes tipos a partir de uma análise qualitativa de um grupo de vídeos para cada um deles.

Tabela 2 – Tipologia do *booktube*

Tipo de vídeo	Descrição do conteúdo tratado
<i>Book Haul</i> (f=1002)	São apresentados os livros adquiridos recentemente pelo <i>booktuber</i> . Gravados mensalmente, ou ocasionalmente. Os livros podem ter sido comprados ou presenteados (inclusive por inscritos no canal ou editoras).
<i>Review</i> (f=933) <i>Reviews</i> (f=70)	Vídeo dedicado a avaliar um livro lido. Pode ou não conter <i>spoilers</i> , o que é indicado pelo <i>booktuber</i> no título, ou no próprio vídeo.
<i>Book TAG</i> (f=453)	É um questionário de perguntas temáticas criadas por determinado <i>YouTuber</i> e que vai sendo respondido em forma de vídeo por outros <i>YouTubers</i> marcados na descrição do vídeo. Cada um que responde marca novas pessoas. O questionário é publicado nas descrições do vídeo. As <i>Book TAGs</i> geralmente focam em perguntas relacionadas a livros e leitura. É uma forma dinâmica de promover comunicação entre os canais, revelando opiniões, preferências, gostos, etc.

<i>NaNoWriMo</i> (f=413)	Vídeos de relatos da participação dos <i>booktubers</i> no mês nacional da escrita de romances, em novembro nos EUA.
<i>TBR</i> (f=340)	TBR, de <i>to be read</i> . São apresentados os livros que serão lidos no mês seguinte. Conteúdo geralmente combinado com o vídeo <i>Wrap-up</i> .
<i>Book Talk</i> (f=337)	Ver <i>Book Discussion</i> , ou <i>Review</i> .
<i>Wrap/Wrap-up</i> (f=294/75)	São apresentados os livros lidos durante determinado mês, com breves comentários gerais sobre cada um. Conteúdo usualmente combinado com os vídeos TBR.
<i>Book Challenge</i> (f=229)	Vídeos em que o <i>booktuber</i> se propõe a realizar algum desafio relacionado a livros. Por exemplo, alguém lê a primeira frase de alguns livros e o <i>booktuber</i> tenta adivinhar seus títulos.
<i>Book Discussion</i> (f=190)	Ver <i>Book Talk</i> , ou <i>Review</i> .
<i>Bookshelf Tour</i> (f=134)	São apresentadas as estantes de livros do <i>booktuber</i> , mostrando em detalhe cada título. Estão entre os vídeos mais acessados de cada canal. É comum que se publique um <i>Bookshelf Tour</i> por ano.
<i>Booktubeathon</i> (f=92) <i>Booktube-a-thon</i> (f=125)	Vídeos relacionados à maratona de leitura ( <i>readathon</i> ) na qual durante uma semana toda a comunidade <i>booktuber</i> se propõe a ler a maior quantidade de livros possível.
<i>Unboxing</i> (f=118)	Abertura de caixas de livros adquiridos ou recebidos.
<i>Releases</i> (f=107)	São apresentados os livros recém-lançados, ou cujo lançamento está próximo.
<i>Readathon</i> (f=79)	Vídeos relacionados a maratonas de leitura das quais participam tanto <i>booktuber</i> quanto inscritos nos canais.
<i>Vidcon</i> (f=70)	Vídeos relacionados à participação dos <i>booktuber</i> no <i>Vidcon</i> , evento dedicado a criadores, fãs e indústria de vídeos online.
<i>Hangout</i> (f=60) <i>Hangouts On Air</i> (f=60) <i>HOA</i> (f=59)	<i>Booktuber</i> se encontram através de <i>hangout</i> (videoconferência) para conversar sobre livros e leitura.
<i>Giveaway</i> (f=52)	São apresentados livros que serão doados pelo <i>booktuber</i> para inscritos, geralmente com base em sorteio.
<i>Recommendation</i> (f=50)	São apresentadas recomendações de livros com base em temas, gêneros e critérios explicados pelo <i>booktuber</i> .
<i>Liveshow</i> (f=45)	Vídeos apresentados ao vivo, geralmente com a participação de inscritos através do envio de perguntas e comentários.
<i>BEA</i> (f=34)	Vídeos de relatos dos <i>booktuber</i> sobre sua participação em um megaevento literário chamado BEA, <i>Book Expo America</i> .
<i>Interview</i> (f=28)	Vídeos de entrevistas, geralmente com autores de livros da <i>frontlist</i> .

Fonte: Adaptado de Silva (2016).

As menções às palavras-chave *book haul* e *reviews* foram as mais recorrentes na amostra da pesquisa, seguidas pela palavra *tag*. *Book haul*, como apontado, é um tipo de vídeo no qual são apresentados livros recém-adquiridos pelo *booktuber*, sejam eles comprados, enviados por editoras parceiras, ou apresentados de outras formas. Os *reviews* (ou resenhas) são vídeos em que se faz uma apresentação e resenha de um livro lido, algumas vezes de forma superficial, outras de forma aprofundada. Já as *tags* são questionários com perguntas criadas pelos *booktubers* e repassadas para outros, marcados na descrição do vídeo, e assim por diante, resultando em sua difusão entre membros da comunidade que gravam vídeos respondendo a estas perguntas e convidam, ao final, mais *booktubers* a fazerem o mesmo. Trata-se de uma forma de promover a interação entre canais e criar uma série de discussões sobre temas variados relacionados a livros e leitura.

Devido às limitações da amostra e da coleta de dados, não se pode inferir que estes três tipos de vídeo sejam necessariamente predominantes em toda a comunidade. No entanto, há pistas de que possam haver três temas principais no *booktube*: a aquisição de livros, principalmente por meio dos vídeos de *book haul*; a troca de opiniões relacionadas à leitura de livros, geralmente nos vídeos de *review* ou *book talk*, que também aparecem entre os mais frequentes; e a troca de experiências de leitura e opiniões sobre todo tipo de assunto relacionado, que acontece muito recorrentemente através das *tags*.

A tipologia do *booktube* apresentada na tabela 2 merece algumas considerações. A pesquisa em questão (SILVA, 2016) cumpriu o papel de categorizar e explicar os tipos de vídeos mais comuns na comunidade *booktube* internacional, mas naturalmente não dá conta de todos os tipos de conteúdo disponíveis nos milhões de vídeos que poderiam se encaixar na definição “*booktube*”. Essa limitação é proposital, no sentido de que seria impossível levantar os dados de todos os vídeos. Portanto, em Silva (2016) optou-se por restringir a pesquisa aos canais em inglês mais populares, com maior número de inscritos àquela época, de forma que o recorte auxiliasse a contextualizar os resultados.

Devido a esta escolha, foi também possível identificar os títulos mais recorrentes nos vídeos. *Harry Potter* foi o primeiro da lista, seguido pela série *Instrumentos Mortais*, de Cassandra Clare, e *Peças Infernais*, da mesma autora. Algumas vezes as menções deixam dúvida se estão se referindo a livros ou filmes, já que os resultados mostram que a maior parte das obras mais citadas nos metadados foram adaptadas para TV ou cinema. Foi o caso dos livros *Hunger Games*, *Divergent*, *Giver*, *Vampire Academy*, *Twilight*, *Percy Jackson*, *The Fault is Our Stars* e *Maze Runner*. Apenas *Throne of Glass*, *Delirium* e *Shatter Me*, dentre os mais citados, não foram adaptados para as telas (tabela 3). Outro dado interessante é que, desta lista, apenas *The Fault is Our Stars* não fazia parte de uma série de livros ou trilogia, e todas as outras obras têm o público infanto-juvenil e adolescente como alvo.

Tabela 3 – Quadro comparativo das obras mais mencionadas nos *booktubes* analisados

<b>Título</b>	<b>Gênero</b>	<b>Série de livros?</b>	<b>Cinema/TV?</b>
<i>Harry Potter</i>	Jovem Adulto/Infanto-juvenil	Sim	Sim
<i>The Mortal Instruments</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim
<i>Infernal Devices</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim
<i>Hunger Games</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim
<i>Divergeng</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim
<i>Giver</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim
<i>Vampire Academy</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim



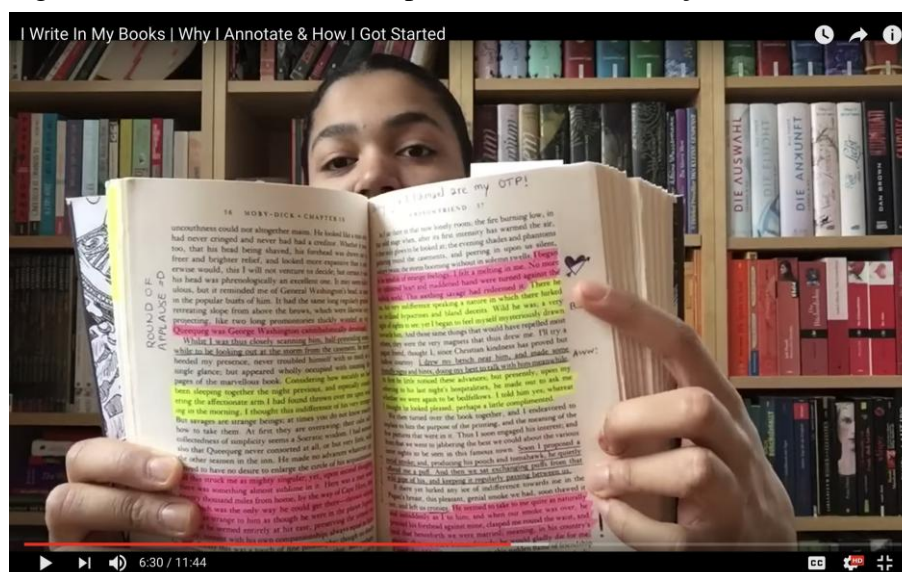
<i>Twilight</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim
<i>Percy Jackson</i>	Jovem Adulto/Infanto-juvenil	Sim	Sim
<i>The Fault is Our Stars</i>	Jovem Adulto	Não	Sim
<i>Maze Runner</i>	Jovem Adulto	Sim	Sim
<i>Throne of Glass</i>	Jovem Adulto	Sim	Não
<i>Delirium</i>	Jovem Adulto	Sim	Não
<i>Shatter Me</i>	Jovem Adulto	Sim	Não

Fonte: SILVA (2016).

Indo além dos conteúdos mais massificados, tomando-se o cuidado de não reduzir a comunidade *booktube* às práticas e tipos de conteúdo que claramente se repetem muito entre os vídeos dos seis canais analisados na pesquisa, é preciso considerar toda a riqueza e heterogeneidade dos conteúdos compartilhados por outros canais, em geral menores, uma vez que canais com mais de 100 mil inscritos são raros no *booktube* e geralmente pertencem a jovens que leem principalmente literatura para jovens adultos. Há o que talvez possa ser considerado um “lado B” do *booktube* que traz um pouco mais de diversidade à discussão sobre livros na comunidade. Seria impossível abranger esta variedade de informações e relatos sobre hábitos de leitura, mas cabe aqui citar alguns exemplos.

Através de uma rápida busca no *YouTube* é possível encontrar centenas de *booktubers* falando sobre como fazem anotações em livros (figura 20).

Figura 20 – Vídeo fala sobre a prática de fazer anotações em livros



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YajFNCYsGPY>

Estes vídeos discutem se os livros devem ou não ser anotados ou grifados, e que tipo de anotações cada leitor faz e como essa prática auxilia a leitura e torna a experiência mais prazerosa.

Há outros tipos de vídeo que aparecem menos quando se analisa o *booktube* de forma quantitativa, e através deles os *booktubers* comunicam todo tipo de conteúdo que não segue os padrões de vídeos mais conhecidos. Por exemplo, vídeos sobre os livros mais aguardados em determinado mês, ou ano; comunicados gerais; listas de livros favoritos, ou de trechos favoritos; dicas sobre como ler mais livros; e até mesmo guias de visitação a livrarias, conhecidos como *bookshop crawls*. Estes serão analisados a seguir.

### 3.1.2 Livros e lugares no *booktube*: da biblioteca pessoal aos *bookshop crawls*

A quantidade de visualizações dos vídeos relacionados à exibição e aquisição de livros salta aos olhos no *booktube*, e reforça o aspecto mercadológico que se reflete tanto nas práticas dos produtores destes vídeos, quando daqueles que os assistem, explicitando seu desejo por adquirir, colecionar e exibir o livro impresso. Alguns *vlogs* até mesmo registram passeios em livrarias. Os chamados *bookshop crawls* são um tipo de vídeo que não aparece na tabela 2 mas que merece menção devido às suas peculiaridades.

Para que se possa compreender os *bookshop crawls* é preciso entrar em um novo território de discussão. E para tanto a palavra território se faz providencial. Os vídeos publicados no *YouTube* naturalmente são gravados em determinados lugares – geralmente nas casas dos *booktubers*, em frente a estantes de livros –, mas estes lugares podem ou não ser informados no vídeo. Canais de *booktube* australianos, britânicos e norte-americanos podem compartilhar a mesma língua e certos referenciais, ficando perceptível, talvez apenas através do sotaque, a origem do interlocutor, o que não significa obrigatoriamente vincular este indivíduo a um lugar específico. Por exemplo, pode-se ter um *booktuber* australiano que more na Europa, e grave seus vídeos de dentro de seu apartamento. Ou seja, a não ser que o *booktuber* deseje revelar a especificidade de sua localização naquele momento, não se pode afirmar com certeza o lugar a partir do qual ele grava seu vídeo. Algumas vezes sequer é possível aferir ou localizar este conteúdo no tempo, já que os vídeos são gravados em um determinado momento, mas publicados em outro, inclusive podendo ser programados com antecedência. Existe uma divisão entre os momentos de gravação, edição e publicação que

não costumam ser aparentes no vídeo, que acaba passando uma sensação de instantaneidade, já que geralmente se fala no tempo presente.

Quando os vídeos dos canais de *booktube* explicitam o lugar do qual se fala, eles de certa forma apresentam a variedade dos espaços de comunicação relacionados aos livros. Os *bookshop crawls* ampliam ainda mais essa potencialidade de representar espaços e tempos relacionados à leitura, uma vez que transitam pelas cidades, pelas livrarias, pelas estantes, como será desmonstrado a seguir através da análise realizada com estes vídeos. Buscou-se compreender como as livrarias de Londres são exploradas através de vídeos de nativos, habitantes ou visitantes por meio dos vídeos de *bookshop crawl*, e como as cidades podem ser representadas nestes canais em função de suas lojas de livros. Estes vídeos, que são relatos de viagens ou percepções pessoais sobre estes espaços relevantes para o contexto dos livros e da leitura, são registros que podem informar muito sobre as expectativas dos leitores, suas percepções e suas preferências. Antes, no entanto, cabe uma discussão sobre o território, o lugar e o espaço, seguida por uma contextualização sobre a cidade de Londres, sua organização, estrutura e circuito contemporâneo do livro, para que em seguida sejam apresentados os resultados da análise proposta.

A realidade da configuração territorial ou geográfica vem de sua materialidade. Portanto, quando se fala de configuração territorial, não se fala de espaço. Este seria a reunião da materialidade e, nas palavras de Santos (2006, p. 39), da “vida que a anima”. Nisso consiste a principal diferença entre espaço e território. Os *bookshop crawls* se inserem no circuito do livro na medida em que apresentam espaços, ou seja, a realidade percebida, que é um terreno concreto de ações individuais e coletivas nele operadas. Neste sentido o espaço apresentado nestes vídeos deve ser considerado um sistema de valores mutável, marcado por mudanças nas relações sociais e nos processos de trabalho, permitindo “transitar do passado ao futuro, mediante a consideração do presente” (SANTOS, 2006, p. 64), sendo ele mesmo sempre uma situação presente e única, caracterizada por uma distribuição de objetos com conteúdo técnico específico nos quais e sobre os quais a sociedade atua modificando sua função, sua significação, seu valor sistêmico. O espaço, em suas partes e usos, “é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, a cada fração da paisagem” (SANTOS, 2006, p. 67).

Trazendo esta discussão para o contexto do negócio do livro busca-se, através da geografia humanista, uma compreensão mais ampla sobre como as livrarias podem ser valorizadas ou desvalorizadas, ou mesmo ressignificadas, em suas aparências e em suas

relações, e em especial nas formas com que são apresentadas através de vídeos que se propõem a oferecer um roteiro das livrarias da cidade em função de diferentes critérios.

Santos (2006) fala das relações nas cidades, de mercados territorialmente delimitados, e de possibilidades de vida cultural que dependem de estruturas oferecidas localmente. Ele trata da dimensão espacial do cotidiano, com diversos aspectos da vida social tendo sido enriquecidos pelo papel da informação e da comunicação, ganhando relevo a dimensão espacial da vida social. Se “cada lugar é, assim, a cada instante, objeto de um processo de desvalorização e revalorização, onde as exigências de natureza global têm um papel fundamental” (SANTOS, 2006, p. 150), considera-se aqui que cada livraria, enquanto lugar, é atravessada por estes mesmos processos.

Segundo Holzer (2012, p. 282), lugar “trata da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) em seus fundamentos [...] constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados”. O estudo dos *bookshop crawls* na comunidade *booktube* tem como objetivo considerar cada livraria como um lugar, como um quadro de referência do mundo cotidiano inserido no espaço geográfico mediado através de vídeos no *YouTube* e, naturalmente, reforçando a inserção do *booktube* no circuito de comunicação do livro e nos lugares frequentados por leitores, construindo um roteiro de visitação. Por lugares compreende-se “integrações de espaço e tempo, como *eventualidades espaço-temporais* (MASSEY, 2009, p. 191), e, no caso dos vídeos selecionados para análise, coleções de estórias.

Seguindo esta abordagem, o “estar no lugar” vai ser sempre mediado pelas percepções individuais. Cabe, então, pensar em como estas percepções compõem o conteúdo dos vídeos sobre livrarias nos canais literários no *YouTube*, e como os diferentes aspectos dos conteúdos publicados neles influenciam o que está sendo comunicado e sua relevância para o circuito do livro nas cidades, tanto para seus visitantes, quanto para seus nativos e habitantes.

Para fins metodológicos, e devido à quantidade de vídeos disponíveis, escolheu-se uma amostra de vídeos de *bookshop crawl* gravados na cidade de Londres. Esse recorte foi necessário para que a análise não se baseasse apenas no conteúdo dos vídeos, mas também no contexto representado, assim como nas discussões nas seções de comentários.

Existindo há mais de dois mil anos, Londres, ou grande Londres, é uma das cidades mais visitadas em todo o mundo. Ao se pensar Londres e sua relação com os livros e a leitura, uma imensa lista de obras e autores poderiam ser citados como exemplo: de Shakespeare a Virgínia Woolf, de Charles Dickens a Arthur Conan Doyle. A relação que poderia ser gerada possuiria tanto clássicos infantis como *Peter Pan*, quanto trabalhos contemporâneos como *V*

*for Vendetta*. A cidade vem, ao longo dos séculos, servindo de inspiração e de cenário para milhares de histórias. Portanto, não seria exagero dizer que transitar por ela consiste em visitar lugares concretos e reais que possuem também uma forte carga simbólica no imaginário literário. Por exemplo, a cidade de Dickens, recoberta pela névoa, com violência e perigos a cada esquina, é a descrição mais aceita da era vitoriana. *Bloomsbury*, com seus parques, instituições de ensino e museus, foi lar de figuras importantes como J. M. Barrie e do próprio Dickens. Mais tarde, a área cedeu seu nome ao *Bloomsbury Group*, formado por renomados autores, que costumavam se reunir em suas residências.

É tarefa simples exemplificar como Londres é carregada de história e referências literárias. Ela foi e é cenário de obras de ficção de destaque mundial, como lugar a partir do qual diversas obras de extrema importância foram concebidas e publicadas. Sendo uma das cidades mais visitadas do mundo, é também uma das mais representadas nos *bookshop crawls*, vídeos da comunidade *booktube* que servem de guia para livrarias da cidade. Uma variação dos *vlogs* gravados no sofá casa em frente à estantes de livros, estes vídeos oferecem a quem assiste a possibilidade de participar de um passeio literário que, em certa medida, negocia as expectativas do espectador em relação à cidade e à profusão de livrarias e livros novos e usados disponíveis nela.

Para Fujita (1999), não se pode ignorar os aspectos espaciais da economia, ou seja, onde, como e por que atividades econômicas acontecem em determinados lugares, tema que por muito tempo foi negligenciado. O autor exemplifica isso justamente ao falar do fenômeno da aglomeração de atividades econômicas em determinados lugares citando, como exemplo, algumas livrarias de Londres.

Ao virar da esquina da English National Opera encontra-se o St. Martin's Court, uma rua curta ocupada principalmente por vendedores de livros de segunda mão e gravuras. É um local razoável para essas lojas, mas não há dúvida de que outros locais também serviriam. Por que, então, os proprietários das livrarias escolheram se instalar lá? Para estarem próximos uns dos outros. Sem dúvida há uma história interessante sobre como esse aglomerado de livrarias originalmente se estabeleceu, mas o que o sustenta agora é uma espécie de lógica circular: clientes em potencial vêm à St. Martin's Court porque esperam encontrar uma variedade de lojas para navegar, e as lojas localizam-se lá porque sabem que terão acesso a um grande grupo de potenciais clientes<sup>63</sup> (FUJITA, 1999, p.1).

---

<sup>63</sup> Livre tradução de: “Around the corner from the English National Opera lies St. Martin's Court, a short street occupied mainly by sellers of second hand books and prints. It is a reasonable location for such shops, but there are no doubt other locations that would serve as well. Why, then, have the shops' owners chosen to be there? To be near each other. No doubt there is some interesting story about how that cluster of book and print shops originally became established, but what sustains it now is a sort of circular logic: Potential customers come to St.

O que se pretende aqui analisar são os vídeos que oferecem o que pode tanto ser considerado um roteiro de visitação a livrarias londrinas quanto um processo de curadoria destes estabelecimentos publicados em canais de *booktube*. Mas antes é necessário categorizar estes estabelecimentos de venda de livros em três tipos: livrarias de redes, livrarias independentes e livrarias de livros usados ou raros. Algumas vezes estes tipos se misturam, oferecendo diferentes produtos e serviços, mas em linhas gerais essa diferenciação é suficientemente útil para compreender a parte do comércio livreiro que se destaca nos vídeos analisados.

Na segunda metade do século XX, como aponta Thompson (2013), o campo de edições comerciais em língua inglesa passou por mudanças muito representativas e indispensáveis para que se possa compreender as principais dinâmicas relacionadas ao negócio do livro contemporâneo. Uma delas é o início da era dos varejistas online. Nos anos 90 houve uma profunda reestruturação do panorama do varejo, ocasionada pela venda de livros pela internet. Em 1998, apenas três anos depois de existir comercialmente, a *Amazon* já ocupava a terceira posição no ranking de venda de livros nos Estados Unidos. Ela e outros varejistas competiam entre si e com as lojas físicas. É importante notar que estas mudanças nos EUA também ocorreram no Reino Unido, ainda que guardadas algumas peculiaridades, e em diferentes ritmos no mundo todo. No caso britânico, após a década de 90 a gigante *Warterstones* foi a rede que dominou e ainda domina este mercado.

A emergência de corporações editoriais foi uma tendência que se consolidou em todo o mundo, e pode ser apontada como uma das principais transformações pelas quais o mercado editorial passou e vem passando, repetindo-se também em outros setores da indústria da informação e da comunicação. Não é exagero mencionar aqui a polarização do mercado, com um diminuto número de megacorporações controlando uma grande parcela do negócio livreiro (THOMPSON, 2013).

Tudo isso ocorreu em meio a uma outra transformação em potencial, que foi a chegada do livro digital, discussão apresentada anteriormente nesta tese. Sabe-se que após uma queda nas vendas do livro impresso, com crescimento do *ebook* atingindo seu ápice em 2014 (PRESTON, 2017), o mercado editorial de livros impressos reagiu, valendo-se de diferentes estratégias. Recentemente, fala-se de um “renascimento do impresso”, fenômeno que vem impactando também os resultados financeiros de livrarias físicas, e que, nesta tese,

---

Martin’s Court because they expect to find a range of shops to browse in, and shops locate there because they know they will have access to a large pool of potential customers”.

pretende-se demonstrar através de uma possível preponderância da cópia física nos vídeos sobre livros no *YouTube*.

... depois de atingir um pico em 2014, as vendas de e-readers e ebooks diminuíram e as vendas de [livros de] capa dura subiram. Os números mais recentes da Publishing Association mostraram que as vendas de e-books caíram 17% em 2016, com um aumento de 8% em suas contrapartes físicas. Ao mesmo tempo, os valores de produção dos editores aumentaram e as livrarias começaram a se encher de livros com capas tão belas como jóias, muitas vezes com páginas maravilhosamente texturizadas<sup>64</sup> (PRESTON, 2017).

Em entrevista ao *The Guardian*, James Daunt, executivo da *Waterstones*, declarou que esse renascimento do livro físico é tanto real quanto sustentável, e que as lojas físicas da rede têm como foco apresentar aos clientes o livro como um objeto de desejo dentro de ambientes criados para acolher os gostos dos leitores e promover uma experiência relacionada ao olhar:

Uma parte muito importante da maneira como vendo livros tem sido relacionada a como eles são apresentados, como o cliente é levado até eles e pode explorar o sentido tátil de um livro físico. Nós mudamos os móveis da *Waterstones* para fazer isso acontecer. Temos mesas menores com exposições mais focadas. Tudo é destinado a persuadir as pessoas a pegarem as coisas, tentando chamar a atenção, tornando as livrarias um lugar onde se descobre coisas bonitas<sup>65</sup> (PRESTON, 2017).

Esta discussão parece destacar a relevância, no contemporâneo, da materialidade livro impresso. Trata-se de uma questão recorrente no que diz respeito à sobrevivência das livrarias independentes em um cenário de competição com as grandes redes. Em uma palestra sobre o assunto, em 2014, o mesmo James Daunt (2017), da *Waterstones*, fala que o futuro das livrarias passa por ações a serem implementadas por todas elas, não importa o segmento ou tamanho. Para ele, algumas estratégias seriam indispensáveis. “Precisamos conseguir fazer quatro coisas fundamentais: precisamos produzir ambientes agradáveis, espaços físicos em que as pessoas gostem de estar<sup>66</sup>” (DAUNT, 2017). Além disso, ele destaca que seria

---

<sup>64</sup> Livre tradução de: “... after reaching a peak in 2014, sales of e-readers and ebooks have slowed and hardback sales have surged. The latest figures from the Publishing Association showed ebook sales falling 17% in 2016, with an 8% rise in their physical counterparts. At the same time, publishers’ production values have soared and bookshops have begun to fill up with books with covers of jewel-like beauty, often with gorgeously textured pages”.

<sup>65</sup> Livre tradução de: “A very large part of the way I sell books has been about how you present them, how you bring the customer to them and exploit the tactile sense of a physical book. We’ve changed the furniture at *Waterstones* to make that happen. We have smaller tables with more focused displays. Everything is aimed at persuading people to pick things up, trying to catch their eye, making bookshops a place where you discover beautiful things”.

<sup>66</sup> Livre tradução de: “We need to manage to do four fundamental things: we need to produce nice environments, physical spaces that people enjoy being in”.

importante fornecer um bom serviço; ter o acervo certo, ou seja, escolher corretamente o que se ter em cada loja; e vender outros produtos de maneira sutil. Para ele, isso se tornaria ainda mais importante para as livrarias localizadas em locais privilegiados e caros. À época desta palestra, todas as redes, em diversos lugares do mundo, estavam perdendo dinheiro por não estarem fazendo o fundamental de maneira satisfatória. Para Daunt, a falha mais relevante foi o fato de que elas não estavam pensando no futuro do negócio. Não tinham, por exemplo, bons sistemas de venda online e, com a chegada da *Amazon*, passaram a enfrentar um de seus maiores desafios. Daunt previu, por exemplo, que grandes livrarias necessariamente desenvolveriam melhor seus outros ambientes sociais, como restaurantes ou pequenos cafés, de forma a tornar o ambiente mais vibrante.

De 2014 a 2017, algumas mudanças podem ser percebidas. Enquanto negócio, o mercado editorial de publicações comerciais em língua inglesa vive um momento de fôlego que pode estar sendo refletido na formação de um público leitor jovem que frequenta livrarias, lê livros, busca e compartilha informações sobre os mesmos na internet, e até mesmo cria vídeos sobre livros no *YouTube*.

Dos antiquários de Londres – frequentados por curadores ou colecionadores abastados, ou até mesmo por curiosos que queiram ver ao vivo cópias de livros raros pelas quais jamais poderiam pagar –, às lojas de livros usados ou sebos, grandes redes como *Foyles* e *Waterstones*, e livrarias independentes, o percurso de análise dos *bookshop crawls* aqui proposto como parte da investigação dos modos de fazer da comunidade *booktube* segue o roteiro criados pelos próprios *booktubers*. Estes, em certa medida, apresentam o varejo livreiro em Londres através de vídeos publicados no *YouTube*, implicitamente gerando um mapa de navegação pela cidade.

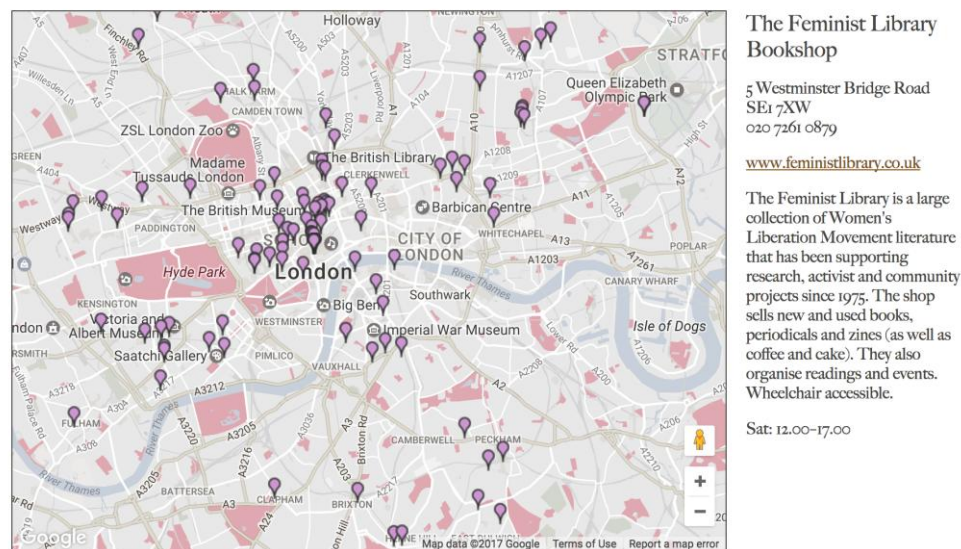
Considera-se, metodologicamente, Londres como a escala utilizada, e a cartografia não como método, mas como forma de representação. Os três tipos de estabelecimentos funcionam, neste contexto, como categorias de análise, resultado de uma investigação sobre este tipo de vídeo que emergiu dos levantamentos feitos durante o desenvolvimento desta tese. Desta forma, categorias e escala trabalham lado a lado para chegar a essa representação de rotas de navegação pelas livrarias. Adianta-se aqui que as grandes redes recebem muito destaque nos vídeos. Mas a cidade possui uma quantidade considerável de livrarias independentes que sobrevivem atendendo a diferentes nichos e públicos. A figura 21 traz o mapa criado pela organização *The London Bookshop Map* em 2016. Sua versão impressa pode ser retirada gratuitamente nas 113 livrarias físicas cadastradas, ou através de um aplicativo para smartphone.



Figura 21 – Mapa de livrarias independentes em Londres

## THE LONDON BOOKSHOP MAP

Map / About / Donate



© The London Bookshop Map 2012

info@thelondonbookshopmap.org

Fonte: <http://www.thelondonbookshopmap.org/>

A questão principal que se investiga adiante é como vídeos do *booktube*, além de influenciarem a produção de sentidos e escolha de livros, se apresentam também como formas de dialogar com o circuito do livro e compartilhar experiências literárias. *Bookshop crawl* é uma expressão usada para descrever o ato de percorrer a cidade e suas livrarias. No contexto do *booktube*, são *vlogs* gravados como um passeio pelas ruas, metrô e livrarias com o intuito de visitar, em pouco tempo, uma variedade destes estabelecimentos em um roteiro que costuma ser previamente planejado. Algumas vezes sozinho, mas na maioria delas acompanhados (inclusive por outros *booktubers*), os principais momentos deste passeio são gravados, com o compartilhamento das impressões sobre estas livrarias e seus livros.

O *bookshop crawl* é gravado durante o dia, e posteriormente editado em forma de narrativa, com relatos dos *booktubers* no local, ou com gravação posterior de *off*, inserido durante a edição. Enquanto alguns vídeos pretendem oferecer uma espécie de curadoria dos locais visitados, outros simplesmente registram o trânsito pelos locais e algumas imagens relativas a cada um deles e os livros adquiridos em cada local.

A busca padrão feita neste estudo, para a seleção da amostra, foi “*London Bookshop Crawl*”, com vídeos publicados exclusivamente em 2017. O objetivo foi analisar a representação das categorias escolhidas nesta escala através dos vídeos de canais de *booktube*,

o que implicou filtrar dos resultados outros tipos de vídeos, como por exemplo aqueles publicados por outros tipos de canais, e vídeos que não eram *bookshop crawls* propriamente.

A abordagem adotada foi qualitativa, com a seleção dos três vídeos mais populares, sendo o critério de popularidade o número de visualizações. Estes critérios, apesar de arbitrários, foram originados na observação dos conteúdos apresentados nos resultados de busca e, conseqüentemente, em sua relevância e potencial de indexação dentro da plataforma. Sendo impossível realizar o levantamento quantitativo, o método qualitativo foi adotado, com análise de conteúdo dos vídeos para o mapeamento do percurso percorrido por cada *booktuber*. Desta forma, a cartografia serviu como ferramenta de apoio para criar essa representação, indicando percursos e pontuando percepções comuns sobre o negócio varejista de livros na cidade, e as relações entre livros enquanto objetos materiais e seus leitores. Buscou-se analisar o conteúdo do vídeo e as opiniões de pessoas que registraram relatos pessoais nos comentários.

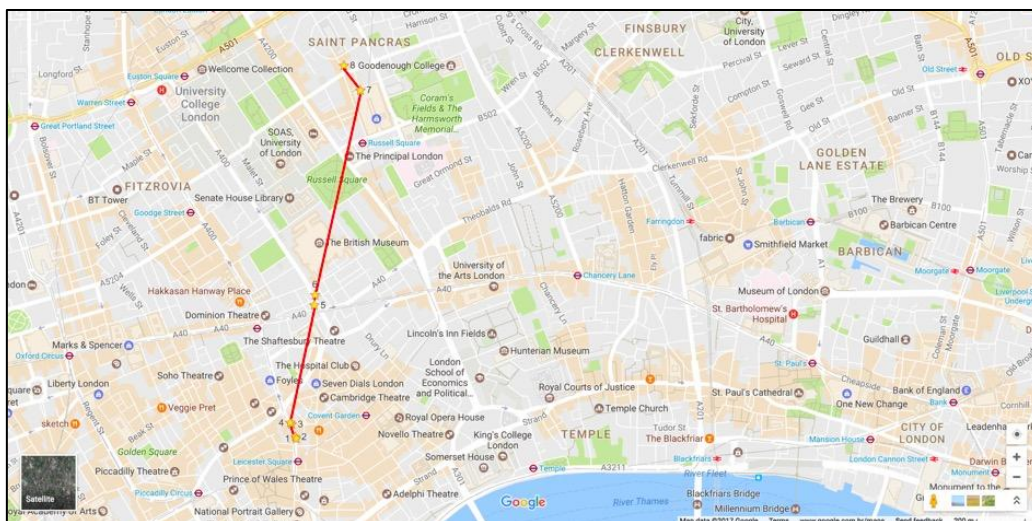
Tabela 4 – Vídeos de *bookshop crawl* analisados

Canal	Vídeo	Inscritos	Data	Views	Likes/ Dislikes	Fonte
<b>Rose Reads</b>	London Bookshop Crawl	8.5 mil	30 Mar 2017	853	84/1	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=8XYp4kknE1s">https://www.youtube.com/watch?v=8XYp4kknE1s</a>
<b>Holly Dunn Design</b>	London Bookshop Craw/Haul ft Elli, Jean and Jen	6.6 mil	19 Mar 2017	1162	91/0	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=b7MoQZUpK0o">https://www.youtube.com/watch?v=b7MoQZUpK0o</a>
<b>Ariel Bissett</b>	My Favourite Bookshops in London!	114 mil	6 Mai 2017	17637	2557/11	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=hFiLZsSeE98">https://www.youtube.com/watch?v=hFiLZsSeE98</a>

Fonte: A autora, 2018.

O levantamento dos vídeos analisados segue a ordem disposta na tabela 4, começando pelo canal Rose Reads (2017), da *booktuber* Rose Mannaring. Ela oferece uma proposta de *tour* em lojas de livros usados, começando o passeio na estação *Charing Cross*. A jovem, que na apresentação do vídeo diz que irá para Londres encontrar sua amiga Julia, é guiada por esta no que ambas concordam ser um “*second-hand bookshop crawl*”. Elas visitam juntas, ao todo, oito livrarias: *Any Amount of Books*, *Henry Porders Books*, *Quinto Francis Edwards*, *Koenig Books*, *Bookmarks*, *Oxfam*, *Skoob Books* e *Judd Books* (figura 22).

Figura 22 – Mapa criado a partir do *bookshop crawl* do canal *Rose Reads*



Fonte: A autora, 2018.

Os vídeos gravados dentro das livrarias de livros usados mostram uma visão geral das estantes, vez ou outra retirando um livro do lugar e mostrando sua capa. O formato simula, de forma acelerada, o comportamento curioso de leitores em lojas de livros, transitando entre prateleiras. Na terceira livraria as duas amigas falam diretamente com a câmera, compartilhando uma dúvida sobre a compra ou não de um livro encontrado na loja. Julia mostra um livro dizendo que quer lê-lo, mas que acha a capa muito triste e por isso não consegue decidir se deve comprá-lo, já que o preço é baixo, ou se deve continuar procurando para tentar achar outra cópia com uma capa diferente. Ambas chegam à conclusão de que o importante é o conteúdo, e Julia compra o livro. O *bookshop crawl* continua, e é pausado apenas quando Rose pede a Julia para mostrar o que encontrou: uma outra cópia de *I Know Why the Caged Bird Sings*, de Maya Angelou (Figura 23).

Figura 23 – Julia decide comprar mais uma cópia, pois preferiu sua capa



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8XYp4kknE1s>

Julia decide comprá-lo e doa a cópia que adquiriu anteriormente para a *Oxfam*. O passeio continua e, ao final, ambas reclamam de cansaço e dor nos pés, mas orgulhosas por terem concluído a excursão pelas livrarias, destacando como a melhor delas a *Skoob*, um sebo que as surpreendeu pela quantidade de títulos. O vídeo acaba em um café, com as amigas tomando chá e Julia desembalando dois presentes que ganhou de aniversário de Rose: um livro e uma vela. Nos comentários do vídeo alguns perguntam quais livros Rose comprou, e ela responde que fará um vídeo de *book haul* em breve mostrando-os.

De forma semelhante ao primeiro vídeo analisado, a *booktuber* e designer de livros Holly Dunn (figura 24) inicia seu *bookshop crawl* encontrando duas amigas para visitar quatro livrarias: *Persephone Books*, *London Review Bookshop*, *Foyles* da Charing Cross Road e a livraria *Forbidden Planet* (DUNN, 2017).

Figura 24 – *Bookshop crawl* na Persephone Books



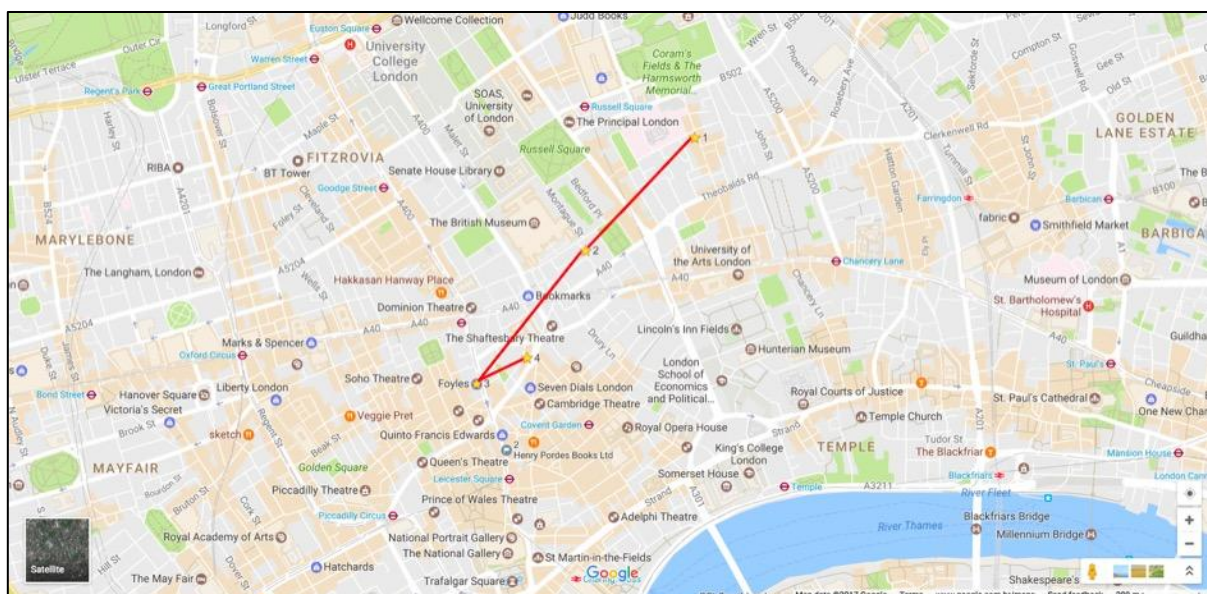
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=b7MoQZUpK0o>

É interessante notar que a descrição das características das livrarias é iniciada logo na primeira visita, na *Persephone Books*. Holly Dunn diz que a livraria é independente, famosa por publicar livros escritos por mulheres, todos geralmente com capas cinza. Para ela, trata-se do lugar mais “instagramável” da cidade, fazendo referência a fotos que poderiam ser postadas no *Instagram*.

Sobre a próxima livraria visitada, a *London Review Bookshop*, Holly afirma ser impossível sair dela de mãos vazias devido ao grande diferencial do estabelecimento: a curadoria de livros. Sobre a *Foyles*, Holly apenas afirma que comprou diversos livros, mostrando a “icônica sacola vermelha da loja”. Ao chegarem no destino final, a livraria *Forbidden Planet*, encontram outra *booktuber*, Jean. O fim do vídeo é um *book haul*, mostrando e comentando os livros comprados durante o passeio, seguido por um breve comentário sobre o filme que foram assistir no cinema.



Figura 25 – Mapa criado com os registros do *bookshop crawl* do canal *Holly Dunn Design*



Fonte: A autora, 2018.

O último vídeo analisado foi o de Ariel Bissett, que é uma das *booktubers* mais influentes do *YouTube*, com mais de cem mil assinantes em seu canal – número expressivo para o nicho que o *booktube* representa no contexto geral do *YouTube*.

No vídeo analisado, Ariel apresenta suas livrarias preferidas em Londres. Em seu *bookshop crawl*, que ela expressamente declara não se tratar de vídeo patrocinado, ela visita quatro estabelecimentos – *Waterstones* da *Gower Street*, *Foyles* da *Tottenham Court Road*, *Gosh Comics* e *Hatchards* –, explorando em detalhes cada uma delas por dentro.

O vídeo, iniciado dentro do metrô, promete destacar essas livrarias preferidas de Ariel na cidade. Ela mostra cada estação, e caminha em direção a uma loja *Waterstones*, que ela descreve ter como característica interessante o fato de que cada estabelecimento fica em prédios de estilos diferentes e acabam sendo bem diversas. A loja escolhida para a visita se destaca por parecer um labirinto, cheia de passagens, corredores e escadas. Possui uma seção de livros usados da coleção *Penguin Classics*, que é mostrada em destaque, e também pequenos nichos de leitura muito confortáveis. Em seguida, Ariel visita a *Foyles*, mostrando inicialmente a loja por fora (figura 26).

Figura 26 – Frame do *bookshop crawl* do canal Ariel Bissett



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hFiLZsSeE98>

O interior da loja é mostrado no vídeo (figura 27) e em uma visão do sexto andar que evidencia o tamanho do estabelecimento. No quinto andar, Ariel mostra um café e uma galeria de arte. Em seguida, a seção de poesia e alguns locais para leitura disponíveis em diversas partes da livraria.

Figura 27 – Dentro de uma das livrarias visitadas



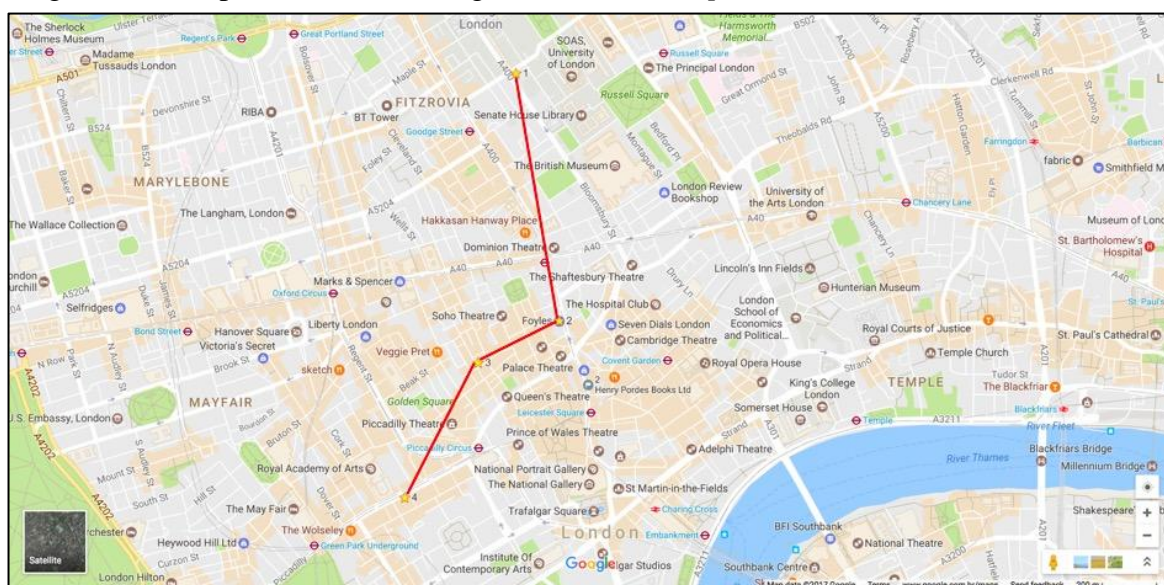
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hFiLZsSeE98>



A próxima loja mostrada é a *Gosh Comics*, especializada em quadrinhos. Como Ariel destaca, ela possui uma seção inteira dedicada a zines independentes. O *tour* pelas lojas termina na *Hatchards*, a mais antiga da cidade. Fundada em 1797, o estabelecimento funciona no mesmo prédio há mais de duzentos anos. De acordo com Ariel,

... você sente essa história quando está nesta livraria. Eu acho que essa é uma das razões pelas quais eu principalmente a amo. É porque se sente exatamente como este antigo edifício torto. Os pisos são tão irregulares e há ... é tão aconchegante, como se os livros pertencessem a este lugar desde sempre<sup>67</sup> (BISSET, 2017).

Figura 28 – Mapa criado com os registros do *bookshop crawl* do canal Ariel Bisset



Fonte: A autora, 2018.

Ao final do vídeo, Ariel Bisset convoca seus inscritos a relatarem, na seção de comentários, quem já visitou estas livrarias e o que acharam delas. A discussão é bastante diversa e mais interessante do que a que ocorre nos dois outros vídeos. Isso se deve, possivelmente, à quantidade de inscritos de seu canal em relação aos outros, o que resulta em muito mais visualizações e contribuições dos inscritos.

Percebe-se, nos vídeos de *bookshop crawl*, um desejo de compartilhar experiências que está vinculado tanto à cidade que se percorre, quanto ao gosto pelos livros. Os conteúdos estudados funcionam, algumas vezes, como meros *vlogs*, ou relatos de experiências nos lugares, que desta forma se transformam em espaços. Outras, funcionam como guias, num

<sup>67</sup> Livre tradução de: "... and you feel that history when you're in this bookshop. I think that's one of the reasons I mainly love it. It's because it feels just like this old crookedy building. The floors are so uneven and there's... it just feels so cozy and so like books have belonged here forever".

processo de recomendação que se aproxima ao da curadoria, e aproximam o prazer de explorar lojas de livros do próprio prazer da leitura.

A descrição das livrarias varia de *booktuber* para *booktuber*, assim como seu compromisso de efetivamente mostrá-las. Mas o que chama mais a atenção é a interação promovida após a publicação do vídeo, através dos comentários, com compartilhamento de informações que enriquecem o conteúdo àqueles que desejam fazer dele um guia para suas visitas à cidade ou que sonham um dia visita-la. Por exemplo, em um dos comentários do canal de Ariel, uma jovem relata que irá visitar Londres, mas não sabe o que fazer para não gastar muito nas livrarias. Ela recebe respostas de outros usuários, indicando livrarias que podem ser interessantes para ela conhecer devido às necessidades de acessibilidade por ela relatadas.

Os três vídeos analisados também ilustram a diversidade do varejo de livros em Londres. O *bookshop crawl* do canal Rose Reads percorre lojas de livros usados. *Holy Dunn Design* faz um *tour* que contém tanto livrarias independentes, como a *Persephone Books*, quanto grandes redes, como a *Foyles*. O canal Ariel Bissett se detém mais nas redes, mas visita também uma loja de quadrinhos que possui uma seção inteira dedicada a zines. Essa diversidade é ainda mais destacada quando são percorridos os comentários, nos quais membros da comunidade *booktube* em geral, habitantes de Londres e outros *booktubers*, trocam informações sobre suas livrarias preferidas e recomendam outros roteiros capazes de atender aos mais diversos gostos literários.

Desta forma, entende-se que estes vídeos mediam estes espaços de uma forma utilitária, mas também simbólica, influenciando as expectativas de bibliófilos que pretendem visitar a cidade e que, de alguma maneira, utilizam relatos da comunidade *booktube* como referência sobre as livrarias, os livros e os lugares.

Os *bookshop crawls* indicam a heterogeneidade de conteúdos sobre livros criados e difundidos na comunidade *booktube*. Através dos vídeos analisados pôde-se perceber como os processos de curadoria feitos por estes canais se inserem no circuito de comunicação do livro de formas diversas e até mesmo imprevisíveis, indo muito além da recomendação de leituras.

### 3.1.3 Uma análise da *Booktube Newbie Tag*

Um dos objetivos desta pesquisa é analisar as motivações que levam leitores a espaços de sociabilidade na internet como o *YouTube*, especificamente para publicação de *vlogs* sobre



livros na comunidade, bem como a relação destas pessoas com os livros e a leitura. Compreender estas motivações faz parte do objetivo geral de investigar o *booktube* como um espaço no qual são comunicados modos de leitura, produção de sentidos e coleção de livros.

Já foi estabelecido, anteriormente, que o termo *booktube* identifica não apenas a comunidade de *vloggers* que criam e compartilham conteúdos nesta plataforma, mas também aqueles que participam indiretamente, assistindo ou comentando estes vídeos. Portanto, cabe também a esta pesquisa buscar entender como e por que participantes da comunidade, que apenas assistem e comentam vídeos, muitas vezes passam também a gravá-los, tornando-se mais do que espectadores. Esta etapa de investigação mantém como corpus de análise vídeos publicados por *booktubers*, buscando apreender, por meio dos relatos em vídeo, suas motivações para gravá-los.

Utilizou-se principalmente coleta de dados e análise de conteúdo, métodos não intrusivos, para abordar as questões de pesquisa propostas. Cabe também destacar que as diretrizes éticas para pesquisas em mídias sociais que nortearam as escolhas metodológicas e de apresentação de resultados neste trabalho seguem o guia de Townsend e Wallace (2016).

O tempo e a observação foram levantando uma série de dúvidas sobre os processos internos da comunidade, especialmente os de criação de vídeos e utilização da plataforma do *YouTube* para falar sobre livros. Cogitou-se o uso de etnografia, mas uma vez que a comunidade pesquisada está espalhada pelo globo, a abordagem e entrevistas, caso fossem realizadas, precisariam ser feitas através de troca de mensagens escritas, ou através de chamada de áudio ou vídeo – o que é viável, mas delicado, uma vez que pessoas que publicam vídeos no *YouTube* se expõem ao escrutínio público, mas não necessariamente desejam estabelecer contato direto com pessoas desconhecidas por telefone ou vídeo.

Por outro lado, os canais de *booktube* mais antigos, e com maior número de inscritos e de visualizações, seriam difíceis de analisar qualitativamente, uma vez que possuem horas e horas de conteúdo em vídeo. Percebeu-se, também, uma grande dificuldade de efetiva comunicação e troca de ideias com *booktubers* de canais com grande volume de inscritos, uma vez que estes indivíduos recebem semanalmente milhares de comentários e mensagens, o que inviabiliza que respondam a todas as pessoas que comentam os vídeos. O que se percebeu é que estes *booktubers* acabam restringindo sua comunicação direta com inscritos, mesmo com os que são comentaristas frequentes, e se comunicam principalmente com outros canais de mesmo tamanho e relevância, ou canais com os quais tenham estabelecido um contato e relacionamento prévios. Com base nessas observações, vieram à tona indícios de que a comunicação direta com estas pessoas, para fins de pesquisa, poderia enfrentar barreiras.

Definiu-se que, para cada objetivo específico proposto nesta tese, seriam considerados diferentes métodos que se complementassem ou ao menos auxiliassem de forma coerente cada etapa de análise. Esta definição resultou na etapa descrita a seguir, com a utilização de um tipo de vídeo comum a esta comunidade – o vídeo de *tag* –, como método pouco ortodoxo de coleta de dados. As *tags*, no contexto do *YouTube*, são conjuntos de perguntas abertas criadas por um membro da comunidade e replicadas ou por iniciativa própria, ou por convite de algum outro membro.

A escolha foi feita tendo em conta a oportunidade de se trabalhar empiricamente com conteúdos espontaneamente gerados pela comunidade estudada, além de considerar a necessidade de se pensar, nos estudos de internet, em abordagens inovadoras e criativas para análises que não dependam de ferramentas complexas.

Antes desta definição, observou-se, em alguns canais recém-criados, a frequência de publicação de um vídeo introdutório, no qual o leitor fala sobre si mesmo e sobre seus objetivos com a criação do canal. Inicialmente um conjunto de vídeos nesta natureza foi selecionado para transcrição e análise, mas a diversidade de duração e de questões abordadas por cada indivíduo, em cada vídeo, acabaram dificultando qualquer tipo de comparação que conduzisse a possíveis conclusões sobre a forma através da qual os canais são criados, e por quais motivos.

Posteriormente percebeu-se que, através de indicação de outros leitores, fossem eles espectadores ou *booktubers* propriamente ditos, eram publicados, pelos novatos, um tipo de vídeo chamado *Booktube Newbie Tag*. Não raramente, este era um dos primeiros vídeos enviados para o novo canal.

A *Booktube Newbie Tag* original foi criada e publicada em 5 de fevereiro de 2014 pela *booktuber* Brenda C<sup>68</sup>. As perguntas têm como objetivo apresentar os canais de *booktube* recém-criados, explicando suas motivações e, de maneira geral, sua relação com os livros e com a comunidade através de um conjunto de perguntas que devem ser respondidas durante o vídeo.

1. Por que você começou este canal?
2. Quais coisas divertidas e únicas que você pode trazer para o *booktube*?
3. O que te deixa mais animado com esse novo canal?
4. Por que você gosta de ler?
5. Que livro ou série de livros fez você começar a ler?

---

<sup>68</sup> É interessante o fato de que Brenda C. não publica mais vídeos em seu canal, que possui pouco mais de 500 inscritos, mas é creditada por muitos que gravam essa *tag*. Apesar de não ter retirado seus vídeos do *YouTube*, eles não são mais listados nem na página principal do canal, nem nos resultados de busca.

6. O que você perguntaria ao seu *booktuber* favorito?
7. Que desafios você acha que, ao começar um canal de *booktube*, serão os mais difíceis de superar?
8. Quando você começou a ler?
9. Onde você lê?
10. Que tipo de livro você gosta de ler?<sup>69</sup> (BRENDA C, 2014).

Pode-se dizer que, utilizando a *tag* em questão como ferramenta de pesquisa, a cultura da própria comunidade foi levada em consideração, e através dos vídeos pôde-se fazer uma análise que foi além das limitações da troca de e-mails ou mensagens escritas, muito usadas para pesquisas em que os grupos e o pesquisador estão distantes. Logo, no lugar da formulação das perguntas, esta pesquisa se aproveitou de um conjunto de perguntas já criadas cujas respostas foram úteis para a compreensão das motivações para criação de um canal de *booktube*, além de introduzirem novos canais a toda a comunidade.

Na primeira etapa ocorreu a entrada no campo de pesquisa, com a publicação de um vídeo do tipo *Booktube Newbie Tag*. O objetivo foi o de criar um espaço para a interação com outros membros da comunidade, transformando o pesquisador não apenas em *insider*. O vídeo, apesar de informar sobre a pesquisa de doutorado relacionada ao *booktube*, foca responder às perguntas de forma pessoal, o que faz com que se misture aos muitos outros publicados no mesmo período.

Percebeu-se, com esta experiência, as dificuldades que fazem parte da rotina dos *booktubers*, e que foram corroboradas através de discussões posteriores com membros da comunidade. Os vídeos são gravados de forma caseira sem a ajuda de terceiros. Os espaços, geralmente uma sala ou quarto, estão longe de serem estúdios em que se consiga isolar ruídos externos, da rua ou de vizinhos. Como a maioria dos canais começa sem uma estrutura e sem a experiência que surge com a prática – ou formação técnica –, questões básicas como enquadramento, luz e foco são potenciais empecilhos ou problemas.

As perguntas da *tag* formam um roteiro linear para o interlocutor, mas mesmo que se planeje antes o que responder a cada pergunta, é desafiador estruturar respostas de forma coerente e sem erros, gaguejos ou pausas, o acaba gerando um vídeo que, se não for editado, pode ficar muito longo e entediante. Todas essas são questões conhecidas pelos *booktubers*,

---

<sup>69</sup> Livre tradução de: “1. Why did you start this channel? 2. What are some fun and unique things you can bring to Booktube? 3. What are you most excited for about this new channel? 4. Why do you love reading? 5. What book or book series got you into reading? 6. What questions would you ask your favorite booktuber? 7. What challenges do you think starting a Booktube channel will be the hardest to overcome? 8. When did you start reading? 9. Where do you read? 10. What kind of books do you like to read?”.

mas que não são tão aparentes àqueles que apenas assistem os vídeos e nunca os gravaram, exceto quando a qualidade técnica do conteúdo não atende a padrões mínimos que cada pessoa que assiste estabelece para si, ou quando o *booktuber* se desculpa pela má qualidade do áudio, ou informa que trechos do vídeo foram gravados em momento distintos porque sua câmera ficou sem bateria de repente. Soma-se a isso algum grau de expectativa e insegurança oriundo do ato de “colocar-se na internet” através dos vídeos.

Essa primeira etapa tornou mais interessante a etapa seguinte, em que foram observados os vídeos de outras pessoas iniciantes. Mas antes que se passe à segunda parte deste relato, cabe descrever as interações, através de comentários, com as pessoas que, além de assistirem, comentaram o vídeo, e algumas conclusões importantes resultantes deste processo.

Ressalta-se que a intenção principal foi posicionar o pesquisador como mais um membro da comunidade, como *insider*, possibilitando enxergar a participação nela sob uma perspectiva mais aprofundada. Além disso, desta forma criou-se um espaço de interação e uma porta de entrada para o diálogo com a comunidade. Percebeu-se, através desta experiência, que a interação de canal para canal é muito mais direta e sem barreiras, uma vez que pessoas que gravam vídeos sentem mais segurança de interagirem com outras que fazem o mesmo, justamente por se exporem em igual medida e, de certa forma, se conhecerem, enquanto muitas pessoas que deixam comentários usam perfis sem foto ou identificação.

Nos dias seguintes à publicação da *tag* começaram a surgir, espontaneamente, um volume surpreendente de comentários e visualizações, além de inscrições, o que confirmou a hipótese de que a *Booktube Newbie Tag* é uma estratégia potencialmente eficaz de divulgação de novos canais e estabelecimento de rede de contatos. Trata-se de um ponto de partida para um novo canal e de uma ferramenta de acolhimento e boas-vindas, numa dinâmica de trocas que parece se perpetuar até que os canais que estabelecem uma rotina de dar boas vindas até que atinjam um certo tamanho.

Ao analisar a origem de cada comentário recebido, percebeu-se que muitos eram perfis de canais de *booktube*, a maior parte deles recém-criados. Foi então iniciado, através da ferramenta de pesquisa do *YouTube*, um acompanhamento dos vídeos *Booktube Newbie Tag* recém-publicados. Percebeu-se que os canais novos crescem com as inscrições de canais ainda mais recentes, e ambos se ajudam mutuamente.

Com base nos comentários coletados no vídeo de introdução do canal criado para a pesquisa, foram notados diferentes tipos de interação. A frase mais comum registrada na caixa de comentários foi a de boas-vindas: “*Welcome to Booktube*”. Muitas vezes os comentários

foram generalistas, e em alguns casos pôde-se suspeitar que eram simplesmente replicados, sem que o vídeo fosse assistido integralmente. Esse foi o primeiro indício de que o grande número de pessoas comentando o vídeo não se devia necessariamente ao interesse pelo seu conteúdo, mas a uma prática que foi confirmada durante a próxima etapa da pesquisa e é a seguir descrita.

É comum a muitos *booktubers* acessarem, periodicamente, os mais recentes vídeos da *Booktube Newbie Tag*. Ao darem as boas-vindas para os iniciantes, também é possível que se apresentem, estabelecendo contatos que podem resultar em mais inscritos para seus canais, já que quem chega à comunidade está, em teoria, mais aberto à criação de uma rede contados. Portanto, a *Booktube Newbie Tag* acabou se transformando em um ritual de iniciação muito eficaz, e aqueles que descobrem esta prática conseguem se inserir na comunidade de forma muito mais rápida. Outra percepção, oriunda exclusivamente desta etapa de posicionamento do pesquisador como *insider*, é a da dificuldade de se estabelecer um público considerável que seja apenas espectador. O que se notou, neste primeiro experimento, é que aparenta ser muito mais significativa e intensa, ao menos nos canais novatos, a interação entre canais, e que é uma expectativa da comunidade que o *booktuber* não apenas grave e publique vídeos, mas que faça notar sua presença comentando vídeos de outras pessoas, as prestigiando.

Ao assistir vídeos desta *tag*, notou-se a semelhança entre muitas das respostas, especialmente à pergunta sobre a motivação para criar um canal no *YouTube* para falar sobre livros. Logo, de forma a estruturar uma pesquisa que pudesse trazer mais informações a partir desta percepção inicial, em uma segunda etapa do acompanhamento um conjunto de vídeos foram analisados.

O critério de seleção dos vídeos estudados foi objetivo: vídeos publicados a partir de 18 de janeiro de 2017 até 18 de fevereiro do mesmo ano. Dentro deste período, foram identificados 24 vídeos em língua inglesa. Entretanto, após levantamento, percebeu-se que quatro deles não seguiam o padrão proposto pela *tag*, sendo descartados. Desta maneira, a análise realizada se detém em 21 vídeos localizados através da ferramenta de busca padrão do *YouTube*. Para controle da coleta de dados, foram tabuladas as seguintes informações: nome do canal, link do vídeo, data de publicação, duração, perguntas e respostas. A análise de conteúdo se deu através da busca de declarações, explícitas ou implícitas, sobre três questões pontuais ao longo dos vídeos: 1) o leitor alega sentir falta de ter pessoas com as quais possa conversar sobre livros; 2) o leitor, antes de tomar a decisão de gravar vídeos, já conhecia o *booktube*; 3) as principais dificuldades esperadas giram em torno do gerenciamento do tempo

e de habilidades com a câmera e outras questões relacionadas à produção e pós-produção dos vídeos (tabela 5).

Tabela 5 – Vídeos do tipo *BookTube Newbie Tag* analisados

Nome do canal	Falta de pessoas para falar sobre livros	Já conhecia a comunidade	Tempo para gravar e/ou questões técnicas (gravação, edição, etc)
One Minute Reads	x	x	x
My Book Review			x
Kikis Bookverse	x		x
Holly Hearts Books			x
Natalie Knudsen		x	x
Breath and Read		x	
InfiniteReads	x		x
Marie Reads		x	
BookDabbler	x		
What a freaking nerd	x	x	
ALiteraryLulaby	x		
heyoliviareads		x	
ODISFUNCKCHANELL	x		
bookhuntress		x	x
Enabled Book AholiC	x		
Karyn Little			x
Read Remark			x
Faye J		x	x
Chapter Barbara		x	
A Novel Millennial		x	

Fonte: A autora, 2018.

Pôde-se perceber que, no conjunto de vídeos analisados, a expectativa em relação às dificuldades técnicas e ao tempo para gravar são mencionadas espontaneamente por metade dos participantes. Oito leitores apontaram como motivação para a criação de seus canais a falta de pessoas interessadas em conversar sobre livros, sendo o canal recém-criado uma forma de suprir o desejo de estabelecer este diálogo. Alguns explicitaram que já eram participantes da comunidade *booktube*, assistindo a vídeos. Como afirma o canal *One Minute Reads* (2017), “... tenho sido uma participante tão silenciosa por tanto tempo que me sinto bem em estar na frente de uma câmera e, finalmente, participar”<sup>70</sup>. Não se pode tecer generalizações sobre o grupo, e é interessante notar como cada vídeo aponta um conjunto de questões. Mas pode-se dizer que a participação ativa na comunidade deriva muitas vezes de

<sup>70</sup> Livre tradução de: “I’ve been such a silente participant for so long that if feels good be in front of a camera and finally participating”.

um sentimento de falta de pessoas fora da internet para se conversar sobre livros; e que metade destes participantes já assistiam a vídeos do *booktube* antes de gravarem a *tag*.

Conclui-se, então, que a *Booktube Newbie Tag* é um ritual de iniciação que se mostrou uma estratégia eficaz de visibilidade dos canais e estabelecimento de laços dentro da comunidade, laços esses que resultam em um aumento de interações e visualizações. A *tag* se mostrou útil para relevar informações sobre o relacionamento dos leitores com os livros e com a comunidade em questão, além de estar se transformando em um volumoso registro histórico sobre práticas contemporâneas de leitura. Considerando o objetivo central desta tese de analisar como os vídeos do *booktube* comunicam modos de leitura, *tags* como esta são fontes de informações essenciais, uma vez que registram, a cada vídeo, milhares de relatos de leitores sobre seus anseios e preferências.

Há centenas de *tags*, com diferentes temas e perguntas, criadas por *booktubers* e replicadas por outros membros da comunidade. Esse fato reforça a ideia de que um grande repositório de informações sobre hábitos de leitura contemporâneos está sendo criado por livre iniciativa de cada um deles.

Retornando-se a cada canal um ano depois da coleta inicial, buscou-se verificar quantos deles ainda estavam ativos, com novos vídeos sendo enviados para o *YouTube*. Dentre os vinte canais analisados, 10 não publicam mais vídeos. Destes, metade deletou o vídeo de *Booktube Newbie Tag*, sendo que um dos canais foi inteiramente deletado. A outra metade dos canais recebeu atualização nos últimos dois meses. Cabe notar que, ainda que alguns tenham sido criados algum tempo antes da publicação da *Booktube Newbie Tag*, o crescimento de cada um deles, em termos de volume de inscritos, se deu de forma desigual.

Tabela 6 – Status e número de inscritos dos canais analisados um ano depois

Nome do canal	Status	Newbie Tag	Inscritos em 18/02/18	Total de visualizações em 18/02/18
One Minute Reads	Ativo	Disponível	225	4.052
My Book Review	Inativo	Disponível		
Kikis Bookverse	Inativo	Disponível		
Holly Hearts Books	Ativo	Disponível	2100	69.980
Natalie Knudsen	Ativo	Disponível	1800	18.869
Breath and Read	Ativo	Disponível	625	11.434
InfiniteReads	Inativo	Disponível		
Marie Reads	Inativo	Deletado		
BookDabbler	Inativo	Disponível		
What a freaking nerd	Inativo	Deletado		
ALiteraryLulaby	Inativo	Deletado		
heyoliviareads	Ativo	Disponível	614	7.306
ODISFUNCKCHANELL	Ativo	Disponível	154	4.147
bookhuntress	Inativo	Disponível		

Enabled Book AholiC	Ativo	Disponível	42	604
Karyn Little	Ativo	Disponível	327	25.373
Read Remark	Ativo	Disponível	286	8.000
Faye J	Inativo	Deletado		
Chapter Barbara	Ativo	Disponível	7700	208.650
A Novel Millennial	Deletado	Deletado		

Fonte: A autora, 2018.

Seria demasiado complexo propor uma investigação que pudesse de fato identificar os elementos responsável pelo crescimento desigual entre os canais que permaneceram ativos durante a pesquisa. Entretanto, alguns podem ser sugeridos: consistência na periodicidade de publicação, engajamento na comunidade, conteúdo adequado ao público alvo, vídeos focados em temas mais populares e livros recém-lançados.

### 3.2 Da produção de sentidos na leitura

Até aqui apontou-se, através da *Bootube Newbie Tag* e dos *bookshop crawls*, como os vídeos da comunidade *booktube* apresentam conteúdos diversos relacionados a hábitos de leitura e aquisição de livros. Pretende-se, a seguir, através de vídeos de resenhas de obras literárias, analisar de que forma os vídeos da desta comunidade revelam práticas polissêmicas de leitura nos relatos dos *booktubers* e daqueles que participam de seus canais.

Independente de ser erudita ou popular, toda leitura é inescapavelmente uma produção de sentidos, uma prática cultural, lugar de compreensão e de gozo que nunca é ingênua e isenta de referências exteriores a ela mesma, como explica Goulemot. Para o autor,

Ler é dar um sentido de conjunto [...]. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido (GOULEMOT, 2011, p.108).

O texto literário é, portanto, inerentemente polissêmico. O leitor, bem como a situação de leitura são chamados por Goulemot (2011) de “fora-do-texto”.

Barthes, em *A Morte do Autor* (2004), já questionava a possibilidade de controle dos sentidos dos textos, julgando impossível, ao autor, controlar seu significado, o qual seria sempre múltiplo. A unidade do texto se consolidaria em seu destino, e não em sua origem.



Para Barthes (2004, p. 61), o texto seria “um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original”.

Na década de 60, principalmente, o leitor como indivíduo capaz de produzir sentido começa a ganhar a devida atenção, por exemplo, em estudos da recepção. O leitor, para Umberto Eco, seria capaz e essencial para preencher as lacunas, os espaços em branco do texto. Mas não apenas isso. O leitor-modelo de Eco (1998) atualizaria os textos conforme os vai lendo. Ele procuraria a intenção do autor e da obra, ao mesmo tempo que as testaria. Trata-se de um papel ativo e criador circunscrito pelos significados do texto. Para Eco (1988), um dos potenciais do leitor seria o de reinventar o texto a partir de suas interpretações. Ao mesmo tempo que apresenta uma visão que tira o autor e o texto do centro, Eco (1993) defende os limites da interpretação pelo leitor em duas instâncias: enquanto os usos permitiriam uma interpretação limitada, a interpretação estaria circunscrita aos limites do texto e à sua coerência. Para Eco um texto ter múltiplos sentidos não significaria ter qualquer sentido.

Não seria possível tratar de um sentido único, correto e verdadeiro para qualquer obra, já que inerente ao sentido haveria um processo de fuga e de indeterminação. Logo, qualquer sentido que possa ser atribuído a um texto só o é em relação a um fora-do-texto, retomando Goulemot (2011) ou, para citar a visão semelhante de Certeau (2014, p. 242), “o texto [...] ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente em relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias”. Considera-se o texto como habitado pelo leitor como um “apartamento alugado”, no lugar de uma busca por um sentido que Certeau (2014), ao destacar sua impossibilidade, chama de “ficção do ‘tesouro’ escondido na obra” ou “cofre-forte do sentido”.

Aqui, considera-se que “tudo o que concerne à apresentação do texto, sua estruturação, sua distribuição dentro do volume é relevante e participa, de diferentes modos, da produção de sentido” (GONÇALVES, 2014, p. 5).

Esta pesquisa inevitavelmente parte do pressuposto de que novas formas de comunicar o escrito, especialmente através da internet, condicionaram uma relativa quebra de hierarquizações sociais centenárias da cultura letrada. Emergem, neste contexto, outras relações de força operando de diferentes formas. Sendo a leitura “uma ‘arte’ que não é passividade” (CERTEAU, 2014, p. 49), essas novas formas de compartilhar experiências literárias através da web podem ser consideradas não uma ruptura, mas uma continuidade neste processo de criação em uma sociedade na qual muitas das antigas barreiras entre produção e consumo estão se dissolvendo.

Uma vez que se pretende nesta tese, através de vídeos da comunidade *booktube*, estudar as apropriações dos textos por seus leitores, serão analisadas confidências dos leitores sobre seus protocolos de leitura, assim como seus relatos sobre os sentidos que descobrem nos textos.

O método de pesquisa utilizado foi a análise de conteúdo, inicialmente com um detalhamento, baseado nos vídeos, de quem diz o que, como e com que efeito. Neste detalhamento foram levadas em conta uma série de informações, tais quais o perfil do interlocutor, suas motivações manifestas, a descrição de seu canal, bem como número de inscritos, origem, a duração dos vídeos, sua periodicidade e categorização. Foram detalhados os conteúdos manifestos dos vídeos, com sua transcrição e descrição de elementos visuais, bem como os conteúdos latentes. Para uma análise dos efeitos, foram investigadas as interações através de comentários.

Levando em consideração a tipologia do *booktube* apresentada anteriormente, definiu-se que, nesta etapa de análise da produção de sentidos, seriam analisados os vídeos do tipo *book reviews*, ou resenhas. A definição do corpus da pesquisa leva em conta Bauer e Aarts (2008, p. 45), ao declararem que

Uma boa análise permanece dentro do corpus e procura dar conta de toda a diferença que está contida nele. Em resumo, embora significados mais antigos de “corpo de um texto” impliquem a coleção completa de textos, de acordo com algum tema comum, mais recentemente o sentido acentua a natureza proposital da seleção, e não apenas de textos, mas também de qualquer material com funções simbólicas.

Partiu-se do princípio de que “a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais” (LOIZOS, 2002, p. 137), tendo como objetivo analisar em que medida os vídeos sobre livros no *YouTube* podem revelar práticas de leitura polissêmicas, e que estas práticas, relatadas pela comunidade, são muito marcadas pela materialidade, aspectos estéticos, sociais e culturais dos livros impressos.

Enunciados os objetivos, resta, enfim, elucidar como foi feita a escolha dos vídeos, que tomou como ponto de partida consultas às listas de obras preferidas de leitores em sites de catalogação social como o *Skoob* e o *Goodreads*. A maior lista de livros do *Goodreads* possui mais de 58 mil títulos classificados por mais de 180 mil usuários como “*Best Books Ever*”<sup>71</sup> (GOODREADS, 2018). Na análise dos 100 primeiros livros listados, percebe-se uma curiosa

---

<sup>71</sup> Dados referentes a 2 de março de 2018.

mistura de grandes clássicos da literatura com obras mais contemporâneas e populares. Seria impossível dar conta da multiplicidade dos gêneros literários representados, ou mesmo separá-los de acordo com público alvo. Além disso, estas listas, por serem abertas e geradas de acordo com votação contínua dos leitores, não são definitivas. Logo, obras trocam de posições o tempo todo.

Buscando dar espaço a títulos que não são considerados literatura para jovens adultos, os quais recorrentemente são abordados nesta tese em função de sua preponderância na comunidade *booktube*, foram escolhidas duas obras: *The Great Gatsby* (1925), de F. Scott Fitzgerald, e *Pride and Prejudice* (1813). Através da ferramenta de busca padrão do *YouTube*, que possui critérios próprios para ordenação de resultados, buscou-se como palavra chave o título do livro em inglês acompanhado da palavra *review*, separando-se três resultados que correspondessem a vídeos da comunidade *booktube* e que estivessem focados no conteúdo dos livros. O mesmo foi feito com os títulos traduzidos para o português, acompanhados da palavra *resenha*. Desta forma, seis vídeos sobre cada livro foram analisados, bem como os comentários deixados por aqueles que os assistiram, sendo o corpus de análise dessa etapa de pesquisa constituído por 12 vídeos transcritos em sua língua original, bem como as interações registradas nos comentários<sup>72</sup>.

Foram analisadas as apropriações dos textos pelos leitores e suas práticas, aspectos estéticos dos vídeos, declarações sobre modos de ler, intenções e motivos para leitura, especificidades do texto e suas relações com tipos de leitura, a conformação material dos suportes e a psicologia do leitor – ainda que através dos vídeos nem sempre se possa apreender devidamente seu contexto, grupos sociais, nível educacional e suas singularidades. No entanto, considera-se que, mesmo com limitações, estes vídeos são uma rica fonte de informação não apenas sobre a leitura como produção polissêmica, mas principalmente sobre os modos de ler e de trocar informações sobre leitura no contemporâneo.

---

<sup>72</sup> Estas transcrições estão disponíveis para consulta nos anexos desta tese.

### 3.2.1 *The Great Gatsby* (1925)

A busca por “*The Great Gatsby review*” no *YouTube* trouxe 143 mil resultados<sup>73</sup>, enquanto a busca por “*O Grande Gatsby resenha*” apresentou 1820 vídeos. O livro, considerado por muitos um dos maiores clássicos da literatura estadunidense, tem sua leitura adotada em um grande número de escolas norte-americanas. Tal fato pode ser apontado como uma das justificativas para o grande volume de conteúdo sobre *The Great Gatsby* no *YouTube*, com uma mistura de resultados sobre o livro e sobre as adaptações para o cinema. Há também muitos vídeos focados em fornecer um resumo crítico para auxiliar estudantes em seus exames, algo comum quando se trata de obras desta natureza.

Os vídeos selecionados para esta etapa da pesquisa, listados na tabela 4, foram todos criados por *booktubers* e trazem em seu conteúdo as percepções destes *booktubers* sobre a obra.

A seleção dos vídeos buscou uma certa variedade de alcance, com canais que possuem poucos inscritos, desde o *Carly Lewis*, com apenas 103 assinantes, até o *Booksandquills*, com 173 mil. Os seis vídeos foram transcritos para a análise de conteúdo, que buscou compreender o que esses *booktubers* têm a dizer sobre o livro em questão, e como cada um deles faz isso.

Tabela 7 – Coleta de vídeos sobre *The Great Gatsby*

Título	Visualizações	Publicação	Duração	Canal	Inscritos
Book Review   The Great Gatsby by F. Scott Fitzgerald.	36060	15/fev/2014	3'35''	Booksandquills	173K
F. Scott Fitzgerald -- The Great Gatsby: Book Review	7760	23/jul/2011	8'27''	Dean Goranites	5.5K
The Great Gatsby Book Review!	2884	27/jun/2016	12'40''	Carly Lewis	103
O GRANDE GATSBY, F. SCOTT FITZGERALD (#70)	12348	15/abr/2016	8'23''	Ler Antes de Morrer	106K
RESENHA: O Grande Gatsby - Scott Fitzgerald	2272	07/fev/2015	8'09''	Resenhando Sonhos	26K
EU LI: O GRANDE GATSBY - F. Scott Fitzgerald   All About That Book	1034	12/abr/2015	4'40''	All About That Book	32K

Fonte: A autora, 2018.

<sup>73</sup> Todos os números apresentados nesta etapa da pesquisa são referentes a uma coleta realizada em 22 de fevereiro de 2018, quando todos os vídeos foram arquivados, bem como seus principais dados de acesso. A transcrição de cada vídeo está disponível nos anexos.

*Booksandquills* é um canal em língua inglesa que está entre os mais relevantes na comunidade *booktube*. Ele foi criado em 2008 por Sanne Vliegenthart, uma jovem holandesa que se mudou para Londres e que trabalha no mercado editorial como *social media producer* na *Penguin Random House UK*. Seus vídeos são publicados semanalmente e têm duração variada. Sua resenha do livro *The Great Gatsby* foi enviada para o *YouTube* em fevereiro de 2014, mas na descrição do vídeo Sanne explica que ele foi publicado anteriormente em um outro canal, o qual foi desativado. Portanto, trata-se de um vídeo gravado anteriormente e republicado. No começo do vídeo a *booktuber* diz que se sente estranha resumindo uma obra como aquela, mas que acha necessário fazê-lo. Ela começa explicando que o livro foi escrito e ambientado nos anos 20, sendo narrado sob o ponto de vista de Nick Carraway, que se muda para Long Island, aluga uma pequena casa e se torna vizinho de um homem misterioso chamado Jay Gatsby. Seu resumo da obra não entra em muitos detalhes, mas algumas percepções pessoais são misturadas aos fatos descritos por ela. Por exemplo, Sanne diz que muitos dos personagens do livro não são pessoas muito agradáveis, citando o fato de que Tom Buchanam tem uma amante. Sanne interrompe a narração dos fatos, alegando que não irá adiante (para não revelar informações demais para quem não leu o livro ainda).

Ler este livro parece ser uma coisa grandiosa. Não se pode deixar de ter expectativas porque tantas pessoas disseram que este é seu livro favorito de todos os tempos. E também a história de *O Grande Gatsby* parece estar presente na consciência cultural coletiva. Depois de lê-lo, você saberá que você vai entender todas as piadas e todas as referências<sup>74</sup> (BOOKSANDQUILLS, 2014).

A experiência de leitura, para Sanne, foi variada, já que ela afirma ter gostado de algumas partes e de ter se entediado em outras. Enquanto o livro é escrito com um estilo que ela descreve como “*glorious writing*”, em algumas partes ela sentiu a necessidade de deixar o livro de lado por um tempo. A *booktuber* destaca que a edição que ela possui tem apenas 170 páginas, mas que ainda assim a leitura teve altos e baixos.

---

<sup>74</sup> Livre tradução de: “Reading this book feels like a very big thing. You can't help but have expectations because so many people have said that this is their favorite book ever. And also the story of *The Great Gatsby* seems to be present in the collective cultural consciousness. Once you've read it you're in the know you'll understand all the jokes and all the references”.

Uma das minhas coisas favoritas sobre a escrita, além das belas frases, foi que às vezes os momentos de ação não são realmente descritos e, em seguida, o resultado dessas ações é simplesmente afirmado como fato<sup>75</sup> (BOOKSANDQUILLS, 2014).

Sanne conta que muitas pessoas dizem que odeiam o livro porque foram forçadas a analisá-lo na escola, mas que ela pessoalmente deseja ler a introdução de 50 páginas que ela pulou no começo do livro para aprender mais sobre metáforas e símbolos escondidos na obra, como a presença recorrente da cor amarela, que ela conta ter identificado. Ela afirma que em algum momento pretende relê-lo, uma vez que ela tende a gostar mais dos livros quando os lê pela segunda vez, sem estar preocupada em tentar descobrir o que vai acontecer na próxima página. Por fim, é interessante a afirmação que ela faz sobre a leitura de obras famosas, alegando ser difícil formar uma opinião sobre estes livros. Ao final da gravação ela recomenda alguns vídeos sobre *The Great Gatsby* feitos por outros canais.

Este vídeo específico é interessante também sob o ponto de vista estético. A gravação é feita da forma mais comum usada pela comunidade, com o *booktuber* posicionado em um cômodo de sua casa, diante de uma estante de livros, segurando sua edição do mesmo. Mas Sanne escolheu também se apresentar de forma diferente, usando roupa, maquiagem e acessórios que remetem à Era do Jazz nos Estados Unidos, época em que a história é ambientada.

Figura 29 – Rendas, penteado, acessórios remetem aos anos 1920



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=34NVSoo4y88>

---

<sup>75</sup> Livre tradução de: “One of my favorite things about the writing except for the beautiful phrases was that sometimes moments of action weren't really described and then the result of those actions is just stated very matter-of-fact”.

O segundo vídeo analisado, *F. Scott Fitzgerald -- The Great Gatsby: Book Review*, foi publicado por Dean Goranites em julho de 2011. Seu canal, inaugurado em janeiro do mesmo ano, teve seu último vídeo publicado em 2014. Não há dados pessoais de Dean no *YouTube*, mas há um link para sua conta no *Twitter*, na qual a última interação que aparece na aba “*tweets*” ocorreu em 11 de agosto 2015, quando Dean comentou com um seguidor que “agora eu sinto que devo às pessoas mais vídeos” (DEANGORANITES, 2015)<sup>76</sup>. A única informação adicional disponível é que Dean mora em Los Angeles, Califórnia, o que talvez explique o começo do vídeo analisado nesta pesquisa, no qual o *booktuber* começa reclamando do calor e enxugando o rosto com uma toalha. Em seguida, em pouco mais do que 8 minutos, Dean analisa *The Great Gatsby*. Ele descreve o livro como aquele que todos consideram o grande livro americano. Para ele, “o conceito de americanismo em *The Great Gatsby* tornou-se conectado ao livro tão intensamente que poderia ser escrito em um pedaço de papel e grampeado à capa dele<sup>77</sup>. Dean também fala sobre a onipresença da sobrecapa original do livro na mente das pessoas.

Este é um dos poucos livros que eu consigo pensar na literatura americana, em qualquer literatura para falar a verdade, onde a arte da capa ficou presa com o livro ao longo do tempo. Eu ficaria muito surpreso se você não o reconhecesse, mesmo que você nunca tenha lido este livro antes. Aquela foto azul com os olhos e a boca. A metade superior e tipo luzes da cidade no fundo. Ninguém está realmente certo do que significa<sup>78</sup> (DEANGORANITES, 2014).

Dean destaca no vídeo que o foco de sua resenha é a questão do sonho em *The Great Gatsby*. Para ele, não se trata de uma questão americana, mas universal. Nos Estados Unidos, e no livro, o grande desejo é obter muito dinheiro. A seguir o *booktuber* trata de contextualizar o período em que o livro foi escrito, explicando o contexto socioeconômico estadunidense na década de 20, quanto muitos enriqueceram e algumas fortunas foram feitas com o contrabando de bebidas alcoólicas, algo que Dean afirma poder ser lido nas entrelinhas a respeito da fortuna de Jay Gatsby. A busca pelo sonho, segundo o *booktuber*, seria o diferencial do personagem em relação a todos os outros.

---

<sup>76</sup> Livre tradução de: “now I feel like I owe the people more videos”.

<sup>77</sup> Livre tradução de: “the concept of Americanism in *The Great Gatsby* has become connected to the book so intensely that it might as well be written on a piece of paper and stapled to the cover of the book”.

<sup>78</sup> Livre tradução de: “this is one of the few books that I can think of in American literature, in any literature really, where the cover art has stuck with the book throughout time. I’d be very surprised if you didn’t recognize it even if you’ve never read this book before. It’s that blue picture with the eyes and the mouth. The upper half and like city lights on the bottom. Nobody’s really sure what it means.”.

Em comparação com Nick Carraway, que é um homem decente, Tom Buchanan, que é irritante, Daisy, que talvez não seja tão inteligente, Gatsby aparece como esse cara do qual se quer ser amigo. Ele o chama de “esporte antigo”, ele se veste bem, ele tem dinheiro, mas acho que o que é mais importante é que ele quer algo mais do que qualquer outra pessoa ao seu redor. E penso que se você olhar as pessoas que você acha atraentes, que você conhece na sua cidade, no seu campus, em torno de sua escola, as pessoas que chamam mais atenção, seja essa atenção boa ou seja má, são as pessoas que realmente querem algo, quer isso seja bom ou ruim. Eu acho que é o que Fitzgerald está tentando chegar na raiz deste romance <sup>79</sup> (DEANGORANITES, 2014).

Diferente de Sanne, que em sua resenha apenas aponta a presença de alguns simbolismos como a cor amarela, Dean detalha mais seus exemplos, a começar pela luz verde que Gatsby enxerga ao longe. Para Dean a luz significa o desejo de alcançar algo fora de alcance, algo comum às pessoas. Seu símbolo favorito é o *outdoor* com os dois olhos observando a cidade, cuja simbologia é tema de debates desde que o livro foi escrito, e que Dean diz gostar de pensar que não significa nada. Para ele, seria justamente essa a mensagem do livro: “nada em nosso mundo realmente tem algum valor até que nós o colocamos”<sup>80</sup>. Todos os leitores seriam capazes de dar infinitos significados para o livro e suas simbologias, e para Dean seria justamente essa a intenção de Fitzgerald.

Dentre os canais dos vídeos analisados nesta etapa da pesquisa, o de Carly Lewis, dos Estados Unidos, é o menor, com apenas 103 assinantes. A maior parte dos seus vídeos, publicados esporadicamente desde 2013, possui um pequeno número de visualizações, sendo o *The Great Gatsby Book Review!*, a seguir analisado, o mais popular dentre suas publicações. Carly inicia sua resenha dizendo que havia acabado de ler o livro em sua turma de inglês e que está obcecada com o livro. Sua edição em *paperback* de capa azul é mostrada várias vezes (figura 30), inclusive suas páginas de grifos e anotações.

---

<sup>79</sup> Livre tradução de: “. In comparison to Nick Carraway, who's a decent man, Tom Buchanan, who's annoying, Daisy, who maybe isn't that smart, Gatsby comes across as this guy that you want to be friends with. He calls you “old sport”, he's dressed nice, he has money, but I think what's most important is that he wants something more than anybody else around him. And I think if you take a look at the people that you find compelling, that you know around your city, around your campus, around your high school, the people that generate the most attention, whether that attention is good or bad, are the people who really want something, whether that wanting is good or bad. I think is what Fitzgerald is trying to get to at the root of this novel.”.

<sup>80</sup> Livre tradução de: “nothing in our world really has any value until we put value on it”.



Figura 30 – Carly Lewis fala sobre sua experiência de leitura



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RqbF8VF9wzk>

Carly inicia sua fala com uma descrição focada naqueles que não leram o livro, sem revelações importantes, para que as pessoas possam sentir vontade de lê-lo. Ela apresenta as mesmas informações dos outros vídeos: o narrador, Nick Carraway, e o contexto de Long Island, e o misterioso Gatsby, cuja casa muitos frequentam e ninguém parece conhecer. Então ela interrompe o vídeo, como se pedisse a quem não leu para fazer o mesmo, e depois segue comentando a obra em mais detalhes. Chama a atenção, neste vídeo, como a *booktuber* expressa mais enfaticamente seus sentimentos pelos personagens. Ela diz que ama Nick porque ver a estória através dos olhos dele deixa todos os eventos hilariantes. Para ela ele é sarcástico e invisível, sendo arrastado por todos os lados pelos outros personagens. Ela diz gostar de Daisy, uma personagem que costuma ser odiada pelos leitores. Carly ainda faz suas interpretações, inocentando a personagem.

Eu não acho que foi culpa dela que ela não tenha ido ao funeral de Gatsby. Eu sinto que foi Tom que sabia que algo aconteceu com Gatsby, porque Tom disse a Wilson que era o carro de Gatsby que atropelou Myrtle, então eu sinto que ele tentou o máximo possível manter Daisy longe disso porque sabia que se Daisy soubesse que Gatsby morreu, ela nunca mais seria a mesma<sup>81</sup> (CARLYLEWIS, 2016).

---

<sup>81</sup> Livre tradução de: “I don’t think it was her fault that she didn’t go to Gatsby’s funeral. I feel like it was Tom that knew something happened to Gatsby because Tom did told Wilson that it was Gatsby’s car that ran over Myrtle, so I feel like he tried as hard as possible to keep Daisy away from that because he knew that if she knew that Gatsby died he would never be the same”.

Carly, tendo assistido à última adaptação cinematográfica da história, diz ter especialmente gostado do fato de o filme mostrar outros pontos de vista além do de Nick, único narrador do livro, deixando mais claro que outros eventos podem ter ocorrido sem que ele soubesse. Ela insiste que teria sido culpa de Tom o fato de Daisy não ter comparecido ao funeral.

Ao falar de Jay Gatsby, Carly mistura percepções que teve do livro com percepções do filme. Ela também apresenta alguns pontos de vista singulares. Por exemplo, afirma gostar do fato de que não se trata apenas de uma história de amor, mas de uma história de amizade entre Nick e Gatsby. Em seguida, Carly desenvolve o que ela alega ser sua teoria sobre Nick, mencionando uma cena em que Nick está no elevador com outro personagem.

Se você sabe do que estou falando, ou se não sabe, é uma cena na festa de Myrtle, nas páginas 37 e 38, e aí já fica a dica, mas talvez Nick não seja heterossexual. Mas eu acho que ele tinha mais do que sentimentos de amizade por Gatsby. Eu também sinto que ele ama muito Gatsby<sup>82</sup> (CARLYLEWIS, 2016).

As três resenhas analisadas apresentam visões distintas que de certa forma se complementam, mas que demonstram como pequenos detalhes na obra são interpretadas de forma diferente e ganham diferentes níveis de importância.

Parte-se, então, para uma análise de três vídeos em língua portuguesa, buscando compreender de que forma alguns deles apresentam e interpretam o livro. O canal brasileiro *Ler Antes de Morrer*, criado por Isabella Lubrano, também possui um vídeo sobre Gatsby. Com mais de 150 mil inscritos, trata-se de um dos maiores canais de *booktube* em língua portuguesa, com mais de 300 vídeos publicados desde 2014, quando foi criado. A *booktuber* se apresenta como jornalista formada pela USP e pela Cásper Líbero, e explica no canal que seu objetivo é resenhar 1001 livros. O vídeo *O GRANDE GATSBY, F. SCOTT FITZGERALD (#70)*, publicado em 5 de fevereiro de 2015, foge um pouco aos padrões dos demais pois não é gravado em um ambiente fechado diante de uma estante de livros. Isabella grava todo o conteúdo de sua resenha no que ela descreve como “uma das vistas mais conhecidas do planeta” (LERANTESDEMORRER, 2016). Do alto do observatório do *World Trade One*, arranha-céu construído no local onde ficavam as Torres Gêmeas em Nova York, Isabella mostra Manhattan do alto e aponta para Long Island, descrevendo-a como uma espécie de Alphaville para os moradores de São Paulo. Ela segue apresentando aos leitores a região

---

<sup>82</sup> Livre tradução de: “If you know what I'm talking about or if you don't, it's the one at Myrtle's party and on page 37 and 38 and that kind of gives you the hint, but maybe Nick's not straight. But I do think that he had more than friendly feelings for a Gatsby. I feel like he was kind of in love with Gatsby too.”.

metropolitana de Nova York, vista do alto, e explica que o local onde está gravando fica na parte sul da cidade, sendo também a região em que o narrador de *O Grande Gatsby*, Nick Carraway, trabalhava.

Os nossos personagens em *O Grande Gatsby* circulam entre Long Island, que é uma área residencial, e a ilha de Manhattan, que era já desde a década de XX do século passado, o centro financeiro do mundo. E agora tá vendo esse monte de prédios bem aqui do lado? A gente está no sul da ilha de Manhattan em uma região conhecida como o distrito financeiro. É a região que é o centro. A capital mundial do capitalismo e é aqui que trabalhava o narrador de *O Grande Gatsby*, um cara chamado Nick Carraway, que não é o protagonista, mas ele é um personagem muito importante. Ele trabalhava aqui nessa mesma região, principalmente na região de Wall Street, que é a rua principal das financeiras, dos bancos, da bolsa de valores. Aqui é que circula o dinheiro, e olha, é muito dinheiro desde os anos 20 do século passado. E esse Nick Carraway, ele é quem nos conta a história (LERANTESDEMORRER, 2016).

Isabella não revela muito sobre os principais eventos do livro, nem menciona a simbologia presente na história. Ela apresenta os principais personagens, Nick, Gatsby e Daisy, e trata de contextualizar os eventos no momento histórico da Era do Jazz nos Estados Unidos, época em que bebidas alcólicas eram proibidas, o que não impedia que o misterioso Gatsby fizesse festas frequentadas por pessoas que sequer o conheciam. Isabella fala do sonho americano, do *self made man*, personificado em Gatsby. “A história de amor dele com a Daisy, essa obsessão que ele tem por essa menina, esse desejo de possuir inclusive o amor do passado, vai ter consequências muito impressionantes e na verdade muito trágicas” (LERANTESDEMORRER, 2016). Para Isabella, mais do que uma história de amor, o livro é crítico e pessimista, mas fácil de ler. Ela termina a resenha mostrando a edição brasileira da *Penguin*, elogiando-a, sugerindo que sua compra através do link seria uma forma de apoiar financeiramente seu canal.

O canal de Tamirez Santos, *Resenhando Sonhos*, foi criado em 2014 e possui pouco mais de 25 mil assinantes. O vídeo *RESENHA: O Grande Gatsby - Scott Fitzgerald*, publicado em 2015, faz parte de um projeto dela de ler mais livros que ela chama de clássicos, sendo esta a primeira tentativa. Ela começa a resenha contando sua experiência de leitura: “por não ser familiarizada com os anos 20, que é onde acontece a história, então pra mim foi bem difícil” (RESEHANDOSONHOS, 2015). Ela revela ter sentido falta de descrições dos lugares, de como as pessoas se vestem e de onde moram. De uma forma bastante coloquial a *booktuber* revela em linhas gerais a história e apresenta os personagens, falando de como foi importante ter assistido à última adaptação para o cinema, que permitiu a ela visualizar cenários e eventos que ela teve dificuldade de compreender.

Eu fiquei feliz em ter feito essa leitura. Acho que comecei por um livro bom, porque apesar de ter sido complicado de eu ter seguido em frente, não foi um livro que eu li com que eu vi as páginas passar de forma leve, foi um livro que foi pesado pra mim porque foi a minha primeira leitura clássica, digamos assim (RESENHANDO SONHOS, 2015).

O vídeo é um relato interessante de uma leitora jovem, acostumada com livros escritos mais recentemente, tendo o primeiro contato com obras que ela considera clássicas. Tamirez lê dois trechos do livro, para demonstrar “o quanto o livro é denso”. Ela sugere que seus assinantes façam como ela: que leiam o livro sem desistir, e em seguida assistam ao filme, já que para ela a adaptação cinematográfica foi essencial para a compreensão da obra.

Como ocorreu em alguns dos vídeos analisados anteriormente, Tamirez mostrou algumas vezes o livro impresso, uma edição bilíngue que tem como capa uma imagem do filme com Leonardo DiCaprio.

O último vídeo que compõe essa análise é de mais uma leitora que, no canal *All About that book*, criado em 2015 por Mayra, habitualmente fala de obras mais voltadas para o público jovem adulto. Em *EU LI: O GRANDE GATSBY - F. Scott Fitzgerald | All About That Book*, Mayra demonstra certa frustração com a experiência de leitura desta obra. Ela inicia o vídeo descrevendo a história, em linhas gerais, e os principais personagens. Para a *booktuber* o estilo de escrita de Fitzgerald é interessante, o que a leva a ter curiosidade de ler outras obras do autor, mas este seria o único ponto positivo. Ela critica os personagens, especialmente Gatsby.

O cara de tudo quanto é jeito, da forma mais obscura possível, vai levantar uma fortuna pra quê? Porque ele acha que a mulher dos sonhos dele, com quem não fala faz cinco anos, que já é casada, já tem uma filha, só vai dar atenção para ele se ele for rico. E aí em vez de ir falar com ela, escrever uma carta, visitar... não, que que ele faz? Ele faz um monte de festas caríssimas e esdrúxulas para quem saiba talvez ela vá na festa e aí eles vão se reencontrar. Toda a visão que ele tem da Daisy é totalmente deturpada, idealizada, e aí ele acha a forma mais babaca possível de reconquistar ela. Então pra mim foi difícil ler um livro em que você despreza todos os personagens e que o texto em si não está criticando esse comportamento (ALLABOUTTHATBOOK, 2015).

A *booktuber* não traz nenhuma outra informação além dos elementos iniciais do *plot*, e menciona brevemente que percebe que Fitzgerald tentou trazer no livro algum tipo de comentário sobre o *american way of life*, o que para ela não foi suficiente para tornar o livro interessante. Diferente dos outros vídeos anteriormente analisados, que gostaram da obra, Mayra expõe claramente sua opinião sobre *O Grande Gatsby* e termina o vídeo dizendo esperar não ter ofendido as pessoas que gostam dele. O livro em suas mãos é uma bela edição

da *Penguin*, parte de uma coleção das obras de Fitzgerald com sobrecapas com temas *art deco*.

Desta primeira análise, alguns pontos merecem destaque. O conteúdo manifesto dos vídeos, através de seu registro e leitura cuidadosa, demonstra como um breve resumo da obra sempre está presente nos vídeos de resenha, mas nem sempre é o principal conteúdo compartilhado. Alguns vídeos oferecem mais do que uma simples descrição e uma opinião curta. Enquanto alguns compartilham experiências pessoais de leitura, outros demonstram conhecer bem a obra e as pequenas peculiaridades que fazem dela o que é. O fato de *The Great Gatsby* contar com uma adaptação cinematográfica relativamente recente também é relevante, uma vez que o filme foi evocado por alguns *booktubers* como referência e fonte de parte de sua compreensão sobre a obra de Fitzgerald, ainda que alguns reconheçam que há tanto semelhanças quanto diferenças.

Parte-se agora para uma análise complementar que busca nos espaços públicos de interação dos vídeos as mensagens trocadas sobre eles pelos espectadores. Aqueles que assistem aos vídeos podem interagir de duas formas principais: clicando no botão de gostei ou não gostei, e deixando um comentário. A tabela 5 oferece uma visão geral sobre as interações dos usuários que visualizaram os seis vídeos em questão. Através da coleta destes comentários pretende-se também realizar uma análise de seus conteúdos para tentar compreender como eles se relacionam aos vídeos e de que maneira oferecem relatos de leitura e interpretações pessoais para a produção de sentidos do livro em questão.

Tabela 8 – Análise de comentários nos vídeos

Título	Canal	Visualizações	Likes	Dislikes	Comentários	Respostas
Book Review   The Great Gatsby by F. Scott Fitzgerald.	Booksandquills	36060	938	12	68	1
F. Scott Fitzgerald -- The Great Gatsby: Book Review	Dean Goranites	7760	104	6	38	6
The Great Gatsby Book Review!	Carly Lewis	2884	56	5	15	2
O GRANDE GATSBY, F. SCOTT FITZGERALD (#70)	Ler Antes de Morrer	12348	-- <sup>83</sup>	--	130	14
RESENHA: O Grande Gatsby - Scott Fitzgerald	Resenhando Sonhos	2272	84	6	10	3
EU LI: O GRANDE GATSBY - F. Scott	All About That Book	1034	70	7	13	3

<sup>83</sup> Números de likes e dislikes são informações não divulgadas pelo canal.

Fitzgerald   All About That Book						
----------------------------------	--	--	--	--	--	--

Fonte: A autora, 2018.

Na coleta e análise de todos os 274 comentários publicados nestes 6 vídeos, percebe-se que eles não diferem muito dos tipos principais de interação realizada através do *YouTube*, e que, no caso dos vídeos que constituíram o corpus de análise desta etapa da pesquisa, na maioria das vezes os comentários não foram respondidos pelo *booktuber*.

Aqueles que publicam vídeos no *YouTube* têm a opção de clicar no botão de *like* do comentário realizado, o que indica que o mesmo foi lido por ele. No entanto, o *YouTube* não disponibiliza a outra pessoa, senão ao *booktuber* e ao autor do comentário, saber quem marcou o botão de *like*. Portanto não é possível utilizar a presença dessas marcações como indício de que os comentários foram ao menos visualizados pelo *booktuber*, a não ser que ele marque o botão em forma de coração, que graficamente se destaca na área de comentários publicamente. Esta funcionalidade foi disponibilizada pelo *YouTube* apenas em 2016, o que explica o fato de quase não aparecer nos comentários analisados.

Não é possível estabelecer qualquer tipo de categorização para esta coleção de interações presentes nos vídeos sobre *The Great Gatsby*, mas nota-se que os comentários no qual o usuário compartilha sua própria opinião e experiência de leitura são frequentes. Buscou-se observar mais atentamente justamente estes comentários que ofereciam ou uma experiência pessoal de leitura ou uma interpretação sobre a obra e, ao mesmo tempo, comentários diretamente relacionados a algo falado ou mostrado no vídeo. Os comentários abaixo, feitos em diferentes datas por diferentes usuários no vídeo do canal *Booksandquilss*, são exemplos de como se dá essa interação. No primeiro caso tem-se um relato de um leitor que teve contato com a obra no passado e que sempre teve a percepção de que havia perdido algo importante durante a leitura, já que de repente foi surpreendido com acontecimentos relatados de forma muito sucinta e direta pelo autor, algo comentado pela *booktuber* em seu vídeo. No segundo comentário destacado a seguir, um usuário se apresenta como um professor de inglês que lê a obra em voz alta duas vezes por ano, e que concorda com o que a *booktuber* fala sobre Fitzgerald citar acontecimentos surpreendentes como se não tivessem importância. O comentário ainda menciona o contraste sobre a brevidade da descrição destes eventos, ao passo que detalhes sobre o sorriso de Gatsby são descritos recorrentemente. Em um terceiro comentário a insatisfação com a obra é destacada, principalmente apontando os personagens como causa para o livro não ser interessante.

Eu não leio Gatsby desde o ginásio, mas o “de repente alguém morreu” estilo de escrita realmente chamou minha atenção. Eu sempre achei que tinha lido errado porque eu senti que tinha perdido muita coisa, mas já que você teve a mesma experiência, talvez eu não seja estúpida! Certo? CERTO!?

Como um professor de inglês que lê "The Great Gatsby" em voz alta duas vezes por ano, eu definitivamente concordo que Fitzgerald torna eventos mais emocionantes como: assassinato, suicídio e acidentes automobilísticos tão monótonos e sem graça quanto possível. No entanto, ele dedica linha após linha à descrição do sorriso de Gatsby.

Minha impressão foi: "Uau, essa história é super chata", e depois de entrar na história e nos personagens, foi: "Uau, Gatsby é um garoto de 15 anos perto da Daisy". Eu percebi o comentário social, mas a história foi retardada. Os idiotas elogiam este livro por todos os motivos errados. Se os personagens são burros, então o livro é burro. E Jay Gatsby é um personagem pobre, e quem se importa com Nick Carroway, francamente?<sup>84</sup>

Também chamam a atenção comentários de leitores que oferecem dicas aos *booktubers*, referindo-se a práticas que auxiliam a leitura, como, por exemplo, realizar uma pesquisa sobre a época e o lugar em que a obra é ambientada. Um dos comentários nos vídeos do canal Resenhando Sonhos destaca isso.

Esse livro já está na lista! Uma dica: Quando for ler livros que não esteja familiarizada com a época, tema e costumes ou que não tenha filme, pesquise antes no google o local onde a história se passa e a data... Por exemplo, O Grande Gatsby: década de 20 em Nova Iorque. Eu pesquisei sobre veículos, casas, roupas. Funciona comigo :).

Nos comentários dos vídeos analisados também foram encontrados posicionamentos e interpretações que se opõem aos dos *booktubers*. No vídeo do canal *All about that book*, no qual Mayra critica o livro e se diz decepcionada com o mesmo e com sua mensagem, ela é contrariada por alguns usuários, que oferecem uma perspectiva diferente, enquanto que outros afirmam que ela não entendeu o livro.

---

<sup>84</sup> Livre tradução de: "I haven't read Gatsby since high school, but the "suddenly someone is dead" type of writing really stood out to me. I always assumed I had read it wrong because I felt like I missed a lot, but since you had the same experience MAYBE I'M NOT STUPID! Right? RIGHT!?"

As an English teacher who reads "The Great Gatsby" out loud twice a year I definitely agree that Fitzgerald makes more exciting events like: murder, suicide, and auto accidents as dull and uneventful as possible. Yet, he must dedicate line after line describing Gatsby's smile.

My impression was, "Wow, this story is super boring," and then after getting into the story and the characters, it was, "Wow, Gatsby is a 15-year old boy around Daisy." I get the social commentary, but the story was retarded. Idiots praise this book for all the wrong reasons. If the characters are dumb, then the book is dumb. And Jay Gatsby is a poor character, and who cares about Nick Carroway, frankly?."

O autor em momento nenhum glorifica o comportamento da sociedade americana na época, até porque o narrador da história não é o próprio autor e sim o Nick, que desde a primeira página se mostra uma pessoa muito imparcial com os outros e fala que busca nunca criticar ninguém. Não achei uma glorificação da ganância, o final foi um tapa na cara, mostrou a desgraça e infelicidade que ela pode nos levar, e criticou (sutilmente, deixando o leitor ter suas próprias reflexões) o egoísmo daqueles personagens. Fiquei surpresa por você ter achado a história vazia, não sei se foi o momento da leitura, mas essa história falou muito comigo sobre não depositar a sua Felicidade no dinheiro ou no amor de outra pessoa. Sem falar em um personagem que eu achei sensacional, o Nick, que no meio de pessoas que não conseguem pensar em nada além delas mesmas e não conseguem suportar uma provocação ou uma situação desagradável sem brigar, ele permanece muito respeitoso com os outros por mais que o que a pessoa fez vá muito além dos princípios dele.

Pode-se dizer que a seção de comentários dos vídeos são a principal forma de interação entre o *booktuber* e seus assinantes, ou entre pessoas que de forma aleatória assistiram aos vídeos e decidiram registrar seus pontos de vista. É desta forma que o *booktuber* consegue saber a opinião das pessoas sobre o livro em questão e principalmente sobre o conteúdo do vídeo.

É interessante notar que, dentre os 274 comentários, apenas 29 foram feitos pelos *booktubers* em resposta às mensagens deixadas pelas pessoas que visualizaram os vídeos. Dentro da pequena amostra definida por esta pesquisa, pode-se afirmar que *booktubers* com canais com menor número de comentários tendem a respondê-los com mais frequência, enquanto que, no caso dos canais com mais de 100 mil assinantes, a resposta direta a um comentário é mais rara. Isso coloca em questão o quão interativo é o *YouTube* enquanto plataforma de interação entre leitores. Por exemplo, o vídeo *Book Review | The Great Gatsby by F. Scott Fitzgerald*, do canal *Booksandquills* foi visualizado 36.060 vezes, recebeu 938 *likes* e 12 *dislikes*. Ainda que se considere que as mesmas pessoas possam ter visualizado o vídeo diversas vezes, trata-se de um percentual de interação relativamente baixo, com 67 comentários de usuários e apenas 1 da *booktuber* em questão.

Não se pode utilizar estes números como referência para uma generalização no que diz respeito à interação na comunidade *booktube* como um todo, mas a coleta de dados revela, sobre os conteúdos analisados, que os vídeos são muito mais visualizados do que comentados, e que o espaço dos comentários não se mostra uma via de mão dupla que suscite discussões aprofundadas sobre a obra. Por outro lado, os comentários que indicam interesse pela leitura do livro foram recorrentes, o que pode ser indício de que aqueles que visualizam este tipo de vídeo buscam mais recomendações de leitura do que um espaço para debate literário.



### 3.2.2 *Pride and Prejudice* (1813)

O clássico romance entre Elizabeth Bennet e Mr. Darcy, escrito pela inglesa Jane Austen e publicado em 1813, foi a segunda obra escolhida para essa análise. A busca por “Pride and Prejudice review” no *YouTube* trouxe 101 mil resultados, enquanto a busca por “Orgulho e Preconceito resenha” apresentou 3.790 vídeos. As resenhas selecionadas para esta etapa da pesquisa (tabela 6) foram os três primeiros vídeos de canais de *booktube* listados em cada busca.

Tabela 9 – Coleta de vídeos sobre *Pride and Prejudice*

Título	Visualizações	Publicação	Duração	Canal	Inscritos
<b>Pride and Prejudice by Jane Austen   Review</b>	8343	5-May-2015	3'00''	lucythereader	18K
<b>Book Review   Pride and Prejudice by Jane Austen</b>	20638	16-Jul-2013	4'15''	Bazpierce	15K
<b>Pride and Prejudice // book review</b>	271	10-Nov-2017	12'00''	Olivia Marie	920
<b>ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN (#27)</b>	48,649	12-Jun-2015	10'13''	Ler Antes de Morrer	160K
<b>RGBC #4: Orgulho e Preconceito (Jane austen) + Update</b>	72185	15-Jun-2014	9'45''	tatianagfeltrin	277K
<b>Resenha - Orgulho e Preconceito</b>	5053	30-May-2015	5'30''	Abstração Coletiva	7.6K

Fonte: A autora, 2018.

A obra, que tem lugar assegurado entre os grandes clássicos da literatura ocidental, possui diversas adaptações para cinema e TV, o que também explica sua popularidade e a quantidade de conteúdos no *YouTube* relacionados a ela.

O primeiro vídeo analisado, *Pride and Prejudice by Jane Austen | Review*, foi publicado pelo canal *Lucy the Reader* (2015). Lucy Powrie, que se apresenta como uma blogueira de livros, tem 18 anos e é do Reino Unido. Em novembro de 2013 ela criou o canal de *booktube* *Lucy the Reader*, no qual ela geralmente discute livros de literatura jovem adulto. No vídeo em questão Lucy conta, logo no começo, que *Pride and Prejudice* foi o primeiro clássico britânico que ela havia lido. “Eu realmente não sabia o que esperar quando comecei a ler. Quando eu pensava em lê-lo de antemão, muitas vezes parecia muito assustador, porque é

um clássico tão reverenciado que obviamente havia muita pressão para gostar dele<sup>85</sup>”, ela declara no vídeo. Em seguida apresenta o livro e seus personagens principais, a família Bennet, formada pelo casal Bennet e suas cinco filhas. Para Lucy, a personagem principal é Elizabeth, a segunda filha deles. A história começa a se desenrolar com a chegada de um jovem rico e solteiro no local em que moravam, para satisfação da senhora Bennet, determinada a casar bem suas cinco filhas. Lucy afirma diversas vezes ter gostado do livro, mas ela destaca a leitura lenta, com longos trechos nos quais nada parecia acontecer. Lucy conta que sua personagem favorita é Elizabeth, e declara ter se surpreendido com a temática feminista no livro.

Eu acho que Elizabeth se destaca como uma das melhores protagonistas femininas sobre as quais eu já li. Porque ela é tão diferente da mulher estereotipada que você pensaria em relação àquela época. Eu amo o fato de Elizabeth ter dado voz às mulheres da época, porque elas são em geral vistas como mansas e quietas. Mas Elizabeth definitivamente provou que esse não é o caso. E o romance de fato tem muitos temas feministas, sobre os quais eu realmente gostei de ler.<sup>86</sup>

Um outro grande tema identificado por Lucy em *Pride and Prejudice* foi o amor no matrimônio, que ela destaca ser algo em que a própria Jane Austen acreditava, e que era incomum àquela época. O principal desafio na leitura, além das partes arrastadas, foi a linguagem rebuscada, mas depois que ultrapassou a metade do livro ela conta que se acostumou ao estilo. A breve resenha, com apenas 3 minutos de duração, termina com a afirmação de que o livro foi uma obra transformadora para ela, e que ler ficção histórica escrita por alguém que viveu em uma outra época foi mais interessante do que as obras escritas por autores contemporâneos.

Chama a atenção nos comentários do vídeo, que geralmente elogiam a obra ou em certa medida complementam as informações fornecidas pela *booktuber* no vídeo, a mensagem escrita pelo usuário Angli Angeli: “É uma verdade universalmente reconhecida que um único homem em posse de uma boa fortuna deve estar à procura de uma esposa que não seja tão

---

<sup>85</sup> Livre tradução de: “I didn't really know what to expect when I started reading it. When I thought about reading it beforehand it often felt quite daunting because it's such a widely revered classic so obviously there was a lot of pressure to like it”.

<sup>86</sup> Livre tradução de: “I think Elizabeth stands out as one of the best female protagonists I've ever read about. Because she is so different to the stereotypical female that you would think about in relation to the time period. I love that Elizabeth gave women of the era a voice because they can often be seen as meek and quiet. But Elizabeth definitely proved that this is not the case. And the novel in fact does have many feminist themes, which I really enjoyed reading about”.

tagarela sobre o feminismo”<sup>87</sup>, ele provoca. Seu comentário é o mais curtido, seguido pela a única resposta a ele, deixada por Elena Vanderwoodsen: “cale a boca”<sup>88</sup>.

O vídeo *Book Review | Pride and Prejudice by Jane Austen*, do canal *Bazpierce* (2013), mostra como leitores podem ter visões diferentes sobre uma mesma obra. Criado pelo Irlandês Berry Pierce, que publicou pela última vez no canal em setembro de 2017, após mais de um ano ausente, o canal fala sobre livros de diversos gêneros. O vídeo em questão, sobre *Pride and Prejudice*, é o oitavo mais assistido de seu canal, que tem como marca uma certa dose de irreverência de Barry. Ainda no começo do vídeo, após saudar os inscritos no canal e anunciar o livro sobre o qual falaria, Barry mostra a cópia usada para sua leitura: “Minha edição de *Orgulho e Preconceito* é uma *vintage classics edition*. Tem 368 páginas e contém 61 capítulos”,<sup>89</sup> ele explica, e em seguida descreve a sinopse do livro e seus personagens centrais, destacando que Mr Darcy, diferente de seu amigo Mr Bingley, é visto como arrogante, narcisista e orgulhoso. Barry encerra o resumo da história, dizendo que não irá contar seu fim ou dar *spoilers*, mas declara que se decepcionou com a obra, que para ele não fez jus à fama, talvez por ele não se interessar muito por *chick lit*<sup>90</sup>.

Então, eu entrei na mentalidade deste livro meio que depois de ler *Jane Eyre*, que eu achei uma obra-prima. Eu estava meio que pensando “Ei, *Jane Eyre* me chocou tanto, por que um dos romances mais famosos já escritos e conhecidos não iria me chocar igualmente?”. Agora, diferentemente de *Jane Eyre*, *Pride and Prejudice* não correspondeu ao *hype*. Para ser honesto, achei meio chato. Eu não sei se isso é parte daquele discurso do tipo “eu sou homem”, porque quando você pensa em *Orgulho e Preconceito*, você meio que pensa em um grupo de garotas sentadas de pijama comendo *Maltesers* e, você sabe, assistindo Colin Firth e falando “Oh, Mr. Darcy!”. Então, eu realmente não embarquei no aspecto *chick lit* do livro. Quero dizer, esse livro é a origem do *chick lit* quanto se para para pensar<sup>91</sup>.

---

<sup>87</sup> Livre tradução de: “It is a truth universally acknowledged that a single man in possession of a good fortune must be in want of a wife who isn't so chatty about feminism”.

<sup>88</sup> Livre tradução de: “shut the hell up”.

<sup>89</sup> Livre tradução de: “My edition of *Pride and Prejudice* is a vintage classics edition. It is 368 pages long and contains 61 chapters.”.

<sup>90</sup> Literatura feminina.

<sup>91</sup> Livre tradução de: “Now, I went into the mindset of this kind of just after reading *Jane Eyre*, which I thought was a masterpiece. I was kind of thinking “hey, *Jane Eyre* shocked me so much, why can't one of the most famous novels ever written you know shocked me as equally”. Now, unlike *Jane Eyre*, *Pride and Prejudice* did not live up to the hype. To be honest, I found kind of boring. I don't know if this is the whole, you know I'm a male thing, because when you think of *Pride and Prejudice* you kind of think of, you know, a group of girls sitting around in pajamas eating *Maltesers* and, you know, watching Colin Firth and going “Oh, Mr. Darcy”. So I didn't really, you know, play into the whole *chick lit* kind of aspect of it. I mean it is the original *chick lit* when you think about it.”

Além disso, Barry critica a quantidade de personagens, dizendo que em vários momentos pensou que precisaria fazer uma lista deles. Diferente do que ocorreu quando leu *Jane Eyre*, a leitura não foi lenta, levando uma semana. Ele não detestou do livro, mas apenas gostou em moderação, como ele afirma ao final do vídeo, destacando como melhores personagens o senhor e a senhora Bennet, especialmente o primeiro, “a única pessoa sensata em todo este romance”<sup>92</sup>.

Chama a atenção, na seção de comentário do vídeo, como são longos e detalhados em relação à obra, a seus personagens e a detalhes enriquecedores. Como em seu vídeo Barry menciona algumas vezes ter lido e gostado de *Jane Eyre*, muitas das mensagens de quem assistiu o vídeo falam sobre essa comparação. Outra questão que chama a atenção neste vídeo é a quantidade de comentários aprofundados, feitos por usuários, sobre a obra resenhada. Diferente do que ocorre com o vídeo anterior, cujos comentários são construídos por frases curtas e generalistas sobre a obra e breves opiniões de leitores, o vídeo de Barry parece inspirar comentários mais entusiasmados e embasados, tanto dos que concordam com a crítica dele ao livro, quanto dos que discordam e o defendem. A usuária Perla Moon, por exemplo, registrou a seguinte mensagem sobre o livro:

A genialidade de *Orgulho e Preconceito* não está no romance – esse é o menor denominador comum. Em vez disso, está na percepção e no comentário do livro. Primeiro de tudo, Austen foi notavelmente perceptiva. Basta considerar o próprio título – “*Orgulho e Preconceito*”. Isso por si só sugere que este não é um *chick lit* típico e superficial; não é chamado de “Lindo amor” ou “Maravilhoso Darcy”, mas em vez disso é chamado de algo que descreve a natureza dos personagens, “*Pride*” sendo Mr. Darcy e “*Prejudice*” sendo Lizzie. Quão incrível é que uma solteirona no início do século XVIII tenha feito observações tão inteligentes sobre a natureza humana? Em segundo lugar, o comentário social em *Orgulho e Preconceito* é surpreendente em sua sagacidade e sardonicismo. É claro que Austen despreza completamente a sociedade em que ela vive, mas ela não desabafa na página, não há raiva na narrativa; em vez disso, ela disfarça o comentário em prosa formal, sacarina e espirituosa, o que o torna ainda mais atraente e angustiante. Os personagens do livro são completamente e totalmente desesperados: um movimento errado e eles se encontram excluídos das fileiras da nobreza e se juntam aos pobres. Pegue a cena do baile no começo. É como um mercado de gado – filhas sendo vendidas a homens questionáveis, e ainda assim está escrito de uma maneira tão elegante. É puro gênio literário. Mas talvez chamar *Orgulho e Preconceito* de um comentário seria enganoso – é mais um mostuário. Austen queria escrever sobre e expor a natureza da sociedade em que vivia. Por que mais começar o livro com “é uma verdade universalmente reconhecida que um homem em posse de uma boa fortuna deve estar à procura de uma esposa”? Você não considerou o quão absurda é essa fala? Seria como iniciar um livro *chick lit* moderno com “Todo mundo sabe que a mulher deve mudar seu nome quando se casar” – isso pareceria irrelevante e estranho. Austen escreveu *Orgulho e Preconceito* para o futuro. Para que as pessoas pudessem olhar para a loucura de seu tempo. E é por isso que é um livro tão importante – eu diria

---

<sup>92</sup> Livre tradução de: “the only sane person in this entire novel”.

muito mais importante e sofisticado do que Jane Eyre – por causa do contexto histórico, da inteligência da narrativa e certamente não do amor<sup>93</sup>.

Um outro comentário feito neste vídeo merece menção por ilustrar como leitores criam não apenas sentidos próprios para as obras literárias, mas também conferem interpretações para as motivações dos autores. Angelica Cofer<sup>3</sup> escreve na seção de comentário que a missão de Jane Austen, ao escrever seus livros, era educar as moças de seu tempo e ajudando-as a tomar decisões acertadas acerca da escolha de um marido. Para a leitora,

A realidade para as mulheres na época era que elas tinham que se casar para viver bem. Austen viu que muitas jovens foram educadas para se preocuparem com coisas supérfluas (como Lydia se preocupa com chapéus) e essas garotas acabam em uniões infelizes (como o sr. e a sra. Bennet, principalmente porque seus temperamentos não combinam; Bennet ficou balançado pelo rosto bonito da Sra. Bennet. Ele não teve tempo para conhecê-la antes que eles se casassem). Elizabeth é muito boa em ler literatura – expandiu sua mente – mas ainda precisa aprender a ler pessoas, especificamente o Sr. Wickham. Depois que ela descobre a verdadeira natureza de Wickham e o caráter oculto de Darcy, ela basicamente passou no teste de Austen de ser uma mulher educada, e então ela consegue viver feliz para sempre com seu homem perfeito.<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> Livre tradução de: “The genius of *Pride and Prejudice* is not in the romance – that is the lowest common denominator. It is instead in the book’s perception and commentary. First of all, Austen was remarkably perceptive. Just consider the very title – ‘*Pride and Prejudice*’. That in itself suggests that this isn’t a typical, shallow chick lit; it isn’t called ‘*Beautiful Love*’ or ‘*Wonderful Darcy*’, but instead it is called something which concisely describes the nature of the characters, ‘*Pride*’ being Mr. Darcy and ‘*Prejudice*’ being Lizzie. How incredible that a spinster in the early 18th century made such intelligent observations on human nature. Secondly, the social commentary in *Pride and Prejudice* is amazing in its wit and sardonicism. It is clear that Austen completely despises the society she lives in, yet she doesn’t rant on the page, there is no anger in the narrative; instead she disguises the commentary in formal, saccharine, witty prose which makes it all the more compelling, and harrowing. The characters in the book are completely and utterly desperate: one wrong move and they’ll find themselves excluded from the ranks of nobility, and joining the poor. Take the ballroom scene at the beginning. It is like a cattle market – daughters being sold off the questionable men, and yet it is written in such an elegant way. It is pure literary genius. But perhaps to call *Pride and Prejudice* a commentary would be misleading – it is more of a showcase. Austen wanted to write about and expose the nature of the society she lived in. Why else start the book with “it is a truth universally acknowledged that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife”? Have you not considered how absurd that line is? It would be like opening a modern-day chick lit with “Everybody knows that the woman must change their name when they get married” – it would seem irrelevant and odd. Austen wrote *Pride and Prejudice* for the future. So that people could look back on the folly of her times. And that is why it is such an important book – I’d say far more important and sophisticated than *Jane Eyre* – because of the historical context, the intelligence of the narrative, and certainly not the love.”

<sup>94</sup> Livre tradução de: “The reality for women at the time was that they had to marry to live well. Austen saw that many young girls were brought up to care about superfluous things (like Lydia cares about bonnets) and these girls ended up in unhappy unions (like Mr. and Mrs. Bennet, mostly 'cuz their sensibilities don't match up; Mr. Bennet was swayed by Mrs. Bennet's pretty face. He didn't take the time to get to know her before they tied the knot). Elizabeth is pretty good at reading literature--she's expanded her mind--but she still needs to learn how to read people, specifically Mr. Wickham. After she learns the true nature of Wickham and the hidden character of Darcy, she's basically passed Austen's test of being an educated woman, and then she gets to live happily ever after with her perfect man”.

O terceiro vídeo analisado pertence a um canal com pouco mais de 900 inscritos. O canal *Olivia Marie*, apesar de existir desde 2014, apresenta, na data desta pesquisa, o vídeo *Pride and Prejudice // book review* (OLIVIAMARIE, 2017) como sua publicação mais antiga. É comum aos *booktubers*, especialmente em se tratando de canais menores, a deleção de vídeos anteriores, especialmente quando estes não agradam quem os criou. Parece ser esse o caso de Olivia, que não disponibiliza informações pessoais no canal ou em links para outras mídias sociais. Seu vídeo sobre *Pride and Prejudice* começa dando destaque a uma bela edição em capa dura, sobre a qual ela se detém (figura 31).

Eu comprei [esse livro] na Barnes and Noble por dez dólares, o que é bem barato para a Barnes and Noble, sabe? Ok, então é assim que a capa é. É tão bonito e tem essa parte verde que eu não sei se eu gosto, mas está aqui. E o verso diz: “é uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro em posse de uma boa fortuna deve estar à procura de uma esposa”, o que, se você sabe alguma coisa sobre *Orgulho e Preconceito*, é como o slogan do livro. Eu não sei por que estou fazendo para uma resenha aprofundada desta cópia, mas eu queria falar sobre ela, porque olhe para isso. Olhe para isso. É como um design de pavão. Oh, é tão lindo, ó meu Deus, eu ainda não posso acreditar o quão barato foi, e ele vem com... como... o que são chamados? Hum... cordinha de marcar livro?<sup>95</sup>

Olivia conta que o livro se tornou especial recentemente para ela pois foi o primeiro clássico que conseguiu terminar de ler. Ela conta que geralmente lê livros de fantasia ou de ficção para jovens adultos, e que os clássicos sempre foram entediantes, mas que decidiu se desafiar com a leitura de *Pride and Prejudice*. Foi uma experiência desafiadora. Olivia, que se considera uma leitora rápida, levou mais de um mês para finalizar o livro, especialmente devido à linguagem: “Eu vou ser honesta. Há muitas palavras nesse livro que não conheço. E, sabe, houve momentos em que eu não tinha certeza do que diabos estava acontecendo<sup>96</sup>”. Ela tenta procurar uma forma de explicar isso sem falar mal do livro, já que ela reafirma várias vezes ter gostado muito, mas resume algumas partes como longas e cansativas.

---

<sup>95</sup> Livre tradução de: “I got this at Barnes and Noble for ten bucks, which is pretty cheap for Barnes and Noble, you know. Okay, so this is what the cover looks like. It is so beautiful and it got this weird kind of green color which I don't know if they love, but it's there. And the back says: “it is a truth universally acknowledged that a single man in possession of good fortune must be in want of a wife”, which if you know anything about *Pride and Prejudice* is kind of like the slogan for that book. I don't know why I'm going into an in-depth review of this copy, but I did want to talk about it because look at that. Look at that. It's like peacock design. Oh, it's so pretty. Oh my god, I still can't believe how cheap it was, and it comes with, like uh-oh what are these called? Hum... bookmark string thing?”.

<sup>96</sup> Livre tradução de: “I'll be honest. There's a lot of words that I don't know in this book. And, you know, there were times when I just wasn't sure what the heck was going on.”.

Figura 31 – Olivia Marie mostra detalhes da edição da Barnes and Noble



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=HlJo4qdCbXA>

De forma semelhante ao *booktuber* do vídeo analisado anteriormente, Olivia diz que os detalhes revelados por ela ao resumir a história não contariam como *spoilers*, afinal o livro é muito antigo. Ela passa então a descrever os prós e contras do livro, e acaba apontando o estilo como um dos prós, apesar de não conseguir evitar explicar como foi cansativa a leitura. Ela também diz gostar do fato de que os capítulos são curtos, já que não consegue interromper a leitura ou iniciá-la entre o começo e o final dos capítulos. É interessante também que Olivia afirma não saber quando o livro foi escrito, mas que se surpreendeu com os temas que ela interpretou como “empoderamento” feminino. A diferença de ritmo na história, provavelmente em comparação com os livros que ela tem mais hábito de ler, também foi notável. Ela reclama do fato de que muitas e muitas páginas se passam sem qualquer menção ao relacionamento de Elizabeth e Sr. Darcy, o que a frustrou, já que o interesse dela no livro era o romance entre estes personagens. Ela conta que apenas passou o olho sobre algumas páginas, sem lê-las direito, o que não fez diferença, pois nada acontecia. Outro ponto negativo, para Olivia, foi o final e a falta de algumas cenas que ela havia visto em uma adaptação cinematográfica antes de ler o livro, e que são tão comuns em livros mais contemporâneos que acabaram deixando-a frustrada.

Eu posso ser muito estúpida por não entender isso, o que honestamente não me surpreenderia porque é literatura difícil. No final, tipo, eles nem, tipo, é implicância minha querer isso mas, tipo, eles nem sequer se beijaram e, tipo, sequer houve, tipo, nenhuma parte realmente romântica, e fiquei meio chateada com isso, porque isso

foi construindo ao longo livro inteiro e, quero dizer, me chame de louca mas eu estava apenas querendo um pouco mais de romance no final<sup>97</sup>.

Ao final do vídeo, Olivia desafia seus inscritos a lerem *Pride and Prejudice*, mesmo que eles passem capítulos e capítulos sem entender o que está acontecendo. Depois basta, segundo ela, assistir ao filme de 2005. Ela diz ter se sentido orgulhosa por ter concluído um livro clássico, e deseja alternar esse tipo de leitura com os livros que ela geralmente lê, considerados por ela como “livros fáceis”. Alguns leitores registraram comentários concordando com ela, mas nenhum deles detalha a história ou tece algum tipo de argumentação em relação à resenha dela.

Esta análise segue, então, para os vídeos em português sobre *Orgulho e Preconceito*. O primeiro vídeo, *ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN (#27)*, é do canal *Ler Antes de Morrer*, já mencionado nesta pesquisa. Ele foi publicado em 12 de julho de 2015, como um vídeo relacionado ao Dia dos Namorados no Brasil já que, segundo a *booktuber* Isabella Lubrano, “em matéria de romance ninguém supera” esse livro. Ela comenta que na verdade os livros de Jane Austen parecem a ela representar uma visão muito perfeita dos romances, nos quais tudo sempre dá certo.

A protagonista, uma moça que faz algumas bobagens no começo da história, mas tudo bem, porque no final das contas sempre vai ter o homem mais bonito, mais sensual, mais carinhoso, por coincidência também o mais rico ali das redondezas, que vai se apaixonar perdidamente por ela e eles vão viver felizes para sempre (LERANTESDEMORRER, 2015).

Isabella afirma em seu vídeo que a protagonista, Elizabeth Bennet, mesmo sendo mediana e sem características que a destaquem em relação a suas irmãs, é considerada uma das personagens mais importantes da literatura ocidental, e “uma espécie de precursora do feminismo”, uma mulher que estava à frente de seu tempo e que não desejava casar por dinheiro, o que era uma necessidade fundamental para suas contemporâneas, já que não podiam trabalhar e precisavam de uma união que garantisse seu sustento. A *booktuber* passa então a explicar a falsa noção de que havia mais romantismo à época do livro, já que, “no tempo da Jane Austen isso era um fato: casamento era igual a dinheiro. E sabe quem é que prova exatamente tudo isso que estou falando? A própria Jane Austen”. Isabella dedica, então,

---

<sup>97</sup> Livre tradução de: “I could just be really stupid and not understanding this, which honestly wouldn't surprise me because it's hard literature. Does the end like they didn't even like, this is petty of me to want, but like, they didn't even kiss, and like there wasn't even like, any really romantic part, and I was just like kind of upset about that, because this has been building the entire book, and I mean, call me crazy but I was just wanting a little bit more romance towards the end”.



alguns minutos do vídeo contanto a história da escritora, mas alguns fatos parecem se basear no filme *Becoming Jane* (2007), que conta o romance da escritora com Tom Lefroy, romance sobre o qual mesmo as biografias da autora não detalham muito, já que o pouco que se sabe baseia-se em algumas cartas. Isabella apresenta a seguinte versão:

Quando ela tinha 20 anos ela se apaixonou perdidamente por um rapaz chamado Tom Lefroy, que foi vivido no cinema pelo fofo do James McAvoy, olha que coisa fofa esse rapaz, e, para alegria geral de todo mundo, ela foi correspondida. Viva! Mas olha só como são as coisas: nenhum dos dois vinha de uma família que tivesse grana. Claro que não chegava a ponto deles serem camponeses ou operários. Eles estavam numa classe social um pouco acima disso. Não precisavam trabalhar para viver, mas nenhum dos dois tinha dinheiro para se casar, dinheiro para ter uma casa confortável, com empregados, eles não tinham renda garantida que viesse todos os anos infalivelmente, então dois pobres se casando não era uma coisa muito vantajosa naquela época para a classe social da Jane Austen, e isso fazia toda a diferença. O nosso amigo Tom aqui, por mais que fosse bastante fofo, por mais que gostasse da Jane, ele pensou um pouco e decidiu que era melhor largar dela e encontrar uma esposa de família rica, porque, como eu falei, casamento é igual a dinheiro. E foi exatamente isso que ele fez. E a pobre da Jane, volta aí a foto dela, a pobre na Jane, ela sofreu horrores, e ela não foi a única da família dela que não teve sorte com o amor.

Isabella ainda afirma que, naquele contexto, em que havia pouco espaço para o amor, é que Jane Austen vai produzir suas obras, encontrado “refúgio para as tristezas dela” em histórias no qual o romance triunfa sobre as barreiras entre as classes sociais e interesses financeiros, como “o protesto de uma mulher que se sentia aprisionada pela sociedade, pelo fato de ser mulher e de não ter dinheiro”, afirma a *booktuber*. O vídeo acaba sem que Isabella entre em detalhes sobre o *plot* e os personagens, sendo mais um vídeo sobre Jane Austen, o amor em suas obras versus a realidade da época do que uma resenha de *Orgulho e Preconceito*.

O vídeo, como vários outros do canal Ler antes de morrer, possui um grande número de comentários. Destaca-se aqui alguns que, diferente da maioria deles, que elogiam o vídeo, a *booktuber* ou o livro, debatem o conteúdo de sua fala no vídeo. Milena Beloti, por exemplo, diz que não gostou da forma como, segundo ela, Isabella generaliza a obra de Jane Austen, como se todos os livros fossem idênticos. Ela diz que por isso decidiu escrever o comentário, mesmo não tendo esse hábito. Segundo a leitora, mesmo com que os protagonistas tenham um final feliz, eles passam por dificuldades. “Os livros de Jane não apresentam grandes dramatizações (pobreza, fome, etc) eles estão em um campo mais emocional e intelectual (que era a vida que Jane conhecia) mas nem tudo era ‘certinho’”, como Isabella faz parecer em sua fala. Essa foi um dos comentários respondidos pela própria Isabella, que agradece os apontamentos feitos pela leitora.

Já Rivlan Roger, em um comentário recente faz uma observação em relação à história de amor que Jane Austen teria vivido com Tom Lefroy, e que é brevemente narrada por Isabella (aparecentemente baseando-se no filme *Becoming Jane*), afirma que a história que ele conhece é diferente. Tom Lefroy “era filho de um oficial do exército, então a família dele queria que o rapaz encontrasse alguém mais rica que Jane e resolveram o mandar para Londres”.

O segundo vídeo em língua portuguesa desta análise é intitulado *RGBC #4: Orgulho e Preconceito (Jane austen) + Update*, publicado em 2014 pelo canal *tatianagfeltrin* (2014), o maior canal de *booktube* brasileiro, com quase 300 mil inscritos. O vídeo faz parte da série *Rory Gilmore Book Challenge*, na qual Tatiana Feltrin se propõe a ler os mais de trezentos livros que a personagem Rory, da série televisiva *Gilmore Girls*, aparece lendo ao longo das temporadas, sendo um deles *Orgulho e Preconceito*. Ela inicia o vídeo contando que leu o livro em seu Kindle, em um arquivo de obras completas, e que por isso a cada leitura de Jane Austen ela iria acabar mostrando a mesma capa, exceto por *Emma* e *Persuasion*, dos quais ela se lembra de possuir cópias físicas. No mês anterior a *booktuber* havia lido seu primeiro livro de Jane Austen, *Sense and Sensibility*: “Eu meio que terminei aquela leitura não entendendo muito bem o que todo mundo vê na Jane Austen, mas agora que li o livro *Orgulho e Preconceito*, agora eu entendi”, ela conta, e em seguida se propõe a resumir a história e a apresentar os principais personagens, afirmando que o título *Orgulho e Preconceito* viria das personalidades fortes de Lizzie Bennet e Mr. Darcy, que ao longo da história iriam alternando entre si estes valores de orgulho e preconceito. O melhor personagem para ela seria o pai de Lizzie, autor das “melhores tiradas”. Tatiana dá destaque para as cenas nas quais Lizzie mostra, através dos diálogos, sua personalidade forte, “que se impõe, não importa perante quem”.

Durante o vídeo Tatiana faz muitas comparações entre duas adaptações: a série da BBC e o filme de 2005, por isso dezenas de comentários de leitores neste vídeo compartilham qual acham melhor, e o porquê. Um outro tema recorrente nos comentários diz respeito à situação econômica da família Bennet e aos conflitos de classe que Tatiana diz não ter entendido bem.

... durante um baile né, e todas as pessoas foram convidadas, em que todas as pessoas da sociedade, aí eu já não entendo muito bem onde é que entra assim, né, na família da Lizzie nessa sociedade, porque eles são, assim, [eles] não têm dinheiro pra nada, mas eles são sempre convidados para eventos.

Alguns comentários vão buscar detalhar para Tatiana um pouco mais sobre as normas sociais da época e sobre a situação financeira dos personagens. O usuário hrick92, por exemplo, explica que

... o Mr. Bennet, pai da Lizzy, faz parte da “pequena nobreza<sup>98</sup>”, a mesma classe social do Mr. Darcy. Tanto que, em dado momento no livro, a Elizabeth diz explicitamente para lady Catherine de Bourgh “Ele é um cavalheiro; Sou filha de um cavalheiro; então somos iguais.”<sup>99</sup> É por isso que os Bennett frequentavam a sociedade local. Eles também são da “classe alta”. A diferença, é claro, o fato que Mr. Darcy ser mais rico e ter melhores conexões (alta nobreza<sup>100</sup>), enquanto Mr. Bennet, além de ter fonte de renda consideravelmente menor (baixa nobreza<sup>101</sup>), ainda se casou com uma filha de advogado, ou seja, de uma camada social inferior. Finalmente, enquanto o Mr. Bennett estivesse vivo, a família não passaria por dificuldades financeiras. O problema seria quando o Mr. Bennett morresse e a propriedade passasse para o Mr. Collins. As mulheres da família ficariam pobres.

O último vídeo analisado, *Resenha - Orgulho e Preconceito*, foi publicado pelo canal *Abstração Coletiva* (2015). A *booktuber* em questão não se identifica no canal, que tem pouco mais de 8 mil inscritos na data desta pesquisa. Trata-se de um canal muito focado em resenhas, e com um pequeno número de vídeos de outros tipos. A resenha de *Orgulho e Preconceito* começa com a leitura de um trecho da obra (figura 32).

Figura 32 – Resenha de Orgulho e Preconceito



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=iEpbTvBKvh0>

<sup>98</sup> Livre tradução de: “gentry”.

<sup>99</sup> Livre tradução de: “He is a gentleman; I am a gentleman’s daughter; so far we are equal”.

<sup>100</sup> Livre tradução de: “upper gentry”.

<sup>101</sup> Livre tradução de: “lower gentry”

Em sua análise a *booktuber* explica a seus inscritos que o livro possui diversas camadas. Na primeira delas se encontra o romance entre Elizabeth Bennet e o sr. Darcy. Sua visão sobre os personagens é melhor explicada, sem dar tanto destaque ao personagem de Elizabeth Bennet como revolucionário ou, como mencionado em outros vídeos, feminista.

A Lizzie, apesar de ela não estar totalmente deslocada em relação à sua época, ela ainda está sujeita às convenções, às tradições sociais do seu tempo, ela tem várias características que a diferenciam. Por exemplo, ela tem uma inteligência muito afiada, então quando ela conversa com os outros personagens, mesmo que sejam homens ou personagens com uma posição social superior à dela, ela sempre vai conseguir se impor, ela vai conversar de igual para igual. Ela tem essa personalidade muito franca, muito solar, que vai acabar contrastando com a personalidade do sr. Darcy, que é um personagem mais introspectivo, mais solitário mais arrogante.

A segunda camada do Romance, para a *booktuber*, seria uma reflexão sobre os sentimentos orgulho e preconceito, que dão nome à obra de Jane Austen, com seus protagonistas “enraizando” esses sentimentos, presentes na sociedade da época. Segundo ela, o fato de que Elizabeth e sr. Darcy “vão ter que rever os próprios valores, e acreditar que o amor é capaz de provocar esse tipo de reflexão, transformar as pessoas, na minha opinião torna Orgulho e Preconceito o livro mais romântico já escrito”.

A terceira camada do romance é apresentada como o retrato da época traçado pela autora. Se num primeiro momento a vida é representada como uma coleção de eventos sociais e boataria, numa sociedade fútil e baseada em aparências, alguns personagens vão observar essa sociedade sob um ponto de vista mais crítico e irônico. É o caso da própria Lizzie e, para a *booktuber*, principalmente de seu pai, o senhor Bennet.

A Jane Austen escreve de maneira bem informal, mas não é uma leitura chata, nem é difícil, porque permeando todo o texto tem um humor muito inteligente, muito elegante. As minhas partes favoritas do livro sem dúvida eram os diálogos sensacionais, muito gostosos de ler, principalmente aqueles que envolviam ou a Lizzie ou o pai dela, o sr. Bennet.

A *booktuber* conclui sua resenha recomendando o livro, que considera um dos maiores clássicos da literatura mundial, e que agradou muito pela escrita de Jane Austen, que considerou bem “informal”, com um texto permeado por um humor inteligente e elegante.

Tabela 10 – Análise de comentários nos vídeos

Título	Canal	Visualizações	Likes	Dislikes	Comentários	Respostas
<b>Pride and Prejudice by Jane Austen   Review</b>	lucythereader	8343	155	7	20	0
<b>Book Review   Pride and Prejudice by Jane</b>	Bazpierce	20638	492	28	72	3

<b>Austen</b>						
<b>Pride and Prejudice // book review</b>	Olivia Marie	271	28	0	8	1
<b>ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN (#27)</b>	Ler Antes de Morrer	48649	--	--	173	22
<b>RGBC #4: Orgulho e Preconceito (Jane austen) + Update</b>	tatianagfeltrin	72185	4.6K	47	202	0
<b>Resenha - Orgulho e Preconceito</b>	Abstração Coletiva	5053	301	1	71	18

Fonte: A autora, 2018.

Analisando o número de comentário nos vídeos analisados, o Abstração Coletiva foi o canal que mais interagiu com os inscritos e usuários em geral, com dezoito respostas a 53 comentários (tabela 10).

Percebe-se, tanto nos comentários quanto nos próprios vídeos sobre a obra, práticas de leitura que, nos casos estudados, são tanto polissêmicas quanto marcadas pela materialidade do livro impresso como objeto textual. Esta última questão é examinada de forma mais aprofundada a seguir, na última etapa desta pesquisa.

### 3.3 Da materialidade dos livros e sua coleção

A temática da materialidade da comunicação é há muito tratada pela História do Livro e pela Bibliografia. A partir da década de 80 o Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Stanford propôs investigações focadas nos objetos comunicacionais a partir do papel da presença de seus suportes materiais na produção de sentidos. A questão problemática que talvez possa ser considerada central para justificar e contextualizar estes estudos advém da afirmação de que a tradição hermenêutica do pensamento filosófico ocidental não daria conta de aspectos materiais dos objetos comunicacionais na busca pelos sentidos, por exemplo. Gumbrecht apresenta esta situação como “campo hermenêutico”, descrevendo-o através de quatro premissas:

Primeira premissa: o que denominamos “sentido” tem sua origem no sujeito, em lugar de indicar qualidade inerente aos objetos. Ao sujeito cabe a tarefa de atribuir sentido aos objetos. Segunda premissa: a possibilidade de distinção radical entre o corpo e o espírito. Pensem na tradição cartesiana e em seu corolário. No caso, o destaque do espírito como o que de fato importa à comunicação e à autorreferência humanas. Ninguém sabe exatamente o que se desejava designar por espírito, contudo tal distinção era efetiva. A terceira premissa é óbvia: o espírito conduz o sentido. Quarta premissa: neste contexto, o corpo serve apenas de instrumento, ainda assim instrumento secundário, que articula ou oculta o sentido. Por exemplo, a

palavra hipocrisia, tornada popular somente no século xv, expressa a técnica que possibilita esconder com o corpo o que vai na alma, quer dizer, no espírito. Importa destacar o papel destinado ao corpo: mero instrumento de articulação, cabendo ao espírito engendrar o sentido (GUMBRETCH, 2010, p. 392).

Como resposta ao que considera serem limitações da tradição filosófica ocidental, Gumbretch (2004) apresenta suas tipologias de presença e de sentido. Estas são tão somente conjuntos de ideias que, funcionando no que ele chama de “campo não-hermêutico”, tirariam da não-materialidade a prioridade na busca pelos sentidos. Tais reflexões não chegam a ser acompanhadas de procedimentos metodológicos e, ainda que aqui devam ser mencionadas devido à sua relevância no contexto contemporâneo da materialidade da comunicação, não fazem parte das bases sobre as quais este trabalho se assenta.

Aqui, o exame das materialidades da comunicação do livro impresso buscou transpassar áreas como a da Sociologia dos Textos e a Bibliografia, além da História do Livro e da Leitura que, muito antes desta nova leva de pensadores, já articulavam formas de investigar a materialidade de objetos comunicacionais a partir de propostas menos obscuras e de métodos que efetivamente considerassem a conformação material dos textos para a produção de sentidos (GONÇALVES, BARBOSA e SILVA, 2018). Propostas estas que deixam claro que é preciso atenção ao fato de que “a palavra escrita é transmitida aos seus leitores ou ouvintes por objetos ou vozes, a lógica material e prática que precisamos compreender” (CHARTIER, 2014, p.27).

Assim, retomam-se aqui algumas questões essenciais. A primeira delas é que a leitura dos textos comportados por um livro seria de fato o momento principal ao se pensar seus usos e apropriações, mas não se pode ignorar que o papel dos agentes humanos é muito mais amplo quando se considera a produção e circulação de objetos textuais (GONÇALVES, 2010). Todos os levantamentos realizados até aqui nos canais literários no *YouTube* demonstraram como estes canais, em especial os que se inserem no contexto da comunidade *booktube*, fazem parte destas etapas de produção e circulação de objetos textuais de diversas formas.

Considera-se também que, ao se investigar os caminhos dos livros impressos no contemporâneo, entram em jogo todos os processos que são englobados pela expressão “produção de sentidos”. A própria conformação material dos textos seria carregada de sentidos e, nos usos e apropriações, engendraria diferentes expectativas e valores culturais.

A comunidade *booktube* se insere na plataforma do *YouTube* e, portanto, influencia e é influenciada pelas práticas de seus milhões de usuários, bem como pelas ferramentas e modos

de operação programados pelo próprio sistema. Trata-se de um claro exemplo de cruzamento de táticas e estratégias, como descreve Certeau (2014) ao falar sobre práticas de produção e consumo presentes no cotidiano.

Nesta última etapa de pesquisa busca-se descrever e examinar práticas de exibição e coleção de livros no *booktube*. Pretende-se investigar como o livro impresso é apresentado, especialmente através das práticas, relatos e opiniões contidos nestes vídeos, e o que eles indicam em relação a hábitos de aquisição e coleção pelos membros desta comunidade, bem como suas percepções sobre a materialidade dos livros e sua influência na produção de sentidos.

Utiliza-se como corpus de análise, portanto, amostras de vídeos de *unboxing*, *book haul* e *bookshelf tour*, que estão entre os mais populares em toda a plataforma. Em relação a estes três tipos de vídeos, busca-se analisar como o livro e sua materialidade são apresentados através das imagens e dos relatos dos criadores destes conteúdos. Enquanto os vídeos de *unboxing* analisados geram curiosidade e possibilitam ao espectador, em certa medida, a experiência de desempacotar livros, de descobrir que obras sairão de dentro da caixa, os *book hauls* são relatos de compras realizadas em determinados períodos, com a apresentação das cópias físicas dos livros seguidas, algumas vezes, de um breve resumo da obra e comentário sobre motivações para a aquisição.

Ambas investigações partem de um questionamento sobre a relevância da materialidade do livro na produção de sentidos nestes vídeos. Nos *unboxings* e nos *book hauls* esta materialidade dos livros impressos seria destacada e conferiria aos vídeos sua razão de ser, além de influenciar a escolha das obras adquiridas. Especialmente no seguimento de publicações para jovens adultos, cuja presença é predominante no *booktube* em língua inglesa, observa-se o que talvez seja um renovado tipo de preocupação com a aparência das edições, que passam a fazer parte de uma coleção de obras que chamam a atenção não só pelo conteúdo atrativo a este público, mas também pela beleza de seu design.

Esta investigação culmina na análise de um tipo de vídeo que parece ter sido criado pela própria comunidade *booktube*: os *bookshelf tours*. A apresentação que cada *booktuber* faz de sua coleção de livros configura-se como oportunidade para entender as relações que são estabelecidas entre livro, enquanto objeto material, e leitor. Em certa medida, apresenta o livro contemporâneo e registra percepções sobre sua materialidade e de que forma ela importa à produção de sentidos. Parte-se da hipótese de que, para além de uma relação funcional – do livro como simples suporte de leitura –, há relações afetivas e simbólicas entre leitores e seus

livros, relações estas que remetem à materialidade dos mesmos. Investiga-se aqui se e em que medida essas relações são relatadas nos vídeos.

Utiliza-se como método de pesquisa central a análise de conteúdo, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2008, p. 37) que permite adaptações a diferentes contextos e necessidades de pesquisa, sendo adequado a investigações de comunicações verbais, textos escritos e imagens, os quais constituem o corpus de análise do presente trabalho.

A partir de orientações processuais apresentadas por Bardin (2016) e Bauer e Gaskell (2008) foram realizadas as etapas de organização do material, categorização, descrição e interpretação dos dados. Após a seleção da amostra seguindo critérios de popularidade baseados em números de visualização, foram feitas transcrições e, em seguida, análise de frequências. Estes dados foram interpretados a partir das informações visuais dos vídeos, que juntamente com a comunicação oral complementam seu conteúdo.

### 3.3.1 Unboxing: desencaixotando livros

O Dicionário Oxford (2018) apresenta uma descrição interessante para a palavra *unboxing*: “ato ou circunstância de remoção de um produto recém-adquirido de sua embalagem e exame seus recursos, geralmente filmado e compartilhado em um site de mídia social”<sup>102</sup>. Apresenta, em seguida, uma frase que exemplifica sua utilização: “Você pode querer dar uma olhada nos dois primeiros vídeos: incluímos um *unboxing* para ver como seu smartphone chegaria”<sup>103</sup>.

Assim, este tipo de vídeo extremamente popular no *YouTube* nada mais é que uma gravação de uma pessoa desencaixotando produtos, muitas vezes sem que ela mesma apareça, com o foco em suas mãos e na embalagem que está sendo aberta. Em alguns destes vídeos os produtos são examinados detalhadamente. De acordo com Hof (2015), tudo começou com produtos de tecnologia, e depois o *unboxing* se espalhou para todos os seguimentos imagináveis.

---

<sup>102</sup> Livre tradução de: “An act or instance of removing a newly purchased product from its packaging and examining its features, typically when filmed and shared on a social media site”.

<sup>103</sup> Livre tradução de: “you might want to take a look at the first two videos: we've included an unboxing, so you'll see how your smartphone would arrive”.



Steel (2006) explica que a origem desta prática remonta a sites que surgiram no começo dos anos 2000, como o *unbox.it* e o *unboxing.com*, com jovens adultos abrindo embalagens de eletrônicos.

Basu (2015) apresenta os vídeos de *unboxing* como uma derivação dos vídeos de *haul*. Estes últimos são muito comuns desde o começo do milênio, com pessoas mostrando produtos adquiridos em uma “farra de compras”. No caso dos vídeos de *unboxing*, geralmente adultos desembalam brinquedos, roupas, *games* e, principalmente, equipamentos eletrônicos. O foco do vídeo é a revelação do que está dentro da caixa, ou a simples experiência de abri-la junto com o *YouTuber* e conhecer suas impressões, bem como detalhes do produto. Como explica Kelly (2014),

Há também vídeos de unboxing para liquidificadores, máquinas de café e répteis vivos. Se você pode comprar algo, provavelmente há um vídeo de unboxing sobre ele. Desde 2010, o número de clipes do YouTube com “unboxing” no título aumentou 871%. Só no ano passado, 2.370 dias, ou 6,5 anos de cenas de unboxing foram enviadas para o site. O tráfego vem de todo o mundo, com um aumento recente de interesse em lugares tão distantes como a Índia, Brunei, Sri Lanka e Trinidad e Tobago<sup>104</sup>.

Para Craig e Cunningham (2017), estes tipos de vídeos operam sob a lógica estrutural e material do entretenimento em mídia sociais, representando formas de produção criativa. Ainda, ao mesmo tempo em que funcionam como promoção, também se configuram como análise de produtos e formas de usá-los. As motivações para assistir a vídeos de *unboxing* podem ser muitas, mas o suspense e a curiosidade por descobrir o que há dentro da caixa são elementos a serem considerados ao se tentar explicar sua popularidade.

Buscou-se, nesta pesquisa, analisar *unboxings* publicados por canais de *booktube*. Em uma etapa exploratória, percebeu-se que uma pesquisa no *YouTube* pelas palavras-chave “*book unboxing*” apresentou como resultado mais de 5 milhões e meio de vídeos<sup>105</sup>. Apenas em maio de 2018 foram publicadas cerca de 145 mil produções indexadas como *unboxing* de livros. Esta primeira busca revelou a profusão de conteúdos deste tipo, que certamente seria muito maior se a pesquisa pudesse levar em conta vídeos em outras línguas usando outros termos para descrever esse mesmo tipo de vídeo.

---

<sup>104</sup> Livre tradução de: “There also are unboxing videos for blenders, Uggs, coffee machines and live reptiles. If you can buy it, there's probably an unboxing video of it. Since 2010, the number of YouTube clips with “unboxing” in the headline has increased 871%. Last year alone, 2,370 days, or 6.5 years, worth of unboxing footage was uploaded to the site. The traffic is coming from all over the world, with an uptick in recent interest from such far-flung places as India, Brunei, Sri Lanka, and Trinidad and Tobago”.

<sup>105</sup> Em 29 de maio de 2018, 5.520.000 de vídeos.

Em seguida, foi necessário estabelecer critérios para a seleção da amostra para análise. Buscou-se abranger canais de *booktube* com diferentes números de assinantes e, conseqüentemente, influência. Pode acontecer, no *YouTube*, que canais com poucos assinantes tenham grande volume de visualizações. Notou-se, ao longo das pesquisas realizadas para esta tese, que entre canais de *booktube* o volume de visualizações costuma ser compatível com o de assinantes, o que justifica a divisão proposta a seguir. Portanto, os vídeos foram categorizados em função de seu número de inscritos<sup>106</sup>. Destes, foi selecionado o primeiro vídeo de cada categoria resultante na busca por vídeos publicados no mês de maio de 2018, utilizando o próprio filtro do *YouTube* (tabela 17).

Tabela 11 – Vídeos de *unboxing* analisados

<b>Categorias</b>	<b>Canal</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Visualizações</b>	<b>Data</b>
<b>De 1 a 1000 inscritos</b>	Me, Simone & I	Chocolate and Book Unboxing // May Edition	17	28/05/18
<b>De 1001 e 5000 inscritos</b>	Royaeveryreads	Book Swap Unboxing ☆ May 2018   Roya Eve Reads	290	24/05/18
<b>De 5001 e 10000 inscritos</b>	Sandyreadsalot	SPRING BOOK HAUL + UNBOXING 2018!	1769	06/05/18
<b>De 10001 e 20000 inscritos</b>	Katesbookdate	Summer Book Haul and Unboxing   May 2018	2802	24/05/18
<b>De 20001 e 50000 inscritos</b>	Bookroast	GEEK GEAR WIZARDRY (HARRY POTTER) UNBOXING: May 2018   Book Roast	7472	24/05/18
<b>Acima de 50000 inscritos</b>	jessethereader	EXPLOSIVE BOOK UNBOXING!	29366	16/05/18

Fonte: A autora, 2018.

O primeiro vídeo analisado foi publicado no canal *jessethereader* (2018b), um dos maiores da comunidade *booktube* em língua inglesa, com mais de 280 mil inscritos. Jesse George, criador do canal, é americano, tem 26 anos, e se descreve nas mídias sociais como “introvertido, leitor, *YouTuber* e amante de Jesus”. Seu canal é focado no público adolescente e jovem adulto. O vídeo *Explosive Book Unboxing* tem pouco mais de 14 minutos de duração e muitos cortes, que dão velocidade e destacam ainda um estado de animação que para alguns pode parecer um tanto exacerbado. Seu vídeo de *unboxing* publicado em 16 de maio de 2018 trata-se de uma promoção paga pela *Disney Book Group* e pela *SourceBooks*, informação que aparece na descrição do vídeo e também em avisos escritos na tela em alguns momentos (figura 33).

<sup>106</sup> Dados de 1º de junho de 2018.

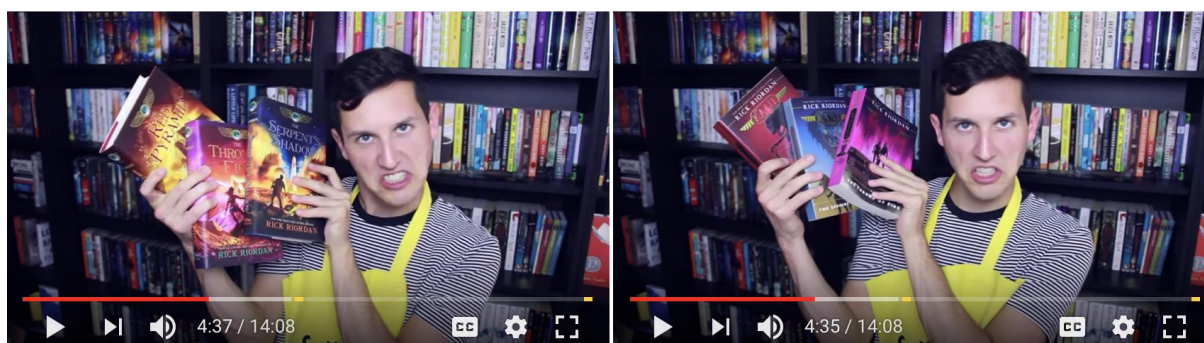
Figura 33 – Jesse George desembala caixa enviada pela *Disney Book Group*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=E1wBkl060wQ>

Jesse apresenta, no começo do vídeo, três caixas que ele irá abrir usando uma adaga que comprou em uma *garage sale*<sup>107</sup>. Trata-se nitidamente de um vídeo para entreter, detendo-se em frases de efeito e bem-humoradas. O primeiro objeto retirado da primeira caixa é uma sacola promocional de um dos livros de Rick Riordan. Em seguida, Jesse conta que está atrasado com a leitura dos livros do autor. Ele retira da caixa três livros em *paperback* da trilogia *Kane*, mostrando-os individualmente, e afirma já possuir cópias destes livros em suas capas originais há anos, mas ainda não os leu (figura 34).

Figura 34 – Jesse mostra as edições com capas antigas e as novas que acabou de receber



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=E1wBkl060wQ>

<sup>107</sup> Garage sales são vendas informais feitas por pessoas comuns

Jesse George desafia sua comunidade a comentar o vídeo com motivos para ele ler essa trilogia. Em seguida ele retira da caixa um livro de capa dura que ele afirma parecer ser um complemento à trilogia de Riordan. O último livro da caixa, *The Burning Maze*, do mesmo autor, é um *hardcover*. Durante alguns minutos que se seguem Jesse fala sobre a quantidade de livros de Riordan que ele precisa ainda ler até que possa chegar na leitura dos livros recebidos. Ele passa então para a próxima caixa, cujo conteúdo afirma já conhecer porque alguém no *Instagram* fez a revelação a ele. Então, mesmo sem ter a intenção de estragar a surpresa, ficou sabendo. Jesse se diz parte de um programa para fãs da série de livros *The Darkest Minds* (da autora Alexandra Bracken), sobre a qual será lançada uma adaptação cinematográfica. A caixa que ele abre contém três novas cópias em *paperback* desta série, com um novo design de capa. Jesse compartilha com quem o assiste suas impressões sobre os aspectos materiais dos livros, mais especificamente sobre o redesign das capas.

Veja como elas são lindas. Eu sinceramente sinto que isso é uma completa transformação para melhor para esta série. Você sabe como às vezes temos mudanças de capa e acaba sendo para pior? Meus olhos estão muito satisfeitos com essas novas capas<sup>108</sup> (JESSE THEREADER, 2018b).

Jesse ainda informa que em 21 de julho um *box* será lançado para essa série e, após colocar as lombadas lado a lado, ele elogia o fato de que as letras destacadas formam a palavra *Dark*. Jesse se revela surpreso ao tirar da caixa um item que ele desconhecia: um *S'Mores Kit*, um tubo de doces e chocolates personalizado para a série *The Darkest Minds*. A última caixa deste mesmo conjunto é aberta, e contém uma caneca promocional da série. Ele conta que irá ganhar mais caixas de *The Darkest Minds* durante ao verão, as quais irá sortear, e por isso convoca seus inscritos a segui-lo também no *Instagram*.

Jesse passa então à abertura da última caixa, da qual tira algumas balas e, em seguida, um livro de capa dura chamado *Furyborn*, cuja bela capa ele elogia e diz acreditar que aparecerá em muitas fotos no *Instagram*. Na caixa há também dois tubos de confetes para festa, um marcador de páginas e um broche com uma frase relacionada ao livro. Através de um panfleto ele descobre que a caixa de confetes serve para revelar se uma pessoa é uma “rainha do sangue ou do sol”. Como ele recebeu duas caixas, ele decide estourar uma delas, e descobre que é uma “rainha do sangue”, lendo em seguida uma descrição deste tipo de

---

<sup>108</sup> Livre tradução de: “Look how beautiful they are. I honestly feel that this is a glow up for this series. You know how sometimes we get cover changes and it’s just like ugh the worse. My eyeballs are pretty pleased with these new covers”.

personalidade. Voltando à caixa, há ainda um bloco de anotações personalizado e cartas de personagens. O fim do vídeo é dedicado a buscar interação com quem assiste, com convite a opinar nos comentários, curtir o vídeo e fazer inscrição no canal.

Optou-se por esta descrição mais detalhada deste primeiro vídeo porque ele revela claramente um aspecto do *booktube* muito comum aos maiores canais da comunidade: a presença das corporações editoriais através de vídeos promocionais de influenciadores como Jesse George e muitos outros. No que diz respeito a práticas editoriais, percebe-se uma outra tendência, que é a da publicação de novas capas, formatos e caixas de colecionador para um mesmo título. Foi o caso da trilogia *The Kane Chronicles*, de Rick Riordan que Jesse recebeu, e também da série *The Darkest Minds*. Enquanto a primeira foi publicada pela primeira vez em 2010, a segunda teve seu primeiro livro lançado em 2012, sendo ambas séries relativamente recentes, mas ainda assim já estão recebendo capas diferentes das originais. A quantidade de objetos que acompanham os livros também chama a atenção. Enquanto alguns têm relação com a obra, outros são apenas pequenos agrados. Trata-se de uma prática curiosa de associar aos livros uma quantidade exagerada de itens (muitos deles descartáveis) para agradar os leitores presenteados com elas.

Passa-se, enfim, ao segundo vídeo, do canal *Book Roast*, da categoria de canais entre 20001 e 50000 inscritos. *Book Roast*, criado pela jovem “G” (Gintare), da Lituânia, com origem listada como Reino Unido (ela vive na Escócia), é outro canal focado no público adolescente e jovem adulto. Ele foi criado em 2016 e sua descrição diz que se trata de um canal com “tudo sobre livros, caixas (ou melhor, abrindo as caixas), e Harry Potter, embora tudo isso tecnicamente consista em livros”<sup>109</sup> (BOOKROAST, 2018). Publicado em 24 de maio de 2018, o vídeo *Geek Gear Wizardry (Harry Potter) Unboxing*, começa com a explicação da *booktuber* que *Geek Gear* é um programa de assinatura de caixas temáticas como a que ela irá abrir no vídeo.

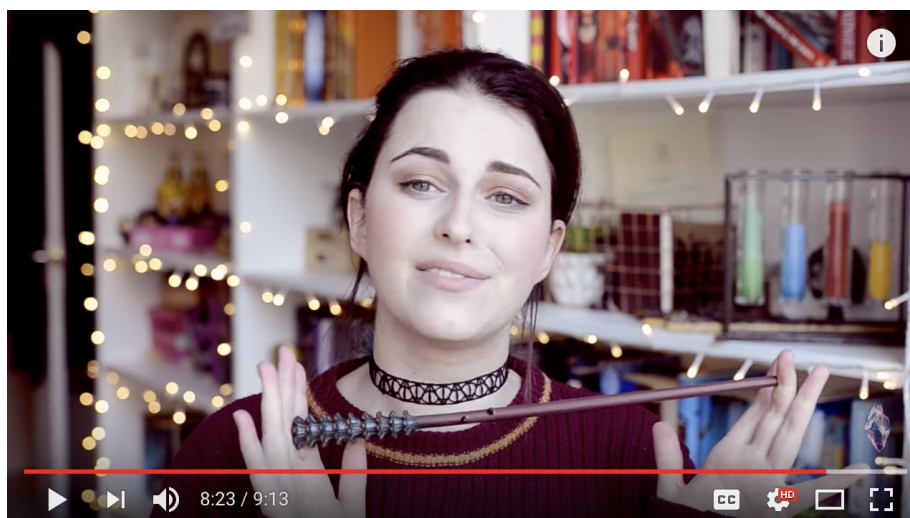
O primeiro objeto que ela retira da caixa é uma camiseta com a coruja de *Harry Potter*, Hedwig, estampada. Ela faz alguns comentários sobre a qualidade da peça e passa ao segundo item: uma capa de almofada com comensais da morte (antagonistas dos livros de *Harry Potter*) estampados. Ela elogia a qualidade, mas não sabe se gosta do item devido ao que é retratado. Em seguida ela tira da caixa um cordão com um crachá de Griffindor (ainda no contexto de *Harry Potter*), para o qual ela não vê utilidade. O próximo item é um lenço,

---

<sup>109</sup> Livre tradução de: “is all about books, boxes (or rather unboxing the boxes), and Harry Potter, although those are technically books again”.

também estampado com comensais da morte, mas ela também não gosta devido à estampa e também por se tratar de um material sintético que atrai estática. O próximo item é um encarte com uma receita de *cupcakes* e de uma “poção do amor”. Em seguida ela mostra um pôster de uma cena dos filmes, e por fim, o item que ela deixou por último, uma varinha, que ela acredita pertencer ao personagem Fred ou George (Figura 35). Ela lê o preço de cada produto, e destaca que a varinha foi o item que “salvou” a caixa em sua opinião.

Figura 35 – O vídeo de *unboxing* de Gintare não traz livros, mas objetos temáticos



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kQITTYV-iHY>

É curioso o fato de que, apesar do vídeo se encaixar na busca realizada como “*book unboxing*”, e ter sido publicado em um canal de *booktube*, na traz nenhum livro, mas apenas produtos diversos inspirados na série de J. K. Rowling. Trata-se de uma situação semelhante à encontrada no vídeo de *jessethereader*, com diversos produtos surpresa temáticos, mas desta vez sem livros. Gintare não explicita no vídeo ou na descrição do mesmo se comprou ou ganhou a caixa, mas deixa links patrocinados que, quando usados, permitem que ela receba uma pequena comissão a cada compra feita.

O próximo vídeo analisado foi publicado pelo canal da americana Katie Wismer, *Katesbookdate*, que possui mais de 13 mil inscritos. Publicado em 24 de maio de 2018 e intitulado *Summer Book Haul and Unboxing | May 2018*, trata-se de um vídeo de *unboxing* mas também de um *book haul*, com livros comprados por ela anteriormente e que ainda não haviam sido mostrados em seu canal. Fica implícito em sua fala que os livros apresentados foram adquiridos com recursos próprios. O primeiro deles chama-se *Big Magic*, de Elizabeth

Gilbert. Trata-se de uma cópia em *paperback*, e ela não faz menção à aparência da capa, mas ao formato.

Se você já esteve por aqui nos últimos meses você sabe que já li este livro. E eu simplesmente adorei. Na verdade, eu o escutei em audiolivro, mas adorei tanto que, quando vi na *book outlet*, sabia que queria uma cópia física. Eu definitivamente vou reler esse livro em algum momento no futuro<sup>110</sup> (KATESBOOKDATE, 2018).

O próximo livro é *Girlboss*, de Sophia Amoruso, que ela também ouviu como audiolivro e, ao ver o título a um preço muito baixo na loja (ou site) *book outlet*, resolveu adquirir. Ela dá um resumo completo também deste livro. Ambos são de não ficção, assim como o próximo: *Scrappy Little Nobody*, escrito pela atriz Anna Kendrick, que Katie não leu ainda e não sabe sobre o que trata. O livro seguinte, *The Opposite of Loneliness*, por Marina Keegan, é uma coleção de ensaios e histórias. Ela conta que a autora estava na faculdade quando morreu, e os textos foram publicados postumamente. Ela ouviu falar muito do livro em 2014, quando foi lançado, mas não teve a oportunidade de ler. Em seguida ela mostra os livros *Dorothy Must Die* e *The Wicked Will Rise*, de Danielle Page, parte de uma série que reconta a história de *O Mágico de Oz*. A motivação para a compra, segundo ela, foi o fato de já ter lido o primeiro livro e gostado, além do preço baixo ter sido um atrativo. O próximo livro também é uma história recontada, *Queen of Hearts*, o primeiro livro de capa dura mostrado no vídeo. *Ghostly Echoes* e *The Dire King*, de William Ritter, ambos em capa dura, são exibidos em seguida, e também fazem parte de uma série de livros. *The Becoming of Noah Shaw*, de Michelle Hodkin, é o próximo livro de capa dura comprado por ela, que afirma ter lido uma ARC<sup>111</sup> desta obra anteriormente. Ela explica a motivação para sua escolha:

... porque eu amo tanto essa série e amo tanto essa autora que queria apoiá-la e comprei uma cópia física real do livro finalizado. Também sou um pouco superficial nos meus hábitos livrescos e eu queria uma bela edição em capa dura para minha estante<sup>112</sup> (KATESBOOKDATE, 2018).

---

<sup>110</sup> Livre tradução de: “If you’ve been around for the last couple of months you know I’ve already read this book. And I absolutely loved it. I actually listened to it on audiobook but I loved it so much that when I saw on book outlet I knew I wanted to get a physical copy. I’m definitely going to reread this at some point in the future”.

<sup>111</sup> *Advanced reader copies* são livros enviados a leitores como cópias de teste para medir a recepção do mesmo e, caso necessário, fazer melhorias e alterações na história para a versão final que será comercializada.

<sup>112</sup> Livre tradução de: “because I love this series so much and I love this author so much I wanted to support her I pic up na actual physical copy of the finished book. Also I’m a little like superficial in my bookshelf ways and I wanted like a nice pretty hardcover for my shelf”.



Em seguida ela mostra a cópia em capa dura de *Tower of Dawn*, de Sarah J. Mass, se recriminando pela compra, já que ela não gosta do personagem que é o narrador do livro, que é o sexto de uma série. Apesar disso, ela afirma que vai ter que ler se quiser continuar acompanhando a mesma.

O último livro mostrado no *haul* é *Restore Me*, por Tahareh Mafi, que publicou a trilogia *Shatter Me*, mencionada no capítulo 2 desta tese como frequentemente citada nos maiores canais de *booktube*. O livro comprado por Katie é uma continuação da história. Ela se detém nos detalhes da capa, e se mostra muito animada com a leitura, já que, segundo ela, a trilogia foi uma de suas preferidas quando estava no ginásio.

Por fim, o vídeo mostra um *unboxing*, e Katie agradece à *Uppercase* por tê-la enviado o pacote que irá desembalar. Ela explica que a *Uppercase* é uma empresa que envia os livros em embalagem “ecologicamente correta”. Segundo a *booktuber*, não se trata de uma caixa de assinatura cheia de papéis e coisas descartáveis, mas um saco de tecido compacto. O primeiro item é uma meia estampada com pequenas corujas lendo livros. Em seguida ela mostra um broche temático do livro *The Way You Make Me Feel*, de Maurene Goo. Os próximos itens são pequenos bordados para aderir em roupas com o tema de *Alice no País das Maravilhas*. O livro que veio nesta edição da *Uppercase* é *The Way You Make Me Feel*, de Maurene Goo, que parece, para Katie, um livro jovem adulto de um subgênero chamado “contemporâneo” devido a aspectos estéticos que segundo ela caracterizam esse tipo de obra: a presença de uma garota na capa e de cores vibrantes (figura 36). Ela se surpreende ao notar que é uma cópia assinada pela autora.

Figura 36 – Para Katie o design da capa indica que o livro pertence ao gênero YA





Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=uc\\_vriqV52M](https://www.youtube.com/watch?v=uc_vriqV52M)

Nota-se, neste vídeo, a vinculação de dois formatos de apresentação de livros: o *haul* e o *unboxing*. Mais uma vez, preponderam os títulos de literatura para jovens adultos, alguns deles muito populares entre este público e sucesso de vendas, como os das escritoras Sarah J. Mass e Tahareh Mafi. A parte de *unboxing* deste vídeo é resumida, e apresenta uma proposta de produto diferenciada que enxerga no desperdício notável nos programas de assinatura de caixas de livros uma oportunidade de ofertar uma opção diferenciada.

O próximo vídeo, *SPRING BOOK HAUL + UNBOXING 2018!*, foi publicado no *sandyreadsalot*, canal da jovem americana Sandy, que na data desta pesquisa contava com pouco mais de 5.600 inscritos. Como o título do vídeo indica, trata-se de mais um conteúdo que mistura *haul* e *unboxing*. Considerou-se a possibilidade de, na definição da amostra, retirar esses vídeos, mas a publicação das duas modalidades em um só vídeo também é representativa para esta investigação, fazendo com que o vídeo permanesse no corpus de análise deste estudo. Sandy inicia o vídeo se explicando.

Este é um vídeo de book haul coletivo com todos os livros que acumulei desde o final de agosto. Eu não posto book haul há meses porque eu não tenho comprado muitos livros, mas eu finalmente acumulei livros suficientes para o que acho que definitivamente valha a pena mostrar em um book haul. Então aqui estou eu com um book haul. Eu também tenho um monte de pacotes para abrir neste vídeo, então vou fazer isso no final<sup>113</sup> (SANDYREADSALOT, 2018).

Sandy mostra ao todo 13 livros, falando brevemente sobre o tema e a história de cada um deles. O primeiro, *The Truth About Alice*, de Jennifer Mathieu, foi comprado por 1 dólar. O segundo livro, *Zenith*, foi escrito pelas *booktuber* Sasha Alsberg e Lindsay Cummings, que foram até a cidade de Sandy, Chicago, promovê-lo. A *booktuber* afirma ter comparecido ao evento para apoiar as autoras, mas ainda não iniciou a leitura. O título seguinte, *Immortal Reign*, de Morgan Rhodes, é o sexto livro da série *Falling Kingdoms*, que ela afirma ser uma de suas séries preferidas do gênero de fantasia para jovens adultos. *Obsidio*, de Amie Kaufman e Jay Kristoff, é mais um exemplo de continuação de uma série para este público. Em seguida ela mostra um livro que afirma ser um dos mais aguardados do ano por ela, *Children of Blood and Bone*, de Tomi Adeyemi, o qual pretende ler assim que o semestre

---

<sup>113</sup> Livre tradução de: “This is a collective book haul of all the books I accumulated since the end of August. I haven’t posted a book haul in months because I haven’t been buying a lot of books but I finally accumulated enough books where I think is definitely worth showing in a book haul. So here I am with a book haul. I also have a handful of packages to open in this video so I’m going to do that towards the end”.

acabar. Ela destaca também o design do livro como mais um de seus atrativos: “olha como ele é lindo sem sobrecapa, e tem até mesmo um mapa legal”<sup>114</sup> (SANDYREADSALOT, 2018).

Sandy começa, enfim, a abrir os pacotes para a parte de *unboxing* do vídeo. Do primeiro deles ela tira livros que comprou em uma promoção da *Barnes and Noble* em que, ao adquirir três *hardcovers*, cada um custaria dez dólares, o que fez com que ela não resistisse (figura 37). Ela desembala *Truly Devious*, de Maureen Johnson, *Autoboyography*, de Christina Lauren e *Warcross*, de Marie Lu. Os livros seguintes foram trocados por livros de outras pessoas, aparentemente através de um site que auxilia esse processo, mas ela não dá detalhes a esse respeito. Os títulos foram *The Cruel Prince*, de Holly Black, *Renegades*, de Marissa Meyer (um ARC que ela trocou por outro ARC), *Tower of Dawn*, de Sarah J. Maas, *Alex & Eliza*, de Melissa de la Cruz e *The Hazel Wood*, de Melissa Albert.

Figura 37 – Sandy desempacota *hardcovers* que comprou em uma promoção



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xvDG1OHYIxQ>

O próximo vídeo da análise, *Book Swap Unboxing ☆ May 2018 | Roya Eve Reads*, foi publicado pela neozelandesa Roya Eve, de 25 anos, criadora do canal *royaevereads*, que possui mais de 3.700 inscritos. Neste *unboxing* Roya mostra um livro enviado a ela por outra *booktuber*. Elas combinaram um *book swap*, que nada mais é que uma troca de livros novos. Cada uma compra, no site *Book Depository*, um livro e o envia para a outra, que abre a caixa durante o *unboxing* e descobre, juntamente com quem a assiste, o livro que ganhou. Ao abrir a caixa para retirar o marcador de livros que o *Book Depository* sempre envia com as compras,

<sup>114</sup> Livre tradução de: “... look how beautiful it looks naked and there’s even a freaking map”.

Roya nota que se trata de um livro *paperback*, o que a deixa intrigada. Quando retira o livro da embalagem, ela revela uma edição de *Lady Midnight*, de Cassandra Clare, e conta que, apesar de ter lido os livros anteriores, ainda não havia começado a nova série da autora porque todas as únicas vezes que viu cópias deste livro em livrarias na Nova Zelândia elas estavam gastas e com capas arranhadas. No final do vídeo ela convida seus inscritos a visitarem o canal da *booktuber* que a presenteou para descobrir qual obra Roya enviou para ela (ROYAEVEREADS, 2018).

Criado pela britânica Simone Perren, 25 anos, o canal *Me, Simone & I* é o menor dentre os analisados, com 180 inscritos. No vídeo *Chocolate and Book Unboxing // May Edition*, Simone faz um *unboxing* de uma caixa chamada *Chocolate and Book*, mais um serviço de assinatura de caixas em que se escolhe um gênero literário e todos os meses é enviado um livro e outros produtos, neste caso chocolates (figura 38). Simone desembala os itens e fala sobre cada um deles. Ela conta que escolheu um modelo de assinatura que envia livros surpresa, portanto não sabe nada sobre o título, nem mesmo seu gênero. O livro é *The Zoo*, de Christopher Wilson, e Simone lê, durante o vídeo, sua sinopse.

Figura 38 – *Unboxing* de *Chocolate and Book*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Z9mKkt-8nik>

Percebe-se que todos estes vídeos têm como propósito, central ou periférico, mostrar livros sendo desembalados. Buscou-se, através da transcrição detalhada dos conteúdos verbalizados, quantificar palavras-chave de destaque.

Algumas questões nortearam a pesquisa. Em que medida as falas dos *booktubers* estão focadas nos livros? Quais palavras são mais recorrentes nestes conteúdos? As palavras mais frequentes são empregadas para referenciar os livros? Esta abordagem mais tradicional da análise de conteúdo trouxe alguns resultados interessantes.

Esperava-se, de todos estes vídeos, que a palavra mais recorrente fosse “book”, mas os resultados mostraram que esta nem sempre é a regra. A figura 39 apresenta, a partir da transcrição do vídeo de Simone Perren, a frequência de uso de palavras em seu *unboxing*.



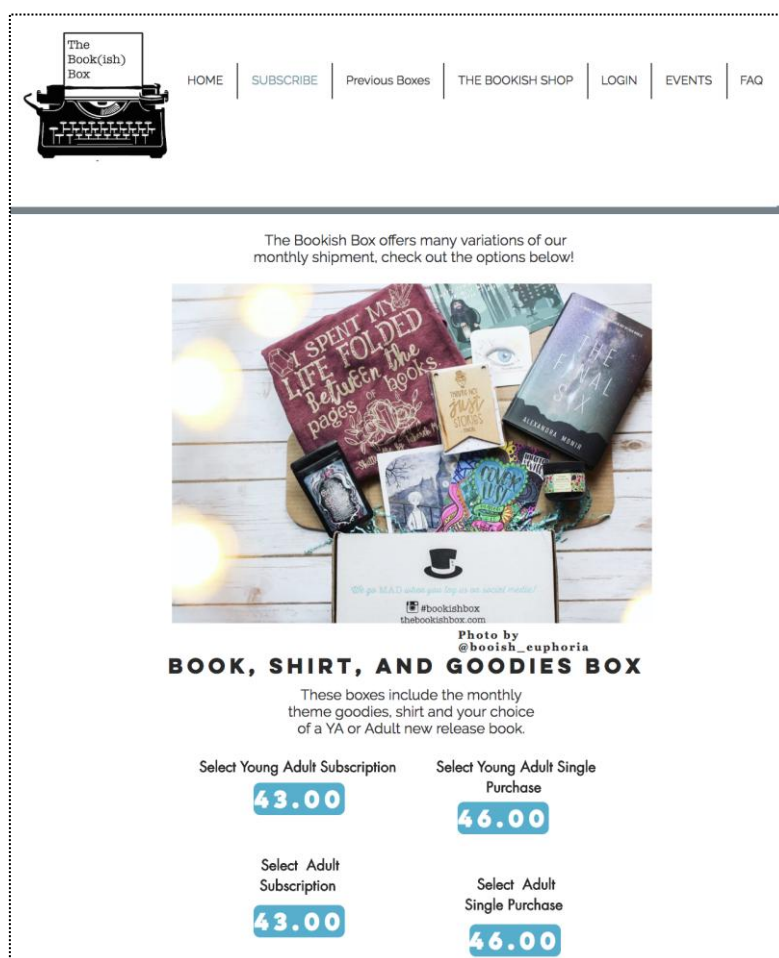
Essa amostra, ainda que pequena, também ajuda a compreender importantes tendências relacionadas à influência do uso e apropriação de plataformas como o *YouTube* na comunicação das dinâmicas envolvidas na leitura de livros, sua aquisição e sua coleção. O *booktube* é uma comunidade relativamente pequena e difusa quando comparada a outros nichos, como o de *games* e o de beleza no *YouTube*. Estes canais literários surgem com leitores comuns compartilhando suas opiniões e experiências literárias. No entanto, ela se insere no circuito de comunicação do livro de forma cada vez mais contundente, tendo papel importante nas etapas de divulgação de lançamentos ou relançamentos de títulos. Como pode-se constatar com essa análise, Jesse George, em seu canal, atua como um influenciador digital para corporações editoriais, ao passo que compartilha com seu público suas experiências de leitura e livros favoritos. Através de sua linguagem jovial e maneirismos, percebe-se que ele se comunica efetivamente com um público adolescente e pré-adolescente, com um conteúdo criado para entreter e, direta ou indiretamente, vender livros. Seu canal se encontra, na ainda, pequena lista de *booktubes* com mais de cem mil inscritos, o suficiente para tornar Jesse um dos maiores influenciadores digitais para o mercado de literatura para jovens adultos.

O canal de Katie Wismer, *Katesbookdate*, apesar de muito menor, com 13 mil inscritos, faz algo parecido. A *booktuber* mostra em seu vídeo diversos livros comprados com seus próprios recursos, mas ao final faz o *unboxing* de uma caixa de assinatura enviada pela empresa *Uppercase*, que consegue com isso a divulgação de seu produto. De certa forma, alguns canais menores acabam replicando essas práticas de exibição de títulos. Se os maiores *booktubers* são pagos para exibirem os títulos recebidos, sendo que alguns só o fazem nestas circunstâncias, os canais menores ganham cópias e as mostram espontaneamente, enquanto os iniciantes gravam estes vídeos com livros escolhidos e adquiridos com recursos próprios. Um exemplo disso é o vídeo do canal *Me, Simone & I*, que faz o *unboxing* do serviço de assinatura *Chocolate and Book*.

Essas caixas de assinatura curiosamente vêm dominando os vídeos de *unboxing* de livros, fazendo com que os conteúdos deste tipo publicados pelos *booktubers* sejam uma nova modalidade do *unboxing*, diferente de sua manifestação original. Enquanto este se propunha a desencaixotar livros adquiridos, indicando suas qualidades e motivações para compra, no caso dos programas de assinatura a escolha não é feita pelo leitor, que recebe um livro surpresa e uma série de outros itens relacionados ou não à obra. O resultado, nos vídeos do *YouTube*, muitas vezes é uma reapropriação do *unboxing* original, com milhares de *booktubers* abrindo as mesmas caixas e retirando delas os mesmos produtos.

Há dezenas de caixas literárias por assinatura em todo o mundo, e pode-se dizer que elas vêm ganhando cada vez mais destaque no *YouTube* e na internet de forma geral. A figura 40 mostra o site do *The Book(ish) Box*, um dos muitos serviços deste tipo. Como é explicado no site, “Estas caixas incluem brindes temáticos mensais, uma camisa e a escolha de um livro recém-lançado Jovem Adulto ou Adulto”<sup>115</sup> (THEBOOKISHBOX, 2018).

Figura 40 – Captura de tela do site do serviço de assinatura de caixas literárias *The Book(ish) Box*



Fonte: <https://www.bookishboxinfo.com/subscribe>

Parece haver caixas literárias para a todos os gostos e estilos. No *YouTube*, ao se pesquisar por *book unboxing*, sua presença pode ser percebida, disputando espaço com os *unboxings* tradicionais, nos quais leitores desencaxaram farturas compras de livros feitas em sites de comércio eletrônico.

<sup>115</sup> Livre tradução de: “These boxes include the monthly theme goodies, shirt and your choice of a YA or Adult new release book”.



Um caso brasileiro que merece menção ao se abordar estes serviços de assinatura – que aparecem aqui nesta tese mais em função dos resultados da pesquisa do que de uma expectativa inicial de se abordar o assunto – é o da *Tag Experiências Literárias*, um clube de assinatura de livros brasileiro que já possui mais de 30 mil clientes<sup>116</sup>. Inspirado no *Círculo do Livro* dos anos 1970 e 80, a *Tag* criou em 2013 um modelo de assinatura também baseado em caixas literárias, e começou a enviar livros para seus primeiros participantes em 2014. Cada uma delas traz uma edição exclusiva em capa dura que vem em uma luva, um marcador de páginas, uma revista sobre o autor e a obra, além do que eles chamam de “mimo literário”. Atualmente são ofertadas duas assinaturas diferentes. A original, *Tag Curadoria*, traz mensalmente um livro indicado por um curador escolhido por eles. Já o mais recente serviço criado pela *Tag Livros*, a *Tag Inéditos*, publica best-sellers de literatura contemporânea internacional ainda inéditos no país. Esta opção oferece aos assinantes um livro em brochura, marcador de páginas, pôster e infográfico da obra (TAGLIVROS, 2018).

A presença da *Tag* é expressiva nas mídias sociais, mesmo considerando que os livros que vende não fazem parte da grande massa de publicações para jovens adultos, que certamente são predominantes nestas plataformas de conectividade. Sua página no *Facebook* possui mais de um milhão de curtidas, sendo a segunda editora com maior número de seguidores, perdendo apenas para a *Intrínseca*. No *Instagram*, são 195 mil seguidores, no *YouTube*, 12 mil. A presença nesta última plataforma faz-se mais notável através do *booktube* do que do próprio canal oficial da *Tag*, que encontra nos *booktubers* brasileiros, dos mais aos menos influentes, um verdadeiro exército de divulgadores de suas caixas literárias, seja no formato tradicional de *unboxing*, seja através de resenhas dos livros enviados aos assinantes.

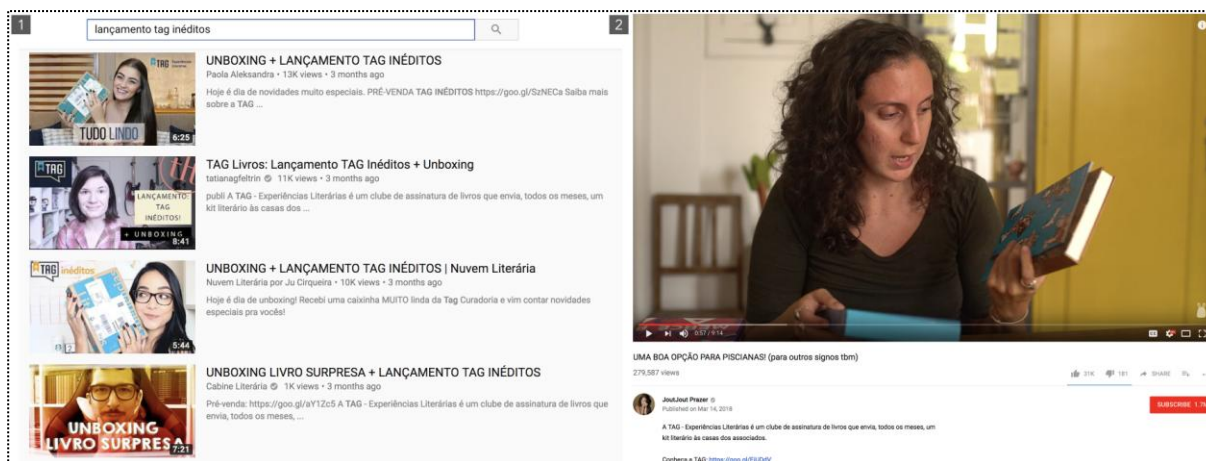
O trabalho de divulgação feito no *YouTube* durante o lançamento da assinatura *Tag Inéditos* é notável, com dezenas de vídeos de *unboxing* sendo publicados por *booktubers* (em conteúdos pagos ou espontâneos), e também por *YouTubers* que estão entre os mais influentes do Brasil, como Julia Tolezano, do *Jout Jout Prazer* (2018). Os vídeos apresentados nos primeiros lugares da busca “lançamento tag inéditos”, na imagem 1 da figura 41, são conteúdos pagos pela *Tag*, assim como, na imagem 2, o vídeo *Uma opção para piscinanas (para outros signos tbm)*, de *Jout Jout Prazer*, não fala especificamente do lançamento, mas divulga as assinaturas da *Tag* e destaca a beleza do design dos livros editados por eles. Sobressai-se, novamente, a materialidade do livro como objeto cuja beleza estética busca despertar o interesse de leitores em potencial, participando e algumas vezes desencadeando

---

<sup>116</sup> Número divulgado oficialmente no site da *Tag* em 7 de junho de 2018.

processos de produção e sentidos, os quais começam também antes da leitura, na visualização dos aspectos materiais das obras através destes vídeos.

Figura 41 – Exemplos de vídeos de *unboxing* que divulgam os livros da TAG



Fonte: A autora, 2018.

Como observado através desta etapa de pesquisa sobre os vídeos de *unboxing* no *booktube*, mesmo que se considere que nas caixas literárias o livro dispute espaço com itens diversos – de canecas a produtos alimentícios – o código continua ocupando lugar de destaque enquanto suporte textual ao redor do qual constrói-se todo um aparato que, nos *unboxings* de livros, está intimamente ligado a uma cultura material promovida pelas redes de sociabilidade dos leitores e seus livros.

Ainda que esta ponderação deva ser feita, a análise de frequência apresentada na tabela 18 indica a preponderância temática, dentre os vídeos selecionados neste estudo, dos livros (na frequência da palavra *book*) e do ato da leitura (na palavra *read*). Sobresaiem-se também o uso recorrente de palavras como *really*, *excited* e *interesting*, que indicam o desejo de expressar opiniões e enfatizar qualificações em relação aos objetos mostrados nestes vídeos, especialmente os livros.

### 3.3.2 Book haul: novos, usados, adquiridos ou recebidos

É inegável que os conteúdos compartilhados nos canais de *booktube* se inserem em modelos de comunicação que misturam táticas de usuários e estratégias mercadológicas. Mais especificamente, são conteúdos que apresentam determinados modos de fazer que tanto



influenciam quanto são influenciados pelo circuito de comunicação do livro e pelos contextos nos quais estão inseridos.

Semelhantes aos vídeos de *unboxing*, os *hauls* estão entre os mais populares do *YouTube*, e enquanto fenômeno comunicacional foram pouco estudados. Jeffries (2011) associa esses vídeos aos canais de beleza femininos, que há anos se multiplicam. A análise de transcrição que fez deste tipo de vídeo auxiliou a identificação, por exemplo, de implicações sociais associadas ao uso de determinados maneirismos e padrões de fala. Mais do que isso, atribuiu diferentes tipos de *haul* a diferentes grupos de consumidores, canais e espectadores.

Os *book hauls* são mais um exemplo de práticas popularizadas no *YouTube* que foram reapropriadas por leitores que compartilham vídeos na comunidade *booktube*. A busca por “book haul” no *YouTube* entrega quase 3 milhões de vídeos nos resultados. A profusão destes vídeos, bem como sua longa duração (em comparação com outros tipos, já que os *booktubers* tendem a acumular muitos livros para mostrá-los nestes vídeos) dificulta uma abordagem quantitativa, mas indica também que os vídeos mais populares apresentam um volume considerável de títulos, ora comprados de uma só vez, ora acumulados justamente para a gravação deste tipo conteúdo.

Nesta etapa de pesquisa buscou-se identificar o lugar do livro impresso e sua materialidade representada nestes vídeos através de seus aspectos visuais e daquilo que é falado por quem os grava, com o intuito de identificar a relevância da materialidade na produção de sentidos. A análise proposta foi iniciada com os cinco vídeos de *book haul* mais visualizados de todo o *YouTube* (tabela 19), excluindo-se vídeos de canais que não fossem *booktube*. Adota-se, assim, um critério de popularidade que certamente não abarca a diversidade de públicos e práticas, mas aponta padrões, acabando por reforçar a percepção geral de que na comunidade de canais literários em língua inglesa os conteúdos de *booktube* mais populares são majoritariamente gravados por jovens adultos, falando sobre literatura para este mesmo público. Cabe mencionar que livros atualmente considerados como literatura para jovens adultos são lidos também por pessoas que não estão nesta faixa etária, mas os *booktubers* que se destacam neste contexto pertencem a ela.

Selecionados em ordem de indexação e obedecendo aos critérios mencionados, constatou-se que todos os vídeos da amostra foram publicados por canais com mais de 150 mil inscritos. Após uma primeira visualização do conteúdo completo de todos os vídeos e leitura de sua descrição, optou-se por uma análise mais detalhada do *book haul* mais visualizado do *YouTube*. Esta escolha deveu-se à semelhança destes primeiros vídeos. Todos eles foram

gravados em frente a estantes de livros e mostraram as edições adquiridas ou recebidas, falando algo sobre seu conteúdo ou motivações para compra.

Tabela 13 – Cinco vídeos de *book haul* mais visualizados no *YouTube*<sup>117</sup>

Canal	Vídeo	Data	Views	Likes	Dislikes	Duração	Comentários
<b>abookutopia</b>	MY BIGGEST BOOK HAUL EVER	11/05/2015	380.843	10.000	154	13'44	759
<b>katytastic</b>	UNEXPECTED UNBOXING BOOK HAUL	5/07/2014	306.129	8.200	306	18'10	756
<b>poland bananas BOOKS</b>	CHRISTINE'S BOOKLICIOUS BEA BOOKHAUL	11/06/2014	233.385	6.700	129	17'33	817
<b>readbyzoe</b>	(WAY TOO) BIG BOOK HAUL	01/04/2017	184.124	7.100	136	24'18	597
<b>abookutopia</b>	HUGE Book Haul (40+ books!!)	1/11/2014	178.937	5.000	73	11'	452

Fonte: A autora, 2018.

O *book haul* mais visualizado do *YouTube* é o de Sasha Alsberg, do canal *abookutopia*, que se aproxima dos 370 mil inscritos. O vídeo, intitulado pela *booktuber* como sendo seu maior *book haul*, foi publicado em maio de 2015, e à época desta pesquisa havia sido visualizado mais de 380 mil vezes, recebendo 10 mil curtidas, 152 *dislikes* e 759 comentários. Sasha inicia o vídeo avisando que este pode ser muito longo, já que irá mostrar mais de trinta livros, e imediatamente se justifica dizendo que não comprou todos de uma só vez.

Eu prometo a vocês que não compro todos esses livros de uma só vez. Quero dizer, eu poderia comprar 30 livros de uma só vez, mas isso é muito dinheiro para gastar de uma só vez, tipo, eu não tenho esse dinheiro, ninguém tem esse dinheiro exceto as pessoas muito ricas deste mundo. Elas poderiam doar parte do seu dinheiro para mim para comprar livros. Na verdade, apague isso [que eu disse] porque não consigo colocar mais livros na minha estante, então provavelmente eu deveria adiar a compra de mais livros por um tempo. Por um tempo é igual a duas semanas, sejamos honestos<sup>118</sup> (ABOOKUTOPIA, 2015).

<sup>117</sup> Coleta de dados em 10 de junho de 2018.

<sup>118</sup> Livre tradução de: “I promise guys I do not buy all these books at once. I mean, like, I totally could buy 30 books at once, but that's a lot of money to spend all at once, like, I don't have that money, nobody has that money except the very rich folks in this world. They could donate some of their money to me to get books, actually

É interessante notar que, algumas vezes, ao mostrarem grandes quantidades de obras em um só vídeo, os *booktubers* se justificam de maneira semelhante, ou fazem algum tipo de autocrítica em relação a compras frequentes e, segundo eles, excessivas. Este é, inclusive, um tema recorrente que aparece nas discussões do público destes canais. Por exemplo, no comentário mais popular deste vídeo, com 281 curtidas, o(a) usuário(a) *Fleur Poe* diz o seguinte:

A única razão pela qual eu piso em qualquer lugar parecido com um shopping é para comprar livros. Eu não compro roupas há cerca de 13 meses. E não estou brincando. Roupas são superestimadas. Livro é amor, Livro é vida<sup>119</sup> (ABOOKUTOPIA, 2015).

O conteúdo deste comentário, bem como sua popularidade, denota não apenas que o público dos canais de *booktube* possui hábitos de aquisição de livros, mas que também expressa uma relação de natureza afetiva com estes objetos textuais, considerando-os como itens de necessidade. Argumenta-se que estas relações contruídas entre estes leitores e seus livros são dimensões importantes na produção de sentidos.

O primeiro livro apresentado por Sasha em seu *book haul* é mais uma dentre muitas cópias que ela já possui de um mesmo título: *Outlander*, de Diana Gabaldon. Sasha tenta explicar o motivo de ter feito essa aquisição, contando que já possui uma edição especial, mas essa edição em capa dura padrão que comprou foi assinada pela autora em um evento no qual teve a oportunidade de conhecê-la.

Eu comprei a edição azul em capa dura do livro. Eu já tenho a edição do 20º aniversário, que é linda, olha ela aqui [na estante]. É linda. Eu tenho uma boa razão para ter comprado mais este livro. É porque eu fui a um evento no qual eu estava moderando um painel, e Diana Gabaldon também estava naquele evento, então eu quis ter meu livro assinado por ela, então eu comprei o livro e ele foi assinado por ela. Também foi muito legal porque no dia anterior ao evento fui convidada por um autor para uma festa, porque fui moderadora no evento, e pude falar com a Diana. Eu disse a ela sobre vocês, meu canal, sobre ir para a Escócia, o quanto eu amava seus livros, o quanto ele é uma escritora incrível e inspiradora, e ela foi tão legal, ela é tão fofa, tão pé no chão, e eu fiquei encantada por ela. Eu não banqueei a fã na frente dela, eu me segurei, eu fui tão profissional, eu estava tão orgulhosa que eu fiz tipo um “hi five, Sasha”. Alguém mais faz “hi-5” sozinho quando acha que algo é legal e ninguém está por perto? Eu sim. Então eu comprei a edição de capa dura, e ela é linda, e é muito especial. Ela realmente personalizou meu livro e ela não

---

scratch that because I can't fit any more books on my Bookshelf, so probably I should hold off on buying any more books anytime soon, soon equals two weeks, let's be honest”.

<sup>119</sup> Livre tradução de: “The only reason I step anywhere near the mall is to buy books. I haven't actually shopped for clothes in about 13 months. I'm actually not kidding. Clothes are overrated. Books is Love, Books is Life.”

personalizou o de ninguém mais, então eu me sinto meio especial. Ela é tão legal, oh meu deus, tipo assim, Diana, você é demais<sup>120</sup> (ABOOKUTOPIA, 2015).

Interessante notar como os *booktubers* mais influentes dentre os canais em língua inglesa têm muitas oportunidades de encontrar seus autores favoritos, seja através de sua participação em eventos, seja através de contato feito durante a divulgação de lançamentos através de editoras. No mesmo vídeo Sasha fala sobre um dos livros que comprou, sobre como conheceu a autora em um evento e teve a oportunidade de passar um tempo com ela e mal vê a hora de encontrá-la de novo. Assim como aconteceu em vídeos de *unboxing* analisados anteriormente, Sasha conta ter lido e gostado de um ARC e depois disso comprou a edição em capa dura. Entretanto a primeira edição neste formato não era bonita, e quando uma nova capa foi lançada ela decidiu comprá-la. A mesma situação é relatada duas vezes no vídeo.

A maior parte dos livros que Sasha apresenta foram comprados por ela, mas alguns títulos foram enviados pela *Random House* e pela *Penguin*. Sasha também mostra livros que recebeu de inscritos do seu canal através de sua caixa postal, ou em eventos.

Eu sinto muito por ter esquecido seu nome, mas essa garota adorável veio ao painel que eu estava moderando e ela me deu esse livro chamado *Deadly Little Secret*, e ele é tão lindo e a capa é linda, e ela disse que adorou livro, e todos vocês disseram que amaram também<sup>121</sup> (ABOOKUTOPIA, 2015).

A análise dos demais vídeos confirma que a prática de presentear *booktubers* não é incomum no caso dos canais mais populares. O vídeo do canal *Katytastic* consiste em um *book haul* e um *unboxing* de livros recebidos como presente, com apenas um pacote de livros comprados por ela. Ao todo foram mostrados vinte livros presenteados, muitos deles através

---

<sup>120</sup> Livre tradução de: “I got the hardcover edition of the blue cover of the book, I already have the 20th anniversary edition which is beautiful, it's like right there, it's gorgeous. I have a good reason for buying this book. It's because I went to an event which I was moderating a panel on and Diana Gabaldon was also at that event so I'm like getting my book signed by her, so I did get my book signed by her, and it was also really nice because the day before the event I was invited to this author party B's I was moderator at the event and I got to talk to Diana. I told her about you guys, my channel, about going to Scotland, how much I love her books, how much of a amazing and aspiring writer she is, and she was just so great, she's so sweet, just like so really down to Earth, and I was just so like just starstruck by her. I do not fangirl in front of her though, I kept it so together, I was so professional I was like so proud, I'm like 'hi five Sasha'. Does anybody else give themselves high fives if they think something's cool and nobody's around to give them one. I do, yeah, but yeah, so I got the hardcover edition and it's beautiful and it's very special, she actually personalized my book and she did not personalize anybody else's, so I feel kind of special. She's so nice oh my god I'm like Diana you're awesome”.

<sup>121</sup> Livre tradução de: “I'm so sorry I forgot your name, but this lovely girl came to the panel I was moderating and she gave me this book called *Deadly Little Secret*, and it looks so beautiful and the cover is gorgeous, and she said that she loved this book, and all of you guys said that you loved it as well.”.

da lista de desejos da *booktuber*, que ela afirma ter encerrado após alguns espectadores terem relatado terem se sentido constrangidos. Os comentários do vídeo notadamente se posicionam a favor da existência da lista (KATYTASTIC, 2014).

A participação em feiras e eventos literários também rende vídeos de *book haul*. É o caso do terceiro vídeo analisado, no qual Christine, do canal *polandbananasBOOKS*, mostra os livros que resultaram de sua participação no *Book Expo America* (BEA). Este terceiro vídeo também traz livros enviados por inscritos do canal para a *booktuber* (POLLANDBANANASBOOKS, 2014).

O quarto *book haul* mais acessado do *YouTube* foi publicado em 2017, sendo também o mais recente deste grupo e, vale notar, o que ganhou mais popularidade em menos tempo dentre os cinco vídeos analisados. Nele a jovem Zoë Herdt, 22 anos, apresenta livros comprados e recebidos (READBYZOE, 2017). Ela inicia o vídeo mostrando diversos itens que ela considera relacionados a livros: merchandising de *Harry Potter* que ela comprou no parque temático da *Universal* em Orlando. Em seguida ela mostra três livros da série *Harry Potter* em *paperback*. Ela se justifica pela compra explicando que, mesmo já possuindo as cópias em *hardcover* destes livros, ela as acha pesadas e desconfortáveis para a leitura, e afirma que gosta muito de *paperbacks*. Ela comprou também uma edição de *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, destacando que se trata de uma versão britânica, e por isso a diferença de título, além do fato de ser ilustrada. Dentre livros para jovens adultos que comprou, Zoe mostra uma coleção de histórias curtas que já leu em formato digital, mas que adquiriu em *hardback* porque desejava uma cópia física. Zoe recebeu também várias caixas de diferentes editoras, e estas seguem a mesma tendência observada na análise dos vídeos de *unboxing*. O pacote da Soho Press, por exemplo, traz um livro e vários itens que Zoe não sabe para que servem. Zoe abre uma caixa grande da *Penguin* que contém três ARCs e dois livros de capa dura, juntamente com falsas pétalas de rosa, doces e uma vela. Enquanto abre outras embalagens, Zoe comenta como estas caixas promocionais estão ficando cada vez mais caprichadas. Uma delas, também da *Penguin*, promove a série *13 Reasons Why*, da *Netflix* trazendo uma vasilha para servir pipoca, uma embalagem de pipoca de micro-ondas, balas e lenços, que, para Zoe, que já leu o livro, se relacionam ao fato de se tratar de uma história triste. A cópia *paperback* possui na capa imagens da série, e dentro do livro Zoe encontra imagens da mesma. Por fim, Zoe conta que, ao viajar com seu pai à Itália, comprou duas edições em italiano, apesar de não falar a língua: *Pride and Prejudice* e *Harry Potter*. Ela afirma ter decidido colecionar seus livros preferidos nas línguas dos lugares que visita.

O quinto vídeo de *book haul* mais acessado é também do canal *Abookutopia* e, curiosamente, mostra mais livros que seu vídeo mais acessado, ainda que tenha sido publicado antes e que o vídeo mais acessado tenha como título *MY BIGGEST BOOK HAUL EVER*. Se nele Sasha mostra pouco mais de 30 títulos, neste ela apresenta mais de 40 obras. A diferença entre os vídeos é que o mais acessado conta com um relato mais engajado das obras adquiridas, que são a maioria, e mesmo das recebidas de presente. Neste outro vídeo ela apresenta um número maior de títulos, primeiro mostrando os que comprou, e depois os que recebeu. A segunda parte basicamente mostra o livro, fala o título e nome do autor, de certa forma indicando certo nível de desinteresse ou desconhecimento por parte dela em relação às obras, que afinal foram enviadas por editoras e não adquiridas por iniciativa própria (ABOOKUTOPIA, 2014).

Considera-se que alguns elementos importantes para a investigação dos livros nas redes de sociabilidade do *YouTube* emergem nestes cinco vídeos de *book haul* mais populares, dos quais destaca-se aqui os mais relevantes: 1) todos são gravados por jovens adultos; 2) todos estão entre os canais mais populares do *booktube* em língua inglesa; 3) todos apresentam livros enviados por editoras; 4) todos apresentam um volume considerável de obras; 5) todos apresentam em sua totalidades cópias físicas, seja *paperback*, seja *hardcover*, dos livros; 6) todos apresentam um volume considerável de comentários, que são a forma de participação mais ativa de quem os assiste; e 7) todos os *booktubers* fazem comentários sobre aspectos materiais dos livros, como belas capas, ou sobre como é a aparência do livro *naked* (sem a sobrecapa), ou como decidiram comprar algumas cópias de melhor qualidade para livros que já haviam lido em outro formato, como audiolivro, ou em cópias mais simples, como *paperback*.

De maneira geral os vídeos de *book haul* apontam para uma tendência colecionista entre o público jovem adulto, o que, ao menos na presente pesquisa, não indica que os aspectos materiais dos livros sejam necessariamente os mais importantes, ainda que sem dúvida sejam levados em consideração, como os vídeos analisados demonstram. Desta potencial tendência colecionista pode-se falar que em muitos casos adquire-se livros que já foram lidos, e que edições com novas capas e algum tipo de diferenciação estética chamam a atenção, assim como a possibilidade de possuir uma cópia autografada pelos autores.

As estratégias editoriais permeiam todos os conteúdos até aqui analisados, seja no envio de ARCs, seja na promoção de eventos literários dos quais participam autores, *booktubers* e leitores. As caixas literárias se mostram presentes mais uma vez, trazendo em seu conteúdo livros, pequenas lembranças e agradamentos para os *booktubers* agraciados com elas,

que se tornam divulgadores na medida em que apresentam seus conteúdos para milhares de leitores.

É interessante notar que, dentre esta amostra de vídeos, apenas Zoë Herg traz para seu book haul algumas obras que não são para o público jovem adulto, como os livros de Jane Austen que ela mencionou em seu *haul*. Zoe fundou também um clube do livro para ler obras desta autora, além de alguns outros clássicos da literatura, o que nesta pesquisa tem se mostrado raro. Predominam, até aqui, as edições multicoloridas *paperback* e *hardcover* de livros para jovens adultos, com os mesmos títulos, tão logo sejam lançados, divulgados e comentados milhares de vezes em milhares de canais de *booktube*, dos mais aos menos populares. Cabe lembrar que tais generalizações de forma alguma excluem outros públicos e outros conteúdos da comunidade *booktube*, mas mostram que a faceta mais popular da comunidade em língua inglesa gravita ao redor deste tipo de literatura.

Buscou-se também analisar se este mesmo perfil de popularidade em vídeos de *book haul* poderia ser observado na comunidade *booktube* brasileira. Para tanto foi efetuada mais uma coleta de dados, desta vez usando como termo de busca a combinação “livros novos book haul”. Foi interessante notar que sete dos dez vídeos mais acessados são do canal *Pam Gonçalves*, sendo desta mesma *booktuber* os cinco primeiros da lista, como mostra a tabela 20.

Tabela 14 – Dez vídeos de *book haul* mais visualizados no *booktube* brasileiro<sup>122</sup>

Canal	Vídeo	Data	Views	Likes	Dislikes	Duração	Comentários
<b>Pam Gonçalves</b>	LIVROS NOVOS   Book Haul Julho 2015	02/08/2015	74.000	5.100	35	10'19	161
<b>Pam Gonçalves</b>	PILHA DE LIVROS   BOOK HAUL	24/06/2016	65.000	4.900	28	13'42	188
<b>Pam Gonçalves</b>	LIVROS NOVOS de Setembro e Outubro 2015   Book Haul	25/10/2015	64.600	85	187	14'57	187
<b>Pam Gonçalves</b>	LIVROS NOVOS DE JUNHO   Book Haul	07/07/2015	60.000	4.700	24	13'57	190
<b>Pam Gonçalves</b>	LIVROS NOVOS DE MAIO 2015	09/06/2015	48.000	3.700	8	16'57	82

<sup>122</sup> Coleta de dados em 11 de junho de 2018.

	BOOK HAUL						
<b>Pam Gonçalves</b>	LIVROS NOVOS DE NOVEMBRO   Book Haul	24/12/2015	47.000	4.600	24	10'05	129
<b>Chiclete Violeta</b>	MUITOS LIVROS NOVOS!	28/04/2015	41.000	2.400	25	8'50	110
<b>tatianagfeltrin</b>	Livros novos \o/ - Book Haul (+ compras da Black Friday)	09/12/2015	35.000	4.000	27	27'29	256
<b>Pam Gonçalves</b>	LIVROS NOVOS DE MARÇO!   Book Haul	05/04/2016	32.000	3.500	31	8'27	85
<b>tatianagfeltrin</b>	Concluindo: Dezembro + Livros novos \o/ (Book Haul)	31/12/2015	32.000	4.100	9	21'28	268

Fonte: A autora, 2018.

Pam Gonçalves criou um blog literário em 2009 e em 2010 começou a gravar vídeos. Além de seu canal do *YouTube* estar entre os mais populares do *booktube* brasileiro, a caterinense de 28 anos, formada em Publicidade e Propaganda, se tornou autora de dois livros, *Boa Noite* e *Uma História de Verão*, tendo também participado das coletâneas *O Amor Nos Tempos de #Likes* e *Turma da Mônica Jovem: Uma Viagem Inesperada*. Esta onipresença deste canal nos vídeos nacionais de *book haul* mais visualizados indica sua capacidade de disseminação deste tipo de informação no *YouTube*, mas deve-se mencionar que, ao se observar a lista dos vídeos publicados por ela no último ano, nota-se a ausência destes *book hauls*, que eram antes publicados mensalmente.

Ainda assim, o vídeo mais popular da lista fornece *insights* interessantes. *LIVROS NOVOS / Book Haul Julho 2015* foi transcrito e analisado, com suas principais informações registradas na tabela 15. O primeiro fato que chama a atenção é a ausência de livros adquiridos por Pam Gonçalves e, mais uma vez, a alta incidência de obras de ficção para jovens adultos. Ao todo foram recebidos por ela 19 títulos, com 17 livros e duas histórias em quadrinhos. Dentre os livros, apenas dois não são obras direcionadas especificamente para este público.

Tabela 15 – Livros apresentados por Pam Gonçalves em seu *book haul*

Título	Origem	Público-alvo
<b>Cidades de Papel, de John Green</b>	Recebido em kit Saraiva / Intrínseca	Jovem Adulto
<b>Quem é você Alasca?, de John Green</b>	Recebido em kit Saraiva / Intrínseca	Jovem Adulto
<b>O teorema Katherine, de John Green</b>	Recebido em kit Saraiva / Intrínseca	Jovem Adulto



<b>Na porta ao lado, de Luiza Trigo</b>	Recebido da autora / Rocco	Jovem Adulto
<b>À procura de Audrey, de Sophie Kinsell</b>	Recebido da Editora Galera	Jovem Adulto
<b>Minha vida fora de série 3ª temporada - Paula Pimenta</b>	Da autora	Jovem Adulto
<b>Quando saturno voltar, de Laura Conrado</b>	Recebido da Globo Livros	Adulto
<b>Cidade banida, de Ricardo Ragazzo</b>	Recebido da Editora Planeta	Jovem Adulto
<b>No coração da floresta, de Emily Murdoch</b>	Recebido da Agir Now	Jovem Adulto
<b>Não pare!, de FML Pepper</b>	Recebido da Editora Valentina	Jovem Adulto
<b>Graffiti Moon, de Cath Crowley</b>	Recebido da Editora Valentina	Jovem Adulto
<b>O Grande Conflito, de Helen J. White</b>	...	Ficção, religião
<b>Um amor, um café &amp; Nova York 2, de Augusto Alvarenga</b>	Recebido do autor	Jovem Adulto
<b>Memória falsa, de Dan Krokos</b>	Recebido da V & R	Jovem Adulto
<b>Black Bird, de Anna Carey</b>	Recebido da V & R	Jovem Adulto
<b>Vitrums: a sociedade secreta, de Mariah Vecchi</b>	Enviado pela autora	Jovem Adulto
<b>Mikaela: O desencontro, de Marcella Brafman</b>	Enviado pela autora	Jovem Adulto

Fonte: a autora, 2018.

A transcrição permitiu uma análise de frequência, que encontrou a palavra “livro(s)” (f=36) como mais usada, e “não” (f=26), seguida de “recebi” (f=21). Além apresentar brevemente as obras enviadas por diversas editoras, Pam também mostra livros enviados pelos próprios autores, sempre destacando o fato de se tratarem de cópias autografadas pelos mesmos. De forma geral, o design das capas não passa despercebido, e alguns aspectos materiais são mencionados por ela enquanto tenta fazer com que sua câmera focalize a cópia.

Aí, da Editora Rocco, da Lu Trigo, eu recebi o novo livro dela, que é Na Porta ao Lado. Super fofinha essa ilustração. Eu boto aqui, eu sei que não está focado. Super fofinha essa ilustração. É da Helena Freitas, a mesma que já fez a ilustração de Meus 15 Anos. E o livro está super fofo. Por dentro tá todo cheio de desenhos e adorei (PAMGONÇALVES, 2015a).

O ato de apresentar a seu público os livros recebidos é uma clara forma de divulgá-los e também de ganhar acessos para seu canal – especialmente considerando o interesse destacado por este tipo de conteúdo. Outra tendência confirmada neste vídeo é o envio de presentes por inscritos. Neste caso específico, diferente do que ocorreu nos vídeos da comunidade em língua inglesa analisada anteriormente, não foram enviados livros, mas pequenas lembranças, cartas e marcadores.

O segundo vídeo de Pam listado na pesquisa de *book hauls*, *PILHA DE LIVROS / BOOK HAUL* (2016), segue o mesmo padrão, com a *booktuber* mostrando livros que ganhou de inscritos em seu canal e livros que recebeu de editoras. Sua fala inclusive indica que seu canal é acompanhado por algumas delas, como é o caso da *Darkside*, que enviou um livro a ela após ter visto sua série chamada “aposta da Pam” sobre *The Kiss of Deception*, trazida ao

Brasil por eles em uma edição em capa dura. O título original em inglês curiosamente não foi traduzido para o português. Pam abre uma segunda embalagem com mais um livro apresentado pela *Darkside*, e tece elogios relacionados à qualidade da edição e suas características (figura 42):

As edições da Darkside são maravilhosas, gente. Eu babo nessas edições deles. Olha que lindo. Esse aqui é Lugar nas Estrelas, Em Algum Lugar nas Estrelas, da Clare Vanderpool. Vem com um discozinho aqui e gente, que lindo. [...] Maravilhoso. Nossa, essa edição tá linda demais, gente. Tá muito bonita. O cheiro, que cheiro maravilhoso. Essa lombada também, sério, tô apaixonada (PAMGONÇALVES, 2016).

Percebe-se também que as editoras atuando no país também seguem suas estratégias de envio de caixas temáticas, muitas vezes, personalizadas, a influenciadores como Pam Gonçalves.

Figura 42 – Pam Gonçalves fala sobre a beleza das edições da *Darkside*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=AWJLLtXcRZo>

Em um de seus vídeos de *book haul* mais visualizado, *LIVROS NOVOS de Setembro e Outubro 2015 | Book Haul*, publicado em 2015, Pam fala de uma mudança em seus *book hauls*. Ela explica que sempre deixou explícito na descrição de seus vídeos que o envio de produtos para sua caixa postal nunca garantiu que os livros apareceriam em seus vídeos, mas que até então ela vinha mostrando tudo que recebia. “O problema é que muitas das coisas que eu recebo, muitas coisas que eu recebo, não têm nada a ver com o canal e nada a ver com o estilo de livro que aparece aqui no canal” (PAMGONÇALVES, 2015b). Ela explica que a decisão, que passa a valer a partir desse vídeo, é tomada em função do tempo e de um

trabalho de curadoria para seus inscritos, de falar sobre o que ela acha mais interessante e relevante para seu público.

No vídeo *MUITOS LIVROS NOVOS!* (CHICLEVIOLETA, 2015), continua a tendência de livros recebidos tanto de autores quanto de editoras. A *booktuber* mostra também cópias adquiridas por ela, e tece muitos comentários sobre capas. Segundo ela, enquanto algumas capas fazem com que ela perca a vontade de ler, outras aumentam.

O vídeo *Livros novos \o/ - Book Haul (+ compras da Black Friday)*, de Tatiana Feltrin (2015b) segue o mesmo formato. O vídeo é iniciado mostrando muitos livros que ela ganhou de presente de inscritos, principalmente, mas ao final ela mostra livros que comprou durante uma *black friday*.

A forma de fazer *book hauls* é a mesma, mas nestes vídeos nacionais percebe-se um volume maior de livros recebidos de editoras e autores do que de livros efetivamente comprados com recursos próprios dos *booktubers*. A forma de mostrar os títulos, no entanto, é a mesma, com destaque para as capas e para os conteúdos dos livros. A presença das corporações editoriais, portanto, se destaca também nestes vídeos. Chama a atenção a quantidade de livros e comentários dos *booktubers* em relação a seus aspectos estéticos, sendo todas as obras mencionadas apresentadas em seu formato impresso.

### 3.3.3 Bookshelf tour: os leitores e suas estantes

É possível entrelaçar, à história do livro, uma história das estantes e de como estes objetos textuais foram, ao longo dos séculos, depositados nelas. Como contam Carter e Baker (2006), ainda que se tenha registros de estantes de livros encontradas em escavações das mais antiga das bibliotecas, ao longo dos séculos livros foram mantidos também em caixas e armários fechados, armazenados na horizontal, e apenas a partir do século XVII as estantes de livros teriam se popularizado. Ainda que se constituam em meros repositórios de objetos textuais, as estantes de livros são também parte da atmosfera literária de seus detentores, já que aqui considera-se que

... o espaço em que mantemos nossos livros altera nossa relação com eles. Não leremos um livro da mesma maneira se estivermos dentro de um círculo ou de um quadrado, num cômodo de teto baixo ou em outro de caibros altos. E a atmosfera mental que criamos no ato da leitura, o espaço imaginário que construímos quando nos perdemos nas páginas de um livro é confirmado ou refutado pelo espaço físico da biblioteca, e é afetado pela distância entre as estantes, o apinhamento ou a escassez de livros, as qualidades tácteis e olfativas, os graus variáveis de luz e sombra (MANGUEL, 2006, p.116).

Como pôde-se observar nas etapas anteriores desta pesquisa, há uma miríade de interesses que entram em jogo nas formas através das quais os livros e as bibliotecas pessoais de leitores são apresentadas nos canais de *booktube*.

Como aponta Chartier (1999),

... seria temerário concluir demasiado rápido sobre a realidade dos comportamentos a partir de representações codificadas que dependem tanto das convenções ou dos interesses envolvidos no ato de mostrar – pela pintura, pela gravura – quanto da existência ou da ausência dos gestos que são mostrados (CHARTIER, 1999, p.82).

A presente pesquisa não dá conta nem se propõe a mapear a completude destes interesses, que são tanto individuais quanto coletivos. No entanto, há uma série de questões que emergem da observação das práticas relacionadas ao ato de mostrar livros no *YouTube*. O que se busca compreender nesta etapa são as relações entre leitores e seus livros, enquanto dimensão da produção de sentidos, através de mais um tipo de vídeo muito comum na comunidade *booktube*: os *bookshelf tours*.

Os *bookshelf tours* são, como o nome diz, vídeos nos quais os *booktubers* convidam quem está do outro lado da tela para uma espécie de visita guiada às suas estantes e prateleiras de livros. As formas de criar estes vídeos podem variar de canal para canal, mas em geral os *booktubers* vão mostrando e comentando, livro a livro, toda a sua coleção. Por coleção compreende-se, nesta pesquisa, todos os títulos que compõem a biblioteca pessoal de cada leitor, ainda que se saiba que, a rigor, a definição de coleção não seja simplesmente uma reunião aleatória de objetos que são acumulados ao longo dos anos.

Retornando à questão dos interesses envolvidos no ato de mostrar, cabe aqui retomar a afirmação de Manguel (2006) de que a biblioteca é um reflexo de seu proprietário, e este reflexo tem relação não apenas com os títulos que compõem seu acervo pessoal, mas com toda uma trama de associações que entraram em jogo na seleção de cada obra. Ele compara as bibliotecas privadas a caleidoscópios, já que, por mais pessoais que sejam, ofereçam “a quem a explore um reflexo do que ele ou ela procura, um torturante momento de intuição de quem somos como leitores, um vislumbre dos aspectos mais secretos do eu” (MANGUEL, 2006, p.250). Logo, as coleções de livros são, como ele destaca, necessariamente uma criação incompleta ou uma obra em curso.

Os livros dão uma identidade peculiar a um cômodo qualquer e são mesmo capazes de usurpar a identidade do proprietário - uma característica bem conhecida daquelas personalidades aparvalhadas que se deixam retratar à frente de uma parede coberta de livros, na esperança de que lhe confirmem algum lustro erudito (MANGUEL, 2006, p.116).

Em uma consulta exploratória a estes vídeos nota-se que retornam aos elementos visuais dos vídeos aquilo que talvez seja mais recorrente na comunidade *booktube* quando analisada: leitores falando a outros leitores, posicionados diante de suas estantes. Esta prática não é nova nem foi criada pelos canais de *booktube*, já que há muito as obras vêm conferindo um sentido de identidade e autoridade àqueles que as detêm, mesmo que possuir livros não signifique de forma alguma tê-los lido. Petroski (1999), ao examinar a história das estantes de livros, narra uma situação similar relacionada às fotos de autores, comumente retratados diante de suas prateleiras.

Estar diante de uma coleção de livros potencialmente reforça os processos de identificação dentro do próprio *YouTube*, auxiliando quem vê a reconhecer aquele canal como parte da comunidade *booktube*. Dependendo do enquadramento, é possível reconhecer, no plano de fundo, alguns títulos, reforçando ou não a afinidade ou interesse em comum, que se refletem no desejo ou não de continuar assistindo, já que cada *booktuber* é, em certa medida, julgado pelos livros que lê e exhibe.

Pode-se dizer também que, nas bibliotecas privadas, “uma certa visão de mundo é imposta ao leitor por meio de sua ordem e suas categorias” (MANGUEL, 2006, p.48), classificações altamente pessoais, com uma multiplicidade de práticas cuja efetividade está estritamente relacionadas a quem delas faz uso.

A primeira etapa do estudo realizado consistiu em uma coleta de vídeos com a palavra-chave “bookshelf tour” organizados por ordem de relevância (segundo a ferramenta de buscas do *YouTube*) e necessariamente publicados em 2018<sup>123</sup>, já que a análise exploratória apontou que estes vídeos são gravados anualmente pelos canais de *booktube*. Na primeira página de resultados foram encontrados 248 mil resultados. Aqui cabe uma ressalva: os filtros de busca do *YouTube* apresentam inconsistências, já que nestes resultados foram encontrados vídeos publicados em 2017. Dessa forma, alguns vídeos foram previamente analisados e excluídos quando não atendiam ao recorde previamente estabelecido para a pesquisa. A lista de vídeos resultante desta seleção (tabela 22) possui vídeos publicados no primeiro semestre de 2018 e é interessante notar que a ordenação por relevância do *YouTube* retornou vídeos com número de visualizações, comentários e curtidas bastante diverso, o que, em certa medida, indica que os *bookshelf tours* são vídeos mais longos do que os outros tipos analisados. Nesta amostra, a média de duração ultrapassa 24 minutos.

---

<sup>123</sup> Dados coletados em 28 de junho de 2018. O detalhamento e tabulação das informações da análise de conteúdo encontram-se no anexo IV.

Tabela 16 – Vídeos de *bookshelf tour* analisados

	Vídeo	Canal	Publicação	Views	Likes	Dislike	Comentários	Duração
1	BOOKSHELF TOUR   2018 (600+ books!!!)	Hailey in Bookland	25 de jan de 2018	102.333	4.5K	43	281	24'29
2	BOOKSHELF TOUR 2018   Todos os livros da minha estante!	Entrelinhas	22 jun 2018	1.012	124	0	10	16'46
3	BOOKSHELF TOUR	jessethereader	2 fev 2018	123.169	6.2K	59	739	25'19
4	BOOKSHELF TOUR // Tour Pela Minha Estante!	Palavras Radioativas	16 mar 2018	8.312	667	13	57	17'31
5	BOOKSHELF TOUR   2018	Ermahgerd Berks	10 jun 2018	1.769	70	0	9	27'07
6	BOOKSHELF TOUR   2018	A Clockwork Reader	16 jan 2018	184.916	7.000	65	501	33'14
7	THE BOOKSHELF TOUR	Paperback dreams	14 jun 2018	9.401	994	13	225	11'52
8	BOOKSHELF TOUR 2018   De livro em livro	De livro em livro	5 jan 2018	12.431	914	22	138	21'
9	BOOKSHELF TOUR   2018   Basically Britt	Basically Britt	18 abr 2018	6.122	301	1	49	23'31
10	2018 Bookshelf Tour   Over 800 Books!	yearbooknerdzoe	12 mai 2018	8.370	388	4	85	44'20

Fonte: A autora, 2018.

Na maioria dos casos, os *booktubers* mostram, um a um, os livros presentes em suas estantes, e uma visão geral da biblioteca pessoal. O *booktuber* fala o título do livro e o nome do autor, vez ou outra fazendo comentários sobre ter ou não lido a obra, ou compartilha alguma experiência ou informação que considere relevante. Em todos os casos os *booktubers* aparecem nos vídeos no começo e ao fim, mas a maior parte do tempo opta-se pelo plano de detalhe como enquadramento, com foco nos livros depositados nas estantes.

A primeira etapa de levantamento culminou em uma categorização das informações identificadas nestes vídeos que pudessem contribuir para as questões abordadas na presente tese. Após a coleta de dados, essas categorias de análise foram readequadas de forma a melhor acomodar os principais conteúdos manifestos dos vídeos, resultando nos seguintes grupos temáticos: *bookshelf tour*: motivações e modos de fazer; estantes; práticas de leitura; aquisição/coleção de livros; métodos de organização; coleções; aspectos materiais dos livros; e adornos e memorabilia.

A primeira categoria de análise buscou, nos vídeos de *bookshelf tour*, declarações relacionadas às motivações para a sua gravação, ou mesmo introduções que gerenciassem as

expectativas do espectador em relação ao conteúdo que encontraria no vídeo. No vídeo 1, Hailey, do canal *Hailey in Bookland* (2018), inicia seu *bookshelf tour* alegando que o vídeo foi extremamente solicitado por seus inscritos, e que por isso resolveu gravá-lo. No vídeo 2, Julia Maciel, do *Entrelinhas* (2018), conta que em 2017 fez um *bookshelf tour*, e que este se tornou o vídeo mais assistido de seu canal, e que muitas pessoas haviam pedido uma atualização do em 2018. Jesse, do canal *Jessethereader* (2018a), que já foi mencionado em etapas anteriores de pesquisa, no vídeo 3 inicia seu *bookshelf tour* explicando que desde 2015 não grava esse tipo de conteúdo. Sua declaração traz algumas informações interessantes, especialmente por destacar que a coleção de livros não é estática, mas muda a todo tempo, e que *bookshelf tours* são conteúdos trabalhosos de gravar e editar.

Meu último *bookshelf tour* foi em 2015 e minhas estantes mudaram um pouco. Eu me livrei de muitos livros, mas também adicionei uma tonelada de livros à minha coleção [...] ... o *bookshelf tour* que você está prestes a ver já está um pouco desatualizado. Eu gravei este vídeo em dezembro e agora estou apenas começando a editá-lo. Eu continuei evitando porque eu tinha três horas de filmagem e eu não queria editá-lo, mas finalmente me forcei a sentar na minha mesa para terminar<sup>124</sup> (JESSE THEREADER, 2018a).

Os conteúdos dos vídeos 6, 7, 8 e 9 retomam a questão da popularidade destes vídeos de tour pelas estantes, todos eles falando explicitamente que o *bookshelf tour* é muito requisitado e aguardado por seus inscritos, como conta Ray Corrêa, do canal *De Livro em Livro* (2018):

Eu trouxe pra vocês o *bookshelf tour*, que é o vídeo mais pedido do canal, vamos ser muito sinceros. Desde o primeiro vídeo do canal recebo comentários do tipo ‘rola um *bookshelf tour*? [...] E eu adiei o máximo possível, até porque quando comecei o canal não tinha essas estantes aqui, então os livros estavam *all over the place*.

No vídeo 9, da mesma forma, Britt, do *Basically Britt* (2018), grava sua versão atualizada de *bookshelf tour*, explicando que depois do vídeo que gravou em 2017 suas estantes haviam se transformado muito. O vídeo 10, do canal *yearbooknerdzone* (2018) demonstra ainda mais claramente como de ano em ano as coleções de livros dos *booktubers* ganham novos títulos.

---

<sup>124</sup> Livre tradução de: “My last bookshelf tour was in 2015 and my bookshelves have changed quite a bit. I got rid of a lot of books but I’ve also added a ton of books to my collection [...] the Bookshelf tour that you are about to see is already kind of out of date. I filmed this vídeo back in December and I’m just now getting around to editing it. I kept avoiding it because I had three hours of footage and I was not wanting to edit it at all but I finally forced myself to sit down on my desk and finish it”.

Hoje vou fazer um *bookshelf tour* atualizado. O último que fiz foi no final de 2017. A razão pela qual estou fazendo um agora, em meados de 2018, em vez de no final de 2018, é porque tenho quatro novas estantes aqui. O último vídeo que eu postei foi montando as estantes e reorganizando todos os livros, então eu pensei ‘por que não fazer uma turnê de estante ao mesmo tempo?’, porque há pelo menos mais cem livros do que havia no último *bookshelf tour*<sup>125</sup>.

Percebe-se que é comum aos *booktubers* de canais maiores, os quais recebem mais comentários de inscritos em cada um de seus vídeos, o hábito de tecer alguns esclarecimentos logo no início, já adiantando respostas a perguntas que, por suas experiências anteriores, se mostram sempre mais frequentes. Algumas delas dizem respeito à segunda categoria elencada neste estudo: as estantes.

Interessante notar que os vídeos selecionados para a pesquisa pertenceram tanto à comunidade *booktube* em língua inglesa quanto à comunidade brasileira, permitindo a identificação de algumas diferenças em relação à relevância de informações relacionadas ao interesse dos *booktubers* e seus inscritos pelas estantes como item de mobiliário. Alguns deles iniciam seus vídeos respondendo antecipadamente a perguntas frequentes, o que ocorreu em quatro dos dez vídeos<sup>126</sup>, para compartilhar com os espectadores o modelo de estante, que em todos os casos foi o *Billy Bookshelf*, da marca Ikea, algumas vezes na cor branca, outras em preto. A frequência dessa informação chama a atenção, especialmente quando os próprios *booktubers* parecem ter a percepção de muitos outros *booktubers* possuírem esse mesmo modelo. No vídeo 1, Hailey conta que “... como muitos outros *booktubers* minhas estantes são as *Billy Bookshelves*, da Ikea, em branco, e elas são muito boas e eu gosto muito delas, por isso eu tenho três em tamanho regular e uma mais estreita no canto”<sup>127</sup>.

Especialmente no começo dos vídeos, o plano geral é utilizado, mostrando as estantes, que em muitos casos não comportam apenas livros, mas muitos itens de decoração, objetos diversos e memorabilia (figura 43). Apenas duas das dez estantes eram compostas somente por livros.

---

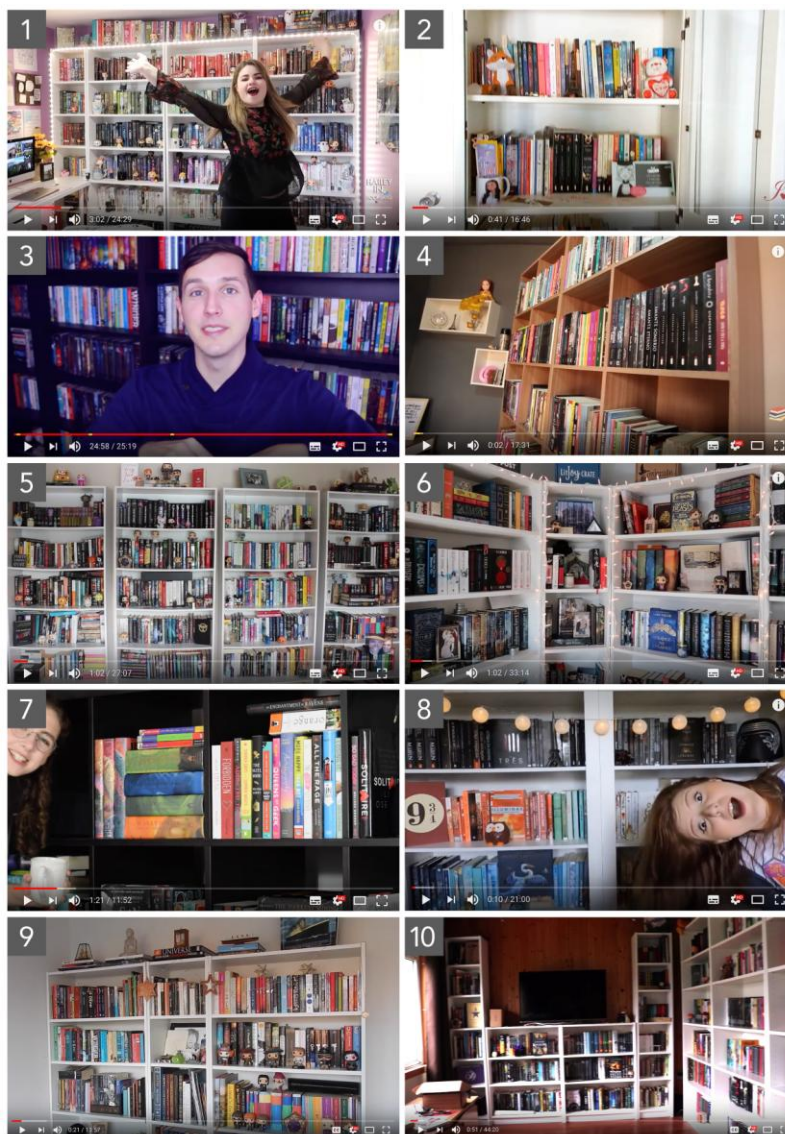
<sup>125</sup> Livre tradução de: “Today I’m gonna be doing an updated bookshelf tour. The last one I did was at the end of 2017. The reason I’m doing one now about halfway through 2018 instead of at the end of 2018 is because I got four new bookshelves back here. The last video I posted was me building them and reorganizing all of the books so I figured why not do a bookshelf tour at the same time because there’s at least a hundred more books than in the last bookshelf tour”.

<sup>126</sup> Especificamente vídeos 1, 3, 6 e 9.

<sup>127</sup> Livre tradução de: “... like many other booktuber my bookshelves are the Ikea Billy Bookshelves in white and they are very nice and I like them a lot so I have three of the regular sized ones and then one of the skinny ones over in the corner”.



Figura 43 – Frames dos dez vídeos analisados e suas estantes de livros



Fonte: A autora, 2018.

Cabe mencionar que muitas vezes estes itens que decoram a estante são temáticos, “contam histórias”, e passam a fazer parte dos processos de produção de sentidos na leitura. No vídeo 6, Hannah, do canal *A Clockwork Reader*, mostra as prateleiras que contém sua coleção de livros do universo *shadowhunters*, de Cassandra Clare, que está entre as mais populares da comunidade *booktube* em língua inglesa, como etapas anteriores desta pesquisa identificaram. Além dos livros, Hannah possui uma quantidade considerável de itens e de merchandising inspirados nestas séries.

E então os últimos itens que tenho nessa prateleira são mais alguns cartões postais. Na verdade eu os comprei em uma das paradas da turnê de Cassandra Clare durante sua turnê de *City of Fallen Angels* um milhão de anos atrás e basicamente esse lado tem apenas imagens de cartão postal de diferentes cidades e depois o verso é na verdade letras dos personagens para outros personagens.<sup>128</sup> (ACLOCKWORKREADER, 2018).

Pelúcias, porta-retratos, luzes, adornos diversos e, principalmente, bonecos temáticos Funko pop são os mais recorrentes. Percebe-se, nos vídeos, que o ato de mostrar as estantes e tudo que é cuidadosamente depositado nela passa por processos de identificação no qual o booktuber descreve, através desta prática de mostrar, sua essência como leitor. Reniére Pimentel, do canal Palavras Radioativas (2018) expressa bem esse sentimento quando, ao fim de seu *bookshelf tour*, diz: “Gosto muito de como a estante está agora porque ela tá muito a minha cara”.

A categoria de análise “práticas de leitura” corroborou para a percepção de algumas questões recorrentes no *booktube*: a quantidade de livros lidos versus não lidos, os tipos de objetos textuais, e as preferências de cada leitor. No vídeo 1 Hailley conta que muitas pessoas perguntam se ela já leu todos os livros que tem nas estantes. Ela responde:

... não, mas eu li a maioria deles. Eu diria que li cerca de 70% deles, mas os livros que eu tenho espalhados por toda a casa, esses são todos livros que eu li, ou 99% deles são livros que eu já li. Então eu li a maioria dos livros que eu possuo, mas os que eu não li eu mantenho nas minhas prateleiras para me encorajar a lê-los.<sup>129</sup> (HAILEYINBOOKLAND, 2018).

Jammie, do Ermahgerd Berks (2018), quando mostra sua coleção de livros da autora Sophie Kinsella, conta que há algum tempo lê os livros dela apenas em audiolivro, e que por isso parou de adquirir cópias físicas. Além desta menção a audiolivros, o *Kindle* é o dispositivo de leitura de ebook que aparece em dois vídeos, depositado nas estantes juntamente com os livros impressos.

Por fim, retorna a este grupo de vídeos uma certa divisão entre livros para jovens adultos, best-sellers em geral e livros considerados clássicos, com pelo menos um título

---

<sup>128</sup> Livre tradução de: “And then the last items I have on this shelf are some more post cards. Actually I got these at one of Cassandra Clare’s tour stops during her *City of Fallen Angels* tour a million years ago and basically this side just has like postcard images from diferente cities and then the back side is actually letters from the characters to other characters”.

<sup>129</sup> Livre tradução de: “no but I have read most of them I would say I have read about 70% of them but the books that I have scatered throughout the house, those are all books that I have read or like 99% of them are books that I’ve already read. So I have read most of the books that I own but the ones that I haven’t read I keep on my bookshelves to encourage me to read them”.

“clássico” presente em todos os dez vídeos. Hannah, do *A Clockwork Reader*, compartilha sua expectativa de gostar de um livro que leu quando era mais jovem:

Eu realmente quero reler Jane Eyre porque eu li quando tinha 14 anos pela primeira vez na escola e não sabia ler clássicos. Não é como se eu realmente soubesse ler clássicos agora, mas espero que eu tenha melhorado um pouco para poder ler isso neste verão<sup>130</sup> (ACLOCKWORKREADER, 2018).

Já Brit, do *Basically Britt* (2018) mostra uma de suas prateleiras que possui todos os seus livros considerados clássicos, mas avisa que, apesar de possuir muitos, não leu a maioria deles.

Retornam também a esta análise dos *bookshelf tours* as práticas de aquisição e coleção de livros relatadas pelos *booktubers*, que em seis dos 10 vídeos explicam como conseguem comprar tantos livros. No vídeo 1, a *booktuber* afirma que nunca compra livros com preço de capa, e que o fato de trabalhar em uma livraria permite que tenha descontos. Ela também recebe muitos livros de editoras. “No entanto, não sou tipo muito rica. Eu simplesmente sou péssima em administrar dinheiro. Eu tenho um emprego e a maior parte do meu dinheiro vai para livros. Eu não tenho autocontrole, então aqui estamos nós”<sup>131</sup> (HAILEYINBOOKLAND, 2018). Ao passarem por suas coleções mostrando livro a livro, alguns deles destacam motivações para a compra de títulos, e em muitos casos aparece como motivação as promoções, ou o desejo de ter duplicatas de livros para realizar glosas e grifar trechos, como é relatado no vídeo 6.

Chega-se então a uma das questões centrais que motivaram a análise dos *bookshelf tours*: a relação dos *booktubers* com suas coleções de livros, e a forma como contróem seus acervos. Logo no início do vídeo 3, Jesse destaca que possui mais de uma cópia de um mesmo título, já antecipando críticas que ele relata serem recorrentes nos comentários.

Eu só queria salientar que sim, eu sei que tenho cópias duplicadas de livros. Eu sou um colecionador de livros. Eu gosto de colecionar livros. Eu gosto das edições do Reino Unido. Eu gosto de edições de colecionador. Eu gosto das edições originais. Alguns de vocês sempre me criticam nos comentários por ter cópias duplicadas de

---

<sup>130</sup> Livre tradução de: “I really want to reread Jane Eyre because I read it when I was 14 years old for the first time for school and I didn’t know how to read classics. Not like I actually know how to read classics now but one would hope that I have improved slightly so I might be read this this summer”.

<sup>131</sup> Livre tradução de: “However I’m not just like crazy rich. I just am terrible at money management. I have a job and most of my money goes to books. I have no self-control so here we are”.

livros, mas você realmente não precisa, porque eu não vou mais ficar aborrecido<sup>132</sup> (JESSEHEREADER, 2018a).

São frequentes, nestes vídeos, coleções de várias cópias de um mesmo livro, e também a presença de livros que foram lidos e que os *booktubers* reveram não terem gostado. Neste caso as abordagens são diversas. Enquanto no vídeo 3 Jesse mostra um nicho de sua estante dedicado a livros dos quais não gostou, separados ali especialmente para a gravação de TAGs que envolvam livros que para ele foram ruins. No vídeo 7 a jovem Kat, do *Paperback dreams*, relata fazer o oposto, só mantendo em sua estante obras de que goste.

... se eu não gostar de um livro ou pensar que não vou relê-lo ou algo desse tipo, está fora. Tipo, eu não mantenho as coisas que li que não quero manter, porque não é assim que eu trabalho. Olhar para coisas que eu odeio me deixa triste, então uma vez que eu não gosto de algo e eu falo sobre isso um pouquinho, eu descarto<sup>133</sup> (PAPERBACKDREAMS, 2018).

Os *bookshelf tours* também são uma fonte de informação relacionada a formas de organização da biblioteca pessoal dos *booktubers*. É muito comum que estes, ao começo de cada vídeo, informem a seu público como seus livros são distribuídos em suas estantes. Um método curioso, mas que aparece muito especialmente na comunidade bookstagram, no *Instagram*, é a organização por cores, que dá à estante uma aparência de arco-íris. Nos vídeos 1 e 8 as *booktubers* contam que gostam dessa organização, mas sabem que ela é extremamente criticada por muitas pessoas que se manifestam através de comentários em discussões acalouradas que acabam retornando à questão da beleza versus a funcionalidade desta organização.

Como você pode ver, minhas estantes de livros são organizadas em arco-íris, então elas são organizadas por cor. Isso incomoda muito vocês. Isso não me incomoda, não me importo de não ter minhas séries juntas. Muitos de vocês perguntam como eu encontro coisas nas minhas prateleiras e a resposta é muito fácil. Eu sou uma pessoa muito visual, então lembro da cor e da aparência da capa em um livro antes de me lembrar do título ou do autor. Por essa razão, usar cor para coordenar minhas estantes de livros é a melhor maneira de organizá-las, mas se você não gosta de fazer isso, não precisa, ok? Não se ofenda. Eu sou quem tem que olhar para as minhas estantes durante todo o dia. É assim que eu gosto deles, então você faz do

---

<sup>132</sup> Livre tradução de: “I just wanted to point out that yes I know I do have duplicate copies of books. I am a book collector. I like to collect books. I like the UK editions. I like collector’s editions. I like the original editions. Some of y’all constantly come for me in the comments for having duplicate copies of books, but you really don’t have to because I’m just gonna remain unbothered”.

<sup>133</sup> Livre tradução de: “... if I don’t like a book or think that I’m not going to reread it or something of that sort it’s out. Like, I don’t keep things that I’ve read that I don’t want to keep because that’s just not how I work. Looking at things that I hate makes me sad, so once I don’t like something and I rant about it a little bit, out the door it goes”.

seu jeito, eu faço do meu e vai ficar tudo bem. Não sei porque as pessoas ficam tão ofendidas com estantes de livros coordenadas por cores, mas elas realmente ficam<sup>134</sup> (HAILEYINBOOKLAND, 2018).

É bastante curioso o fato de Ray Corrêa, do canal brasileiro *De livro em livro*, dar a mesma explicação para sua opção de manter seus livros organizados por cores:

... eu acho que vocês já perceberam, meus livros são organizados por cor, e eu sei que isso muita gente odeia, né, ataca o TOC de todo mundo aí, então sim, minhas séries estão todas separadas, está tudo separado porque eu organizo por cor. Isso não me incomoda nem um pouco porque eu tenho uma memória bastante visual, então eu vejo o livro e eu já sei qual é. Eu lembro dele pela cor, então pra mim é ótimo (DELIVROEMLIVRO, 2018).

Enquanto os nos vídeos 3 e 9 os *booktubers* revelam não possuírem qualquer tipo de método, organizando os livros de acordo com sua vontade ou com a aparência, no vídeo 2 Júlia Macial, do *Entrelinhas*, separa todos os seus livros em lidos e não lidos, e depois os organiza alfabeticamente pelo sobrenome dos autores. O método de organização dominante foi o por gênero (vídeos 4, 5, 6, 7 e 10), mas cabe ressaltar que a definição do que venha a ser gênero neste caso não é estática ou mesmo parecida entre estes canais.

Quero explicar para vocês que a organização da minha estante é feita por gêneros então lá em cima começam os livros de arquitetura, além dos livros de new adult, Young adult, aí passa para distopia, vem com distopia até um pouco mais embaixo, depois começam com as fantasias, ficção científica, e daí começam já os romances mais clássicos e depois indo para os romances mais contemporâneos, que vai englobar tudo, né? Romance atual, romance de época, chick lit, romance erótico, enfim, diversos tipos de romance incluindo de new adult também (PALAVRASRADIOATIVAS, 2018).

A busca pelo que descrevem como “esteticamente agradável” também parece uma constante, mesmo nos casos em que organização é mais rígida. É comum também que coleções específicas sejam organizadas de forma especial. Para Chartier (1999, p. 152) “no tempo das telas, o mundo da coleção tem ainda belos dias diante de si”. Através da análise destes dez vídeos de *bookshelf tour*, observando o acervo de livros deste grupo de *booktubers*, percebe-se que as práticas de coleção de livro são relevantes tanto se o ato de colecionar

---

<sup>134</sup> Livre tradução de: “As you can see my bookshelves are organized in rainbows so they are organized by color. This annoys a lot of you. It doesn’t bug me, I don’t mind not having my series together. A lot of you guys ask how I find stuff on my shelves and the answer is very easily. I’m a very visual person so I will remember the color and what the cover looks like on a book before I remember the title or the author. So for that reason color coordinating my bookshelves is the best way for me to organize them but if you don’t like doing that you don’t have to, okay? Do not be offended. I’m the one who has to stare at my bookshelves all day. This is how I like them so you do you and I’m gonna do me and it’s gonna be fine. I don’t know why people get so deeply offended by color-coordinated bookshelves, but they really do”.

livros for considerado de forma mais ampla, como a simples reunião ou acúmulo de um certo número destes objetos textuais, quanto o conceito de coleção foi mais restrito, com as obras colecionadas compartilhando temas ou elementos em comum.

O *bookshelf tour* do *Hailey in Bookland* apresenta ao todo 625 livros, dos quais 56 são cópias de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Hailey conta que não tem espaço para todos os livros que possui nas estantes que mantém em seu no quarto, e acha que tem cerca de 1000 se forem contados aqueles que estão em outros lugares, espalhados pela casa. O vídeo 10, do canal *yearbooknerdzoë*, apresenta mais de 800 títulos.

Ao apresentar sua estante com cerca de 150 livros, Julia Correa trata de primeiramente se retratar em relação ao seu primeiro *bookshelf tour*, no qual recebeu muitas críticas por ter afirmado que não possuía muitos livros. Para tanto, ela se compara a *booktubers* que possuem canais com maior número de inscritos.

Eu quis dizer que eu não tenho muito em comparação com outros *booktubers* porque, gente, vocês já viram a estante da Pam Golçalves? Vocês já viram a estante da Bruna Vieira, do Vítor do Geek Freak? Gente, eles têm umas dez estantes igual a essa. Tem livros aqui que eu ganhei com 12 anos, entendeu? Então faz muito tempo que eu estou “acumulando” esses livros. [...] mas, assim, não é igual aos outros *booktubers* maiores, assim né, que têm muitos inscritos. É só isso que eu quis dizer, tá bom? Calma, gente. Eu sei que eu tenho muitos livros” (ENTRELINHAS, 2018).

De fato, no que diz respeito a canais com maior número de inscritos, como é o caso do *Jessethereader*, a grande quantidade de livros é uma constante. Jesse George conta que os livros que mostra em seu *bookshelf tour* não são todos os livros que possui, mas apenas os que exhibe em suas prateleiras. “Eu tenho livros no meu armário, tenho livros na minha mesa de cabeceira, tenho livros na minha escrivaninha, mas vou mostrar a vocês os livros que estão na minha estante” (JESSE THEREADER, 2018a).

As coleções de livros da série *Harry Potter* e títulos relacionados estão presentes em todos os dez vídeos, com pelo menos um conjunto de sete livros presente em cada um deles. O mais comum, no entanto, foi o acúmulo de várias edições de colecionador, com capas diferentes, dentre edições em capa dura e brochura, e versões ilustradas e cópias comemorativas, e até mesmo versões de diferentes línguas.

Então eu tenho minha pequena seção de Harry Potter aqui. Há as capas originais das quais eu estou lentamente, mas seguramente, colecionando as capas duras. E aqui eu tenho as edições das casas lançadas no 20º aniversário, todas as quatro capas de capa dura e as três edições ilustradas que foram lançadas agora, e a edição ilustrada de *Animais Fantásticos e Onde Habitam*. Então aqui eu tenho as versões americanas da biblioteca de Hogwarts, porque elas são muito mais bonitas do que as canadenses /

britânicas, mas no topo eu tenho as Bestas Fantásticas no Reino Unido / Canadá, e então eu tenho o box da Scholastic<sup>135</sup> (HAILEYINBOOKLAND, 2018).

Em alguns casos, os *booktubers* colecionam diferentes capas de seus títulos preferidos, como é o caso observado no vídeo 6, do canal *A Clockwork Reader*, que além de Harry Potter coleciona livros do universo Shadowhunter, de Cassandra Clare, e múltiplas cópias do livro *Night Circus*, com edições americanas, de Halloween e britânicas organizadas em uma prateleira com itens temáticos (figura 44).

Figura 44 – Coleção de cópias do livro *Night Circus*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-qZcJSLUUF>

Em diversas ocasiões os aspectos materiais dos livros foram ressaltados, especialmente suas sobrecapas. As cópias autografadas se mostraram muito populares, e sempre que estavam presentes nas estantes, o fato de serem autografadas foi mencionado pelos *booktubers*.

Eu tenho um nicho da Leigh Bardugo porque ela é minha rainha suprema, incluindo minha cópia assinada de *Six of Crowns* e *Language of Crowns*. Bem aqui,

<sup>135</sup> Livre tradução de: “Now I have my little Harry Potter section over here. There are the original covers which I am slowly but surely collecting the hardcovers for. And over here I have the 20th anniversary house editions, all four of the hardcovers and the three illustrated editions that are out right now and the *Fantastic Beasts and Where to Find Them* illustrated edition. Then over here I have the U.S. versions of the Hogwarts library because they are much prettier than the Canadian / UK ones but on top I do have the *Fantastic Beasts* in the UK/Canadian one, and then I have the Scholastic box set”.

personalizado. Destaque da minha vida. Nada vai superar isso. Cheguei ao topo em 2016. Isso é o melhor que pode ficar<sup>136</sup> (PAPERBACKDREAMS, 2018).

A princípio os livros da maioria destes canais parecem estar em perfeito estado, praticamente novos, mas há também cópias que foram adquiridas em lojas de livros usados, e cópias que foram relidas várias vezes, como destaca Ray, do canal *De Livro em Livro* (2018), ao falar de suas edições de *Harry Potter*, “versões normais [...] que todo mundo tem, aquelas bem antigas e bem surradas, que nem vale a pena mostrar por que vou passar vergonha”, ou Britt, do *Basically Britt*, ao mostrar de sua cópia de um de seus livros favoritos.

Eu então aqui eu tenho um livro do Titanic sobre o filme, ele está caindo aos pedaços, todas as páginas estão se soltando porque eu o li tantas vezes porque eu absolutamente amo tudo o que tem a ver com o Titanic, então este livro é uma das minhas coisas favoritas na minha prateleira, na verdade<sup>137</sup> (BASICALLYBRITT, 2018).

Buscou-se, neste último subcapítulo, investigar as ocorrências mais populares dos vídeos de *unboxing*, *book haul* e *bookshelf tour* na comunidade *booktube*, de forma a analisar as relações entre leitores e seus livros através de seus relatos sobre compra e coleção de obras, sendo este o último nível de análise do que nesta tese se considera produção de sentidos. Em ambas as análises ficou evidente quase que uma onipresença do livro impresso como objeto textual atuante na produção de sentido. As percepções dos *booktubers* sobre as obras são iniciadas não necessariamente com sua leitura, mas também em um contato inicial com a capa ou sobrecapa, com os elementos do design e com tudo aquilo que pode ser atrelado à sua materialidade. A escolha e aquisição de obras também é influenciada pelos aspectos visuais das edições, e da aparência de suas lombadas nas estantes. As práticas de coleção de livros e organização das bibliotecas pessoais, apesar de seguirem critérios individuais, se inserem em um contexto mais geral da comunidade que indica práticas compartilhadas e influenciadas por elas.

---

<sup>136</sup> Livre tradução de: “I have the Leigh Bardugo cube because she is my ultimate queen including my signed copy of Six of Crows and Language of Thorns. This right here, personalized. Highlight of my life. Nothing will ever top this. I peaked in 2016. This is as good as it’s gonna get here”.

<sup>137</sup> Livre tradução de: “I then here I have a Titanic book all about the film, it’s actually falling apart, all of the pages are just loosing there because I just read it so many times because I absolutely love everything that has to do with the Titanic, so it’s just one of my favorite things on my shelf actually”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de pesquisa da presente tese foi a produção de sentidos na comunidade *booktube*, no *YouTube*, considerada a partir de duas dimensões: a dos sentidos na leitura, através das práticas compartilhadas pelos participantes, e a da relação afetiva entre leitores e a materialidade dos objetos textuais.

Não é novidade ou exclusividade do contemporâneo a relevância de elementos de sociabilidade nas práticas de leitura. No entanto, a emergência de mídias sociais na internet possibilitou pela primeira vez que milhares de leitores pudessem compartilhar suas experiências de leitura, em diferentes plataformas de conectividade, em escala global. O imenso conjunto destes relatos sem dúvida constitui mais um capítulo da longa e multifacetada história do livro, a qual pode ser narrada através do volume intimidador de conteúdos em diferentes formatos que, desde a emergência e popularização da internet, se multiplica. É natural que este cenário culmine tanto em desafios quanto em possibilidades, com uma miríade de aspectos que poderão ser estudados afim de auxiliar uma compreensão aprofundada do lugar que o livro ocupa na sociedade contemporânea e nas práticas comunicacionais do cotidiano.

Esta tese de doutorado buscou inicialmente contextualizar as principais formas de participação de leitores e seus livros em diferentes mídias sociais na internet. Em seguida foi aprofundada a análise da produção de sentidos na comunidade *booktube*, encarada especialmente a partir duas dimensões: a dos sentidos na leitura por *booktubers* e por membros da comunidade, bem como suas práticas e percepções sobre livros; e a da relação afetiva entre leitores e a materialidade dos objetos textuais.

Se nos primórdios dos blogs literários foi permitido aos leitores comuns registrarem suas experiências e opiniões sobre livros lidos, as plataformas de catalogação social possibilitaram catalogar seus acervos pessoais, quando e quais obras foram lidas, o que se pensa sobre elas, e os próximos livros que se deseja ler. Todas essas ferramentas têm sido instrumentos que, mais que registrar essas informações, permitiram compartilhá-las, tornando públicas as preferências, opiniões e práticas de leitura de milhares de pessoas. São tecnologias recentes que, nas próximas décadas, constituirão um banco de dados jamais visto sobre livros, sobre leitores e, por que não, sobre o negócio do livro e práticas editoriais.

Logo ao começo do trabalho, surgiu a necessidade de se considerar a situação contemporânea do livro, em diferentes suportes de apresentação, a partir de uma visão clara

de que a história do livro é fluida, e não uma sucessão de eventos estanques e compartimentados. O mesmo se dá ao considerar como livro não apenas o impresso, mas todos os objetos textuais que comportam sua apresentação. Uma vez traçados os principais eventos, em uma breve história que se compromete apenas com as questões mais pontuais dos primórdios do livro à sua popularização, buscou-se desenvolver uma atualização do circuito de comunicação do livro apresentado por Darnton antes do advento das mídias sociais na internet. Essa intervenção, que não reconfigura, mas complementa o circuito, inclui as formas através das quais os textos se difundem nas redes de sociabilidade na internet, e um conjunto de novos processos inaugurados por transformações advindas da revolução da tecnologia da informação. Este circuito de comunicação proposto nesta tese dá conta dos processos mais recentes de socialização dos textos, e de como os livros se difundem, considerando a produção de texto em sua natureza multifacetada, permitindo também que o circuito seja estudado em relação a outros meios de comunicação, especialmente a internet. Leva-se em conta as transformações no negócio do livro no século XXI e as relações multifacetadas entre editoras, varejistas e leitores, além dos complexos modelos de desenvolvimento de livros. O resultado é um circuito do livro que explicita novos canais de comunicação e sua complexidade, além de novos e velhos atores. A comunidade *booktube* é posicionada como um dos elementos ao centro do diagrama, junto às esperas de influência intelectual.

Com isso, o negócio do livro e recentes transformações no mercado editorial puderam ser devidamente contextualizados, de forma a permitir uma melhor interpretação dos resultados da análise de conteúdo dos vídeos dos canais de *booktube* examinados. Estes apontam, nos relatos dos jovens leitores sobre seus livros adquiridos e recebidos de corporações editoriais, novas estratégias e práticas que buscam revitalizar o livro impresso, e que o vem de fato fazendo. Foi enfatizado o conteúdo dos vídeos, investigado de forma sistemática, usando os comentários vinculados aos mesmos como corpus secundário da análise.

Inicialmente, foi realizado um levantamento e análise comparativa que mapeou algumas manifestações das materialidades do livro nas principais plataformas de conectividade da atualidade. Constatou-se que ela se dá de diferentes formas de acordo com características e expectativas de cada uma dessas mídias sociais. Foram apresentados exemplos de formatos de conteúdo sobre livros compartilhados no *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. Esta análise trouxe pistas de que, ao se falar sobre livros na internet, evoca-se constantemente os aspectos materiais do livro impresso através de imagens que apresentam edições e capas criadas para atrair a atenção do leitor.

A história do livro, a bibliografia e a sociologia dos textos foram referenciais centrais ao conjunto de objetivos buscados nas diferentes etapas de pesquisa apresentadas. Estas áreas, que dialogam e se intersectam, consideram que diferentes objetos textuais engendram diferentes experiências de leitura, sendo parte indissociável da produção de sentidos. Ou seja, a materialidade dos textos importa tanto quanto os demais elementos que entram em jogo na leitura: o leitor, o texto em si, as intenções do autor e o contexto em que todos estes se inserem. A partir desta definição, que descreve em certa medida a complexidade dos fatores envolvidos na produção de sentidos dos textos, ao longo do trabalho buscou-se questionar se e como a materialidade do livro impresso se apresenta de forma relevante em relatos de leitura e nas discussões sobre livros em diferentes mídias sociais na internet, em especial e de forma mais aprofundada, na comunidade *booktube*, no *YouTube*.

Considera-se aqui que ao se estudar livros como artefatos materiais não se pode ignorar os processos sociais de sua transmissão e agência humana. Essa visão culmina na noção, advinda da sociologia dos textos, de que o texto não envolve uma forma material específica, sendo o estudo dos textos também o estudo de mapas, de imagens, de arquivos de áudio e de vídeo, por exemplo. Portanto, ao se elaborar uma investigação das apresentações do livro em redes de sociabilidade na internet, por meio das imagens e, de forma específica nesta tese, por meio de vídeos, estuda-se, invariavelmente, textos.

Os livros são integrantes da história cultural contemporânea e estão inexoravelmente ligados ao capitalismo e ao consumo. Um dos resultados desta pesquisa aponta para formas através das quais a cultura impressa tem se adequadado à cultura visual do capitalismo pós-industrial, sendo parte da cadeia editorial. Este processo não é novo, advindo, por exemplo, da revolução de capa dura, na década de 80. No entanto, algumas questões despontam como razões para que o design da capa e os aspectos materiais dos livros tenham se tornado ainda mais relevantes para despertar o interesse do leitor: a emergência das corporações editoriais; a reestruturação do mercado de varejo; a competição entre *ecommerce* e lojas físicas; o grande volume de títulos para gerenciar nas grandes corporações, resultado de fusões; e o aumento do ciclo de vendas.

Os resultados desta pesquisa trazem à tona a questão das hierarquizações sociais, discutidas nesta tese principalmente a partir de Certeau (1999), quando este fala sobre a emancipação de práticas de leitura em relação às normas da escola, da igreja e da biblioteca. O presente trabalho, a partir de estudos sobre os livros nas mídias sociais, demonstrou que, para muitos leitores contemporâneos, os discursos de autoridade advêm de outros processos de construção de credibilidade, colocando leitores comuns como influenciadores e, mais do

que isso, como curadores da informação. A leitura não é passividade, mas atividade criadora e reapropriação. Na internet, os juízos pessoais e a atividade crítica passaram não apenas a estar ao alcance de todos, mas também a ter um potencial de disseminação rápido e eficaz que ilustra a importância do leitor nos processos de difusão de livros e de recomendação de leituras.

Uma vez que a maioria dos canais de *booktube* analisados na pesquisa são criados em língua inglesa, e inseridos neste mesmo contexto do mercado editorial, foram discutidos os principais e mais recentes eventos da história do capitalismo editorial, em especial o desenvolvimento dos formatos contemporâneos do livro *hardcover* e *paperback*.

Emerge desta pesquisa o livro impresso como objeto de desejo e coleção por um público jovem que cresceu em meio a mídias digitais. Para esta geração é de se surpreender que esse objeto milenar e simples, muito diferente das telas multitoque e aos aparatos tecnológicos que fazem parte do cotidiano, exerça sobre eles uma atração muito parecida com a que exerceu sobre bibliófilos que viveram em diferentes momentos da história do livro. Estudos sobre a figura dos *book-man*, que viveram no século XIX na Inglaterra, apontam para práticas de bibliomania que teriam sido nocivas para a literatura, uma vez que se constituíam, segundo estes estudos, em uma mera atração pela forma material dos livros, em detrimento de seu conteúdo. No escopo das pesquisas realizadas na comunidade *booktube*, uma questão similar vem à tona, o que não implica em afirmar que a forma dos livros se sobreponha a seu conteúdo. Afirma-se, nesta tese, a partir da amostra selecionada para os levantamentos qualitativos, que de fato ocorrem processos de estetização do livro enquanto objeto de desejo e coleção, com práticas de bibliofilia. Isso não significa, defende-se aqui, que tais preferências resultem na subversão de seu valor, desperdício, exagero e natureza supérflua, o que não exclui que tais questões em alguns casos transpareçam. As disputas entre forma e conteúdo, beleza e funcionalidade não são uma novidade do presente. O que se percebe em decorrência desta pesquisa é que os aspectos materiais do livro, em especial sua aparência, ganham destaque na comunidade de leitores engajados em plataformas de sociabilidade, em especial aquelas relacionadas à produção de conteúdo por usuários, como o *Instagram* e o *YouTube*. Estes aspectos materiais fazem parte da produção de sentidos na leitura, que afinal começa antes mesmo que se tenha acesso ao livro, ao vê-lo em uma prateleira ou em um vídeo.

É importante, aos estudos sobre o livro no contemporâneo, situar seus leitores no tempo e no espaço, em seu contexto particular. Neste sentido, falar sobre o negócio do livro e sua difusão necessariamente implica em pontuar algumas questões relacionadas a novos arranjos de produção e consumo inerentes ao advento das mídias digitais. São transformações

relacionadas à popularização de tecnologias da informação que influenciam tanto a produção quanto a circulação de obras, e intensificam a noção de que foram dissolvidas muitas das barreiras entre os aspectos de produção e consumo de conteúdos. Neste mesmo contexto, observa-se que táticas do cotidiano se transformam em estratégias, e vice-versa. A leitura sempre foi, no entanto, uma forma de consumo e criatividade, já que leitura envolve a apropriação dos textos pelos leitores. Observa em especial as estratégias do negócio do livro reconfigurando as táticas dos leitores, principalmente a partir da curadoria informacional, nas quais se dissolveram antigas hierarquias. As figuras de autoridade na web, principalmente para o leitor jovem, são outros leitores cuja posição de influenciadores se estabelece a partir da criação sistemática de conteúdo. Importam profundamente a seus seguidores suas experiências e interpretações, através de relatos que se transformam em formas persuasivas e influentes de difusão de conteúdo literário. Trata-se de mais um exemplo da tênue fronteira entre quem escreve e quem lê, quem produz e quem consome. Uma vez que o potencial de criar e as habilidades técnicas estão ao alcance de um grande número de leitores, estes passam a integrar o circuito de comunicação do livro gerando ao redor de si diálogo sobre as obras, ao mesmo tempo em que criam, de forma discreta e inteiramente nova a partir de conteúdo gratuito, oportunidades de negócio e de recompensa para si, encarnando em suas práticas as bases fundamentais descritas por Castells (2003) quando fala sobre a cultura da internet.

As redes digitais possibilitam aos leitores a formação de comunidades de interesse, ao mesmo tempo em que estes passam a ser atores de uma revolução silenciosa que atinge também os processos de produção, distribuição e venda de livros.

Conclui-se que a presença das corporações editoriais – em certa medida velada – nos vídeos da comunidade *booktube* são exemplos de entrelaçamentos entre táticas e estratégias de Certeau (2014). Ao mesmo tempo, os diferentes conteúdos sobre livros são varridos e indexados pelo sistema do *YouTube*, sendo organizados, destacados e omitidos, de acordo com seus próprios critérios. Tal fato demonstra como o *YouTube*, retomando aqui a classificação de Dijck (2013), é uma plataforma de conectividade. Ou seja, um sistema no qual o sentido de “social” incorpora tanto as conexões humanas quanto a conectividade automatizada. Ao considerar critérios de popularidade nos vídeos analisados nesta pesquisa, deve-se pontuar que estes critérios não são regidos somente pelos gostos dos espectadores, mas por algoritmos que reforçam as características dos conteúdos e são coadjuvantes para classificar relevância de acordo com parâmetros internos e nem sempre transparentes. Tal fato pode ser considerado uma limitação das pesquisas que utilizam esse recorte, mas é coerente com o ecossistema de distribuição de vídeos estudado.

Antes de abordar as comunidades literárias online, a pesquisa passa pelas práticas inerentes aos clubes do livro do século XX, que atingem o grande público pelo rádio ou pela televisão, principalmente em países que há muito consolidaram seu público leitor. Esses clubes são reconfigurados em diferentes plataformas na internet, que algumas vezes adaptam seu formato, e em outras criam formas alternativas de falar em grupo sobre livros.

Considera-se aqui que falar sobre livros configura-se como prática do cotidiano relacionada à produção de sentidos e, conseqüentemente, à apropriação dos textos. Como esta tese demonstra, essa prática se dá de diferentes formas e ambientes. O *YouTube* é a quarta plataforma social mais usada em todo o mundo e maior repositório de imagens em movimento. O sistema rapidamente se transformou em símbolo da forte cultura visual característica da contemporaneidade, juntamente com práticas de exibição da intimidade e de espetacularização da personalidade, às quais se misturam práticas de curadoria informacional feita por pessoas que constroem sua reputação a partir de uma comunidade de pares. Seus ganhos não se dão pela venda direta de conteúdo, mas principalmente pelo número de visualizações, publicidade, parcerias, dentre outros. Os *vlogs*, vídeos feitos por pessoas comuns, são um exemplo de conteúdo que está intimamente ligado ao rápido processo de popularização do *YouTube* desde sua criação. *Vlogging* é uma prática considerada por estudos etnográficos, como os de Lange (2007 et all) como essenciais para construção de um sentido de comunidade e engajamento no *YouTube*, especialmente através do que ela chama de vídeos de afiliação. Estes promovem experiências compartilhadas tais quais comer, beber e, no caso da presente tese de doutorado, ler livros, discutir sobre livros diante da estante, na poltrona de casa. Estes vídeos, no âmbito dos canais literários no *YouTube*, auxiliam a manutenção de conexões entre pessoas por meio de pequenas atualizações como parte de uma rotina de gravação e compartilhamento de vídeos.

No entanto, os livros e a literatura aparecem no *YouTube* de diversas formas, vinculadas ou não à comunidade *booktube*, por meio, por exemplo, de canais que trazem resumos de obras literárias voltados a estudantes e que alcançam grande popularidade. Há também os canais de editoras e de autores, que se transformam em espaços de promoção e de diálogo com leitores,

A última e mais importante etapa de pesquisa proposta nesta tese buscou extrair, dos diferentes tipos de conteúdo presentes no *booktube*, os relatos das motivações dos leitores ao participarem de forma ativa na comunidade, bem como suas percepções e práticas de leitura, aquisição e coleção de livros. É a partir desta análise tripartite que se analisa a produção de sentidos no *booktube*.

Diante desta proposta, optou-se pela análise de conteúdo, já que a investigação esteve a todo tempo focada naquilo que é transmitido através destes vídeos. Para tanto, foi necessário desenvolver uma categorização de tipos fundamentais de vídeos e seus modos de fazer que resultaram em uma tipologia do *booktube* que elencou e examinou os conteúdos mais frequentes. A análise de conteúdo, neste caso, trabalhou quantitativamente com dados coletados de 2.379 vídeos, que constituem todos os vídeos de seis dos canais mais populares do *booktube* em língua inglesa. Através de um webcrawler foram capturados os títulos e todas as palavras-chave atribuídas a estes conteúdos. Foram identificadas, a partir dessa massa de dados, 200 etiquetas mais frequentes, as quais resultaram em uma tipologia com 21 categorias de vídeo, examinados qualitativamente. Destaca-se aqui os principais: no *book haul* são apresentados periodicamente livros recentemente adquiridos, ou recebidos de inscritos ou editoras; os vídeos de *review*, *book talk* ou *book discussion* falam especificamente sobre uma obra lida, e o que se pensa sobre ela; a *TAG* é um tipo de vídeo muito recorrente, constituído pelas respostas a diferentes conjuntos de perguntas previamente formuladas por outro *booktuber* e respondidas em forma de vídeo por outros; *TBR* vem de *to be read*, com *booktubers* apresentando a lista de livros que desejam ler em determinado período; no *wrap-up* são revisitadas e comentadas as últimas obras lidas; o *bookshelf tour* consiste em uma visita guiada às prateleiras dos *booktuber*, com cada obra sendo mostrada e, em alguns casos, comentada; *booktube-a-thon* é um tipo de vídeo vinculado a maratonas literárias, algumas delas temáticas, propostas por *booktubers* com a adesão de outros membros da comunidade; e, por fim, os *unboxings* são vídeos nos quais são desembalados livros adquiridos em sites de *ecommerce* ou recebidos de editoras ou inscritos no canal.

A pesquisa revelou a preponderância notável da literatura para jovens adultos, e a recorrência de séries de livros tais quais *Harry Potter*, *Instrumentos Mortais* e *Hunger Games*, extremamente populares entre os que produzem e os que assistem a vídeos da comunidade *booktube*. O conteúdo sobre estes livros muitas vezes é relacionado a suas adaptações para cinema e televisão, que se apresenta como outra tendência refletida pelo *booktube*.

Há outras práticas fora da tipologia, que não seguem formatos padronizados, como vídeos que não se encaixam em categorias mais gerais, mas que tratam de conteúdos específicos, discutindo diferente temas literários, como as práticas de leitura, preferências, hábitos de anotação de livros, dentre outros. Portanto, destaca-se que esta categorização dá conta dos conteúdos mais recorrentes e populares dos canais mais influentes na comunidade, e que naturalmente conseguem, devido a seu alcance, criar tendências e padrões gerais.

No entanto, a comunidade *booktube* de forma alguma se restringe a essas práticas ou ao público jovem. Da mesma forma, há outras maneiras de gravar vídeos que têm sido exploradas. Para investigar também a diversidade destes conteúdos e formas inesperadas através das quais o *booktube* se insere nas realidades locais dos leitores e do circuito do livro, fez-se uma pesquisa focada nos vídeos do tipo *bookshop crawl*, identificados em etapas exploratórias anteriores. Nestes vídeos, os *booktubers* saem de seu rotineiro ambiente de gravação e vão para os espaços públicos oferecer a seus inscritos um roteiro de visitação a livrarias, compartilhando suas impressões, experiências e também suas aquisições em um dia inteiro de passeio por um conjunto de lojas de livros que consideram interessantes. Esse roteiro compartilhado é posteriormente editado e publicado, servindo de guia e inspiração para outros leitores interessados em conhecer estes espaços e buscar experiências de leitura que também estão envolvidas no ato de adquirir livros e de percorrer o circuito livreiro de diferentes cidades. Considera-se aqui que este tipo de conteúdo foge da impessoalidade muitas vezes relacionadas aos vídeos de *book haul*, especialmente quando estes se transformam em relatos de livros “recebidos” de editoras.

Os *bookshop crawls* trazem ao *booktube* referências espaciais, e uma demarcação exploratória dos lugares que muitos, em tempos de varejo online, questionam a existência. Ao visitarem e mostrarem essas lojas de livros, os *booktubers* permitem aos seus seguidores compartilharem dessa experiência, retomando a relevância das cidades como lugar de vida cultural.

Estuda-se, neste contexto, o que tem sido considerado por alguns como uma espécie de renascimento do livro físico, especialmente para o público jovem, acompanhado pela reconfiguração de livrarias físicas como ambiente acolhedor que, além de vender livros, permitem aos leitores vivenciar experiências e descobertas relacionadas principalmente ao olhar, na medida em que estas lojas físicas destacam o livro como objeto de desejo e coleção. Essa é uma discussão que flerta com a geografia da comunicação e também com a questão da materialidade. Ela emergiu diante da descoberta deste tipo de conteúdo, que passou a fazer parte da análise proposta nesta tese por caracterizar a diversidade de conteúdos e implicações relacionadas ao *booktube*. As repercussões encontradas nos comentários destes vídeos reforçam sua relevância no contexto da comunidade e o fato de que o *booktube* não faz apenas a curadoria de livros, mas de tudo que se apresenta como potencialmente literário.

Em seguida investigou-se as *Tags*, e como estas criam um repositório de perguntas e respostas replicadas milhares de vezes por diferentes leitores, criando um acervo de relatos de experiências de leitura jamais visto. Quem lê o que, onde, como, por que motivo. Centenas de



questões, das mais amplas às mais particulares, são compartilhadas entre leitores de diferentes partes do mundo. O que se buscou especificamente com o estudo da *Booktube Newbie Tag* foi identificar motivações para participação na comunidade, conforme foram relatadas por um grupo de iniciantes.

As *Booktube Newbie Tags* estudadas evidenciaram como alguns desafios são compartilhados por aqueles que gravam vídeos, como o gerenciamento do tempo e as dificuldades com questões técnicas. Muitos dos vídeos estudados revelaram que a criação do canal literário adveio do desejo de ter com quem falar sobre livros, enxergando no *booktube* uma possibilidade de diálogo. Revelou também que esta *tag* faz parte, na comunidade em língua inglesa, de um ritual de iniciação e inserção na comunidade, criando um espaço no qual o *booktuber* novato se apresenta e recebe as boas vindas de outros membros, muitos deles também iniciantes. No entanto, dentre os vinte canais analisados, apenas a metade permaneceu ativa um ano depois da publicação da *tag*, o que indica que muitos dos que buscam participar de forma mais ativa na comunidade, criando seu próprio canal e vídeos, desistem.

A etapa de pesquisa seguinte tentou dar conta da produção de sentidos na leitura, através de uma discussão teórica que visou justificar a premissa de que a polissemia do sentido está relacionada a todo texto, especialmente o literário. Argumentou-se sobre a impossibilidade de um sentido único a qualquer obra. Buscou-se, através de dois estudos de caso, investigar as apropriações de textos por seus leitores, mais especificamente com a análise de resenhas, ou *reviews*, feitas por canais em língua inglesa e brasileiros sobre duas obras literárias: *O Grande Gatsby* e *Orgulho e Preconceito*. Considerou-se tanto o conteúdo dos vídeos quanto as interações registradas por meio dos comentários. A pesquisa demonstrou os modos como os *booktubers* falam sobre livros e, conseqüentemente, se apropriam de seu conteúdo em seus vídeos. Argumentou-se que os processos de produção de sentidos ocorrem antes, durante e após a leitura. Os vídeos relatam a busca pessoal, pelo leitor, do sentido, mas ao mesmo tempo ilustram como esse sentido é apresentado de forma diferente por cada indivíduo. Ele se transforma na gravação do vídeo e depois, nas trocas de comentários. A produção de sentidos, portanto, não é estanque, mas marcada pela fuga e pela indeterminação de um sentido que jamais é único. Ela é influenciada pela obra em si, mas também por tudo aquilo que a cerca, pelo leitor, pelos aspectos materiais do livro, que vez ou outra são mencionados pelos *booktubers* ao falarem das edições através das quais os textos foram lidos, especialmente as capas.

Enfim, aprofunda-se então a questão da materialidade através de análises detalhadas de um conjunto de vídeos de *unboxing*, *book haul* e *bookshelf tour* que se destacam por sua popularidade e estão entre os vídeos mais acessados, solicitados e comentados pela comunidade.

Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que o interesse do público leitor nos livros impressos – especialmente o público jovem que participa do *booktube* –, gira em torno dos temas e conteúdo das obras, mas não deixa de lado a materialidade dos objetos textuais: a beleza das capas, sua textura, cores e materiais. Através dos relatos registrados em vídeos, pôde-se notar como estes leitores colecionam livros e organizam suas coleções, e como sua relação com estes objetos textuais é de natureza afetiva, fazendo parte da produção de sentidos.

Considera-se aqui que o suporte afeta os usos, interpretações e sentidos. Essa pesquisa pôde revelar como a comunidade *booktube* cria, registra e replica práticas de leitura, além de perpetuar a cultura do livro impresso entre o público jovem. Com base em diferentes etapas de pesquisa, ao longo do trabalho detalhadas, não seria exagero dizer que, quando leitores vão à internet para falar sobre livros, eles estão se referindo, na maior parte das vezes, à materialidade do impresso: nos relatos dos leitores que se transformaram em produtores de conteúdo a tradicional e milenar cópia física é o objeto textual que aparece de forma predominante.

Os vídeos de *unboxing*, que há muito são populares no *YouTube* em diversos segmentos de vídeo, possivelmente por agenciarem a curiosidade de quem assiste em relação ao que há dentro das caixas, no caso do *booktube* trazem os itens comprados pelos *booktubers* mas também caixas enviadas por editoras, e, principalmente, as caixas literárias, com serviços de assinatura que incluem o envio mensal de livros e de produtos temáticos. No exame dos vídeos de *book haul* vieram à tona discussões relacionadas ao hábito de comprar grandes quantidades de livro, ao mesmo tempo em que se percebeu o grande volume de obras enviadas por editoras a canais que conquistam mais inscritos e se estabeleceram como influenciadores. Enquanto alguns se propõem a fazer uma seleção ou curadoria do que recebem, outros apresentam todos os livros, atuando como divulgadores. Chamam a atenção as aquisições por impulso, as aquisições motivadas por informações acessadas por meio de outros canais literários, e a influência da beleza das edições dentre as motivações para aquisição de livros.

Nos vídeos de *bookshelf tour* as bibliotecas pessoais dos leitores são mostradas como uma espécie de vitrine dos gostos de seus donos, num relato pessoal que muitas vezes

descreve as relações afetivas dos *booktubers* com seus livros. Este “reino privado”, como diria Alberto Manguel, evidencia o gosto dos leitores pelas cópias físicas e, em muitos casos, uma preocupação com a organização das obras, e com o uso da estante e das coleções como item de decoração do qual estes se orgulham e, portanto, exibem publicamente. Fazem parte dos acervos não apenas livros, em geral novos ou preservados em boa condição, mas também objetos temáticos e memorabilia que contam, juntamente com os livros, um pouco da história de cada leitor.

Assim, demonstrou-se, nesta tese, como o conteúdo compartilhado pela comunidade *booktube* evidencia o interesse de diferentes perfis de leitores, em especial do público jovem, tanto em falar sobre livros quanto em mostrá-los. A partir da descoberta da existência de canais de leitores no *YouTube*, algumas pessoas decidem participar não apenas assistindo ou comentando vídeos, mas também os gravando e compartilhando, com a criação de seus próprios canais. Nos relatos dos vídeos de *Booktube Newbie Tag* sobressai-se o desejo se trocar experiências de leitura, de contribuir para a discussão sobre livros lidos, e uma certa ausência de pessoas com as quais se possa conversar sobre livros fora das redes sociais na internet. Este diálogo se dá de diferentes formas. Enquanto alguns leitores apenas assistem e ocasionalmente comentam vídeos, podendo estabelecer nestes comentários um diálogo com o autor do vídeo ou com outros leitores que o acompanham, outros decidem participar da comunidade de forma mais atuante, com seus próprios canais. Pode-se dizer que a criação de um canal de *booktube* está relacionada a um certo desprendimento dos leitores em se mostrarem na comunidade, e em sua capacidade de administrarem o tempo, as dificuldades técnicas e sua própria exposição online. Ao se depararem com estes fatores principais, muitos desistem. Praticamente metade dos canais iniciantes que compuseram o corpus da pesquisa dos vídeos de *BookTube Newbie Tag* estavam abandonados um ano após a publicação deste vídeo introdutório.

Se a princípio foi possível estabelecer – através de uma análise quantitativa com todos os vídeos de um grupo de canais mais populares da comunidade em língua inglesa – uma tipologia do *booktube* que descreve através de seus modos de fazer os tipos de conteúdo mais populares, com o aprofundamento das investigações realizadas exceções inesperadas foram emergindo, como detalhou-se na descrição dos *bookshop crawls*. Estas exceções evidenciam a dificuldade de se abordar todas as práticas de leitores na internet, já que ao mesmo tempo que há tipos de vídeos mais comuns, há conteúdos diversos que seguem como norma apenas a criatividade de *booktuber*.

Ainda que o conteúdo relacionado à literatura para jovens adultos se sobressaia sempre que se busque analisar os vídeos da comunidade que estejam entre os mais populares, no *booktube* é possível encontrar relatos de leitores sobre práticas de leitura de livros relacionadas a diversos gêneros.

Percebeu-se, por meio dos vídeos analisados, um comportamento colecionista muito marcado pela materialidade e aspectos estéticos dos livros, o que conduziu à conclusão de que, no âmbito da pesquisa realizada, as práticas de leituras compartilhadas nos canais de *booktube* estudados são influenciadas pelo desejo de possuir e exibir os livros impressos como item de coleção.

A presença das editoras nos canais mais populares é muito destacada, com vídeos nos quais os *booktubers* mais influentes abrem caixas de livros recebidos ou adquiridos, ou mostram suas últimas aquisições e, até mesmo, sua coleção completa, estando estes vídeos entre mais assistidos pela comunidade.

Por fim, ao buscar responder como os canais literários no *YouTube* comunicam modos de leitura e afetos para com o livro, espera-se que esta tese tenha demonstrado satisfatoriamente, através de seus resultados, como a produção de sentidos e as práticas de coleção de livros no contemporâneo, em especial na comunidade *booktube*, são ainda muito marcadas pela materialidade do códice, bem como por seus aspectos sociais, culturais e – não menos importante – estéticos. Em tempos de grande profusão de conteúdos digitais, cujo exemplo são os próprios vídeos analisados, foi interessante notar, através do *booktube*, o registro dos afetos de jovens leitores para com seus livros impressos. Investigações futuras poderão aprofundar os apontamentos aqui destacados, bem como novas práticas desta comunidade, sua relação com suas coleções e com o negócio do livro.

## REFERÊNCIAS

- ABEBOOKS. *Company information*. Disponível em: <<https://www.abebooks.com/books/CompanyInformation/index.shtml>>. Acesso em 19 dez 2017.
- ABOOKUTOPIA. *HUGE Book Haul (40+ books!!)*. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=whu1Y-up2AY>>. Acesso em 10 jun 2018.
- \_\_\_\_\_. *MY BIGGEST BOOK HAUL EVER*. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pAvc24fRpvs>>. Acesso em 10 jun 2018.
- ABSTRAÇÃO COLETIVA. *Resenha - Orgulho e Preconceito*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iEpbTvBKvh0>>. Acesso em 2 mar 2018.
- ACLOCKWORKREADER. *BOOKSHELF TOUR / 2018*. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-qZcJSLUufE>>. Acesso em: 28 jun 2018.
- ADAMS, T. R.; BARKER, N. A New Model for the Study of the Book. BAKER, N. (org). *A Potencie of Life: Books in Society*. London: British Library, 1993. p. 5-43.
- ALLABOUTTHATBOOK. EU LI: O GRANDE GATSBY - F. Scott Fitzgerald | All About That Book. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ruHraUgpErs>>. Acesso em 22 fev 2018.
- BARBIER, F. *História do Livro*. São Paulo: Paulistana, 2008.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARTHES, R. A Morte do Autor. In: \_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BASICALLYBRITT. *BOOKSHELF TOUR / 2018 / Basically Britt*. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-pntn0ok-f8>>. Acesso em: 28 jun 2018.
- BASU, T. *Why Are We Obsessed with 'Unboxing' Videos?* Mental Floss, 2015. Disponível em: <<http://mentalfloss.com/article/72336/why-are-we-obsessed-unboxing-videos>>. Acesso em 27 mai 2018.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. IN: BAUER, M. W & GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. Vozes, 2008. pp. 39-63.
- \_\_\_\_\_.; GASKELL, G. (orgs.). *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. Vozes, 2000. pp. 39-63.

BAZPIERCE. *Book Review / Pride and Prejudice by Jane Austen*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=INyQuF647QA>>. Acesso em 2 mar 2018.

BENJAMIN, W. Rua de Mão Única. In: *Obras escolhidas*. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J. C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2010. v. 2.

BISSET, A. *My Favourite Bookshops in London!* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hFiLZsSeE98>>. Acesso em 12 dez 2017.

BOOKRIOT.COM. 2016. *About Book Riot*. Disponível em: [www.bookriot.com/about](http://www.bookriot.com/about). Acesso em: 15/06/2016.

BOOKROAST. *Geek Gear Wizardry (Harry Potter) Unboxing*. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kQITTYV-iHY>>. Acesso em 2 jun 2018.

BOOKSANDQUILLS, 2014. *Book Review / The Great Gatsby by F. Scott Fitzgerald*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=34NVSo04y88>>. Acesso em 22 fev 2018.

BOOKSWITHEMILYFOX, 2017. *Worst Books of 2017 & Unpopular Book Opinions*. Disponível em: <[https://www.YouTube.com/watch?v=gY469b1\\_nnY](https://www.YouTube.com/watch?v=gY469b1_nnY)>. Acesso em 10 fev 2018.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. *Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship*. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 2007, 13: 210–230. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>>. Acesso em 3 mai 2010.

\_\_\_\_\_. Sociality through social network sites. IN: DUTTON, William H. (org). *The Oxford handbook of internet studies*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 151 - 172.

BOWERS, F. T. The Function of Bibliography. In: *Library Trends*, 7:749-510, April 1959. Disponível em: <[https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/5844/librarytrendsv7i4c\\_opt.pdf?sequence=4](https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/5844/librarytrendsv7i4c_opt.pdf?sequence=4)> Acesso em: 6 set 2016.

BRENDA C. 2014. *The BookTube Newbie Tag*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_ZMdn-2aTSU](https://www.youtube.com/watch?v=_ZMdn-2aTSU)>. Acesso em 3 jan 2017.

BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BRINGHURST, R. Introdução. In: TSCHICHOLD, J. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

BURGESS, J.; GREEN, J. The Entrepreneurial Vlogger: Participatory Culture Beyond the Professional-Amateur Divide. In: SNICKARS, Pelle; VONDERAU, Patrick. *The YouTube Reader*. Sweden: Mediehistoriskt, 2009a. p. 89-105.

BURGESS, J.; GREEN, J. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009b.

CARLYLEWIS, 2016. *The Great Gatsby Book Review!* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RqbF8VF9wzk>>. Acesso em 3 mar 2018.

CARTER, J.; BAKER, N. *ABC for book collectors*. 8. ed. The British Library: London, 2006.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Do códice ao monitor: a trajetória do escrito*. IN: Estudos Avançados 8(21), 1994.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 5. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

\_\_\_\_\_. *Textos, impressos, leituras*. In: CHARTIER, Roger. *A História cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 121-138.

CHICLETEVIOLETA. 2015. *MUITOS LIVROS NOVOS!*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfahwby8zUg>>. Acesso em 11 jun 2018.

COCOZZA, P. *How eBooks lost their shine: 'Kindles now look clunky and unhip'*. 27 abr 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/apr/27/how-ebooks-lost-their-shine-kindles-look-clunky-unhip>>. Acesso em 20 mai 2017.

CORRÊA, E. S.; BERTOCCHI, D. *O algoritmo curador: o papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação*. In: XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2852/Elizabeth%20Saad%20Corr%C3%AAa.pdf?sequence=1>>. Acesso em 22 dez 2017.

CRAIG, D.; CUNNINGHAM, Stuart. *Toy unboxing: living in a(n unregulated) material world*. Media International Australia 2017, Vol. 163(1) 77–86. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1329878X17693700>>. Acesso em 20 mai 2018.

DARNTON, R. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

\_\_\_\_\_. O que é a história do livro. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan-jun. 2008. p. 155-169.

DAUNT, J. *The Future of Bookshops*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=fMkWRUUaF\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=fMkWRUUaF_4)> . Acesso em 22 Mai 2017.

DEANGORANITES, 2011. *F. Scott Fitzgerald -- The Great Gatsby: Book Review*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2E0TtuxMfVk> >. Acesso em 1 mar 2018.

DELIVROEMLIVRO. *BOOKSHELF TOUR 2018 | De livro em livro*. 2018. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=vMe7jYilZ7s>>. Acesso em: 28 jun 2018.

DIBDIN, T. F.; HEBER, R. *The bibliomania or, Book madness: containing some account of the history, symptoms, and cure of this fatal disease, in a letter addressed to Richard Heber*. Longman, Hurst, Rees & Orme, London, 1809. Acesso em 6 mai 2016. Disponível em: <<https://play.google.com/store/books/details?id=y2Q9AAAAcAAJ&rdid=book-y2Q9AAAAcAAJ&rdot=1>>.

DIJCK, J. van. *The Culture of Connectivity: A Critical History of Social Media*. Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. *The Network Society: social aspects of new media*. London: SAGE Publications, 2006.

DREW, N.; STERNBERGER, P. *Buy its cover*. New York: Princenton Architectural Press, 2005.

DUNN, H. *London Bookshop Craw/Haul ft Elli, Jean and Jen*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b7MoQZUpK0o>>. Acesso em 12 dez 2017.

ECO, U. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

\_\_\_\_\_. *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

EISENSTEIN, E. *The printing press as an agent of change*. New York: Cambridge University Press, 1979.



ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. V. 1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

ENTRELINHAS. *BOOKSHELF TOUR 2018 | Todos os livros da minha estante!* 2018. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=jBNEvm9vzug>>. Acesso em: 28 jun 2018.

ERMAHGERDBERKS. *BOOKSHELF TOUR | 2018*. 2018. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=-58aluH5KJY> >. Acesso em: 28 jun 2018.

FEBVRE, L; MARTIN, H. *The coming of the book: the impact of printing 1450-180*. Trad. David Gerard. London: NBL, 1976.

FERRIS, I. Book Fancy: bibliomania and the literary world. *Keats-Shelley Journal*. Vol. 58 (2009), pp. 33-52. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25735166>. Acesso em: 20 jun 2016.

FINKELSTEIN, D.; MCCLEERY, A. *An introduction to book history*. New York: Routledge, 2005.

FORBES, 2017. *The Worlds Highest Paid YouTuber Stars 2017*. Disponível em: < <https://www.forbes.com/sites/maddieberg/2017/12/07/the-highest-paid-YouTube-stars-2017-gamer-dantdm-takes-the-crown-with-16-5-million/#235302631397>>. Acesso em: 8 fev 2018.

FUJITA, M. *The Spatial Economy: cities, regions, and international trade*. Cambridge: MIT Press, 1999.

FULLER, D.; SEDO, D. R.; SQUIRES, C. (et al.) Marionettes and Puppeteers? The Relationship between Book Club Readers and Publishers. In: SEDO, DeNel Rehberg (org.). *Reading Communities from Salons to Cyberspace*. New York: Palgrave Macmillan, 2011b. (p.181-199).

GENZLINGER, N. *Homies in Verona, Gangstas in Elsinore: Thug-Notes and Other Sites Translate Literature Into Rap*. The New York Times, 2014. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2014/01/25/arts/thug-notes-and-other-sites-translate-literature-into-rap.html>>. Acesso em 14 mar 2017.

GLOBALEDITORA.COM.BR. *Política de parceria entre a Global Editora e Blogueiros*. Disponível em: <<http://gloaleditora.com.br/seja-global/blogueiros/>>. Acesso em 1 ago 2018.

GONÇALVES, M. S. Materialidade, meio de comunicação, culturas e agentes humanos. *Anais do XXIII Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. 2014. Disponível em: <[http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT03\\_COMUNICACAO\\_E\\_CULTURA/compos2014-materialidademeiosdecomunicacaoculturaseagenteshumanos\\_2154.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT03_COMUNICACAO_E_CULTURA/compos2014-materialidademeiosdecomunicacaoculturaseagenteshumanos_2154.pdf)>. Acesso em: 12 mai 2015.

GONÇALVES, M. S. Os meios, seus usos, sua materialidade: a comunicação e sua epistemologia. In: *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 2010. p. 163-172.

\_\_\_\_\_.; MONTEIRO, J. A.; ROCHA, R. L. S. da. Produção de sentido no consumo de textos e sua historicidade. *Mídia e cotidiano*, Brasil, v.1, n.1, ano, pp.24-43, jan/abr 2013. Disponível em: <<http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/view/13/21>> Acesso em: 15 mai 14.

\_\_\_\_\_.; BARBOSA, R. de O.; SILVA, R. P. A. Mapeando sentidos: texto, materialidade e leitura. GRUSZYNSKI, A. C.; MARTINS, B. G.; GONÇALVES, M. S. (orgs.). *Edição: agentes e objetos*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018. p. 99-126.

GOODREADS. *About Goodreads*. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/about/us>>. Acesso em 19 dez 2017.

\_\_\_\_\_. *Best Books Ever*. Disponível em: <[https://www.goodreads.com/list/show/1.Best\\_Books\\_Ever](https://www.goodreads.com/list/show/1.Best_Books_Ever)>. Acesso em 2 mar 2018.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. CHARTIER, R (org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 5. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

GREENSPAN, E.; ROSE, J. Introduction. *Book History*. V. I: ix - xi. 1998. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/3572>> Acesso em: 1 set 2015.

GREG, W. W.; “What Is Bibliography?”. *The Library*, 1913. p. 39-53. Disponível em: <<http://library.oxfordjournals.org/content/TBS-12/1/39>>. Acesso em: 8 set 2015.

GUMBRECHT, H. U. *O campo não hermenêutico ou a materialidade*. *Teresa revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, 2010, p. 386-407.

\_\_\_\_\_. *Production of Presence: what meaning cannot convey*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. 3. Ed. São Paulo: UNESP, 2012.

HARPER, H. H. *Book-Lovers, Bibliomaniacs and Book Clubs*. 1904. Disponível em: <<https://archive.org/details/bookloversbiblio00harpiala>>. Acesso em: 20 jan 2016.

HARTLEY, J. *Reading Groups*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HASLAN, A. *O livro e o designer II – Como criar e produzir livros*. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

HAILEYINBOOKLAND. *BOOKSHELF TOUR / 2018 (600+ books!!!)*. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rJSQIG0A0iQ>>. Acesso em: 28 jun 2018.

HENDEL, R. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

HOF, R. D. 'Unboxing' Videos a Gift to Marketers. 2015. Disponível em <[https://www.nytimes.com/2015/12/07/business/media/unboxing-videos-a-gift-to-marketers.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2015/12/07/business/media/unboxing-videos-a-gift-to-marketers.html?_r=0)>. Acesso em 28 mai 2018.

HONG, J. *China's Online Reading Craze Is So Big It's Challenging Amazon's Kindle*. Forbes, 2017. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/jinshanhong/2017/07/17/chinas-online-reading-craze-is-so-big-its-challenging-amazons-kindle/#5f64b67e4a8c>>. Acesso em 13 dez 2017.

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INTRÍNSECA.COM.BR. *Inscrições abertas para parceiros da Intrínseca*. 2016. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/04/inscricoes-para-parceiros-da-intrinseca-serao-abertas-em-2504/>>. Acesso em 1 AGO 2018.

JEFFRIES, L. *The Revolution Will Be Soooo Cute: YouTube "Hauls" and the Voice of Young Female Consumers*. Studies in Popular Culture Vol. 33, No. 2 (Spring 2011), pp. 59-75 Disponível em:<<http://www.jstor.org/stable/23416384>>. Acesso em 28 mai 2018.

JESSE THEREADER. *BOOKSHELF TOUR*. 2018a. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=e0e6dvzCQyo>>. Acesso em: 28 jun 2018.

\_\_\_\_\_. *Explosive Book Unboxing*. 2018b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E1wBkl060wQ>>. Acesso em 2 Jun 2018.

JOHNS, A. *The nature of the book: print and knowledge in the making*. USA: The University of Chicago Press, 1998.

JOUTJOUTPRAZER. 2018. *Uma opção para piscinanas (para outros signos tbm)*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IIXoiLK1MZk>>. Acesso em 12 jul 2018.

KARHAWI, I. *Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão*. São Paulo: Revista Comunicare. V. 17. Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero, 2017.

\_\_\_\_\_. *Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria*. SAAD, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie C. da. Tendências em comunicação digital. São Paulo: ECA/USP, 2016. pp. 38-58.

KATESBOOKDATE. *Summer Book Haul and Unboxing*. 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=uc\\_vriqV52M](https://www.youtube.com/watch?v=uc_vriqV52M)>. Acesso em 12 jun 2018.

KATYTASTIC. *UNEXPECTED UNBOXING BOOK HAUL*. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zFGBe0b8tbc>>. Acesso em 10 jun 2018.

KELLY, H. *The bizarre, lucrative world of 'unboxing' videos*. 2014. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2014/02/13/tech/web/youtube-unboxing-videos/index.html>>. Acesso em 10 mai 2018.

KIERNAN, A. The Growth of Reading Groups as a Feminine Leisure Pursuit: Cultural Democracy or Dumbing Down? In: SEDO, DeNel Rehberg (org.). *Reading Communities from Salons to Cyberspace*. New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 123-139.

KING, R. S. Letters from the highlands: scribal publication and media shift in victorian Scotland. *Book History*, V. 17, 2014.

LANGE, P. G. Publicly private and privately public: social networking on *YouTube*. *Journal of Computer-Mediated Communication* 1, 361-80. 2007.

\_\_\_\_\_. (Mis)conceptions about *YouTube*. In: LOVINK, Geert; NIEDERER, Sabine (org.). *The Video Vortex Reader: responses to YouTube*. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2008. 87-100.

\_\_\_\_\_. Videos of Affinity on *YouTube*. In: SNICKARS, Pelle; VONDERAU, Patrick. *The YouTube Reader*. Sweden: Mediehistoriskt, 2009. p.70-88.

LERANTESDEMORRER. 2016. *O GRANDE GATSBY, F. SCOTT FITZGERALD (#70)*. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=DP\\_fGdgTBD0](https://www.youtube.com/watch?v=DP_fGdgTBD0)>. Acesso em 22 fev 2018.

\_\_\_\_\_. *ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN (#27)*. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2bKt-NJsZ3Q>>. Acesso em 2 Mar 2018.

LINDEN, S. V. der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. IN: BAUER, Martin W & GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. Vozes, 2008. pp. 137-155.

LUCYTHEREADER. *Pride and Prejudice by Jane Austen | Review*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RMoS9JslYUg> >. Acesso em 2 mar 2018.

LYONS, Martyn. New readers in the nineteenth century: women, children, workers. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *A history of reading in the West*. Boston: University of Massachussets Press, 1999.

MANGUEL, A. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANOVICH, L. The practice of everyday (media) life: from mass consumption to mass cultural production? *Critical Inquiry* 35(2). Winter 2009. pp. 319-331. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/10.1086/596645>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MASSEY, D. *Pelo espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MCCLEERY, A. The Return of the Publisher to Book History: The Case of Allen Lane. *Book History*. v.5. 2002. pp. 161-185.

MCKENZIE, D. F. *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: University Press, 1999.

ME, SIMONE AND I. *Chocolate and Book Unboxing*. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z9mKkt-8nik>>. Acesso em 2 jun 2018.

MEIRELES, M. *Companhia das Letras compra controle da Objetiva da Penguin Random House*. 01/04/2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/companhia-das-letras-compra-controle-da-objetiva-da-penguin-random-house-15752719>>. Acesso em: 10 jan 2017.

MILLIOT, J. *As E-book Sales Decline, Digital Fatigue Grows*. Publishers Weekly, 2016. disponível em: <<https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/digital/retailing/article/70696-as-e-book-sales-decline-digital-fatigue-grows.html>> Acesso em 13 dez 2017.

MOLLIER, J. A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 25, n. 42, p.521-537. Jul-dez, 2009.

MUI, Y. Q.; TSUKAYAMA, H. *Justice Department sues Apple, publishers over e-book prices*. 2012. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/business/technology/justice-department-files-suit-against-apple-publishers-report-says/2012/04/11/gIQAzYXSAT\\_story.html?utm\\_term=.f44345e0b4c7](https://www.washingtonpost.com/business/technology/justice-department-files-suit-against-apple-publishers-report-says/2012/04/11/gIQAzYXSAT_story.html?utm_term=.f44345e0b4c7)>. Acesso em 27 mar 2018.

MYNAMEISMARINES. 2016. *Why is booktube so white?* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q5h4we6Pq5E&t=430s>>. Acesso em 8 ago 2018.

OBJETIVA. *Penguin Random House Brasil adquire Editora Objetiva*. 2014. Disponível em: <[http://www.objetiva.com.br/noticia\\_detalhe.php?id=256](http://www.objetiva.com.br/noticia_detalhe.php?id=256)> Acesso em 10 jan 2017.

OLIVIAMARIE. *Pride and Prejudice // book review*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HIJo4qdCbXA>>. Acesso em 2 mar 2018.

OXFORD DICTIONARIES, 2018. *Unboxing*. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/unboxing>>. Acesso em 28 mai 2018.

PALAVRASRADIOATIVAS. *BOOKSHELF TOUR // Tour Pela Minha Estante!* 2018. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=1\\_MthpTAbXM](https://www.youtube.com/watch?v=1_MthpTAbXM)>. Acesso em: 28 jun 2018.

PAMGONÇALVES. 2015a. *LIVROS NOVOS | Book Haul Julho 2015*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KTLqBCDDgvyk>>. Acesso em 11 jun 2018.

PAMGONÇALVES. 2015b. *LIVROS NOVOS de Setembro e Outubro 2015 / Book Haul*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ideF23fIDZI>>. Acesso em 11 jun 2018.

\_\_\_\_\_. 2016. *Pilha de livros / Book haul*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AWJLltXcRZo>>. Acesso em 20 jun 2018.

PAPERBACKDREAMS. *THE BOOKSHELF TOUR*. 2018. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=d5Z3MznG4pY> >. Acesso em: 28 jun 2018.

PAWLEY, C. Seeking "Significance": Actual Readers, Specific Reading Communities. *Book History*. v. 5. 2002. pp. 143-160.

PEARSON, J. *Women's Reading in Britain 1750-1835*. Cambridge: Cambridge UP, 1999.

PEPLOW, D. *Talk About Books: A Study of Reading Groups*. Bloomsbury Academic, 2016. Disponível em: <<http://shura.shu.ac.uk/12712/>> Acesso em 20 mar 2017.

PETROSKI, H. *The Book on the Bookshelf*. New York: Alfred A. Knopf, 1999.

PEWDIEPIE, 2018. *Book Review*. Disponível em: < [https://www.YouTube.com/watch?v=oZ\\_qiYc133U](https://www.YouTube.com/watch?v=oZ_qiYc133U)>. Acesso em 10 fev 2018.

PEWINTERNET. *Social Media Update 2016*. Disponível em: < <http://www.pewinternet.org/2016/11/11/social-media-update-2016/>>. Acesso em 20 dez 2017.

POLANDBANANASBOOKS. *CHRISTINE'S BOOKLICIOUS*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PmPXVe5B0UQ>>. Acesso em 10 jun 2018.

POWERS, A. *Era uma vez uma capa*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PRESTON, A. *How real books have trumpeted ebooks*. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/books/2017/may/14/how-real-books-trumped-ebooks-publishing-revival> > Acesso em 14 Mai 2017.

READBYZOE. *(WAY TOO) BIG BOOK HAUL*. 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DRUP5dYaYq0>>. Acesso em 10 jun 2018.

READS, R. *London Bookshop Crawl*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8XYp4kknE1s>>. Acesso em 12 dez 2017.

RESENHANDOSONHOS. *RESENHA: O Grande Gatsby - Scott Fitzgerald*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uVCcsZDMfCM> >. Acesso em 22 fev 2018.

ROBERTS, W. *The Book-Hunter in London Historical and Other Studies of Collectors and Collecting*. 1895. Disponível em: < <http://www.gutenberg.org/files/22607/22607-h/22607-h.htm>>. Acesso em: 7 mai 2016.

RODRIGUES, M. F. *Amazon dá desconto de até 90% às vésperas da Bienal do Livro*. Estadão. 20 agosto 2016. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/amazon-da-desconto-de-ate-90-as-vesperas-da-bienal-do-livro/>>. Acesso em: 05 dez 2017.

ROXBURGHE CLUB, 2016. *History*. Disponível em: < <http://www.roxburgheclub.org.uk/history/>> Acesso em: 6 fev 2016.

ROYAEVEREADS. *Book Swap Unboxing*. 2018. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=aZNIwgtx\\_V0](https://www.youtube.com/watch?v=aZNIwgtx_V0) >. Acesso em 2 jun 2018.

SANDYREADSALOT. *Sping Book Haul + Unboxing*. 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xvDG1OHYIxQ> >. Acesso em 2 jun 2018.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEDO, D. R. An Introduction to Reading Communities: processes and formations. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Reading Communities from Salons to Cyberspace*. New York: Palgrave Macmillan, 2011a. (pp.1-24).

\_\_\_\_\_. 'I Used to Read Anything that Caught My Eye, But,...': Cultural Authority and Intermediaries in Virtual Young Adult Book Club. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Reading Communities from Salons to Cyberspace*. New York: Palgrave Macmillan, 2011b. (p. 101-122).

SELTER, B. *YouTube Videos Pull in Real Money*. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2008/12/11/business/media/11YouTube.html>>. Acesso em 9 fev 2018.

SHIRKY, C. *A cultura da participação: conectividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SHOOT, B. *Will This App Turn More Readers On to Serialized Fiction?* Smithsonian magazine, 2017. Disponível em: <http://www.smithsonianmag.com/innovation/will-this-app-turn-more-readers-on-to-serialized-fiction-180962163/#sPg3P2T6ux53CHWG.99>> Acesso em 13 dez 2017.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, R. P. A. Social media and books: an analysis of the relationship between reading habits and online sociability. In: JMCOMM, 3, 2014, Singapura. *Proceedings of the 3dr Annual International Conference on Journalism & Mass Communications*. Cingapura: GSTF, 2014.

\_\_\_\_\_. Catalogação Social, leitura de livros e sociabilidade: apontamentos para novas práticas de leitura. *Revista Brasileira de História da Mídia*, n.4, v. 2, p. 69-78, jul/dez. 2015a.

SILVA, R. P. A. Práticas de leitura e uso de Sites de Redes Sociais entre estudantes de jornalismo. In: INTERCOM, 38, 2015. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Intercom, 2015b.

\_\_\_\_\_. *Booktube: livros e leitura em vlogs no YouTube*. In: INTERCOM, 39, 2016. *Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2016.

SNICKARS, P.; VONDERAU, P. (org.). *The YouTube Reader*. Sweden: Mediehistoriskt, 2009.

SORENSEN, K.; MARA, A. *Booktubers as a Networked Knowledge Community*. In: LIMBU, M.; GURUNG, B. (orgs.). *Emerging Pedagogies in the Networked Knowledge Society: Practices Integrating Social Media and Globalization 2014*. P. 87-99 . Disponível em: <<https://www.igi-global.com/chapter/booktubers-as-a-networked-knowledge-community/96054>>. Acesso em: 21 jan 2017.

SPITERI, L. F. *Social cataloguing sites: features and implications for cataloguing practice and the public library catalogue*, 2009. Disponível em <[http://www.dialnet.unirioja.es/servlet/fichero\\_articulo?codigo=2923939](http://www.dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2923939)> Acesso em 13 ago 2013.

STEEL, E. *At new video sites, opening up the box is a ritual to savor*. 2006. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB116545349170642892>>. Acesso em 10 jun 2018.

TAGLIVROS. *Propósito*. Disponível em: <<https://taglivros.com/proposito>>. Acesso em 7 Jun 2018.

TATIANAGFELTRIN. 2015a. *Concluindo: Dezembro + Livros novos \o/ (Book Haul)*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LyTIAfGa5hk> >. Acesso em 11 jun 2018.

\_\_\_\_\_. *Livros novos \o/ - Book Haul (+ compras da Black Friday)*. 2015. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=QYEzy89ADeo>>. Acesso em 25 jun 2018.

\_\_\_\_\_. 2014. *RGBC #4: Orgulho e Preconceito (Jane austen) + Update*. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OPh4k4uf7ZM>>. Acesso em 2 mar 2018.

\_\_\_\_\_. 2018. *Sobre*. Disponível em: < <https://www.YouTube.com/user/tatianagfeltrin/about> >. Acesso em 11 fev 2018.

THEBOOKISHBOX. *Subscribe*. Disponível em: < <https://www.bookishboxinfo.com/subscribe>>. Acesso em: 6 Jun 2018.

THEVERGE, 2017. *YouTube creators are frustrated that a bot keeps demonetizing their videos* < <https://www.theverge.com/2017/11/14/16648348/YouTube-demonetizing-iphone-x-videos>>. Acesso em 12 dez 2017.

THOMPSON, John B. *Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.



TOWNSEND, L.; WALLACE, C. *Social Media Guide to Ethics*. University of Aberdeen. Disponível em: < [https://www.gla.ac.uk/media/media\\_487729\\_en.pdf](https://www.gla.ac.uk/media/media_487729_en.pdf) >. Acesso em 6 jun 2016.

TSCHICHOLD, J. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

VINCENT, James. 2017. *Amazon will change its ebook contracts with publishers as EU ends antitrust probe*. Disponível em <<https://www.theverge.com/2017/5/4/15541810/eu-amazon-ebooks-antitrust-investigation-ended>>. Acesso em 20 jun 2017.

WEARESOCIAL. 2017. *Digital in 2017 Global Overview*. Disponível em: < <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>>. Acesso em 19 dez 2017.

WIKIPEDIA, 2018a. *Booktube*. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Booktube>>. Acesso em 11 fev 2018.

WIKIPEDIA, 2018b. *Thug Notes*. Disponível em: < [https://en.wikipedia.org/wiki/Thug\\_Notes](https://en.wikipedia.org/wiki/Thug_Notes)>. Acesso em 10 fev 2018.

WISECRACK, 2018a. *Sobre*. Disponível em: < <https://www.YouTube.com/user/thugnotes/about> >. Acesso em 10 fev 2018.

WITTMANN, R. Was there a reading revolution at the end of the eighteenth century? In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *A history of reading in the West*. Boston: University of Massachussets Press, 1999. pp. 269-283.

YEARBOOKNERDZOE. *2018 Bookshelf Tour | Over 800 Books!* 2018. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=FpfMUgx6hGM>>. Acesso em: 28 jun 2018.

YOUARECREATORS2, 2018. Disponível em: < <https://www.YouTube.com/watch?v=GihybX7JyG4>>. Acesso em 10 fev 2018.

YOUTUBE, 2018a. *About*. Disponível em: < <https://www.YouTube.com/yt/about/>>. Acesso em 8 fev 2018.

YOUTUBE, 2018b. *Additional Changes to the YouTube Partner Program (YPP) to Better Protect Creators*. Disponível em: <<https://YouTube-creators.googleblog.com/2018/01/additional-changes-to-YouTube-partner.html>>. Acesso em 10 fev 2018.

YOUTUBE, 2018c. *YouTube by the numbers*. Disponível em: <<https://www.YouTube.com/yt/about/press/>>. Acesso em 8 fev 2018.

## ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS - THE GREAT GATSBY

### **Vídeo 1: Book Review | The Great Gatsby by F. Scott Fitzgerald.**

Canal: Booksandquills

Hi. This is my review of The Great Gatsby by F. Scott Fitzgerald. I feel a bit weird giving you a short summary of what the book is about but I should probably do it anyway so here we go. The book was written in the 1920s and is also set in the 1920s. We are reading the book from the perspective of Nick Carraway who moves to Long Island to West Egg to be precise. He rents a small house and ends up living next to Jay Gatsby. People don't seem to know a lot about Gatsby he's quite mysterious but he's very rich and throws fabulous parties. The other people involved in a story are Daisy and Tom Buchanan. They are also very very rich and Daisy is Nick's cousin. A lot of these characters aren't very pleasant. During the dinner party we discover that Tom has a mistress. The rest of the story is kind of set partly in New York partly at Gatsby's house during some of his fabulous parties. And in some of the other characters' houses. There's a lot of intrigue and kind of unexpected situations but this is as far as I'm gonna go. Reading this book feels like a very big thing. You can't help but have expectations because so many people have said that this is their favorite book ever. And also the story of The Great Gatsby seems to be present in the collective cultural consciousness. Once you've read it you're in the know you'll understand all the jokes and all the references. I had a very very mixed reading experience. There are parts that I absolutely loved there were parts that I didn't really care for. There was some gorgeous writing and then there were parts where I just had to put the book down for a while. It's only about a hundred and seventy pages in my Edition but it definitely had ups and downs for me. A lot of the characters are so terrible which is something I quite enjoy. I really liked seeing everyone going to these amazing parties at Gatsby's house and having a terrible terrible time. It tends to happen a lot at parties people get drunk people start gossiping people start fighting. A lot of the very rich characters like to stand around at parties and make sweeping statements about things they don't know anything about. Saying phrases that sound very deep and important but once you try and analyze them you realize that don't really have any meaning. I definitely thought that Gatsby was a very intriguing character. At first you're kept in suspense because the narrator

doesn't really a lot about him. But then when you do start finding out more about Gatsby the man and the mystery kind of fall apart. One of my favorite things about the writing except for the beautiful phrases was that sometimes moments of action weren't really described and then the result of those actions is just stated very matter-of-fact. You're just reading and you can kind of feel that there's something coming and then all of a sudden this person is dead. Okay. Sometimes they can have a lot more impacts than a very dramatic description. Of course there are a lot of and symbols in this story so many references to the color yellow. A lot of people say they hate this book because they were forced to analyze it in high school. I personally really look forward to reading the fifty-page introduction that came with my book that I skipped initially. I want to find out more about what's lurking in the depths of this book. I thought that this book could possibly be perfect for me because I love kind of doomed love stories or doomed characters. This is not a book that I'll be reading over and over again. I will probably reread it in the future just to see if my experience has changed then anyway. And I also tend to appreciate a book more when I'm reading it for the second time and I'm not so focused on figuring out what's going to happen. I'm really glad I read it. It was an interesting read with very intriguing characters and beautiful writing. Sometimes it's just really difficult to form an opinion of a book and have a relationship with it when it's so famous. If you want to see some more videos on the Great Gatsby I can highly recommend this one by She's so Mickey and of course The Great Gatsby videos by Crash Course. I hope you enjoyed my review and I'll talk to you guys later. Bye.

## **Vídeo 2: F. Scott Fitzgerald -- The Great Gatsby: Book Review**

Canal: Dean Goranites

Oh-god, it's so-frickin-hot. Can't-stand it-any-more. Why is everything in my house cream-colored? What's up sit-downers. Dean Goranites here. Bringing you classic reviews of books or something and Saturdays, I think it's Saturday. I'm so hot. I'm so hot. This week The Great Gatsby, considered among six people to be The Great American Novel. Oh wait, logarithm here versus square root do that multiply that by the population... Oh wait a second actually everybody says that this is the great American book and can't shut up about it, so I'm going to skip that. Obviously that's going to flow in and out of my conversation here because the concept of Americanism in The Great Gatsby has become connected to the book so intensely that it might as well be written on a piece of paper and stapled to the cover of the book – which by the way, the cover of the book... this is one of the few books that I can think

of in American literature in any literature really where the cover art has stuck with the book throughout time. I'd be very surprised if you didn't recognize it even if you've never read this book before. It's that blue picture with the eyes and the mouth. The upper half and like city lights on the bottom. Nobody's really sure what it means. Ernest Hemingway even contacted Fitzgerald after the release of the book and said he wasn't too excited about the cover, and Fitzgerald said, you know what, don't judge a book by its cover, and Hemingway didn't and he became a fan. "So then what is your take on *The Great Gatsby*?" What I want to focus on here with *The Great Gatsby* is the concept of the dream. I'm not so sure no, I am sure, the dream, whatever the dream might be, isn't an American concept, that's a human concept. Everybody reaches towards a dream. Everybody reaches towards a goal. My goal was to graduate college and I reached it, now what am I doing with my life? Desire to achieve one's dreams does take place in America and *The Great Gatsby* and so in this setting the dream, more or less, as we all know, is obtaining a lot of money. But what happens when that money has been attained? That was the big crisis that took place in America in the roaring 20s. Wealth was very easy to come by as the GIs came home from the Great War, also known as World War One, and inflation skyrocketed in the United States to the point where almost everyone almost had a large sum of money than they were spending like they had never spent before. Also during this time period as you may recall from your history classes was prohibition, which was enacted I believe in 1919, and one a drug isn't taken in control by the government of the country. That means a lot of other people are going to become rich off of it, and that's what happened to Gatsby here. It's never said outright by Gatsby, that it's the truth, but one can take when reading between the lines, that Gatsby made his huge sum of money through bootlegging. So the pursuit of the dream. Why is Gatsby such a compelling character. In comparison to Nick Carraway, who's a decent man, Tom Buchanan, who's annoying, Daisy, who maybe isn't that smart, Gatsby comes across as this guy that you want to be friends with. He calls you "old sport", he's dressed nice, he has money, but I think what's most important is that he wants something more than anybody else around him. And I think if you take a look at the people that you find compelling, that you know around your city, around your campus, around your high school, the people that generate the most attention, whether that attention is good or bad, are the people who really want something, whether that wanting is good or bad. I think is what Fitzgerald is trying to get to at the root of this novel. The symbols in this book are some of the biggest in literature ever. Some that will stick with you even if you've never read the book, you've probably heard of them before. There's the green light across the river from Gatsby's house. What does it mean? It's just

desire. It's a man's desire to reach something that's out of reach, and we all deal with that. That's something that drives us forward, as men and women. But my favorite symbol in this book is the billboard that watches over the city of ashes. This billboard is two big eyes staring down that originally came from some optometrist but has been up there for so long that the pain is starting to wear off due to weather conditions and has gone from becoming an advertisement, which I suppose you could say symbolizes the huge monetary explosion that was occurring in the 20s, but it goes past that and becomes just two eyes looking down on the city, and a lot of time has been spent over the past 80, 90, 90 years now, over what the essence of that sign is. Some people say it's an omnipresent deity of sorts looking down without judgement on everything that's going on. That could make sense, but Fitzgerald never wrote anything in the book that specifically implied that. What I like to see the sign as is a symbol of nothing in particular. What Fitzgerald was trying to compel the readers to believe when reading this book, and I believe this also comes out Nick Carraway's discussion as he tells us the story of what happened, is that nothing in our world really has any value until we put value on it. Yes you can imply plenty of interpretations to it, and it's not bad for you to do so. Every reader is going to get something different out of this sign and what it means towards the story. A lot of readers are going to glance right over it and never even remembered that the sign was even in the book, and that's okay too. I think that's what Fitzgerald was trying to go for. Put value in this book on the things that you want to put value on. And the things that you don't find valuable, that's okay. The Grapes of Wrath was written 15 years later to tell us about the pains of not having any money during the Great Depression, then The Great Gatsby was written in the 1920s to tell us about the pains of having too much money and not having anything to strive for anymore. So what I'm going to take out is that I should be really grateful for my one-bedroom apartment. That being said, I'm going to go back upstairs to my air-conditioned room of paradise and play video games because that's the dream that I dreamt for today. Dean Goranites. The Saturday sit-down reviewing F. Scotts Fitzgerald's The Great Gatsby.

### **Vídeo 3: The Great Gatsby Book Review!**

Canal: Carly Lewis

Gatsby, what Gatsby? Hey, friends. So today I decided I wanted to film a book review since in my English class we just finished The Great Gatsby, obviously, as you just saw, and I am obsessed with this book. I feel like it's like kind of like a rite of passage to read Gatsby in high

school, because I feel like every English class in high school reads Gatsby. Look at my annotations, listen more comments, what are you gonna do? And so I decided to film this video not just for like a book review, because last night I watched the movie and I have some comments on the movie too. So I will also be kind of doing a small movie review within this book review. Gatsby! I'll start off with some non spoilery stuff, just so people who haven't read the book can get excited and read the book. The novel is told from the point of view of this man named Nick Carraway. He moves from the Midwest, his hometown, to this area of Long Island called the West Egg. There are two. There's the East Egg which is like super wealthy, like upper-class people. And then there's the West Egg, which are the people that aren't exactly wealthy, like they try to appear a wealthy and upper-class and it's all about that kind of, you know, oh my family was wealthy, or my family did something great, so I technically fit into that higher status. But it's not like the East Egg where it's truly like upper-class wealthy people. Nick moves next to this ginormous mansion which could only be owned by one person. Hmm who could it be? Gatsby! And Gatsby's known for hosting these wild crazy parties. But the thing is: nobody's ever really seen Gatsby because he doesn't, he's not really a part of his parties. It's all about this mysterious Gatsby. There are all these rumors spreading out around about him but nobody really knows who he truly is until Nick bumps into him at one of his parties and that's where the story gets real. That's all I'm gonna really say because you really want to go into this book not knowing a lot about it, just because it's better to do that so that you can just really be immersed in this story, I feel like. Okay, bye nuts brilliant people go read the book. Now let's talk about the book shall we. Let's just start with our narrator Nick Carraway. I love Nick so much. Just this whole outlook on everything and seeing everything through his eyes makes everything seem twice as hilarious as it should be. Just because he's so sarcastic and it's how he was kind of adorable because he was just so invisible. The way that he was like dragged around by so many people such as Tom. We'll get to Tom in a minute because I hate him. And the way he's so approachable by everybody and everybody thinks "oh I can confide in him because he keeps quiet, I can tell him rumors because he keeps quiet". When really he's silently judging you so hard and it is hilarious. One of my favorite scenes with Nick was the Tea Party and he was just singing with Daisy and Gatsby and they're just sitting in his house in his living room surrounded by all these plants. And he's like, "I was suffering from basically secondhand embarrassment, and secondhand awkwardness. These people are being awkward so and I have nothing to say because I don't speak to people because I'm Nick Carraway and I don't talk". And then he has to go standing outside in the rain to give them privacy. And it's just so sad but so funny. Another really

funny part was after that really intense scene with Gatsby and Tom and they fight and then Gatsby and Daisy leave and he goes: "I just remembered it's my birthday". Nick! He doesn't really know what love is either. He's obviously intrigued by love which is why he tells the story of Gatsby and Daisy. He doesn't really know what is. That's shown through his relationship with Jordan and how he doesn't talk about it at all. He's just like "I don't really care if I go out with you. I kind of like you but I don't". I just thought he was a really fun narrator because sometimes when narrators are like the observers they are not interesting. Fitzgerald's it's such a good job of showing events through Nick's eyes. I felt like he saw a lot through Nick's eyes, which is why it's unnecessary for him to be so awkward and just kind of .... kind of talk about Daisy. Okay. I have really confused feelings about Daisy. I loved her throughout. I don't think it was her fault that she didn't go to Gatsby's funeral. I feel like it was Tom that knew something happened to Gatsby because Tom did told Wilson that it was Gatsby's car that ran over Myrtle, so I feel like he tried as hard as possible to keep Daisy away from that because he knew that if she knew that Gatsby died he would never be the same. At least knowing that Gatsby was like alive in Daisy's mind. Just for her to know that Gatsby was alive and he'd have a chance at like second love possibly would make her happier and would enable her to live on whereas if she knew that he was dead she... a part of her would be dead as well and she wouldn't be able to fully put her heart into loving Tom. I feel like she did love Tom at some point. People could argue I guess that she had no choice, she just had to choose someone wealthy who she knew who could support her. Daisy wouldn't do that because she's so emotional. She's such an emotional person. She wouldn't go into a marriage without at least liking them just a little bit. She's just this big ball of emotion inside that she can't show because it's not okay in her society to be that way, to show that many, it's more popular to be completely indifferent. That's what I liked about the movie, is that it showed that this is just Nick's perspective. Other things could be happening behind the scenes. That Tom could be doing something, that Daisy could be doing something, that it could technically not be Daisy's fault that she didn't go to his funeral. Now I shall talk about my favorite character, Mr. Jay Gatsby. His smile, oh my gosh, I feel like they did that so well in the movie showing his understanding and charismatic smile because that's the one feature about him that explains so much about his entire personality. It's his hopeful hopeful and kind smile that just defines Gatsby. I like how it was his smile and not like his eyes, because usually in books people show their emotions in their eyes. And authors always talk about "oh his eyes were full of sadness" or "his eyes were full of fear", but this one it was his smile. Hum the tea party scene. I was geeking the entire time because he is so freaking adorable in that scene. Oh my

gosh. And he's bringing all these flowers and he's like "okay, when Daisy is gonna get here". He's sitting and he's so nervous he's like "okay do you have everything?" and then Nick is like "I am pretty sure we have everything". It's like one minute until 4 o'clock and he goes "I can't do this". And Nick is like "dude pull yourself together, it's a girl". And he is "it's a girl that I met like five years ago and I haven't seen her since then". And in the movie I thought they did such a good job with Daisy and Gatsby and that scene. That scene was my favorite scene in the entire movie probably. I like how they parallel the score music. It was Young and Beautiful by \_\_\_\_\_ and they like incorporated into the score so there are still the melody into the score and they use that and the flashback of Gatsby and Daisy, but they also used it when they see each other, but the second time during the Tea Party scene when he walks into the rain, which I thought was beautiful and gorgeous, then I cry a lot of things. Gatsby as a character is so interesting. I never have read a character that was so concerned about having everything, just as it was in the past or having this return to something that was behind him because and I feel like a lot of the books that I've read it's usually someone trying to get away from the past, or escape who they were and what they did, but Gatsby is someone who was so in love with the past and in love with his idea of the past, that he's glamorized and made into this beautiful golden dream that he had. Why do characters that I like have to die? I loved Gatsby so much and then he had to get shot. What the heck. Other than characters I really like the story. I liked how it was not only a love story, but it was also a story of friendship between Gatsby and Nick. Now I have a theory. So you know that scene in the elevator with Nick in the elevator person. If you know what I'm talking about or if you don't, it's the one at Myrtle's party and on page 37 and 38 and that kind of gives you the hint, but maybe Nick's not straight. But I do think that he had more than friendly feelings for a Gatsby. I feel like he was kind of in love with Gatsby too. Just the way he talks about him so admirably and how Gatsby is the only person he really gave a compliment to. I kind of want to talk a little bit about the movie. I thought it was a wonderful adaptation. And I thought the filming was it was so it was so satisfying to watch. Just everything flowed in place right when it was supposed to. When he when Nick was at Myrtle's party and it showed that have the separation between the haves and the have-nots and it showed show that separation which I thought was beautiful and one of my favorite parts was when the trumpet player is playing the trumpet and then the Sun Goes Down. I thought that was really cool. I also thought the score was really beautiful. I think they incorporated the soundtrack really nicely into it because some movies incorporate the soundtrack movie and it sounds gross and not okay. Ok, City of Bones. Okay, well that's, gonna be it for today so if you have any video ideas, or if you want to tell me, if



you've read the book, and if you love it, and if you love Gatsby, then leave it in the comments down below. I want to know your thoughts on this book too because that's like why I'm filming this video, because I want to talk about Gatsby and the greatness of Gatsby. But yeah, if you like this video give it a thumbs up. If you want me to do any other book review videos, if you have any book recommendations for me, I love those, even though I have like a huge TBR list and a huge TBR shelf over there, but I just can't even look at or else it stresses me out. By the way right now I'm rereading *A Court of Thorns and Roses* because it's my favorite and so I can read *A Court of Mist and Fury* where I am right now, with my readings. I have a lot of video ideas so are you putting them out hopefully this summer. I'll be doing a lot of videos this summer because I'll actually have time and it's great and I can actually sit down like talk to the Internet. And I don't just do the book reviews. I can also do album reviews, I can do song reviews, yeah, [...] Subscribe if you want to subscribe. Thank you so much for watching. I hope you enjoyed it, if he didn't I'm sorry. I probably ramble the time so that makes sense. I just need to work on condensing cuz I talk so much this video is going to take them so long to edit it oh my gosh. Ok. Well that's it. Goodbye. You know what song I listen to today that remind me of Gatsby for some reason or Gatsby's parties. I was listening to Panic at the Disco in the car. Vegas lights came on and it sounded like Gatsby's party [...]. I really like Panic at the Disco.

#### **Vídeo 4: O GRANDE GATSBY, F. SCOTT FITZGERALD (#70)**

Canal: Ler antes de morrer

Uma das vistas mais conhecidas do planeta. Eu tô em cima do prédio mais alto do ocidente. Eu tô em cima que foi construído no mesmo local onde ficavam as torres gêmeas, que foram derrubadas em 2001. Aqui é o novo World Trade Center. É o melhor lugar pra ver Nova York do alto e foi o lugar que eu escolhi pra fazer a resenha de hoje, de um dos livros mais novos que existem: *O Grande Gatsby*. *O Grande Gatsby* é considerado um dos maiores clássicos da literatura norte americana e ele é muito atual embora tenha sido publicado há quase cem anos, em 1925. Ele se passa aqui em Nova Iorque, não só aqui nessa grande ilha que a gente tá vendo e que é conhecida como Manhattan, mas também na região metropolitana que dá pra ver dessa vista privilegiada que a gente tem. Lá no fundo uma região chamada Long Island. Os nossos personagens em *O Grande Gatsby* circulam entre Long Island, que é uma área residencial, e a ilha de Manhattan, que era já desde a década de XX do século passado, o centro financeiro do mundo. E agora tá vendo esse monte de prédios bem

aqui do lado? A gente está no sul da ilha de Manhattan em uma região conhecida como o distrito financeiro. É a região que é o centro. A capital mundial do capitalismo e é aqui que trabalhava o narrador de O Grande Gatsby, um cara chamado Nick Carraway, que não é o protagonista, mas ele é um personagem muito importante. Ele trabalhava aqui nessa mesma região, principalmente na região de Wall Street, que é a rua principal das financeiras, dos bancos, da bolsa de valores. Aqui é que circula o dinheiro, e olha, é muito dinheiro desde os anos 20 do século passado. E esse Nick Carraway ele é quem nos conta a história. Ele conta a história do vizinho multimilionário dele, que se chama Gatsby. Mas deixa eu explicar melhor. Esse narrador ele tem origens um pouco mais modestas. Ele não é ele próprio um multimilionário mas por certas circunstâncias da vida ele conseguiu emprego aqui em Nova York e foi morar num bairro super chique lá em Long Island. Se você é de São Paulo imagina que Long Island era como se fosse Alphaville, uma área um pouco mais afastada da cidade, mas onde só havia mansões. Por um acaso do destino ele conseguiu uma casinha ali com aluguel mais ou menos barato, bem no meio desse bairro de gente multimilionária, que pra ele era uma coisa fascinante, porque é claro, como todo mundo naquela época, ainda mais que trabalhava na bolsa de valores, ele tinha esse sonho de melhorar nesse mundo os milionários, de se tornar ele próprio um grande rico. E assim que ele conhece O Grande Gatsby. O vizinho dele se chama Jay Gatsby e é um homem extremamente misterioso. Mora na mansão do lado da casa dele e promove festas dantescas, festas riquíssimas regadas a muita bebida alcoólica, que naquela época aqui nos Estados Unidos era proibida, mas mesmo assim eles não estavam nem aí, os multimilionários bebiam pra caramba, e o Gatsby fazia essas festas gigantescas que toda sociedade frequentava, uma verdadeira maluquice, essa época de extravagância, de futilidade, entrou para a história dos Estados Unidos como a Era do Jazz. Foi a época que precedeu um acontecimento muito marcante na história desse país, na história do mundo inteiro, que foi o crash, a quebra da bolsa de Nova York, isso aconteceu em 1929. Depois dessa quebra mudança o mundo entrou numa depressão terrível, problemas financeiros para todos os lados. Mas antes disso o que havia era muita prosperidade, e muita gente rica esbanjando dinheiro. E o que acontece: o Jay Gatsby, logo o narrador vai descobrir, ele é um homem que tem uma grande obsessão: uma outra moça que também mora ali na região das mansões em Long Island chamada Daisy, que ele conheceu quando ele era mais jovem, adolescente, numa época em que ele, Gatsby, não era milionário, que era só um garoto humilde e a Daisy já era uma moça muito rica, de riquezas muito antigas. A obsessão do Gatsby é essa moça com quem ele teve um namorinho quando ele era adolescente, mas que a circunstância agora de classe social ele se separou e nunca mais viu durante muitos anos. Ele

volta para o local onde ela mora para tentar reencontrá-la, e a Daisy agora está casada com uma filha inclusive, mas ele não quer nem saber, ele se muda para perto dela e ele quer reconquistar essa paixão. Agora você se engana se você pensa que O Grande Gatsby é só uma historinha de amor, água com açúcar. Muito pelo contrário, esse livro é extremamente tenso e crítico. Essa ideia de... é um sonho americano na verdade você ser um self-made man, um homem que veio de baixo e se tornou um homem poderoso. Existem muitas figuras assim, o próprio Donald Trump, que é um grande milionário, ele se vale um pouquinho desse mito do grande homem milionário como um cara infalível, um cara perfeito, um cara que faz tudo por quê? Porque tem dinheiro, porque ele é milionário. O... desde os anos 20 já existia esse mito aqui nos Estados Unidos e o autor, o F. Scott Fitzgerald, ele faz uma grande crítica a isso. O Gatsby é um homem que se fez sozinho. Ele é um selfmade man. Mas isso não faz dele uma pessoa sem defeitos. Muito pelo contrário. A história de amor dele com a Daisy, essa obsessão que ele tem por essa menina, esse desejo de possuir inclusive o amor do passado, vai ter consequências muito impressionantes e na verdade muito trágicas. O Grande Gatsby é um livro muito mais pessimista do que uma história de amor. E é considerado por muita gente um dos maiores romances senão o maior romance da literatura americana. A Daisy é a personificação da ambição de um homem que se acostumou a conseguir tudo que ele quer. Ele olha ela com amor, é claro, mas não é um amor saudável. Ele olha com a obstinação de um alpinista que mira o topo do Everest. Ele quer chegar lá em cima, custe o que custar. O ar pode faltar, os dedos podem congelar, o alpinista só pensa em chegar ao topo do Everest e é assim que o Gatsby olha para o amor de infância dele, a Daisy. Então eu convido vocês para conhecerem o grande Gatsby, um clássico que vocês não vão esquecer. Fácil de ler. Não tem muita dificuldade. Essa edição da Penguin companhia é excelente. Vou deixar o link aqui embaixo para quem quiser comprar na Amazon e eu vou me despedir de vocês hoje com esse cenário maravilhoso, olha que o cenário incrível, e volta aqui pra mim, e pedir desculpas também pela barulheira. Vocês podem ver, eu tô aqui em cima, cheio de turista. Inclusive se vocês ouviram umas vozes em espanhol aqui falando atrás, eram os argentinos que tavam gritando aqui atrás, um gordão enorme, vamo perdoar porque são nossos hermanos e aqui eles também têm direito de conhecer que nem a gente. E eu vou ficando por aqui. Obrigado pra todo mundo que assistiu. Vou continuar mostrando várias coisinhas aqui com na nossa viagem para os Estados Unidos e vou continuar fazendo resenhas de fora do Brasil. Beijo pra todo mundo. Se você gostou se inscreva, curta, e também compartilhe com seus amigos. Até mais.

## Vídeo 5: RESENHA: O Grande Gatsby - Scott Fitzgerald

Canal: Resenhando sonhos

Oi. Aqui é a Tamires do blog resenhando sonhos e hoje a gente vai falar sobre O Grande Gatsby. O Grande Gatsby, do autor Scott Fitzgerald foi publicado pela primeira vez em 1925, então essa é a minha primeira tentativa com livros clássicos... foi uma das metas que o estabeleci para 2015. Ainda não sou apesar de já ter lido o livro familiarizada com os anos 20, que é onde acontece a história, então pra mim foi bem difícil a leitura e a forma como o autor escreveu isso. é um livro muito rápido, é um livro que não dá muitos detalhes dos ambientes então é difícil, tu não sabe como as pessoas se vestiam, como eram as casas, os costumes, é difícil tu imaginar isso na tua cabeça, então para mim foi um pouco difícil a leitura. É tudo muito rápido. São frases curtas. O autor faz raciocínios que são complexos de forma muito de forma muito simples mas que tem que às vezes voltar um pouquinho e ler de novo para ti entender. E nessa história então a gente vai conhecer o Nick, e ele é um.. um jovem que tá voltando da guerra e agora quer construir uma carreira em nova York. E aí ele tá tentando o mundo do das ações, de... Wall Street, e ele acaba se mudando para o WestEgg, que é um lugar onde tem várias mansões, só que ele vive numa casinha pequenininha no meio de todas as mansões e do lado dele mostra mora uma pessoa muito misteriosa, que é o grande Gatsby. Que é o Jay Gatsby, que ele acaba conhecendo de forma inusitada, porque o Jay Gatsby dá festas, acho que todos os dias à noite, e ele recebe um convite então para comparecer a uma das suas festas que o Jay tá dando e ele vai e lá ele conhece o Jay. Só que esses dois não são os únicos personagens que a gente vai ter nesse livro. A gente vai ter também a Daisy, que é prima ahhh do Nick, e a gente vai descobrir ao longo do livro que o Gatsby conheceu a Daisy há um tempo atrás. É por causa da Daisy então que ele vai tentar se aproximar do Nick e aí o Nick vai nos contar essa história da aproximação do Gatsby com ele por causa da prima dele que é casada com um cara super rico que mora do outro lado, tanto que da casa do... do Gatsby, da casa no Nick, conseguem enxergar através da baía a casa da prima dele tá do outro lado. Li o livro e logo depois assistir o filme e pra mim foi super importante ter feito dessa forma pra mim poder compreender a grandiosidade dessa história. Ahh por que? Não é que o filme seja melhor que o livro ou que o livro seja melhor que o filme, mas eu acho que essa nova versão do Grande Gatsby que saiu com Leonardo de Caprio agora, que foi a versão que eu assisti, ela ela dá ela dá imagem ao que a gente está lendo aqui, que não é muito não é descrito como o livro é muito pequeno. Esta é uma edição bilíngue, por isso que ela é maior, maior um pouquinho, então eu pude assistir o filme e enxergar as coisas

que eu li no livro ah de uma forma que eu não consegui enxergar enquanto enquanto leitura, então assim a grandiosidade das festas do Gatsby e complexidade da personalidade dele, apesar que eu achei o Nick do livro muito diferente do Nick do filme, acho que não ficou bem bem correta ali a interpretação, mas o Jay Gatsvby eu achei uma interpretação muito boa. Eu consegui realmente enxergar o personagem. “Sempre que sentir vontade de criticar alguém pensa que nem todas as pessoas deste mundo tiveram as vantagens que você teve”, e isso moldou toda a personalidade do Nick, tanto a forma como ele reage às críticas da sociedade, a forma como a sociedade age, a forma que ele interpreta o Gatsby e... O Grande Gatsby então é uma história de amor. É uma história de um cara que moveu mundos e fundos, que se envolveu com coisas muito controversas pra enriquecer, pra poder conquistar um grande amor que ele sabia que só poderia acontecer se ele fosse um cara rico, se tivesse condições de prover àquela pessoas as coisas que essa pessoa esperava, as coisas que aquela pessoa almejava. Então é uma história de amor. É uma história que é de certa forma engraçada e triste, e vale muito a pena ler até o final porque o final é trágico e ao mesmo tempo ele é coerente com o que aconteceu. Esse livro ele tem como personagem central o Gatsby mas quem vai nos contar sua história é o Nick e a gente vai conhecer os outros personagens que são a Daisy e o marido dela, o Tom. A Jordan, que é uma esportista famosa, que é amigas da Daisy e que vai acabar entrando no meio dessa história, e um casal onde o marido é um mecânico e acaba cuidando dos carros do Tom e ele fica no caminho entre a ilha que eles moram, e Nova York, então a gente vai passar por esse... esse... esse mecânico. A mulher dele e algumas coisas têm ligação com a história ali, então a gente vai conhecer esses personagens. Eu fiquei feliz em ter feito essa leitura. Acho que comecei por um livro bom, porque apesar de ter sido complicado de eu ter seguido em frente, não foi um livro que eu li com que eu vi as páginas passar de forma leve, foi um livro que foi pesado pra mim porque foi a minha primeira leitura clássica, digamos assim. Eu gostei bastante. Quero compartilhar com vocês um trecho que mostra bem o quanto o livro é denso, que diz assim, já no finalzinho do livro que diz assim: [...] Ele também termina com uma frase muito legal e por isso eu vi bastante gente falando que... eu quis começar por ele porque vi bastante gente falando que a primeira fase do livro e a última frase do livro eram frases muito interessantes. E o livro vai ter nada seguinte forma: “e assim prosseguimos barcos contra a corrente, incessantemente atraídos para o passado” A minha dica para você que quer ler esse livro é leia o livro, toca em frente, e depois tu le e tu assiste o filme porque vai esclarecer muita coisa. Pra mim esclareceu muita coisa e foi muito importante eu ter feito dessa forma. Talvez se eu não tivesse assistido o filme logo depois, eu não tenho este sentimento tão bom com relação ao filme porque eu vi

tudo ganhando, tudo que havia lido, e aquelas coisas que eu não tinha entendido por completo ganhando vida. Eu sei que tem algumas coisas diferentes no filme. Sei que algumas coisas são mais exageradas ou não acontecem bem daquela forma, mas eu acho que de modo geral ele retrata bem a história. Teve coisas que eu só enxerguei vendo o filme, que eu só compreendi vendo o filme, assim como teve coisas que eu senti falta no filme, porque não retratava de jeito como no livro retratava, como a própria personalidade do Gatsby, de que é um cara misterioso, que é um cara temeroso, que é de um cara que não se abre com facilidade. Ahhh e o Nick que aqui ele é muito... a gente sabe muito pouco sobre ele, sobre quem ele é, e no filme parece que não não é o mesmo Nick do livro e talvez isso pra mim tenha sido a única, a minha única ressalva com relação ao Grande Gatsby. Então é isso, se você gostou do vídeo dê um joinha, e se inscreve no canal, leia O Grande Gatsby e até o próximo vídeo.

#### **Vídeo 6: EU LI: O GRANDE GATSBY - F. Scott Fitzgerald | All About That Book |**

Canal: All About That Book

Oi, aqui é a Mayra e hoje a gente vai falar sobre O Grande Gatsby. O Grande Gatsby foi escrito pelo F. Scott Fitzgerald em 1925 e ele já teve 5 adaptações para o cinema. A última foi agora em 2013 com o Leonardo DiCaprio e a Carey Mulligan. Então aqui o nosso narrador é o Nick. Ele se muda para Long Island e ele descobre que o vizinho dele se chama Jay Gatsby. Na casa do Gatsby tá sempre rolando muita festa, só que aparentemente nenhum dos convidados sabem quem que é o anfitrião. Quando o Nick finalmente vai numa dessas festas, ele só fica ouvindo rumores sobre quem que é o Gatsby e sobre de onde é que vem a fortuna dele. Do outro lado do lago mora Daisy, que é prima do Nick, e ela é casada com o Tom. Tanto a Daisy quanto o Tom vêm de família rica, né, eles são chamados de old money, e o Tom tem uma amante e aparentemente a Daisy sabe disso. A aqui gente fica sabendo então pela Jordan, que é amiga da Daisy, que o Gatsby e a Daisy se conheciam há cinco anos atrás, mas ele teve ir que embora pra guerra e desde então eles não se falaram mais. Então antes do Gatsby ir pra guerra, né, quando ele namorava a Daisy, ele era pobre, então quando ele volta ele junta dinheiro de maneira meio estranha ali, e ele faz aquele bando de festa para ver se a Daisy um dia vai aparecer na festa dele e eles se reencontrarem. A história então vai circundar esses personagens, esse é o conflito e eu acho que é isso que eu posso falar da história. Pra mim esse livro só se salva pela escrita. A escrita é realmente bem bacana e eu fico pensando em pegar outro livro do Fitzgerald pra ler que talvez seja mais interessante, porque pra mim esse livro minúsculo foi maçante e demorado de ler. Assim, eu consigo ver que ele tenta fazer

algum comentário sobre o american dream, né, que é uma coisa que tava rolando na época, o boom né, aqui em 1920. Mas assim, isso pra mim não foi o suficiente. O quadro que ele pintou aqui pra mim foi de que quanto mais dinheiro você tem, mais babaca você é, sendo dinheiro novo ou dinheiro velho. A impressão que eu tenho da Daisy é que ela é meio Zelda Fitzgerald, sabe? Mas eu vou ter que me informar mais, me aprofundar sobre Zelda, mas essa é visão que eu tenho dela. Ela vai da apatia à histeria, da melancolia à felicidade, sabe? Só que mesmo assim todas as emoções parecem ser meio vazias, porque a personagem é vazia. É uma personagem que me irrita. Aí a gente tem o Tom, né, que é o clássico bully, o fortão, totalmente machista, preconceituoso, racista, enfim. E o babaca número três aqui é o senhor Gatsby. O cara de tudo quanto é jeito, da forma mais obscura possível, vai levantar uma fortuna pra quê? Porque ele acha que a mulher dos sonhos dele, com quem não fala faz cinco anos, que já é casada, já tem uma filha, só vai dar atenção para ele se ele for rico. E aí em vez de ir falar com ela, escrever uma carta, visitar... não, que que ele faz? Ele faz um monte de festas caríssimas e esdrúxulas para quem saiba talvez ela vá na festa e aí eles vão se reencontrar. Toda a visão que ele tem da Daisy é totalmente deturpada, idealizada, e aí ele acha a forma mais babaca possível de reconquistar ela. Então pra mim foi difícil ler um livro em que você despreza todos os personagens e que o texto em si não está criticando esse comportamento. Ele parece um pouco glorificar, né, como se fosse aqueles anos dourados e se fosse o ápice, que pra mim é simplesmente deprimente. Enfim, eu sei que tem muita gente que gosta desse livro, inclusive queria conversar com essas pessoas que gostam tanto desse livro que veem coisas que eu não vi e quem sabe eu perdi alguma coisa aqui, né? Não sei se vou ler essa história de novo porque ela é realmente muito vazia, assim, eu me incomodei demais com isso. Eu esperava acho que muito mais disso aqui. E eu não sei. Apesar de que eu já tinha visto o filme mas eu não sei, acho que o filme me deu uma impressão diferente disso. Eu acho que... é... precisava conversar com alguém que goste muito, que talvez faça mudar de ideia ou não. Bom, é isso, espero que tenham gostado, espero não ter ofendido ninguém aí, e para lembrar de vocês se inscreverem no sorteio. Vou colocar o link aqui. Vai lá se inscreve, participem. Quem sabe vocês vão ganhar aí um livro que é muito bacana pra gente ler no mês que vem. Então é isso, uma boa leitura pra vocês. Até mais. Tchou, tchau.

## **TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS – PRIDE AND PREJUDICE**

### **VÍDEO 1: Pride and Prejudice by Jane Austen | Review**

Canal: lucythereader

Hi, guys. So today I'm going to be reviewing *Pride and Prejudice*, by Jane Austen. *Pride and Prejudice* is the first British classic I've ever read so I didn't really know what to expect when I started reading it. When I thought about reading it beforehand it often felt quite daunting because it's such a widely revered classic so obviously there was a lot of pressure to like it. So the novel is about a family called the Bennets which consists of Mr. Bennet, Mrs. Bennet and their five children who are all girls. The novel mainly centers around the second oldest child called Elizabeth Bennet. And Mrs. Bennet wants all of her five children to marry well and very soon. The novel opens up with a Mr. Bingley entering the place that they live in a place called *Neatherfield Hall*. Although I find the plot could be a little slow in places this meant that you could see all the little intricacies of the characters and of their lives which I've really enjoyed and there wasn't a boring moment. But I did feel like a lot more could have happened in some places. Talking about characters I really warmed to Elizabeth. She was definitely one of my favorite characters in the book. I think Elizabeth stands out as one of the best female protagonists I've ever read about. Because she is so different to the stereotypical female that you would think about in relation to the time period. I love her Elizabeth gave women of the era a voice because they can often be seen as meek and quiet. But Elizabeth definitely proved that this is not the case. And the novel in fact does have many feminist themes, which I really enjoyed reading about. Because it was such a surprise to me reading the novel. It's not so that you typically expect. Now on the character of Mr. Darcy, who was explored so thoroughly in the novel that I feel like I almost know him personally. I love seeing Mr. Darcy's character arc as the novel progressed. It definitely stands out throughout the novel as you find out more about him and how he might not necessarily be as bad as everybody thinks. A major theme in the novel is marrying for love, which is something that Jane Austen believed in. It's something that was uncommon then. And we see through each of the Bennet sisters a different take on this. One of the things that I worried most about was the language, but I found it pretty easy to get into once I'd started reading more and more of the novel. I actually found it quite easy to understand once I've got about halfway through the book and really got into the mind of how language work then and how it's different now. So I've really, really enjoyed *prejudice* and I gave it five stars because I really couldn't give it anything less. I love the moment when you read a book and you know that it's going to change your life in some way, however small that may be. *Pride and Prejudice* is definitely a life changing. But I love historical fiction so to read a book told from a contemporary person is brilliant because it gave me more of an insight than if I was to read a book written from an



author now. I'm definitely going to be reading more Austen's works in the future. I particularly want to try Emma or Northanger Abbey. So I gave Pride and Prejudice five stars. I absolutely adored it. I'm gonna be watching the BBC miniseries right away because I've heard that it's amazing. Yep, I can't get enough of Pride and Prejudice. I hope you enjoyed watching this video and I will see you guys soon. Happy reading.

## **VÍDEO 2: Book Review | Pride and Prejudice by Jane Austen**

Canal: Bazpierce

Hello, lovely people. How are you today? Today I will be reviewing Pride and Prejudice, by Jane Austen. My edition of Pride and Prejudice is a vintage classics edition. It is 368 pages long and contains 61 chapters. Ok, so the basic story of Pride and Prejudice is there are the five Bennet sisters and all their mother wants is for all five sisters to be married to wealthy men and have financial stability and for them all to live happily ever after. However, as you may guess, this doesn't happen quite as simply as their mother wants it to. But then a wealthy man comes into town, a certain Mr. Bingley, with his friend, Mr. Darcy. Now everybody loves Mr. Bingley. he is charming, he is courageous, he is just the ideal man for any of Mrs. Bennet's daughters. But not that many people like his friend Mr. Darcy. They think he's arrogant, narcissistic, he's very proud and everyone's prejudiced against his pride. The main sister in the novel is Elizabeth Bennet. Elizabeth hates Mr. Darcy so much. She says that she would refuse to ever dance with him. What a bitch. Anyway there's no point me telling in the story of Pride and Prejudice. Everyone knows the story of Pride and Prejudice. You know how it ends. I'm not going to tell you how it ends just in case you haven't read this novel. I mean you have had two hundred years, so you know it was kind of your own fault if you read spoilers anywhere. Now I went into the mindset of this kind of just after reading Jane Eyre, which I thought was a masterpiece. I was kind of thinking "hey, Jane Eyre shocked me so much, why can't one of the most famous novels ever written you know shocked me as equally". Now, unlike Jane Eyre, Pride and Prejudice did not live up to the hype. To be honest, I found kind of boring. I don't know if this is the whole, you know I'm a male thing, because when you think of Pride and Prejudice you kind of think of, you know, a group of girls sitting around in pajamas eating Maltesers and, you know, watching Colin Firth and going "Oh, Mr. Darcy". So I didn't really, you know, play into the whole chick lit kind of aspect of it. I mean it is the original chick lit when you think about it. I only have one or two criticisms of the novel. Not that much, but just things that... it's just... Okay. There are way

way way way way way way too many characters in this novel. I mean, J.R.R Tolkien would be jealous of amount of characters in this novel. first of all you go in, you have to learn the five sisters names right? You learn their names and then you still get mixed up. And then of course miss Austen, you know she introduces, you know, the names of nearly all of the lords and ladies from the surrounding area. And of course you've to remember which manners they come from as well. And then of course they're all the men of the novel which you must try to remember and it's just like "oh, my lord, I need a list, I need some sort of list". That's it. I'm not going to go off on a rant saying "oh I hate Pride and Prejudice so much" because I didn't, right? I liked it. I liked it in moderation. I didn't fly through it like Jane Eyre. I.. it took me about a week. It's about 350 pages. Took me about a week. I kind of took it slowly. I didn't want to fly through it. I personally think Mr. and Mrs. Bennet, the parents, my favorite characters. Mrs. Bennett is mental. And Mr. Bennet is the only sane person in this entire novel. Anyway, I give Pride and Prejudice, by Jane Austen, 3 out of 5 stars. Is good. it's not great, it's not brilliant, it's not Jane Eyre. Isn't it? The Bronte's may have beaten you, Jane.

### **VÍDEO 3: Pride and Prejudice // book review**

Canal: Olivia Marie

Hey, guys. What's up? My name is Olivia, as written on my wall, just in case you forget it or something. Today's video is gonna be about a book. So the book that I recently read is Pride and Prejudice. I'm not sure if this is gonna show it backwards or something. Let's just hope it doesn't. First, can we talk about how beautiful this looks? Like, okay, I got this at Barnes and Noble for ten bucks, which is pretty cheap for Barnes and Noble, you know. Okay, so this is what the cover looks like. It is so beautiful and it got this weird kind of green color which I don't know if they love, but it's there. And the back says: "it is a truth universally acknowledged that a single man in possession of good fortune must be in want of a wife", which if you know anything about Pride and Prejudice is kind of like the slogan for that book. I don't know why I'm going into an in-depth review of this copy, but I did want to talk about it because look at that. Look at that. It's like peacock design. Oh, it's so pretty. Oh my god, I still can't believe how cheap it was, and it comes with, like uh-oh what are these called? Hum... bookmark string thing? But I tucked it in, there, I don't know why I did that, but I can't get it out. So... this book is kind of special because not only is this just an amazing book but also I never read classics. Like, I've tried so many times to get through a classic, but I just couldn't never like, get through it, like it was so boring and, I mean like, I usually stick to one or

maybe two genres, which would be like young adult or like fantasy, stuff like that, which is usually pretty easy to read, but I decided to challenge myself this time, and read something that I have been wanting to read for a really long time, but I wasn't sure if I would be able to get through it. I did get through it, luckily, but it definitely took some time. I spent some some good hours on this book, and let's see how many pages is this. It's like 357 pages. No, 361 pages. It was pretty hard, not only because it was really long, but also because, I mean, this is a classic so... the language is a bit different from how we talk today. I'll be honest. There's a lot of words that I don't know in this book. And, you know, there were times when I just wasn't sure what the heck was going on. Let's talk about why you should read this book. Yeah. So you might be asking yourself what is *Pride and Prejudice* even about. Well, I guess a short, very short summary would be: it's about a girl named Elizabeth who meets this guy named Darcy, who's kind of kind of an asshole and she doesn't like him and he doesn't like her. And it seems like that for a really long time. But eventually we find out like he loves her. It's not a spoiler? I don't think so this book is super old. There's a lot of issues with money and society and marriage. And, oh, there's a lot of drama but at the same time it's a pretty chillax book compared to books these days, you know what I mean. It's like the worst summary ever, but you should look it up you've been wanting to read it. Let's talk about some pros and cons about this book. Pros I would say would be the writing style. Now the writing style is so different from books these days, obviously it's super... super... how do I say this in a way that doesn't make it sound bad? Long and grueling. Even though I would say I'm a fast reader, this took me forever. Literally took me weeks if not a month. I feel like I've been... I was reading it for such a long time, that I could only read like little chunks at a time because my brain would just be like so hurting in a way. Like I feel like I'm making this book sound horrendous and that you should never read it but I seriously love this book, like it's one of my new favorite books. And I will definitely be reading it again, plus I'm pretty sure the second time I read it it'll be a lot easier because I know kind of like what's up, you know. Another thing I really like about this book is the character development. So you see character development in almost, I would say, a lot of the characters, if not all. Which is pretty rare to find, you know. Most of the time a character is just the way they are, and they stay that way for the entire book or the entire series, and that's fine, you know, if it's not like the main character, you know. But with these, like especially with Darcy, I feel like the most obvious example would be with Mr. Darcy, who is super, how do you say, arrogant. Hum... he's so mean and judgmental and pretty much not a good guy. Or is he? He puts up that kind of facade and in a way that kind of is who he really is, but towards the end of the book you see

that he starts to unravel and shows to yourself a bit, and he's not even that bad of a guy, if you ask me. Another thing that I really like about this book is that the chapters are short, which is kind of a random thing that I like, but with books I hate when there's like chapters that are to 30 pages long, because I don't know about you but I'm the type of person that I can't stop like in the middle of a chapter, just like on a random page, because I just need to have like a fresh start of like, what's going on every time I pick up the book. So I always like to stop, you know, on the end of a chapter. It's really nice to me that the chapters sometimes are only like a couple pages long or, like, two pages long sometimes, because, like I said, this book took me a long time to read and sometimes I don't only read like a couple pages at a time. That's okay, because it was just one chapter. And I think that I really like about this book is these sort of women empowerment vibes that I get from it, which I love and I wasn't really expecting, because, I mean, this is *Pride and Prejudice*, it was written however long ago I honestly don't know, but it was written hundreds of years ago and, you know, women didn't really have that many rights, and they weren't exactly respected. It wasn't really common for you to see a woman who's standing up for herself or speaking her mind, you know, like normal things. But the main character, Elizabeth Bennet, is super provocative, for her time she's super outspoken and she doesn't take shit from anybody and she doesn't do stuff that she doesn't want to do. Which I really respect. You know that gets her into a lot of trouble in the book, but it was really nice to see a woman in that time period not going along with societal standards and just doing what she wanted, even though that wasn't what anybody else was doing. Okay. Let's talk about some cons about this book. I mean, the cons are kind of obvious. It would probably be, you know.. I don't want to say this is a con, because, you know, reading books like this really expands your mind, and like, makes you a better reader. I wouldn't say this is a con, but it was definitely a difficulty, which is, like I've said so many times before, the writing style, and the length, and the language, all that jazz. One thing that I didn't like was there were a lot of times when it felt like nothing was happening. Like, the main plot, I would say of this story, is the relationship between Elizabeth and Mr. Darcy. But, I mean, there are so many times when you go through like huge chunks of book, and like there's no mention about Elizabeth and Darcy's relationship, and I'm just like: what's going on, like I picked up this book because I thought it was like kind of romance novel. I assume found out it's not exactly a romance novel, I would say. There's just a lot of stuff going on. Also there's a lot of scenes that are just so boring and unnecessary, and, like, I could just kind of like gaze over a page and not really read it, only read like a couple of words and it wouldn't really matter, because nothing was happening. It was definitely a con but it wasn't so bad that I couldn't keep

reading. Another con that I have for this book would be the ending, which I'm actually kind of really upset about because I had seen the *Pride and Prejudice* movie, with Keira Knightley, a long long long long time ago, so I kind of, you know, had an idea of what this book was about, but the movie is kind of significantly different from the book, especially about the endings. First of all, spoiler not spoiler and really... but Mr. Darcy confesses his love for her, like, a little over halfway through the book. And then the rest of the book is like, I would've said bad, because it definitely wasn't bad, like there was stuff going on, but I was like super conflicted because of, like, this Darcy stuff and I really wanted them to like talk about it, and like, you know, come to an understanding about it, and it was really stressing me out. And then in the end I was super confused, because they obviously like confess their love for each other again, and they decide to get married and bla bla bla, which was super confusing because I didn't understand Elizabeth's, like answer to his proposal towards the end, like I I mean like I get it now, she said yes, and they got married, but it was like, very unclear like it seemed like she was still like, hmm I don't know what I'm gonna do. You didn't seem like she said yes, but I guess she said yes, obviously, but did she? I could just be really stupid and not understanding this, which honestly wouldn't surprise me because it's hard literature. Does the end like they didn't even like, this is petty of me to want, but like, they didn't even kiss, and like there wasn't even like, any really romantic part, and I was just like kind of upset about that, because this has been building the entire book, and I mean, call me crazy but I was just wanting a little bit more romance towards the end, but it's fine, I get it. Other than that I don't really have any other cons. I would say this is such a good book. I would highly recommend that everybody reads this book. Actually, I take that back. If you're not into romance and if you really really really can't get through a classic novel, I guess don't read it. I would really challenge you to try and read it, and just try and get through it, even if there's like whole chapters that you're just like I have no idea what's going on, just keep reading because you'll you'll get it eventually, and then you can watch the movie afterwards, which is exactly what I did, and I loved it. The movie is amazing by the way. The 2005 one, the Keira Knightley one. I definitely do want to read more Jane Austen. I'm just like Keira Knightley. Yeah. I definitely want to read more Jane Austen books. I think I'm gonna read... sense ... I'm gonna try and read *Sense and Sensibility* sometime in the future, although I do have a lot of books lined up right now, so I'm planning on doing more of like a hard read, easy read, hard read, easy read, if that makes any sense, so that I don't, you know, like die. The next book I will be reviewing will definitely be more a young adult fantasy genre kind of vibe, you know. This book was amazing and I'm so proud of myself that I finished this, and I felt so cool reading it in front of

people, because they were all like, wow she's reading Pride and Prejudice, she's like super smart, and I was like "thank you I am". Yeah. Alright, that is it for today's... I need some water. Talking is like really hard, so that's it for today's video. I really hope you enjoyed it, and I really really really challenge you to try and read a classic, especially this book, which I loved even though there were some difficulties in it. Comment down below if you have a specific book that you want me to read and review. Maybe I will sometimes get on to it. I got to do a thumbnail. This is so fun. That's enough. Bye.

#### **VÍDEO 4: ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN (#27)**

Canal: Ler Antes de Morrer

Hoje é dia dos namorados e tem coisa mais gostosa do que passar o dia dos namorados namorando? Pensando bem, até que tem sim. Beijo pra você amor, mas em matéria de romance ninguém supera o livro de hoje. A minha carinha de apaixonada. Não, mentira, é cara de gripe mesmo. Peguei um resfriado muito forte, gente, tão forte tão forte, que podia ter usado isso de pretexto para passar uma semana na casa do senhor Bingley, do mesmo jeito que fez a Jane em Orgulho e Preconceito. Aliás, dá pra acreditar que ela fez isso só para arrumar marido? Esse tipo de coisa que só dá certo em livro. E na verdade os livros da Jane Austen, inclusive Orgulho e Preconceito, que eu adoro, eles sempre me pareceram muito perfeitos demais, sabe? Tudo muito lindo, muito maravilhoso, romances mais românticos do que o próprio romance. Amores mais intensos que o próprio amor, e tudo dá sempre muito certo. Sempre acontece a mesma coisa. A protagonista, uma moça que faz algumas bobagens no começo da história, mas tudo bem, porque no final das contas sempre vai ter o homem mais bonito, mais sensual, mais carinhoso, por coincidência também o mais rico ali das redondezas, que vai se apaixonar perdidamente por ela e eles vão viver felizes para sempre. Olha o Orgulho e Preconceito por exemplo: a protagonista não é a Jane que eu falei, é a irmã dela, é a Elizabeth Bennet. Ela tá longe de ser uma moça perfeita. Na verdade é bem normalzinha. É só você ver: ela tem cinco irmãs e das cinco irmãs ela não é nem a mais bonita, nem mais feia. Não é nem a mais culta, nem a mais ignorante. Não é nem a mais ingênua, nem mais maliciosa. Ela tá mais ou menos na metade e mesmo assim Elizabeth Bennet ela é considerada uma das mais importantes protagonistas da literatura ocidental moderna, porque ela é uma espécie de precursora do feminismo, se é que dá pra falar assim. Ela não era perfeita. Ela estava longe de ser perfeita, mas ela tinha algumas qualidades que faziam dela uma mulher à frente do seu tempo. Ela era muito autoconfiante, e muito

inteligente. É isso mesmo. Ao contrário das outras moças a Elizabeth ela é inteligente, mas sem ser metida a ser intelectual, aquelas moças que passavam o dia inteiro lendo só para impressionar. Ela era irônica, ela era a... ela tinha uma astúcia e acima de tudo ela não se importava caso ela fosse ficar solteira. Ela achava que pra se casar ela tinha que gostar do marido. Tinha que haver amor. E isso, na época em que se passa a esse livro, era uma atitude mais do que rebelde. Era uma atitude suicida. Pois é porque lendo os livros da Jane Austen a gente pode ter a impressão de que as moças naquele tempo, a gente está falando do começo do século 19, mais de 200 anos atrás, a gente fica com a impressão de que as moças naquele tempo elas se alimentavam de amor. Isso porque nos livros dela as protagonistas sempre viviam histórias de amores perfeitos com homens lindos, verdadeiros, príncipes encantados loucamente apaixonados por elas, dispostos a tudo e dava aquela impressão de que os sentimentos eram mais puros, de que o ambiente era de bailes eternos extremamente românticos. Eu escuto até inclusive muita gente dizendo que hoje em dia o amor acabou, que não existe mais romantismo, que os homens só querem saber de sacanagem, que as mulheres também não querem saber de mais nada, não querem saber de compromisso, só querem se divertir, que acabou o romantismo que existia antigamente. E quando eu ouço isso eu fico... O que? Romantismo? Vamos deixar uma coisa bem clara de uma vez por todas antes da gente começar a falar qualquer coisa. No tempo da Jane Austen isso era um fato: casamento era igual a dinheiro. E sabe quem é que prova exatamente tudo isso que estou falando? A própria Jane Austen. Por isso eu quero parar um minutinho para falar da história dessa grande mulher, dessa grande escritora que foi a Jane Austen. Olha só, esse aqui é o único retrato que se sabe que foi feito da Jane Austen enquanto ela era viva. Ele foi desenhado pela irmã dela, Cassandra, então é uma coisa bem caseira, não tem nenhum tratamento artístico nem nada. É bem um rascunho mesmo. Pode até ser que a Cassandra tivesse tirando um sarro da Jane quando ela fez esse desenho, porque olha só, ela tá olhando com uma cara brava, séria, pode até ser que tivesse alguma brincadeira nisso, nós nunca saberemos. E, em cima desse retrato aqui, os herdeiros da Jane Austen, depois que ela morreu mandaram fazer um outro retrato muito mais pomposo, realmente feito por um artista, para a merecer a memória da tia avó tão respeitada como escritora. Então ela tá aqui nesse é outro retrato que a gente também não sabe se a fiel à realidade, mas enfim é a única imagem que a gente tem dela. E como você deve saber a Jane Austen nasceu na Inglaterra. Todos os livros dela se passam na Inglaterra, geralmente no interior da Inglaterra, e ela era filha de um pastor da igreja anglicana, o que significa dizer que ela teve educação, ela tinha acesso à cultura, mas que a família dela não tinha muito dinheiro. E essa falta de dinheiro fez uma diferença

enorme na hora de encontrar marido. É. Eu vou explicar. Quando ela tinha 20 anos ela se apaixonou perdidamente por um rapaz chamado Tom Lefroy, que foi vivido no cinema pelo fofo do James McAvoy, olha que coisa fofo esse rapaz, e, para alegria geral de todo mundo, ela foi correspondida. Viva! Mas olha só como são as coisas: nenhum dos dois vinha de uma família que tivesse grana. Claro que não chegava a ponto deles serem camponeses ou operários. Eles estavam numa classe social um pouco acima disso. Não precisavam trabalhar para viver, mas nenhum dos dois tinha dinheiro para se casar, dinheiro para ter uma casa confortável, com empregados, eles não tinham renda garantida que viesse todos os anos infalivelmente, então dois pobres se casando não era uma coisa muito vantajosa naquela época para a classe social da Jane Austen, e isso fazia toda a diferença. O nosso amigo Tom aqui, por mais que fosse bastante fofo, por mais que gostasse da Jane, ele pensou um pouco e decidiu que era melhor largar dela e encontrar uma esposa de família rica, porque, como eu falei, casamento é igual a dinheiro. E foi exatamente isso que ele fez. E a pobre da Jane, volta aí a foto dela, a pobre na Jane, ela sofreu horrores, e ela não foi a única da família dela que não teve sorte com o amor. A irmã dela, Cassandra, a mesma que fez aquele retrato original dela, também teve muito azar. Ela ficou noiva de um rapaz, ela gostava muito desse rapaz, só que ele também não tinha dinheiro, e então eles resolveram esperar para ele trabalhar, conseguir juntar um capital para eles conseguirem se casar e ter uma vida confortável. Ela ficou ali esperando, noiva, só que alguns anos depois o cara morreu, e tanto a Cassandra quanto a Jane, sem querer ser pejorativa aqui, mas as duas acabaram ficando para titia. O que no tempo delas é sério, era uma verdadeira tragédia. É diferente de hoje, “ah, eu fiquei pra titia, não tenho ninguém”. Não, no tempo delas era grave mesmo, porque as mulheres por lei não podiam herdar as coisas do pai, então por ser mulher ela não podia herdar a propriedade do pai, ela não ia ter casa depois que o pai morresse. E elas também, na classe social delas, elas não podiam trabalhar, elas nunca aprendiam uma profissão, elas cresciam para ser dona de casa, para serem esposas, elas eram inúteis no mercado de trabalho. Então as duas irmãs precisaram depender da caridade dos outros irmãos homens delas, porque esses sim, mandaram bem, fizeram bons casamentos com mulheres com bastante dinheiro, sem nhenhênhem de amor e tal, e todos eles casaram bem, ficaram muito bem, obrigado, e conseguiram dar alguma forma de sustento para as duas irmãs. Então me fala uma coisa: num mundo como esse você acha que sobrava muito espaço para romantismo? Para amor? Só se fosse na ficção mesmo. Pois foi exatamente aqui, na literatura, que a Jane Austen, que era muito talentosa encontrou refúgio para as tristezas dela. São histórias como orgulho e preconceito, em que o amor está acima, triunfa em cima dos interesses financeiros e das



diferenças entre classes sociais. A protagonista Elizabeth Bennet, ela é um pouco como a própria Jane Austen, ela é uma moça que tem uma família que não tem muitos recursos, mas mesmo assim ela consegue se casar por amor e não por dinheiro. Então você vê, à primeira vista a literatura da Jane Austen parece inofensiva, parece história de mulherzinha, romancinho no como água com açúcar, mas não. Na verdade eu vejo os livros dela como um grito de protesto. O protesto de uma mulher que se sentia aprisionada pela sociedade, pelo fato de ser mulher e de não ter dinheiro. Uma mulher que uma vez foi imprudente o bastante para acreditar em amor verdadeiro, o que no tempo dela não passava de historinha de ficção. Por isso os livros da Jane Austen eles não são só historinha de amor com final feliz, eles são cheios de ironias, cheio de pequenas críticas às hipocrisias da sociedade e também da situação absurda em que viviam as mulheres. São livros que deram força para ela, a Jane Austen como pessoa, e que continuam alimentando em mulheres do mundo inteiro a fantasia do amor perfeito. E a todos vocês eu desejo um dia dos namorados ótimo com ou sem namorado. E se tiver sem namorado fica na companhia de negócio, principalmente do Orgulho e Preconceito. Eu garanto que não vai faltar romantismo na sua vida. A gente se vê na semana que vem. Até lá.

#### **VÍDEO 5: RGBC #4: Orgulho e Preconceito (Jane austen) + Update**

Canal: tatianagfeltrin

Olá. Bom, hoje então a gente vai conversar um pouquinho sobre o incrível Orgulho e Preconceito da Jane Austen e também no final desse vídeo vou mostrar pra vocês uma atualização do meu desafio da Rory Gilmore, certo? Vamos lá então. Começar conversando com vocês sobre o Orgulho e Preconceito, *Pride and Prejudice*. Eu li no Kindle nessa minha edição aqui de livros da Jane Austen que, enfim, é um arquivo único, então vou sempre mostrar a mesma capa pra vocês. Aliás, sempre não porque eu tenho em edições físicas o Emma e o Persuasion. Certo? Bem, vamos lá então. No mês passado eu li o Razão e Sensibilidade, né o *Sense and Sensibility*. Pra quem não viu o vídeo anterior eu vou deixar um link aqui também lá embaixo e assim como já tinha contado pra vocês, aquela foi a primeira vez que eu li um livro inteiro da Jane Austen, né? Antes disso tinha daquelas adaptações curtinhas pra cursos de idioma e eu nunca tinha terminado de ler né, por completo, livros dela assim no original. Teve um livro que passei bem perto de terminar que foi o Emma, mas também já não me lembro porque que eu abandonei, enfim. Então pode se dizer com Razão e Sensibilidade foi assim primeiro livro dela que eu li e eu gostei, mas eu não gostei tanto.

Então eu meio que terminei aquela leitura não entendendo muito bem o que todo mundo vê na Jane Austen, mas agora que o livro *Orgulho e Preconceito*, agora eu entendi. Esse livro vai contar pra gente então a história da Lizzie Bennet. Na verdade é a história da família dela, mas ela é a personagem principal. Os pais tiveram cinco filhas. A Lizzie é a segunda né, mais velha. Ela tem 21 anos de idade. A irmã mais velha que é a Jane tem 23, e aí é uma escadinha, se não me engano as meninas têm 17, 16 e 15. O pai, como é de se esperar de uma família onde existem cinco filhas, né, e que passam assim por dificuldades financeiras, né, naquela época se você tivesse um filho na você teria assim mais chances, né um filho homem, digamos assim, você teria mais chance de ser bem-sucedido, mas no caso dele eles tiveram cinco meninas. A mãe dessa família obcecada em fazer com que essas filhas, ela não vê a hora de se livrar dessas meninas, e o livro começa então com a chegada de um bom partido na cidade. Que é o senhor Bingley, que é um personagem super fofo. Ele é de uma família bastante abastada e tal. Eles chegam a falar no livro a quantia né, que ele recebe por ano, então não sei nem como é que eles ficavam sabendo o quanto é que fulano ganhava por ano. Mas tá, não tinha televisão naquela época. E ele não vem sozinho, ele vem junto com um amigo dele que é o Mr. Darcy, que já é totalmente o oposto do Bingley, ele é super mal-humorado mal-encarado, ele é tipo as pessoas que você dá bom dia e a pessoa responde bom dia por quê. Então este é um senhor Darcy. No livro pelo menos o senhor Darcy não é descrito como um homem assim atraente, nem nada do tipo, mas na versão para a BBC naquele seriado em seis capítulos da BBC o senhor Darcy é interpretado pelo Colin Firth. Colin Firth de senhor Darcy. Quem não viu essa adaptação da BBC precisa ver, só digo isso. Então durante um baile né, e todas as pessoas foram convidadas, em que todas as pessoas da sociedade, aí eu já não entendo muito bem onde é que entra assim né na família da Lizzie nessa sociedade, porque eles são, assim, não tem dinheiro pra nada, mas eles são sempre convidados para eventos. Não sei direito como funcionava a sociedade naquela época, mas o senhor Bingley então se apaixona pela irmã mais velha da Lizzie, e a Lizzie num primeiro momento ela tem uma pontinha de interesse pelo senhor. Ela até o convida para dançar e ele dá uma bela esnobado nela respondendo qualquer coisa do tipo “se eu puder evitar eu não vou dançar”, e sai andando. E a Lizzie ela é uma personagem assim bem interessante. Eu gostei demais da Lizzie. Ela é muito inteligente. Ela é descrita como a filha mais inteligente desse casal. Ela lê muito, e ela é muito rápida nas respostas que ela dá. Ela tem uma resposta sempre pronta na ponta da língua, ela não deixa ninguém menosprezá-la por causa da situação social, nada do tipo. Ela é uma mulher é assim que se impõe, não importa perante quem. Tem um momento no livro em que ela vai ter uma conversa muito séria com a, né, senhora

Catherine de Burg, que é assim a mulher mais rica do condado, digamos assim, e ela acaba com essa mulher. Vocês não têm noção, é a melhor parte do livro. Então pra mim as melhores partes do livro são essas conversas da Lizzie com as demais personagens. É essa construção de personagem que a Jane Austen vai construindo pra ela, vai dando para ela essa personalidade forte, e ela vai se firmando a cada diálogo que ela tem com o senhor Darcy, ela vai se firmando e vai mostrando pra ele que ela também sabe, tem lá o seu orgulho. O título do livro Orgulho e Preconceito vem então das personalidades fortes nesses dois personagens. Então num primeiro momento todo mundo acha que essa coisa mal-humorada aí que não se mistura fácil com todo mundo do senhor Darcy é devido ao fato de ele ser muito orgulhoso, e o preconceito do título fica atribuído então a Lizzie Bennet, né, por ela criada ao longo do livro todo ali toda uma imagem muito negativa desse senhor Darcy apesar de existir uma tensão sexual entre os dois personagens ao longo da história toda. Só que esses valores de orgulho e preconceito vão meio que mudando de posição ao longo da história inteira. Isso é muito interessante. Em diversos momentos do livro a Lizzie assume essa parte do orgulho e o senhor Darcy a do preconceito e assim vamos, até tudo ser resolvido no final da história. Finalmente um final decente para um livro de Jane Austen. Eu não gostei nem um pouco do final de *Rasão e Sensibilidade*. [Sobre a adaptação da BBC e o filme de 2005] Eu achei as atuações mais convincentes e mais condizente com um livro mesmo né, e não sei eu tenho um pouco de bronca com a Keira Knightly. Eu não acha lá essas coisas. Agora a moça que faz Lizzie Bennet no seriado de tv que é a XXXXX, se não me engano, eu não me lembro sobrenome dela, vou deixar escrito lá embaixo. Aí sim sensacional. Está perfeita no papel da Lizzie. E o meu personagem preferido desse livro disparado é o pai das meninas. Sério, o que é aquele pai? Ele é muito engraçado. As melhores tiradas são dele. Sem contar que o filme né, de 2005, não dá assim muito destaque para as outras irmãs, e no seriado a Mary, que é a garotinha que toca lá piano e tal, ela é super divertida que tem né vários momentos bacanas do livro, e no filme ela sempre... acho que ela tem uma fala no filme. Então tá, fica a dica pra vocês então de um livro espetacular, e agora vou mostrar pra vocês então um update do meu desafio Rory Gilmore. [...].

## **VÍDEO 6: Resenha - Orgulho e Preconceito**

Canal: Abstração Coletiva

“Todos nós gostamos de dar lições, embora só possamos ensinar o que não vale a pena saber”.  
Eu li *Orgulho e Preconceito*. O livro *Orgulho e Preconceito*, ele foi escrito pela Jane Austen e

foi publicado na Inglaterra em 1813. Ele conta a história da Elizabeth Bennet, ou Lizzie, como ela vai ser chamada. A Lizzie ela mora no interior da Inglaterra no século XIX, e ela vem de uma família tradicional, embora seja uma família de poucas posses. E para piorar a situação financeira dessa família, o senhor e a senhora Bennet tiveram cinco filhas mulheres. Então a maior preocupação dessa família, especialmente da senhora Bennet, é casar essas meninas, de alguma forma a garantir o futuro delas. A Lizzie ela é a segunda filha mais velha, e numa noite de baile ela vai conhecer o senhor Darcy e vai manter um relacionamento com ele. O livro *Orgulho e Preconceito* ele pode ser visto sob diversas óticas, como se ele tivesse muitas camadas. Uma primeira camada, mais evidente, nós temos esse romance entre a Lizzie e o senhor Darcy. É um romance muito bem construído. Nós como leitores conseguimos ver exatamente quando que surge esse sentimento. De que forma ele cresce e se fortalece, e os dois protagonistas né, tanto a Lizzie quanto o senhor Darcy, são personagens super interessantes. A Lizzie, apesar de ela não está totalmente deslocada em relação à sua época, ela ainda está sujeita às convenções, às tradições sociais do seu tempo, ela tem várias características que a diferenciam. Por exemplo, ela tem uma inteligência muito afiada, então quando ela conversa com os outros personagens, mesmo que sejam homens ou personagens com uma posição social superior à dela, ela sempre vai conseguir se impor, ela vai conversar de igual para igual. Ela tem essa personalidade muito franca, muito solar, que vai acabar contrastando com a personalidade do senhor Darcy, que é um personagem mais introspectivo, mais sóbrio mais arrogante. O interessante do senhor Darcy é que ele é muito rico, e mesmo assim ele sofre preconceito, porque ele sempre vai acabar sendo preterido na história por personagens mais simpáticos, com uma personalidade mais exuberante. Como eu disse antes, o senhor Darcy então é esse homem rico, de uma família tradicional da região. E essa diferença econômica entre a família dele e a família da Lizzie vai criar uma barreira para o relacionamento dos dois. E assim nós somos conduzidos à segunda camada desse romance, que é uma reflexão que a autora Jane Austen propõe sobre os sentimentos que dão título à obra: orgulho e preconceito. Muitos vão ser contra o romance da Lizzie com o senhor Darcy, mas o maior impedimento para esse relacionamento são eles mesmos, porque esse preconceito que existe na sociedade também está enraizado nesses dois personagens. Eles vão ter que rever os próprios valores, e acreditar que o amor é capaz de provocar esse tipo de reflexão, transformar as pessoas, na minha opinião torna *Orgulho e Preconceito* o livro mais romântico já escrito. Existe ainda uma terceira camada de análise desse romance, que é o retrato que é Jane Austen faz sobre a sua época. A autora vai criar uma série de comédia de costumes. Num primeiro momento todos os acontecimentos relevantes dessa história parecem

se resumir a bailes, jantares sociais, boatos. É uma sociedade muito fútil, muito ávida em julgar as pessoas, avaliá-las conforme a renda, a aparência que possui. E alguns personagens deste livro, a Lizzie entre eles, mas especialmente o pai dela, o senhor Bennet, vão observar essa sociedade com um olhar mais crítico, mais irônico, e vão perceber aí todo o absurdo dessa situação. Eu adorei esse livro. Fiquei bem impressionada com a escrita da autora. A Jane Austen escreve de maneira bem informal, mas não é uma leitura chata, nem é difícil, porque permeando todo o texto tem um humor muito inteligente, muito elegante. As minhas partes favoritas do livro sem dúvida eram os diálogos sensacionais, muito gostosos de ler, principalmente aqueles que envolviam ou a Lizzie ou o pai dela o senhor Bennet, e os dois são os meus personagens favoritos do livro. Recomendo muito a leitura de Orgulho e Preconceito. Acho que um dos grandes clássicos aí da literatura mundial, e a Jane Austen conseguiu criar um casal muito verdadeiro, muito icônico. Não dois seres perfeitos e solitários se apaixonam à primeira vista, mas um homem e uma mulher repleto de falhas, que vão precisar se esforçar para estarem à altura do relacionamento que eles tencionam ter. Abraços e até a próxima.

## ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS DE UNBOXING

### **Vídeo 1: Chocolate and Book Unboxing // May Edition**

#### **Canal: Me, Simone & I**

hey guys welcome back to my channel simone here so today I'm going to be filming my next unboxing for a chocolate and book and you know how much I loved it last month I will link my previous month's one and I have again the surprise box and so I don't know what's in here I don't know what book it is but let's open it and find out so inside I have a box with a sticker on the front of the little chocolate in a book let's let's see what's inside so I'm ready I'll let you see what's in here first there's black and what's that black and red paper today so we have the little ticket to say what's there then we have the chocolate beverage this time and this one I'm very excited about because this is galaxy galaxy this is galaxy instant hot chocolate which I really really liked and I'm really glad as I have them here and they just three of them and this little twine thing that you know how much I do like then I have two interesting and there's two chocolate bars in here two chocolates today I think these are little like little little chocolates I think I'm not sure on it's a bar of chocolate it's just their little ones so the first one I and it's from the brand Venezuelan also it's on the brand Willy's cacao and it's made in Devon apparently made from natural cocoa butter walking sugar milk and then whatever their flavor is to this little one the pink point is raspberries and cream white chocolate and jeweled with raspberries that sounds interesting and then this from which I'm really excited about is the sea flakes this is milk chocolate of sea salt and I like sea salt in like all the chocolates I'm a big fan of that so I'm excited to try those too let's call that yet to this month because they could have just included one and I would have been happy to have two different ones that's really cool and then we have the books again it's come wrapped up as it always does have a little bookmark and this one today is a little orange one with again the little charm the charm this time is a little heart and you probably can't see that because it doesn't focus my camera very well this says you had me at I love reading and it's unknown the quote I really like that quote and I'm really enjoying these bookmarks I've been using them a lot so that's cool then we have the book and I love that it's red and black this is something about this is just very very pleasing let's open it find out what it is again I have the surprise as your must that means that you get I don't know that you don't know what it's I've had to you know I think I know

about a fantasy one and then I have a thriller one this is interesting so I've never heard of this book before not quite unusual the other two I have actually heard of before this one is the zoo by Christopher Wilson and I'll just really quickly read the back so it says meet URIs if it's a boy who's had a bang on the head in a collision with a Moscow milk truck he has a kind face makes friends easily and likes to help people want to tell him their secrets including the great leader himself who takes a shine to Yuri and employs him for his natural talents in his new job Yuri will witness at all betrayals body doubles buffoonery who knew that a man could be in five places at once that someone could break your nose as a sign of friendship that people could be disinventured the zoo is a brilliantly cutting satire told through the voice of one incredible boy so that's interesting I don't really think I've read much that I before um and again like I said I've never heard of this book before so I'm quite interested to read it it sounds very very strange I won't be like oh it like this is not one that I would have picked up myself probably but as I own it now and is a cool little red spine yeah I will read it at some point and obviously fill you in and let you know so yeah we'll see how it goes so I thought I was done and I've just looked in the bottom of the box and found this which is two little tea bags and on the front it says nutty chocolate flavor Assam Twinings so again this is gonna be interesting I've never tried to eat all dropped it I've never tried to chocolate tea before so that could be interesting and like I said I leaned it quite a lot this month I've got two different types of drinks I've got two different chocolates and a book so I'm really excited about that and a bookmark so that is my unboxing for May hope that you liked this video give it a thumbs up if you did let me know if you have gone on to get this book yourself because I'm really excited to hear what other people think of this and I'm looking forward to eating the chocolate and having the galaxy hot chocolates and like I said give this a thumbs up and subscribe to my channel if you haven't already and actually in my next one bye guys

## **Vídeo 2: Book Swap Unboxing ☆ May 2018 | Roya Eve Reads**

**Canal: royaevereads**

hey guys so today I'm gonna be doing a mystery book unboxing and this is another book that Yasmin has sent to me I'll link her channel down below because we swap one book every month so if you want to go check out what book I've sent her this month I think she'll be putting that up after she gets back from Japan because she's in Japan at the moment that

makes sure you go check out her channel I'm really excited to see what book she sent me this month this is really big I'm curious to see what this one is I'm gonna see if I can like pull out the bookmark without looking at the book oh it is a paperback that's interesting cute I don't know what this is this is another children's bookmark but it's Kipper I've never heard of Kipper before that Kipper is super cute okay so I'm gonna look at the book I'm so excited yay okay so it is if I can get it out of this cardboard lady midnight by Cassandra Clare I'm so excited that it's this book I have all of the other like Shadowhunters related books and I'm caught up on the series except that I haven't started reading the dark artifices yet so I don't own a copy of Lady midnight so I can't wait to read this one I'm so excited about it I've been wanting to read this for the longest time and I have kind of just kept putting off like getting it every time I see copies of this book in bookstores in New Zealand it's super beat-up like I don't know how they end up with a book is that like the covers all scratched and stuff that this one is perfect so I'm so glad that you hasn't sent this to me it's beautiful and these letters like 3d it's awesome so I'm so happy to have a copy of this book finally it means I can get caught up on the dark artifices so once I've read this one I can read what's the one after this Lord Of Shadows and then there's the other one coming up later this year I think so I'm so excited I've heard amazing things about the dark artifices series so yeah make sure you guys go check out Yasmin's channel to see what book I sent her this month and I will see you guys with another video in a couple days thanks for watching bye

### **Vídeo 3: SPRING BOOK HAUL + UNBOXING 2018!**

#### **Canal: Sandyreadsalot**

Hi everyone, it's Sandy and today's video is my spring book haul. This is a collective book haul of all the books that I accumulated since the end of August. I haven't posted a book haul in months because I haven't been buying a lot of books but I finally accumulated enough books where I think it's definitely worth showing in a book haul, so here I am with a book haul. I also have a handful of packages to open in this video so I'm going to do that towards the end. I'm going to start off with the books that aren't in packages. The first book that I got is *The Truth About Alice* by Jennifer Mathieu. I've heard about this book for a really long time but I never got around to picking it up or buying a copy and so when I went to Half Price Books one day, I saw this book. I saw that it was one dollar and because it was so cheap, I immediately bought it. And Jennifer Mathieu is the author of *Moxie*, which is her newest



release and I haven't read Moxie yet but I really really want to and I believe that this is her debut novel. All I know about this book is that it deals with rumors and slut-shaming and it focuses on a girl named Alice, which the blurb describes as being a slut and that everyone knows that she slept with two guys at a party. So this book centers around her but it follows the perspective of four different people in her life. I think that's a really unique and interesting way of storytelling, so I definitely look forward to reading this book. This is also a pretty short book too so I definitely will get through it fast and I do hope to pick it up soon. The next book that I picked up is Zenith by Sasha Alsberg and Lindsay Cummings. There was a book tour for Zenith and Sasha and Lindsay did end up coming to Chicago for the first stop, and so I wanted to go to the signing to support these authors and also see some friends that were there. I haven't read this book yet but it has been described as being similar to Guardians of the Galaxy but with an all-female cast of space pirates. I think that sounds really interesting. I do want to read it but I just haven't gotten the chance to read it yet. The next book that I got is Immortal Reign by Morgan Rhodes. This is the sixth and final book in the Falling Kingdoms series, which is one of my favorite fantasy series. I know that Falling Kingdoms has a lot of mixed reviews but I personally really loved it. Every time I describe Falling Kingdoms, I always have a very difficult time doing so but Falling Kingdoms is a fantasy series following multiple point of views. We have the point of view of a princess, a prince, a sorceress, and a rebel, and so much more. As each book goes on we are introduced to a whole new set of characters and I love seeing how all these storylines come into one by the very end of the book. So I actually did finally this book in March so I'll talk more about it in my March wrap-up. The next book that I got is Obsidio, the third and final book in the Illuminae files by Amie Kaufman and Jay Kristoff. I'm going to give a quick synopsis of the first book, Illuminae, since this is the third book but the first book follows Kady and Ezra, who have just broken up and then their planet is invaded. They end up getting separated from one another and so they're on different spaceships trying to communicate with one another and figure things out basically. I think this whole series is so unique and it's incredible and I've also finished the third book in March so I'll talk more about it in my March wrap-up. The next book that I got is Children of Blood and Bone by Tomi Adeyemi. I ended up doing a books for trade with this book and I'm so happy because this is one of my most anticipated releases of 2018. I know that the author has been describing this book as being Black Panther but with magic. This book follows Zolie, who is working to bring magic back to her people with the help of a rogue princess. This book sounds incredible and I've heard so many amazing things about this book. Since I've been pretty busy with classes, I haven't had the chance to read this book yet

but once this semester ends, you bet I will be picking this book up because I'm just so excited and it's killing me that I haven't read it yet. Also look how beautiful it looks naked and there's even a freaking map. Now it is time to open some packages. The first couple packages are books that I ordered from Barnes & Noble because Barnes and Noble recently had a buy three hardcover books for 10\$ each and because of that sale, I just couldn't resist so I bought a couple books. One of those actually happens to be *Immortal Reign* but I already opened the package for that, so this is the first package. There's a pull - am I surprised? No. I just like punched myself in the chest, which kinda hurt but ok. Alright, I don't know what book is in here, I think I just saw it, yes, okay a bunch of papers just came out, but this book is a book that I've been wanting for a really long time and it is *Truly Devious* by Maureen Johnson. This book is a YA mystery thriller book and it takes place at a private school called Ellingham Academy. The school opened in and shortly after it opened, the wife and daughter of the founder were actually kidnapped and the only clue left behind was a riddle that was signed "Truly Devious." And so now this book takes place years later following our main character Stevie, who is a true-crime aficionado. She is determined to solve this kidnapping case, and then some strange things happened, people start dying, and *Truly Devious* had made a return. I've also heard really great things about this book and you all know how much I love reading mystery thriller books, so I definitely look forward to picking this book up soon. So this is the next box and there are two books in here, the first one is *Autoboyography* by Christina Lauren and I've heard really good things about this book from Joce aka squibblesreads. This book follows a high school senior named Tanner, who has hidden his bisexuality since his family moved to Utah. He ends up taking a writing seminar where he meets Sebastian, who is a Mormon that's mentoring the students in the class, and Tanner ends up falling for Sebastian. And the last book that I got from Barnes and Noble is *Warcross* by Marie Lu. I read this book at the end of 2017 and I ended up really loving it. This book follows Emika Chen, who is a bounty hunter and a hacker and she ends up hacking herself into the *Warcross* championships, which is this virtual reality game that's super popular and everyone plays it. She thinks she's going to be arrested but she ends up being offered a job opportunity from the creator of the game himself. The next book is coming out later this year I believe and it's actually a duology so the next book is going to be the final book and I definitely look forward to reading that, but if you haven't read this book yet I highly recommend that you check it out. The rest of the books that I'm going to be showing are books that I did books for trade with, so I traded some of my books for other people's books. The first book is *The Cruel Prince* by Holly Black. All I know about this book is that it

follows a character named Jude, whose parents were killed when she was younger and she along with her two other sisters were taken to the world of fairy. To be honest, I'm kind of hesitant to read this book because I wasn't a fan of Holly Black's previous books. I just don't connect with Holly Black's writing and her characters very much but I've heard a lot of good things about this book, so I am interested in picking it up, but it's definitely not a priority for me, so hopefully sometime this summer, I'll get around to reading it and seeing what I think of it, because I have a lot of friends who really loved it and I do want to love it too. This is the next package and I don't remember what's in it so let's see. This book is wrapped in bubble wrap. This is fun and I want to do this all day, alright, but moving on to the book. I actually traded an arc for another arc. I really don't care for collecting arcs very much but this was a book that I wanted to read and the book that I got is *Renegades* by Marissa Meyer. I actually wasn't super excited about the release of this book - granted, this book did come out while I was studying abroad, so I was completely separated from the book world, so I really wasn't paying attention to any of the new releases coming out during the fall of 2017, but since I got back from studying abroad, I've been hearing the premise of this story and I've been hearing other people's reviews of it and I've been mostly hearing pretty positive reviews about this book. What I know about this book is that it follows two different groups. I can't remember one of the names of the groups but one of them is called *Renegades* and so this is kind of a story where the line between hero and villain is blurred. I think that just sounds super interesting and I can't wait to read this book. This is a package for the next book. I already cut it open and I do know what's in here but the book is *Tower of Dawn* by Sarah J Mass. This is I believe, it's now the sixth book in the *Throne of Glass* series. This was originally going to be a novella following Chaol's character but Sarah J. Maas just ended up writing a lot and I think it's now its own book. I haven't read this book yet and I believe the last book in the series is coming out the fall of this year, so I definitely need to get around to finishing this book, so I can finish the series. I've only seen a couple people on BookTube talk about this book and they said that they loved it but I haven't really heard much of what other people think about it. So this is the very last package, and there are two books in here, that's what I know. The first book in the package is *Alex and Eliza* by Melissa de la Cruz. This is a story that tells how Alexander Hamilton and Elizabeth Schuyler met and I'm pretty sure it shows like the beginning stages of their relationship. This is actually the first book in a trilogy, I believe, I know that there are more than one book but I'm not sure how many books will be in the series. I remember that a couple months after this book came out, I picked up the audiobook, but I had a really hard time getting into it, so I DNF'd the audiobook, but I was still interested

in continuing on with the story, so I traded for a copy of it so that I can read it myself. And the very last book in my book haul is *The Hazel Wood* by Melissa Albert. This book follows Alice, whose mother is stolen away by a figure who claims to come from the supernatural world where her grandmother's stories are set. This book has gotten some hype but I've actually heard a lot of mixed reviews about this book, so I'm definitely hesitant to go into it but I am interested in the story and plot and hopefully I enjoy it. That is it for my spring book haul. I hope you enjoyed watching this video. If you've read any of the books that I mentioned, please let me know your thoughts in the comments below. Thanks for watching this video and I will see you next time. Bye!

#### **Vídeo 4: Summer Book Haul**

**Canal: Katesbookdate**

hey guys it's Katie welcome back to my channel today I'm doing a book haul I'm hesitant to call it a summer book haul because that would indicate that this is the only one I'm going to do this summer which I think we all know it's not true but I do have quite a few books to get through here that I'm really really excited about and I have one upper case unboxing as well to do so I will say that till last then I will leave a timestamp down below in the description most of these are coming from book outlet because I broke down and bought a big order oh and I will leave a link down below in the description for every single book that I talked about if you want to go learn more information about them or if you want to pick up the copy and other than that let's just get started so the first book that I have to show you is *Big Magic* by Elizabeth Gilbert if you've been around for the last couple of months you know I've already read this book and I absolutely loved it I actually listened to it on audiobook but I loved it so much that when I saw it on book outlet I knew I wanted to get a physical copy I'm definitely going to be rereading this at some point in the future this is a nonfiction book about creativity and fear and like living a creative job and so it's sort of like an inspirational motivational self-development self-help kind of thing we definitely definitely recommend this if you're a creative person or if you're looking for a job in a kind of creative field I found this so encouraging and inspiring and I loved listening to the audiobook version of this I would super super super recommend this the next book I have is also actually something that I already read and that is *Girlboss* by Sophia Amoruso I also listen to this on audio and then I saw it on book

outlet for super super cheap so like why not they got the physical book - I know I'm the worst so this book is actually about the founder of Nasty Gal which is an online like women's clothing store so this woman who made this company was like so the like polar opposite of what you would expect the CEO to be she was just like slumming it not being able to keep jobs hitchhiking all over the place I was she finally got her together and grew this like crazy big amazing company and so this book is about kind of her journey getting her life together making this company part like business advice and just kind of what happened for her personally I can't remember when I gave this book it was it there are three or four stars I did enjoy it there were some things that were just like kind of weird about it but overall it was a really good experience and apparently it was actually also a Netflix show about her I think it's also just called girl boss I don't know if you guys have seen that show but there's an entire TV show based off of her life we're just talking non-fiction kick here right now I got another non-fiction book and that is scrappy little nobody by Anna Kendrick I have not read this one yet I do really want to get to this just because I love Anna Kendrick I don't really know what this is about I think it's just like in non-fiction memoir kind of about her life and like I said I love Anna Kendrick I think she's really funny I'm definitely interested to read her book I lied we're not the last non-fiction book we had another one here and that is the opposite of loneliness by marina Keegan's was actually really sad so this is a collection of essays and stories and I'm definitely gonna butcher this explanation but I think the gist here was the writer of these essays and everything she was in college when she died and then they published all of her work after she passed away so these were all of the last essays and stories that she wrote before she died and I know she was going to some like really prestigious college I think it was like in New York unless they're like NYU or Columbia or something like that but I could definitely be wrong either way there's got some really big buzz when it came out back in like 2014 and I just never got around to it but then I saw one book out I was like yes I'm still interested I definitely want to pick that up next I have Dorothy must die and the wicked will rise by Daniel Paige these are the first two books in his series and it's actually a four book series but book outlet was selling a box set of the first two and also had the first two for sale individually but it was cheaper to buy the box set so I was like okay this series is a retelling of The Wizard of Oz but with a twist a different girl from Kansas goes back to Oz but Dorothy is still there like ruling the place and she's turned like magic hungry and evil - now the new girl from Kansas like bands together with all of the evil or the formerly evil witches and they like make a plan to bring down Dorothy I've read the first book in the series and I gave it a 4 out 5 of stars I ended up really really enjoying it so I'm definitely excited to continue on with the

series at first I had a really hard time getting into this series so I would recommend that you pushed through if you're not loving it at the beginning it took quite a while for me to get into it once she was in Oz and like started kind of getting into her groove there I liked it more but when we were like setting the character at the beginning she's in this like trailer park and there's this girl at school who's like eight months pregnant who's bullying herself it was really really weird he did not like the beginning I had a hard time liking the main character she was just kind of off-putting for me but then it ended up getting really really good off the trend of retellings and the front says evil is rising in a wonderland so I'm assuming that means this is like a really dark retelling I'm sorry if it sounds like I'm like talking really weirdly today or if I'm like slurring my words or something I had a really bad migraine yesterday's my brain is just kind of like not at full functioning capacity but I believe this is the first book in a series so hopefully this is good because I would love to find another retelling series that I love next I picked up ghostly echoes and the dire King both by William Ritter this is the third of May fourth book in the Jacobi series I read Jacobi and the second book in the series Beasley bones back in like 2014 or 2015 it's been a really long time and then I just never continued on so I was really excited when I saw these on book out like so I was like finally I should definitely get back to that I loves the first two books in the series they're just so different from all the other books that I read so when I pick that series up it's just like a break it's like a breath of fresh air because it's just so different from anything else I read like the tone and the writing and the story is just so unique if you like Doctor Who or Sherlock Holmes you would definitely love this series and it's really funny and just like it's kind of a stupid humor to be honest but it's really entertaining you follow this woman who is the assistant of this man called Jacobi and they're basically investigating a supernatural crime and each one of these kind of reads like an episode of it in like a TV show or like a crime that they need to solve it's just a really fun series next I picked up a hardcover edition of the becoming of Noah Shaw by Michelle Hodkin thanks to my friend Monica here on booktube I actually managed to get an arc of this book and I've already read it and I absolutely loved it but because I love this series so much and I love this author so much I wanted to support her and pick up an actual physical copy of the finished book and also I'm a little like superficial in my bookshelf ways and I wanted like a nice pretty hardcover for my shelf but the becoming of Noah Shaw is the like sequel series to the unbecoming of Mara Dyer trilogy but from her love interest point of view Noah Shaw obviously I think I ended up giving the becoming of Noah Shaw out of stars I didn't love it as much as the unbecoming of Mara Dyer I preferred reading from Mara's perspective instead of Noah's perspective but I still really really enjoyed it Next book I picked

up Tower of Dawn by Sarah J. Mass I'm so irritated I'm so irritated this book exists and I'm more irritated with myself that I bought it so if you didn't know this is technically like the sixth book in the Throne of Glass series and it's all about the character Cale Westfall and if you've seen any of my unpopular opinion videos especially my characters I hate video I don't like Cale and so now the idea that I have to read an entire book about him does not make me happy because originally this was supposed to just be like a novella off to the side that you could read about Kale if you wanted to but then she ended up like putting things in his book that you need to read before he can read the next book so now I'm like obligated to read this book if I want to keep reading this series and that just makes me mad so I finally make the tower block who knows if I'm gonna get to it maybe I'll like pick up the audio book and like force myself to get through this because I'm already going in with like the mindset that I'm not gonna like it which is probably not a good thing if you've already read this book and you don't like Kale please let me know down below in the comments what you thought of it and tell me if it's like better than you expected because I would love to hear that and then the last book that I have to show you that I bought before I get into my unboxing is something that I picked up from where Insano actually and it's about damn time that is restored Me by Tahereh Mafi this is the next book in the Shatter Me trilogy it's by Tahereh Mafi which was originally a trilogy and finished but turns out we're getting more books and I love this new cover I love this I think it is so pretty with like the white and then the eye is just like a pop of color I just loved this cover I'm super super excited to pick this up Shatter Me was one of my favorite series of high school I loved reading them I'm thinking I'm gonna do a reading blog while I read this you guys can read it along with me because I'm super super excited about this one and so last but not least we're gonna get to my uppercase unboxing thank you again uppercase so much you're sending me your boxes to review if you guys gonna learn anything more about uppercase or you want to look into getting your own subscription I will have all that information linked down below what I love about uppercase is they send their books and this like environmentally friendly packaging it's not one of those gigantic boxes with like all the paper and stuff in that it's just like so wasteful and also messy and gets all over my house there's just this nice little compact sleeve like I really genuinely appreciate that so the first thing I'm seeing in the box oh my god is socks and there cute little foxes with glasses reading books that is freaking adorable I love that and they're actually like pretty thick these are good quality socks I'm gonna put these on next we have a pin and it sounds like it's from the book it's the way you make me feel by Marine Goo and it's just like car kind of do you I don't really know what to say about that but it's cute oh that's really cute okay so we got some of these

like patches like iron-on patches that you can put things so we have an eat meat cake something that says curiouser and curiouser and a hat that says we are all mad here so we've got three little Alice in Wonderland things and you guys know how much I love Alice in Wonderland so that's fantastic I never know what to do with these things like these patches and stuff or the pins or anything I know some people put like a board up on their wall but all of their pins in there I might start doing Mike's I keep getting so many and book boxes and I never know what to do with them but when it comes to patch it's like what do you guys do with these like what do you put them on because I never know what to do with them and then a cool thing about upper case is they have some like bonus online content so it gives you the website right here and then it has like page numbers for you to follow along with in the book and then like a code that you can put in online to access exclusive content like interact with while you're reading the book and then we have a letter from uppercase telling like exactly why they decided to include this book in their box and the book for this month is the way you make me feel by marine goo which would make sense because that was what the pin was I've never heard of this book actually but judging by the cover it looks kind of like a white contemporary with like the really bright colors and girl on the cover you know and it says love has a way of finding you so I'm thinking like contemporary romance oh my god it's signed like oh and it's like legit side oh that's really cool too okay yeah this is definitely what I thought it was so our main character like acts out or something so instead of going on these fantastic summer plans that she had her father makes her stay home and work at his food truck and so it's this like summer time bonding with her father learning life lessons summer romance kind of deal so yeah those are all of the books that I have to show you guys today thank you so much for watching definitely let me know down in the comments if you've read any of these books and what you thought of them I would love to hear your thoughts and if you want to follow me on any of my social media or anything like that all of those things are also down below in the description if you're new here I would love it if you would subscribe and stick around I make at least two new videos every single week and I will see you guys in my next video very very soon

## **Vídeo 5: GEEK GEAR WIZARDRY (HARRY POTTER) UNBOXING**

**Canal: Book Roast**



hello how are you I hope you good as you know from the thumbnail we are here to unbox the geeky world of wizardry box no just wizardry and as you can see they changed their books again what do you think about this I'm assuming that every house is gonna be a different color I'm a Gryffindor and so I got it in red what do you think I was not a fan of their black boxes you already guys know this I quite like the previous ones the luggage each one I kind of enjoy that although these are simple as well so I don't mind them geek gear is a subscription service you have a huge variety of boxes available from Harry Potter to normal geekery to Pence to wearables limited edition boxes literally so many things if you into something you're probably gonna find that I actually didn't know that they are based in Scotland there in Falkirk which is like quite far away but like still scottish company I didn't know that I'm even a bigger fan now as always for anything that I unbox I will link it down below unfortunately I don't have a coat for you guys to use but I'm fairly certain that upon the quick googles you'll find someone who does but without further ado let's go ahead and pull the tab a nice and clean okay so once we opened up oh my god sees hello once you open the box there is tissue paper of the colour of your house as well so I'm gonna put this aside oh and that's how it looks like okay I'm gonna put this aside and let's dive in into this we're gonna start with a t-shirt that's how it looks like do you guys like it Oh Hedwig the t-shirt is actually really stretchy like really stretchy and really really soft so I kind of like it again this is quite a like a big rubbery item on the shirt so I usually don't really like these because it doesn't make it like as comfortable but the t-shirt itself is like super soft so I'm thinking that it's okay plus it's Hedwig and I love Hedwig I mean I love her I'm actually really happy with the shirt like I love the colors cuz this is a grey shirt with like light blue details and white and like I just like it it looks extremely comfortable to be honest this is one of my favorite t-shirts that I gotten from them I think next up we have a pillowcase so yeah we have a pillowcase it's double sided and it has the same design that we had on a t-shirt previously I think in the last book so this is the t-shirt and then this is the pillow I do think it's the same design nonetheless though if you're a fan of Death Eaters this box includes quite a bit of them it thing this is kind of dark I don't know how I feel about the pillow what I'm gonna say though is that I do like the quality of their pillow cases it's very like I don't know how to describe this they're like bogan in there so the pillow it doesn't have any like rubbery that's where the print is it's actually all just like a pillow so I enjoyed that I don't know if you know what I mean but I hope you know what I mean design-wise it's not my favorite but it's not my least favorite either because it's not as in your face and you guys know I quite like but more subtle merch sometimes depends on that I'm sorry my hair is a little bit of place today we're just gonna ignore it okay moving forward could we get another

wall I didn't know that we'd gonna I mean I'm assuming if someone is you I'm gonna leave this to last because I'm so excited I didn't know we're gonna get another wand we're being spoiled I love this next step we have a lanyard so this is gonna be a house item for whatever house you're in it's quite a nice one and actually has like a Gryffindor so there's like a pass here and actually has like a little Gryffindor detail here which I do appreciate however I never ever wear these so I'm not sure that this is gonna change anytime soon but and I do know that people wear these and conventions and stuff like that but I don't go to many and if I did I probably just worried when did they give you oh so it includes collectible sticker so this thing inside is a sticker then we have this box I have no idea what's inside okay oh okay I think it's a scarf it's kind of like a thin one but like a long one with the same design and it's very like plasticity honestly it's not a scarf that I would wear because it's really like I can already hear electricity happening here because it's like so synthetic I gotta be honest I'm not a fan of getting the same design on so many items just in case if you don't like the design then those items are sort of like automatically met so instead of not liking one item you don't like three because it's the same design on all of three which is sort of the case of mine I actually wore the t-shirt today you know the one that we got in the previous box award today and is extremely comfortable and with jeans to actually look kind of badass I had a leather well fake leather jacket on as well so it looks pretty good so I'm not complaining about that but it's not one it's not my favorite and now I have more items with the same like skull type of thing if it had like a design that I was like head over heels I would be like having a little dance party here now so if you guys liked this design then you're gonna be like ecstatic if he did if you did get this box but do you see my point if I'm not like a biggest fan of the design then three items so the same one is a little bit it's a little bit disappointing but moving on we have is something that I became really really excited about every single time I get the box because now I have like this full filled with the recipes which I will make I know when I asked you guys what you wanted to see a lot of you said that I need to do what I promised that I will do and that is to make some of the recipes and film myself making them and probably failing so you're just guys being very selfish because you want giggle at me which is fine so we got some more recipes and this time we have cauldron cupcakes which looks pretty cool this one has like inside information and buy some love potion that's cool and it has like suggestions for uses more than one mmm okay I really like this one coming on to our print this one is licensed and exclusive and is of Luna in her iconic Gryffindor Lions hat you guys know that I'm not a fan of like snaps from like movies and stuff but this one I have to admit that if I was to hang something that's like a real shot from a movie this one it would be it I want that hat coming

back to the item that I put on to the side the wand I'm so excited geeky makes one of the best in-house ones that I've ever seen in my life love it it's like a pine cone at the ends I think this is what I think is I the Fred or George if I'm not mistaking in my one knowledge I love this one so much it's actually really thick I love that and because I remember the reason why I recognized it so quickly is because I remember when I got that book off like wands and loot crate I believe they had one of these and I was like how the hell does he hold it but actually it's not that uncomfortable I mean knowing it's not that uncomfortable and when I said that it's Fred's let's guess okay where's our little leaflet doesn't actually say okay so very quickly I'm gonna go through the items that are listed here and just tell you what the pricing is according to the leaflet so for the lanyard is 7.99\$. Wow didn't know that lanyards are like so expensive but again I'm clearly not an expert on those then the scarf is 11.99\$. cushion cover is 9.99\$. the print is 4.99\$. the wand they always price them at like 11.99 and the shirt is 9.99\$. I am absolutely in love with the wand and I think this really rescued the box for me as I've already touched upon it's just unfortunate that the items this month didn't seem to be the ones that I would gravitate towards it's just like I like the cushion cover I will not be using this because it feels really sort of like uncomfortable and I already have scars that I like so I don't think I'll be using this and as I I already spoke about the design stuff and I don't personally use these at all I might find another use for it but like for them use that it's usually supposed to be used at I never do but I love this shirt it's one of my favorites from theirs I love the recipes of course because now I'm literally waiting for them every month and the wand is by itself is already making it worth it because do you know how expensive the actual wands are you know the licensed ones more expensive than the cost of the box so to me it's already worth it and it's unfortunately not my all-time favorite but you cannot tailor for everyone every single month so it's entirely to be expected for me to have a miss of a box I don't know if it might be your favorite let me know down in the comments if you liked it what is your favorite item here as I said if you fancy looking into their website I will link it down below as per usual chat to me down in the comments thank you so much for watching hope you have a wonderful day ahead of you stay awesome stay kind and I'll see you next time bye

**Vídeo 6: EXPLOSIVE BOOK UNBOXING!**

**Canal: Jessethereader**

what up breeder fam today I'm bringing you a bookish unboxing video I've got three hefty boxes up in here I collect boxes now I'm getting rid of all of my books and I'm just gonna fill my bookshelves with boxes except not so heavy I'm hoping the heftiness is because they're full of books this video contains pay promotion with Disney book group as well as source books so without further ado I need to find out what's in these boxes I've been waiting to open up these boxes because I wanted to do it in a video I wanted to share with you guys what's inside and unfortunately I've already been spoiled for what's inside one of the boxes so that kind of sucks so let's get to opening these suckers and I actually have just the thing to open them with I'll be right back a freaking dagger I should not be trusted with this thing it's kind of rusty it's kind of dirty but I got it at a garage sale for five dollars what a deal I saw it sitting on a table and I just had to have it it was love at first sight I don't even know how to properly use this thing but today I'm gonna be using it to open some boxes which one of you do I want to open up first this one this one or this one I wonder which one is a portal to a magical world because that's the one that I want to open to be honest if they've got books inside of them then they're each portals to new world so no matter what I'm gonna be transported even if it's all just up in my head and I'm not actually physically transported which I would much prefer but anyways let's go with the smallest one I want to open this sucker though it is small it's still pretty dang heavy its dagger time oh yeah what if I just like stabbed it I'd probably ruin the book so I'm not gonna do that it's not a very sharp dagger ah finally I'm just gonna tear off the top cuz I don't want to stab the books no book stabbing is gonna take place in this video that was a lot more complicated to open than I thought it was going to be that dagger needs to be sharpened you see yesterday to open something and it works just fine it's probably just camera shy or something let's see what's inside here first up here I see a tote bag coats mcgoats it's a tote it's yellow a super happy color now I'm a super happy reader if you didn't know this is actually how you're supposed to wear your tote bags you wear it over your neck like a necklace that way when you carry around your books you've got your books closer to your heart the tote says it's hard to read it from up here but it says Summer of Magic and mazes hashtag read Riordan I think this tote is telling me how I should spend my summer and honestly I'm not mad at it all so realistically I should focus my summer on reading Rick Riordan's books because I am behind I've still only read the Percy Jackson series and the Magnus chase trilogy I am terribly behind on his books I am forever behind on his books and before you drag me let me just drag myself listen you better get it together or I'm gonna steal all your rick riordan books you know know honestly it doesn't matter because we're twins so what's yours is mine what's mine is yours that's true next up in the box we have here the new

covers for the Kane Chronicles trilogy first up we have the Kane Chronicles book one the red pyramid book two the throne of fire and book three the Serpent's shadow this is a trilogy that I've been wanting to read forever I say this for every book ever in every book all ever but that's just because it's the truth I have the original covers for this trilogy already and they've been sitting on my bookshelves for years staring at me taunting me trying to get me to read them and for some reason I just have been putting it off putting it off putting it off I've been deflecting wah wah wah wah just like that and now I have multiple copies of this trilogy to stare at me and make me feel guilty about not having read them yet this trilogy has a focus on Egyptian mythology which back in the day back in fifth grade I remember us learning about Egyptian mythology and I remember it being my favorite thing to learn about because I just found it so interesting I also remember that during that time of learning about Egypt we had to make these super intricate and detailed mosaics and mine was a giraffe and I was dying proud of that giraffe mosaic it took hours of cutting up tiny little pieces of construction paper and getting gallons of glue all over myself which I know saying gallons is very dramatic it wasn't gallons it was just a lot of glue point of the story is that I loved learning about Egypt and that's why I'm excited about this trilogy I need those of you who have read this trilogy to convince me as to why I should pick up this trilogy and read it I feel like those of you who have read this trilogy are in like a club of your own because not a lot of people who have read a lot of Rick Riordan books have read this trilogy for some reason I feel like this trilogy is always left out but I also know that there are some diehard fans for this trilogy like if you've read these books on top of all of his other books to meet here on a whole another level when it comes to being a fanboy and a fangirl and I respect you so now I've got to the new Bloods and I've got the oh geez next up in the box we've got two what could it be what what could it be I can't reach it I don't know why I'm holding the box way up there like what am I thinking it's the Kane Chronicles the Brooklyn House magicians manual this is a companion to the Kane Chronicles trilogy I believe it appears to be jam-packed with like quizzes and information about the series maybe some short stories up in here I imagine the quizzes are gonna be like fun quizzes and not like school quizzes like I hope when I take them I don't have flashbacks to being in school and taking quizzes and feeling super dumb because that doesn't sound like fun to me hopefully they're fun quizzes and the last book in here is gonna require something I like to call haiku time time time time time my haiku suck prepare for this messiness but also greatness I wish that I could read what this book is about but I'd be spoiled I am so behind with all uncle Rick's books I'll catch up soon okay haiku time is over it's way too hard to talk in haiku imagine if we all just spoke in haiku all day every day talk about a very limiting way

to speak anyways the last book in the box was the trials of Apollo book three the burning maze Apollo was one of my favorite characters from the Percy Jackson series and it's been so hard to not be able to just like dive right into this series yet but I really wanted to read the Heroes of Olympus series first I've been told time and time again that if I don't read the Heroes of Olympus series before I get into this series that this series will spoil a lot of things that happen in the Heroes of Olympus series and I really don't want that I don't want to be spoiled so I got to read that series before I can even get into this series but anyways I am looking forward to the day that I can start this series it's going to be a glorious day but first I got to get caught up with Rick's books it's almost laughable at this point how far behind I've gotten on all his books or maybe it's not laughable and maybe it's just sad I just keep adding and adding to my Rick Riordan TBR pile I say that like it's a bad thing it's not a bad thing at all I loved Rick's books heck drown me in Rick's books just dumped a truckload of Rick's books all over me I can't say that I'm opposed to that idea but at least give me a helmet keep the Rick books coming let's move on to the next box should I leave the taupe bib on for this or take it off I'm gonna take it off the next box I'm gonna be opening is this one right here which I imagine you guys can probably tell what's gonna be inside of this one I was actually spoiled for what's gonna be in here because somebody posted on their Instagram the stuff that was in here so I know what's gonna be in here but I'm still really excited for the stuff that's inside I'm a part of this fan program for the darkest minds because the darkest minds movie is coming out this summer which I'm so ready to see if you haven't seen the trailer go watch the trailer but the reason I'm mostly excited to be a part of the fan program is because I'm gonna be able to do a lot of fun darkest minds giveaway they're mostly gonna be hosted over on my Instagram so go give my Instagram a follow at Jesse the reader but anyways let's open this even though I already know what's inside let's see if my dagger is actually gonna help me out this time or if it's just gonna be annoying I did it you know I thought when I decided I was going to use this dagger to open the boxes it was going to be a lot more epic it's not that epic though that'll get me started I can get into this box now thanks for your help but also do better next time look at that red that glorious fiery red oh so crinkly I'm done being weird I'm sorry okay let's see what's inside even though I already know what's in here oh there's other stuff in here that I didn't know was in here yeah what is that okay first up let's what okay a lot is happening here I'm overwhelmed first up I see here we've got the new editions of the darkest mind series look at how beautiful they are I honestly feel like this is a glow up for this series know how sometimes when we get covered changes and it's just like the worst my eyeballs are pretty pleased with these new covers we've got the darkest minds never fade in the

afterlife and through the dark I always kind of assume that people know what this series is all about but if you don't know what it's about here's a simple little explanation we've got this virus that kills millions of children but there are some children who survive and those survivors actually end up with these kind of crazy abilities these super power abilities and those kids are sent off to camp so that the government can keep their eyes on them and basically control them Ruby our main character and some other kids end up escaping and that's where our adventure begins I believe a box set for this series is coming out to July 21st holy crap it says dark on the side oh that's cool anyways a box set I dropped the book oops forgive me for I have committed a book sin so if you have not read the series yet July is your time my friend so this is something that I was not spoiled for and I'm kind of shook about it it's a freaking s'mores cake I'm so excited about this I've got a fire pit out back and you couldn't bet your bottom dollar that I'm gonna be having some s'mores here pretty soon I'm not gonna lie I'm a little too excited about this s'mores kit maybe I'll have some s'mores while I reread the darkest minds even though that sounds super messy and the last thing in here we have this little mysterious box even though I know what's in here well pop it's a darkest minds mug it's got the iconic quote up on here that says carpe the h e double hockey sticks out of this deal I'm so excited to add this to my bookish mug collection it's actually a really nice mug like quality except I won't be drinking tea out of this I'll be drinking some creamer with a side of coffee again like I said I'm gonna be getting some more darkest minds boxes throughout the summer and you'll have a chance to win some of them so go follow me on my instant to enter some giveaways ok dagger friend you've got to help me out this time are you gonna be sharp enough are you gonna do your job also guys we should come up with a name for my dagger just like how Magnus chase has a name for his sword I want a name for my dagger and maybe he'll become a regular in my unboxing videos so if you have a name idea put it in the comments and the one with the most thumbs up will be chosen as the name for my dagger dagger dagger dagger dagger good dagger yes you're working dagger good job dagger you're a good boy dagger bubble wrap pop goes the bubble wrap I see candy I love candy candy is actually my weakness so the second I stopped filming this video these are gonna be gone I'm gonna eat them because I have the biggest sweet tooth ever tissue-paper more tissue-paper a box full of tissue paper is all I've ever wanted in life oh I see a beautiful hook up in here it's so pretty look at that cover that's such a nice cover this is fury born Imperium trilogy book by Claire LeGrande I think that's how you say her name she lucked out with a beautiful book cover I imagine I'm gonna be seeing this book all over books to Graham heck I might even books to Graham wait a second what this is this a confetti popper well I tell you what this

book is about let me do some party popping all over this book in slow motion because I said it okay so what I gather is this book is about this girl named Rio and her friend who just so happens to be the crown prince gets attacked by an assassin's ambush and Rielle risks herself for his safety but in doing so she reveals something about herself that she'd been keeping secret and it's going to bring a lot of danger to her and that is the fact that she can use elemental magic which in this world is something that she's not supposed to be able to possess only prophesized Queens are supposed to have the elemental magic ability I'm guessing we learn at some point in this book why she's able to possess this ability so because of the fact that she reveals her power she has now been taken and must endure seven trials to test her magical abilities and if she ends up failing these trials then she's going to be executed the stakes are high here now let's see what other goodies we've got in here we've got a bookmark a fury borne bookmark gotta love a good bookmark also it's really hot right now so I'm gonna fan myself down with this sucker we've got a pane that says ask me if I'm a ton or blood queen oh this is trouble there's another confetti popper in here oh the confetti popper is to reveal if you were a blood queen or a Sun Queen well there just so happens to be an extra party popper in here so I know what we're about to do this is gonna end up being pretty pretty messy okay we're gonna find out if I'm a Sun queen or a blood queen I guess I would be a king right I'm nervous I'm scared this is dangerous this is a bad idea but I'm doing it anyways because come on cop whoa none of that got a camera did any of that get on camera whoa whoa it's red confetti I'm guessing that means I'm a blood King hey I'm down with this I'd be okay with being a blood Queen they sound super awesome they sound like they're running after their dreams and I am definitely doing that as well there's a fury born notebook in here I love me some notebooks I'll use this to take notes of the fury borne book Oh what there's cards what are these cards it comes with these cool character cards it's like Pokemon except not who needs to catch Pokemon when you can catch fictional characters in battle with your fictional character imagine if that was a game in real life where you just like run around and see all these fictional characters and the way you catch them is by like opening a book instead of a pokeball you just open up the book and suck him up I challenge your kasbrecker with my Simon even though I don't know what Simon is capable of yet okay that's it for this crazy unboxing video I hope that you guys enjoyed this video you guys should let me know it down below in the comments if you have read any of the books that I mentioned in today's video or if you are planning on reading any of the books that I mentioned also don't forget to come up with a name for my dagger who may or may not appear in more unboxing videos in the future if you like this video be sure to give it a big thumbs up I post videos frequently on this



channel so if you want to see more bookish content from me be sure to go and hit subscribe or go and click the little bell icon and you'll be notified every time I post new videos as always thanks for watching guys now we'll see you soon with a new video bye chew

### ANEXO III – TRANSCRIÇÃO DOS VÍDEOS DE BOOK HAUL

#### **Vídeo 1: My biggest book haul ever**

##### **Canal: abookutopia**

Are you ready for the biggest book all I've ever done on this channel? I hope you are and I hope you got popcorn and a drank because this is gonna be a long one well it might be, it might not be. You never know when you start off a vídeo, so this could be very long or very short, it depends there's like 30 plus books in this vídeo. Yeah, I promise guys I do not buy all these books at once. I mean, like, I totally could buy 30 books at once, but that's a lot of money to spend all at once, like, I don't have that Money, nobody has that money except the very rich folks in this world, they could donate some of their money to me to get books, actually scratch that because I can't fit any more books on my Bookshelf, so probably I should hold off on buying any more books anytime soon, soon equals two weeks, let's be honest. Okay, so the first book I have in this book haul for you guys you're gonna be like “Sasha are you freakin joking me, you have like five copies of this book already, you don't need more, girl”, but you know what, I got another copy so shoot me, don't shoot me actually, that would be kind of painful and mean. Don't be mean. And that book is Outlander, by Diana Gabaldon. I got the hardcover edition of the blue cover of the book, I already have the 20th anniversary edition which is beautiful, it's like right there, it's gorgeous. I have a good reason for buying this book. It's because I went to an event which I was moderating a panel on and Diana Gabaldon was also at that event so I'm like getting my book signed by her, so I did get my book signed by her, and it was also really nice because the day before the event I was invited to this author party B's I was moderator at the event and I got to talk to Diana. I told her about you guys, my channel, about going to Scotland, how much I love all her books, how much of a amazing and aspiring writer she is, and she was just so great, she's so sweet, just like so really down to Earth, and I was just so like just starstruck by her. I do not fangirl in front of her though, I kept it so together, I was so professional, I was like so proud, I'm like, ‘hi five Sasha’. Does anybody else give themselves high fives if they think something's cool and nobody's around to give them one. I do, yeah, but yeah, so I got the hardcover edition and it's beautiful and it's very special, she actually personalized my book and she did not personalize anybody else's, so I feel kind of special. She's so nice, oh my god, I'm ‘like Diana you're awesome’. Also some of these books I'm not gonna be giving a full out summaries on because

there are so many books in this book haul that it'll be very long video if I give summaries to each every one of these books. I'll give a few like plot points in them though, so that'll be your summary. Hopefully you'll be okay with that. Okay, so I read this book before as well but I wanted to get the hardcover edition beside par covers up the rest of the series but the first book, and the first book is a hardcover, but the original cover it had was not a good one, but they recently came out with the new cover as a hardcover edition, so I had to get that. I had to. So I got the hardcover edition of Throne of Glass by Sarah J Maas. This book is fantastic, it's like a mix between hum... The Hunger Games, Game of Thrones, but it's a totally new book, it's so unique it's like in its own element, it's just out of surreal fantastic, I highly recommend the series. It has three books out so far, it's to be a six book series, it's fantastic. You'll love it, just read it. And then I also got A Court of Thorns and Roses by Sarah J Maas. Recently I read this book about two three months ago as an arc and I just have to get the hardcover, because it is beautiful. Whoever does these book covers your are a wizard. But yes and I'm also seeing Sarah again next week this week it depends on speedy goes out, but I'm seeing her ... Wisconsin Sarah I'm driving two hours for you because I want you to sign these babies. It'll be a party, I'll bring the chimps. But guys get Court of Thorns and Roses. So freaking good. It's retelling of Beauty the Beast and it's oh oh my god. Next I purchase An Ember in the Ashes by Sabaa Tahir. Sabaa is such a nice person. Oh my gosh I love her so. I got to hang out with her before signing and she's just the sweetest person in the world. Sabaa you are awesome. I hope we get to see each other very soon because you're just that cool and she's just so much fun to talk to. She's so down-to-earth and she writes a kick-ass book. I read this book about two months ago and of course I had to get the hardcover because this book is beautiful and she also has a coolest like signature in the world. It's awesome, it's like a mask and it's beautiful. But this book is a high fantasy novel. It's about this girl and guy in two separate worlds and they're kind of brought together through the course of events in this novel and it's just so fantastic, it's so badass, it's about such great character development. I'm keeping it vague but just check this book out. I highly recommend it. Then I also purchased The Queen of the Tearling, by Erika Johansen. This book is about this like young Queen and her rise and it's supposed to be very good kind of slow world building, but you know, I all be ready for it. I'm excited. I then got The Returned by Jennifer L Armentrout. This book takes place after her Covenant series, which is about Greek mythology badasses. It's very good so I really enjoy that series. It's a fun series. This book it's about one of the other characters in the other series which of the Covenant series it's set and it's about his story from the last book. And like everything that's happened since the last book ended in the series. So and it's also a

new adult novel. So it's a little more sexy, so I'm really excited be reading this book and seeing like how his life is going ever since the events in the Covenant series. So if you watched my April wrap-up video I mentioned how I got Ugly Love by Colleen Hoover and I love this book, so I also decided to pick up maybe some day by Colleen Hoover because I read this book in like seriously 20 hours at most and I went to school that day and I read it then, and I read it when I got home, and into the night, and it was such a great book so I decided to pick up Maybe Some Day as well and I'm really excited to be reading this book. Her books are new adult but kind of not, it's like the new adult novel but it had such depth to them and now I know why people rave about her books. I means they're just like so well thought out, it's so fantastic. And this one's becoming movie so oh. And the guy in the movie is like so hot so hot. I'm just saying. I mean I bet he's very smart and kind and a great guy - but he's hot. I also got Eva Darkness by Sylvia Day. It's a kind of new adult, maybe not a fantasy novel and I'm pretty excited to read this like, I mean I wanted a read kinda like a new adult novel that is a fantasy book, because I've only read new adult contemporary so I decided to pick this up and I'm excited to see how it's gonna go. Hum it's like dark gritty and sexy to the ... are what the book review said and I'm excited to see how it's gonna go because of demons and people kicking ass with demons. I then got A Beautiful Oblivion by Jamie MckGuire and she wrote Beautiful Disaster. It's another new adult novel and this is like the events through the guy character's eyes so I just got this because it's like on sale half-price. I don't know if I'm gonna get to it anytime soon, but I have it just in case. I then got Seraphina by Rachel Hartman. I've heard great things about this book. I heard that is very highly anticipated when I came out. The second book just recently came out and I'm excited to be reading a piece about this girl and there's like something about dragons within it. It's a high fantasy novel, it seems very good. Really hoping looks up to my expectations. My friend is currently reading it right now so I'm gonna ask her how she liked it. And then I hope she did like it because I want to get to reading it soon. I then got Earthbound by Aprilynn Pike. I totally ... that name I'm so sorry but this book is about a girl who gets in a plane crash, and then she starts seeing visions about the sky and it's her choosing between two different guys, and like figure out what the heck is going on. I also recently got Red Rising by Pierce Brown. This book all my friends I've been talking about Pierce Brown. He's very attractive like, I like his face a lot. But that's not the reason talking about this book. I bought it cuz actually seems really interesting. So red rising it's about a rebellion against the golds. The golds are people who are very rich and wealthy and are looking to escape earth and go to Mars, where the Reds are currently setting it up to be habitable and the Reds are treated like crap. Like let me tell

you they're treated like crap, so it's about a rebellion amongst them and it's ... very good. I've heard great things about it and I love sci-fi books so I cannot wait to get to it. I'm actually like 30 pages in so far but I had to put it down because it was kind of slow to start off, but I hear it gets very good, so I'm gonna be picking up once ... Next I'm Faking it by Cora Carmack. I've heard great things about her books. I've read Losing it, Losing it was a great book. I actually finish this book two days ago I believe and I liked it. I do not love it. I gave it 3 a out of 5 stars. I love Losing it. Losing it I gave like a 5 out of 5 stars. It was just such a fun read, but this book kind of like kind of like lagged a little bit but I did purchase this book just last week so. These next book that I have are from Random House and there's some middle grade novels and they are The League of Beastly Dreadfuls, Jack and The Whisperer. Oh that was throaty. The whisperer. The next book I got from Penguin and that was Ink and Bone by Rachel Cane. This book is about this guy who is training to be in the great library. The great library is kind of like the ruling system over this world and they kind of like get to pick and choose what knowledge gets out there. And it's about really freedom to read whatever books you want and it seems very interesting. So I'm definitely gonna be reading this very soon, because came on libraries and books. A book about books. The next book I also received from Penguin and that is The Wrath and the Dawn by Renee Ahdie. This books about this girl who goes and becomes a bride of this boy king, who is presumed to have killed all his brides before and he takes a new bride every day, and then she wakes up dead. And the reason that the girls, saw her sad sar Assad Zod it's a very interesting name that she has let me tell you, but the reason that she actually offers to become the new bride is because her friend fell victim to the king before. But it turns out not all rumors are true, and maybe the king that they thought was a monster actually wasn't. And there's like lots of understory, I bet to this book, so I'm very very curious as to what's gonna happen in this novel. I'll probably pick up this book over the summer. And now some books that you guys have given me over the past month from like my p.o box, so thank you guys. One of the books is Beautiful Creatures by Kami Garcia Marquez and ... I've actually read this book before, but I do not have a copy of it, so this is great that I have it now. And then Sweep by ... I know that Ben talks about this book all the time, ..., but thank you so much for Sasha A. Fax on Instagram for sending me these books. Ok, I'm so sorry I forgot your name, but this lovely girl came to the panel I was moderating and she gave me this book called Deadly Little Secret, and it looks so beautiful and the cover is gorgeous, and she said that she loved this book, and all of you guys said that you loved it as well. I think it's like a mystery and it's very like dark but enchanting, and I'm really excited be reading this book as well. The next book I have for you guys is pretty girl 13

by Liz Kohli. This book sounds so good, I can't even like get it across to you. You guys need to read this book. I hadn't read it yet, but I want you guys to read with me just because it seems so good. It's about this girl and she was kidnapped, is about her piecing together her kidnapping and her abuse through like this mystery, and it sounds just so good that actually the summary isn't very long. It really leaves a lot of up to imagination and mystery, so I'm definitely going to be reading this book this month. I'm so excited. ... I've heard great things about it and it just seems awesome. Another book I'll be reading this month and I'm also reviewing the first book of is Found by Spells by Stormy Smith. But ... was an awesome book. It was kind like a new adult book about this girl who needs to decide whether to go through her destiny or with her heart and she belongs to the Sexier Society and it's just so so good that I cannot wait to read this book, because it was epic the last book and I highly recommend you go read All My Duty first because oh my gosh Oh loved it. So I cannot wait to put out a review for you guys very soon. I also got Hunted by Abby Kettner and Missy ... This book is the second book in the Branded series, but it's telling about a dystopian world where there's a system that's in place where you have like these brands on your necks if you do anything wrong, for like all the seven deadly sins, and the main girl in this book, she has the brand of lust even though she should not put any lust well crimes, she's sentenced to the hole, which is this place that all the criminals go to, or the criminals, because not everybody down there is a criminal, they just put them down there to show their authority over the people. And this book picks off right after the first book, which is Branded, leaves off and I'm excited to be reading it. I also shall be reading another alien sci-fi book which is the second book in a series and that is The Clouded sky by Megan Crew. The first book is Earth and Sky and it is fantastic. If you love like The Lux series, The Fifth Wave, Broken Skies by Teresa Kay, you're gonna love this series. It's fantastic. The book covers are one of the most beautiful book covers I've seen this year so far like. That is freakin beautiful. Next I got White Raven by J L Wild. This book is about a girl that's sent to an island after her father sends her brother and her there, and it's supposed to be about mysteries on the island. It's about this like mysterious guy. Course that gotta be a guy in the book. And guys in the books are always attractive. I have so many fictional boyfriends guys, it's lovely. Next book I have is Destruction by Sharon Bayliss. So this book is about this man who has loving wife and kids and a great life. But he's also a dark wizard and he also had a second family that went missing eleven years ago. But all of a sudden his two missing children just reappeared and it's about him like keeping his life together also teaching his children how to be dark wizards and I really like the sound of this book. So the next one I have is Fairy Keeper by Amy Bearce.

This book is about a fairy keeper and she does not want to be a fairy keeper because has lots of responsibilities to it and whatnot but she can communicate with parodies and I love the sound of this book. It has a lot about fairies. I love that like magical aspect to it and it's about her having to take care of these fairies that she communicate with. That is until the fairy she's in charge of all died and then the Queen fairy is missing. So it's about her putting everything back together from where fell apart. Next I have Game of Love by Aura Gregorius. So it's books about love, câncer, loss, sports and it sounds very good. I'm giving really brief descriptions now because it's like this has been going for 20 minutes already. That's a lot of editing for me. But it seems very interesting, a very like lovely love story, of like really healing each other and getting back on track of life even when the hardest situations are upon you. And then next three books all belong in a series and that is by A W Alexei. And in the first book is Never ... Heart. I'm really pronouncing that wrong but this book sounds fantastic. It's like this focus on girls who lives in the 1800's in London, and her father is an ... collector and her adventures with all that stuff going on, action, venture, love. I'm very excited to be reading these books though because I have three of the books. There's a fourth book but I don't know where I put it so, yeah, that happened. Sorry, I'm sorry I lose books quite often. It's a problem. So these are all the books that I have for you guys today. I'm not gonna hold them up and there's just way too many of them. I'm okay with that. If you guys want to check out any of these books all then link them all down below, so go check them out once you're done being this vídeo. Thank you all for watching and I'll see you next time. Bye.

## **Vídeo 2: LIVROS NOVOS | Book Haul Julho**

### **Canal: Pam Gonçalves**

Oi, gente, aqui é a Pam e hoje eu tô aqui pra fazer o book haul do mês de julho. E tem muita coisa para mostrar. Tô numa posição diferente aqui pra tentar dar uma mudada e porque tem muita coisa e eu não sei... enfim, vamos começar, tem muita coisa e eu não quero que esse haul fique muito grande. Vou começar por um kit que eu recebi da Saraiva em comemoração ao lançamento, a estreia do filme Histórias de Papel. Eles me enviaram três livros incluindo cidades de papel, que eu já li durante a maratona, por isso está cheio de trezininhos. Em breves vocês vão saber a minha opinião sobre esse livro. Quem é você Alasca, edição de comemoração de 10 anos de lançamento. E é bem bonita essa edição. Essa aqui é da Intrínseca. ... É, eu tô com mais esperanças que eu goste finalmente de um livro do John

Green por causa desse aqui. Espero ler em breve e saber que eu acho. E também enviaram O Teorema Catherine, ... Esse aqui é completar realmente os livros que já foram lançados oficialmente embora nem todos os livros dele já lançados por aqui. E... vou fazer quase um intensivo de John Green para ver se finalmente eu gosto dos livros do John Green. E no kit veio esta ecobag da Intrínseca. Vieram umas coisas papelaria, mas como já estou usando então não dá muito para mostrar, vou mostrar só as outras coisas. Viram dois pôsteres. Este daqui veio bem amassado tá gente. Esse aqui, e este daqui. “A cidade era de papel, mas as memórias não”. Eu ainda não vi o filme. Já li o livro não vi o filme. Pretendo ver o filme primeiro antes de fazer um vídeo sobre o livro. E também vieram algumas outras coisas. Veio uma cartinha da Saraiva, bottons, um adesivo de um ... E foi o kit que eu recebi da livraria Saraiva. Muito obrigada livraria Saraiva e editora Intrínseca. Adorei o kit e veio em super boa hora por que eu tava louca pra esse livro. Inclusive tinha colocado, né, na maratona. Aí da Editora Rocco, da Lu Trigo, eu recebi o novo livro dela, que é Na Porta ao Lado. Super fofinha essa ilustração. Eu boto aqui, eu sei que não está focado. Super fofinha essa ilustração. É da Helena Freitas, a mesma que já fez a ilustração de Meus 15 Anos. E o livro está super fofo. Por dentro tá todo cheio de desenhos e adorei. Adorei Luli, muito obrigada. Recebi também da editora galera recordes, da Sophie Kinsell, o livro da Sophie Kinsell para o público YA, que é À Procura de Audrey. A Sophie Kinsell vai tá na bienal e eles vão lançar este livro na bienal, estou bem ansiosa, muita gente já me recomendou, e vamos ver o que eu acho. Da Paula Pimenta recebi Minha Vida Fora de Série, terceira temporada. Veio autografado, linda. Não dá pra ver. E pretendo ler em breve também. Como eu tava.. eu recebi no meio da maratona não deu pra ler. Eu adorei essa capa cinza. Da editora Globo Livros como livros e recebi Quando Saturno Voltar, da Laura Conrado. Laura Conrado já é bem conhecida pelo público adulto. Ela tá lançando os livros pela Globo Livros, e veio também ecobag e uma máscara de dormir. Muito obrigada editora Globo Livros. Recebi também mais uma vez da Editora Planeta Cidade Bandida, do Ricardo Ragazzo. É, esse aqui veio autografado, não lembra se o outro é autografado, eu acho que não, mas eu vou ficar com o autografado e quando eu ler eu quero muito ler esse livro, eu faço sorteio pra vocês, inclusive aqui eu vou, eu contei pra vocês novo outro book haul que vai falar sobre um futuro onde as pessoas fazem exames para saber se o neném que nasceu a vai ser um futuro criminoso e tudo mais, e se for eles matam a criança, e recentemente saiu uma notícia que você vê que o congresso brasileiro falou ah eu não li a notícia, mas eu li a manchete e falou sobre um deputado que dizendo que no futuro seria possível fazer um exame esta criança nascer, sabendo se ela tem tendências criminosas ou não pra, e caso a ela tiver fazer um aborto. Eu



fiquei muito assustada que eu me lembrei imediatamente disse livro, então eu pretendo ler o livro em breve e contar pra vocês, daí eu faço sorteio. Da Agir Now eu recebi No Coração da Floresta, da Emily Murdock. “Duas irmãs e um segredo. O que acontece na floresta fica na floresta”. Wow que capa massa. Na verdade lembrou a capa de Dorian Gray, não sei porquê. E também recebi dois lançamentos da, dois lançamentos não. Recebi dois livros da Editora Valentina, um deles é um lançamento, quase, o primeiro é Não Pare, da FML Pepper. E eu já li esse livro na época que ele tava em ebook. Eu ainda não li a edição editada, né, eu só li a edição que tinha na Amazon. A FLM Pepper fez muito sucesso na Amazon, e por isso eles lançaram ela em livro físico, então muito bacana, muita gente gosta. E vieram também Graffiti Moon, da Cath Crowley. Esse é um livro que eu via muito a Gil Fernandes falar. Tinha outra capa. Ela leu em inglês inclusive. Aquela capa é muito legal. E na época que foi lançado eu tava muito afim de ler, que fala sobre uma menina, que ela vai ficar interessada em um rapaz que faz grafitti durante a noite, tudo mais, enfim tem essa pegada bem... eu bati no meu óculos o livro, vocês notaram, né? E tem essa pegada bem urbana, tá, então eu tô bem interessada pra ler, e depois eu conto pra vocês. Recebi O Grande Conflito, da Helen J. White. Eu fiquei bem curiosa pelo que tá escrito aqui atrás, e fala sobre todos já tão desanimados com o que está acontecendo no mundo e tá todo mundo já desanimado achando que não vai acontecer nada de bom, parece que o mal está reinando, pois é que diz aqui ó: “anime-se o conflito está no fim e você ainda pode escolher de que lado estará quando tudo terminar”. E aqui fala “acontecimentos que mudarão o seu futuro”. Tem uma pegada distópica esse livro. Recebi do Augusto Alvarenga Um Amor, um Café e Nova York 2. Ele me enviou autografada a continuação do livro. E achei muito fofa essa edição. Tá muito legal, cheia de recortes e depoimentos aqui de pessoas que já leram o primeiro livro. Muito bacana, muito fofinho esse livro. Muito obrigada. Augusto, adorei. Recebi da V & R Memória Falsa, do Dan Krokos, e vai falar sobre uma menina que acorda sem memória, e ela percebe que todos à sua volta tão com medo dela menos um garoto específico. Ela vai começar a ter uma amizade com esse garoto, ela acaba descobrindo que faz parte de uma, um conjunto de pessoas, de adolescentes que foi geneticamente modificado pra ser um combatente super super duper, entenderam, né? Então vai falar mais ou menos sobre isso, e, ou pode não ser, porque o título desse livro se fala Memória Falsa, então a V & R está lançando esses livros assim mais de ficção científica, mais diferentes, então parece bem bacana. Outro livro de uma menina que acorda sem ter memórias também da V & R é Black Bird, da Anna Carey. É um livro que eu já ouvi falar muito. E olha que bonitinho essas folhas. Vai falar sobre uma menina que ela acorda sem memória, só com código parece tatuado, isso, ela tem um código no pulso e a única coisa que

ela sabe. Ela tem que começar a investigar o que acontece, tudo mais, e parece bem interessante. Inclusive eu acho que eu vou botar nas minhas leituras de agosto porque eu tô muito curiosa. Recebi também Vitruvius A Sociedade Secreta, da Mariah Vecchi. A Mariah me mandou autografado. Muito obrigado, Mariah. E também fala dessa coisa de fazer parte de um conjunto de pessoas especiais, por exemplo aqui ela fala que “o que você faria se perdesse sua mãe e seu namorada no mesmo dia? O que você faria se descobrisse que você não pertence à sociedade em que vive? O que você faria se descobrisse que tem um dom um super humano? O que você faria se começasse a ser perseguida sem saber porquê? O que você faria se descobrisse ser um Vitruvius?” Também essa pegada, eu peguei três livros em seguida, dessa coisa assim de fazer parte de alguma coisa, quem sabe meio o que é, né? Então achei bacana. A autora Marcela Brafman me enviou Mikaela, o desencontro, a vida de uma garota comum que, que capa legal. Olha. E é um romance que vai falar sobre a Mikaela e o Felipe, então vai ter, vai ser a história do romance deles, encontros e desencontros, diz aqui na sinopse. Ai gente, eu adorei essa, essa capa. Saiu pela editora ... . Muito obrigada a autora Marcela. Obrigada mesmo. Recebi essa HQ da Saraiva, Labirinto, que é do Rodrigo Rosa e do Ivan Jafe. Ai, que bonitinho eu não tinha aberto ainda. Olha que fofo. Tudo colorido. O traço tem outras coisas, muito legal esse traço. Eu adoro cheiro de HQ gente. HQ tem um cheiro especial, não consigo entender, tem um cheiro diferente. E recebi Mandrake, Mandrake entre as múmias. Por ... da Pixel. Na verdade é a sétima aventura desta coleção do Mandrake. Eu não conheço a história do Mandrake. Daí eu recebi cartinha. Recebi essa aqui da Geovana. Ela me enviou vários marcadores de livros mesmo, e ela diz que faz e vende marcadores, mas ela faz esses marcadores assim ó, muito fofo. Vou deixar o Instagram dela aparecendo na, na tela. Recebi uma cartinha da Tamires, e ela me enviou os marcadores no blog dela, é o Resenhando Sonhos. Eu acompanho ela, acho muito legal. Ó que bonitinho que ficou. Vou deixar o link também dela aqui embaixo. E recebi essa caixinha, que é da Evelyn, e ela me mandou uma cartinha mesmo com mais um recadinho, um post it daqueles postigo coreanos, assim muito fofinho, e ela me mandou essa é... eu não sei qual o nome disso, mas é uma bonequinha que se encaixa na caneta, muito fofa, adorei Evelyn, muito obrigada pelo presente, pela cartinha, me emocionei bastante com a cartinha. Acho que era isso pessoal. Eu espero não ter esquecido nada, estou gravando realmente antes do fim do mês, mas eu espero que tenha dado para mostrar tudo que recebi e o que eu antes do fim do mês eu mostro no book haul do mês. Se vocês gostarem deste vídeo não se esqueça de deixar um joinha, se inscreva no canal para receber os próximos. Um beijão e eu vejo vocês na próxima. Tchau.